

provincia de Angola  
director Adolfo Pina  
diario da manhã

# angola

a maior

parcela do Império

comporta a area de sete nações da Europa, incluindo

PORTUGA



número extraordinário para a  
**EXPOSIÇÃO COLONIAL do PORTO**

15 de Agosto de 1934





# COMPANHIA do CAMINHO de FERRO de BEINGUELA

Lafayette 934

*a via mais curta para a*

AFRICA CENTRAL

LOBITO

BEIRA

CAPE TOWN





# a provincia de Angola

Director: Adolfo Pina

## diario da manhã

12.º ANO DE PUBLICAÇÃO

Propriedade da EMPRESA GRAFICA DE ANGOLA

LUANDA

Redacção, Administração e Oficinas

RUA SALVADOR CORREIA, 31 A 37

Telefone 20 — Caixa Postal 312 — Telegramas PROANGOLA



Quarta-feira, 15 de Agosto de 1934

## N Ú M E R O EXTRAORDINARIO

DEDICADO Á

# Exposição Colonial Portuguêsa

E EM HONRA DA

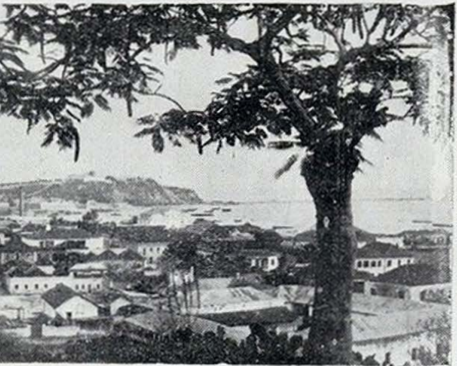
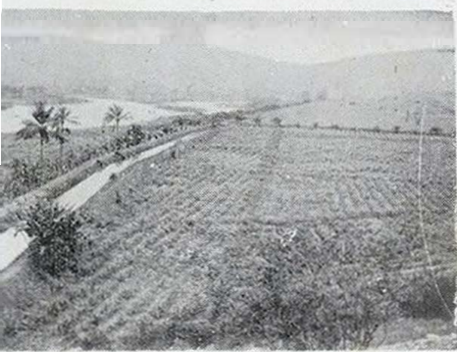
# Restauração de Angola

em 15 de Agosto de 1648





# ANGOLA



❖ A maior colónia portuguesa e mais própria para a colonização europeia



❖ O mais curto e económico caminho entre a América, Europa e a África Central e Oriental, via Lobito e Caminho de Ferro transafricano de Benguela



❖ 35.000 quilómetros de boas estradas para automóveis



❖ 2.360 quilómetros de linhas férreas



❖ Portos acessíveis e bem apetrechados, servidos por bons e cómodos paquetes



❖ Terra ideal para turismo e caça



❖ Cenários pitorescos, quedas de água grandiosas, costumes gentílicos interessantes



❖ Terrenos de fácil concessão para culturas europeias em planaltos salubres e para culturas tropicais e sub-tropicais nas terras baixas e médias



❖ Criações de gados de todas as espécies



❖ Costas extremamente piscosas



❖ Grandes possibilidades industriais e mineiras



❖ Mão d'obra indígena abundante e barata



❖ A Colónia de África que maiores vantagens oferece para aplicação de grandes e médios capitais na agricultura, indústria e pecuária





**E**M honra do 286.º aniversário da Restauração de Angola por Salvador Correia de Sá e Benevides, dedicado á 1.ª Exposição Colonial Portuguêsa e comemorando a entrada de **a província de Angola** no 12.º ano da sua vida, editamos o presente Número extraordinário que, na sua modéstia, representa o máximo que os nossos recursos gráficos até agora conseguiram realizar e, incontestavelmente, o melhor que tem sido publicado na Colónia. A tanto nos abalancamos para, aos materiais magníficos que levantaram êsse monumento ao valor do Império, que é a Exposição Colonial Portuguêsa, juntarmos nossa contribuição, dentro do que as possibilidades próprias permitiram. Para ela nos honrou colaboração notível de individualidades ilustres e de apreciados colaboradores. É o presente número afirmação da ânsia de progresso intelectual, cultural e artístico em que vai Angola. E seu merecimento deve ser considerado relativamente á escassês de recursos locais para a sua execução. Só assim encarado—afóra o mérito da colaboração alheia—alguma coisa vale.

O triunfo alcançado sôbre as muitas dificuldades que nos surgiram é exemplo, desvalioso embora, do espirito de iniciativa e de firmêsa necessários a quem nas colónias trabalha para alcançar os objectivos em mente. Nem sempre com os resultados é esforços se impressiona quem os vê com olhos e mentalidade de meios mais adiantados, não avaliando, pelas facilidades que neles disfrutam, o sem número de obstáculos a vencer, as faltas a suprir antes de se poder abrir o caminho que conduz ao final apetecido.



**A** característica essencial do génio colonizador dos portugêses, herdada dos que foram da aventura maravilhosa das descobertas e conquistas e que ficou aferrada, para sempre, na alma lusiada;—é a sua admirável adaptação e resistencia às grandêsas como às misérias da nossa expansão ultramarina, epopeia de pensamento e de acção que nos abriu, e a toda a Humanidade, as mais dilatadas perspectivas.

Êsse o segrêdo da extraordinária vitalidade portugêsa, perenemente a florando em rico manancial de energias redivivas. E tal faculdade de maravilha, que faz reerguer a Grei quando já de todo parece exausta e sucumbida, promana exactamente de não ser Portugal apenas a estreita nesga de terra do extremo meridional da Europa, mas sim um Império com mais de dois milhões de quilómetros quadrados. Ela obriga o espirito do nosso escol e a visão dos nossos homens públicos a abarcarem mais vastos horizontes, rasgados pelas responsabilidades de lugar honroso e invejado no concêrto das Nações. O sub-consciente da Raça compreende que as realidades



vivos do presente não lhe permitem considerar preenchida e finda sua missão histórica: que não basta, para firmar nossos direitos e deveres, o repetido declamar do que passou, a ostentação, embora soberba, das grandêsas de outróra.



**A** Exposição Colonial Portuguêsa, orientada no sentido perfeito dessas realidades, convencerá seus visitantes de quanto a Metrópole e as colónias são, moral e materialmente, solidárias. Seis milhões de portuguêses podem avaliar o que algumas dezenas de mil desbravaram, construíram, sanearam e puzeram em valor. Nela se demonstra que os dinheiros nas colónias dispendidos ou a elas emprestados pela Metrópole, acrescidos dos capitais dos colonos e dos rendimentos públicos dêles obtidos e dos indígenas, estão empregados utilmente em territórios mais de vinte vezes superiores em área aos do Portugal continental. As linhas férreas, portos, estradas, hospitais, escolas, pontes, etc. proclamam os benefícios da nossa ocupação, assinalam a humanidade da soberania portuguêsá. Disso lhes ficará legítimo orgulho, compensador dos pesados encargos pela Nação honradamente aceitos, no cumprimento do dever nobilíssimo de engrandecer e civilizar seus domínios.

Acima da violenta ressaca da crise de ideias e de meios que vem abalando o Mundo, a Unidade do Império dá a Portugal solidez de bloco indestrutível. O reavivar dessa ideia nacional é lustre e honra do Estadista que reanimou a Tradição, tornando em claridade firme e potente, a luz bruxuleante e indecisa dum Ideal que se vinha perdendo no tempo e no espaço.

É certo que a ânsia insofrida dos que nas colónias duramente lutam pela vida, os arrebatá muitas vezes para além do que é possível de momento—mal que tem suas virtudes—não lhes deixando vêr e compreender o vulto dos obstáculos a transpôr. Mas a grande força da vida colonial reside exactamente nessa vontade incessante de realizar e de agir, antídoto poderoso da depressão e do desânimo, do cafarú que tantas vezes põe á prova as mais temperadas energias. O apetite febril e até desordenado de movimento célere, de progresso constante, de projectos audaciosos:— é expressão viril e fecunda do prazer divino e humano de criar. A quem comanda compete enquadrar e coordenar estas forças construtivas, mantendo-lhes e estimulando-lhes o moral. Nessa permanente agitação dos nervos e do cérebro está o irresistível encanto do trabalho e da vida do colono português, que para sempre o prende ás terras de além do mar e delas lhe dá saudosa nostalgia quando, raro em definitivo, a Portugal regressa.



*Esta a desculpa das suas impaciências, de suas reclamações e queixas, por vezes enervantes e desagradáveis para quem as ouve. Júra do meio trepidante em que se produzem. Que ela lhe seja levada em conta, pelo muito que moureja, sofre e concorre para a grandêsa da Pátria. Não se limitando a ser mero e anónimo órgão criador ou distribuidor de riquezas, vinca sua individualidade como colaborador apaixonado do progresso da maior parcela do Império.*



**D**ESDE o fundo recuado das idades em que a Bandeira Portuguesa floriu por todos os Continentes e Oceanos, deveu-se sempre, acima de tudo, ao apêgo e adaptação dos nossos ás terras conquistadas, a certeza de sua posse para Portugal. Se assim não tivesse sido,—tal como sucedeu á Espanha com quem no século XV dividimos a posse das terras então desconhecidas—não ocuparíamos hoje a posição de terceira Potencia Colonial. De ha muito também se teria esvaído para nós o que, para a Nação espanhola, foi grandêsa fragil e efêmera.

*São os colonos de hoje os continuadores da Ideia Imperial de outróra. De mão em mão, atravez as gerações, tem passado o Facho ardente.*

*Que de tal se não esqueçam os portugúeses da Metrópole, a quem se está patrioticamente mostrando o que são e o que valem as colónias, assim como nestas se reconhece a excelencia da tarefa empreendida por todos aqueles a quem, sinceramente, a ideia da Unidade Imperial anima, exalta e transfigura.*

*Que essa Unidade se faça íntima, solidária e inteira, para ser frutuosa e útil.*

*Portugúeses de Portugal e Portugúeses das Colónias, gente lusa do Império, o sacrificio que para tanto a uns e outros se impõe e pode parecer excessivo, é na realidade bem inferior e mesquinho perante a nossa dívida para com os que nos antecederam. Sejamos dignos dos Grandes Mortos do Passado entregando, aos que vierem, o Facho perpetuamente acêso, para que o elevem ainda mais, cada vez mais alto e rútilo:—missão altiva de Portugal no Mundo!*



## a provincia de Angola exprime os

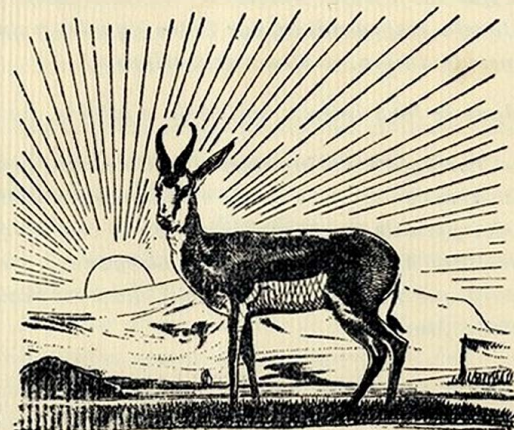
seus melhores e mais penhorados agradecimentos a todos quantos se dignaram concorrer, para o presente Número Extraordinário, com a gentilêsa da sua valiosa colaboração literária e artística.

**N**a sua gratidão engloba os que, mercê da sua publicidade, permitiram fazer face aos elevados encargos desta edição.

**S**ejalhe também permitido, não deixar esquecida a dedicação e bôa vontade do pessoal técnico e operário das oficinas da **EMPRESA GRAFICA DE ANGOLA**, que compôs, imprimiu e executou todas as gravuras, bicromias, tricromias e a capa, a 6 côres, dêste Número.

**E**, finalmente, cabe-lhe apresentar as suas desculpas por não lhe ter sido possível inserir toda a colaboração recebida. A data fixada para a saída, não nos permitiu elevar mais o número de páginas que, ainda assim, excede bastante as nossas primeiras previsões.

Luanda, 15 de Agosto de 1954.







S U M Á R I O

SUA EX.<sup>a</sup> O MINISTRO DAS COLÓNIAS  
 SUA EX.<sup>a</sup> O SUB-SECRETARIO DE ESTADO  
 DAS COLÓNIAS  
 SUA EX.<sup>a</sup> O GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA  
 COLONIZAÇÃO PORTUGUÊSA EM ANGOLA  
 O DR. A. DAMAS MÓRA *caricatura de LUIZ KOL*  
 ANGOLA  
 ALGUNS DOS NOSSOS COLABORADORES  
 O DIRECTOR-TÉCNICO DA EXPOSIÇÃO CO-  
 LONIAL PORTUGUÊSA E O SEU ADJUNTO  
 O BANCO DE ANGOLA NA EXPOSIÇÃO CO-  
 LONIAL  
 ALGUNS COLABORADORES DÊSTE NÚMERO  
 PRETA DO BIÉ COM DOIS FILHOS  
*HORS TEXTE—por LUIZ TEIXEIRA*  
 A LENDA DO LAGO DILOLO  
 por D. ANTONIO DE ALMEIDA, Governador  
 da Provincia do Bié  
 POENTES DE LUANDA  
*versos de LILIA DA FONSECA*  
 DE LONGADA  
*versos de ALBERTO CORRÊA*  
 SERVIÇOS AGRICOLAS DE ANGOLA  
 A COMPANHIA GERAL DE CONSTRUÇÕES  
 RECORDAÇÕES DO PASSADO  
 pelo Coronel ANTONIO BRANDÃO DE MELLO  
 UM ASPECTO DA ASSISTENCIA MÉDICA AOS  
 INDIGENAS EM ANGOLA  
 por A. DAMAS MÓRA, Coronel-médico, Director  
 dos Serviços de Saúde e Higiene de Angola  
 MODELAR ORGANIZAÇÃO  
 COMPANHIA GERAL DOS ALGODÕES  
 A PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO COMERCIAL DO  
 DISTRITO DE BENGUELA  
 UM ASPECTO DA ECONOMIA DE ANGOLA  
 por MANUEL NUNES FARINHA, Chefe da Repar-  
 tição Central dos Serviços Aduaneiros  
 MOTIVO AFRICANO  
*HORS TEXTE—por LAFAYETTE COSTA*  
 RAPARIGA MAHUNGO  
*desenho á pena de REDINHA*  
 CARTA DE LONGE E DE PERTO  
 por JOSÉ LICINIO RENDEIRO  
 KIÓKA  
*versos de TOMAZ VIEIRA DA CRUZ*  
 PASSADO MINEIRO DE ANGOLA  
 por TEODORO DE AGUIAR, Engenheiro-Chefe  
 da Repartição de Indústria e Minas  
 PORTOS E CAMINHOS DE FERRO DO ES-  
 TADO. EM ANGOLA  
 ASPECTOS PECUÁRIOS DE ANGOLA  
 por FREDERICO BAGORRO SEQUEIRA, médico-  
 veterinário, Chefe dos Serviços de Veterinária e  
 Pecuária de Angola, int.  
 —com uma caricatura de ROBERTO SILVA—  
 A ACTIVIDADE EM ANGOLA DAS MISSÕES  
 CATÓLICAS PORTUGUÊSAS NOS ULTIMOS  
 25 ANOS  
 COLONOS PRESTIGIOSOS DE ANGOLA  
 A COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA  
 VENUS NEGRAS DE ANGOLA  
*fotos de PEIXINHO*

SERVIÇOS MILITARES DA COLÓNIA DE  
 ANGOLA  
 por SEBASTIÃO NOGUEIRA SOARES, Major de  
 artilharia, Chefe do Estado Maior das Forças do  
 Exército, int.—  
 ESTRADAS DO ZAIRE-CONGO  
 por MARCOLINO MEIRELES  
 O SINDICATO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
 DE PEIXE DE BENGUELA  
 A VIDA DE UM RAIÃO DE SOL  
 por NORBERTO GONZAGA  
 A CULTURA DO ALGODÃO  
 por JOSÉ MAIA CORTEZÃO  
 GADO BOVINO DE ANGOLA  
 por CARLOS CARNEIRO, médico-veterinário  
 O CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA  
 A RIQUEZA INDIGENA DE ANGOLA  
 por RALPH DELGADO  
 O CAFÉ DO UIJE  
 por CARLOS ALVES  
 DESPORTO ANGOLANO  
 por A. PINTO FERNANDES  
 NOVOS ASPECTOS DA ACTIVIDADE ECONÓ-  
 MICA DE ANGOLA  
 por AUGUSTO DE ALMEIDA CAMPOS, 2.º Ofi-  
 cial da Repartição dos Serviços de Veterinária e  
 Pecuária de Angola  
 CINEMA (A sua função como agente de propaganda colonial)  
 por VIANA COSTA  
 CARTA ÀS MULHERES DE PORTUGAL  
 por MARIA DE PORTUGAL  
 MENTALIDADE COLONIAL  
 por FRANCISCO BORJA DO NASCIMENTO,  
 Secretário de Circunscrição Civil  
 SERVIÇOS DE AGRICULTURA E COMÉRCIO  
 por BENTO ALVES, engenheiro-agrônomo, Direc-  
 tor dos Serviços de Agricultura e Comércio  
 BRITO CAPELO E O TRATADO DE SIMU-  
 LAMBUCO  
 por ANTÓNIO NAPOLEÃO VIEIRA E SOUSA,  
 Chefe da Secção de Estatística da Repartição  
 Central dos Serviços Aduaneiros  
 O DISTRITO DE MOSSAMEDES  
 pelo DR. CARLOS HERMENEGILDO DE SOUSA  
 CAMINHO DE FERRO DO ZAIRE AO ALTO  
 CONGO  
 por JULIO THOMAZ BERBERAN  
 PAUTAS DA BACIA CONVENCIONAL DO ZAIRE  
 por JOÃO FARINHA FREIRE JUNIOR  
 CAMPANHAS DE AFRICA  
 pelo tenente JULIO THOMAZ BERBERAN  
 SOCIEDADE AGRICOLA DO CASSEQUEL  
 UMA DAS MAIS IMPORTANTES FIRMAS CO-  
 MERCIAIS DA PRAÇA DE BENGUELA  
 O DESENVOLVIMENTO DE ANGOLA NUM  
 QUARTO DE SÉCULO—Gráfico em Hors Texte—

Ornatos e Vinhetas de LAFAYETTE COSTA, SÁ CHAVES, VASCO VIEIRA DA COSTA, A. VIEIRA E SOUSA e MIMOSO—Gráfico e anúncios artísticos de LAFAYETTE COSTA





Author	Title
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]
[Faint text]	[Faint text]





*«Ascensão do sentimento colonial ha-de levar-nos longe: e para lá da Exposição Colonial do Porto o nosso orgulho enxerga já certame mais vasto—em que, no glorioso lar das descobertas, a obra ultramarina dos portugueses figure ao lado das mais nações.»*

Doutor

A R M I N D O M O N T E I R O  
MINISTRO DAS COLÓNIAS

(OLEO DE EDUARDO MALTA)





**A** Exposição Colonial do Porto mostrará frisantemente as possibilidades do Império Colonial Português em geral e em especial da grande colónia de Angola e contribuirá para a prosperidade da Colónia fortalecendo os indissolúveis laços que a unem á Mãe-Pátria.

Doutor

F R A N C I S C O   V I E I R A   M A C H A D O  
S U B - S E C R E T A R I O   D E   E S T A D O   D A S   C O L O N I A S





**U**MA Colónia, como Angola, que tem superfície que engloba os territórios europeus de Portugal, Espanha, França, Belgica e Holanda e cuja acção colonizadora é absolutamente Portuguesa em todas as manifestações dos seus sentimentos ráticos, representa para a vida do Imperio de Alem mar, um valor de expoente máximo, que os Portuguezes devem desenvolver com todo o carinho e Fé, e defender com o maior Patriotismo.

Fazer bem conhecido de todos os Portuguezes o que tem sido a nossa acção em Angola; indicar os caminhos a trilhar para o seu maior progresso e conseguir que todos compreendam quanto de valioso e sólido pôde resultar, de uma estreita conjugação de esforços feitos com um objectivo sagrado—engrandecer Angola como parcela máxima de Portugal — honra sobremaneira aqueles que, por esta grande Obra, trabalham com abnegação e Fé.

A Imprensa com a sua grande publicidade e esclarecida acção Patriótica, está prestando, neste campo, uma valiosissima cooperação que muito enobrece os seus orientadores.

Ao jornal a **provincia de Angola**, órgão diario da Colónia, o Governador Geral dirige os seus louvores pela feliz iniciativa que tomou com mais esta obra de propaganda.

E D U A R D O F E R R E I R A V I A N A  
Coronel do Estado Maior  
GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA



# Realizadores da Exposição Colonial Portuguêsa



**H**A na Colónia de Angola, perante todos os acontecimentos nacionais, sentimentos de generosidade impressionantes. Apesar da dura crise que atravessa, o seu espirito de nacionalidade, o seu brio e o quente entusiasmo que a anima, permitiram que mais uma vez vá representar-se com brilho e galhardia numa Exposição.

A a provincia de Angola que tão inteligente e desinteressadamente se bateu por essa representação, apresento os meus cumprimentos pela alta compreensão que revela, acêrca da missão que lhe cumpre desempenhar como primeiro jornal da Colónia.

H E N R I Q U E   G A L V Ã O  
D I R E C T O R - T É C N I C O   D A   E . C . P .



**A**S pessoas que nas colónias comentaram— para que serve a Exposição?!— e n c o n t r a r i a m . se a vissem, a resposta á sua interrogação. Orientada com a paixão absorvente dos que passaram uma parte da sua vida no Ultramar, ela desvenda aos portugueses do continente *o resto de Portugal*, esmagando pela sua copiosa documentação conceitos errados, e esclarecendo, por forma eloquente, detalhes da vida colonial ignorados do grande público. Depois duns anos de propaganda no Estrangeiro, mostra-se «em nossa casa» o que valem as colónias. Temos fé que do grande esforço algo resultará, fazendo-se justiça aos colonizadores portugueses dos últimos 40 anos!



M I M O S O   M O R E I R A  
A D J U N T O   D O   D I R E C T O R - T É C N I C O   D A   E . C . P .





Tomaz Vieira da Cruz



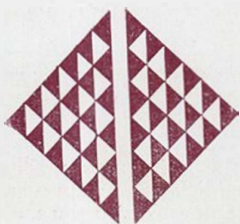
D. Maria Amélia Dias d'Almeida Teixeira  
(MARIA DE PORTUGAL)



Dr. Carlos Carneiro



Antonio Napoleão Vieira e Sousa



José Licínio Rendeiro



Francisco Borja do Nascimento



Norberto Gonzaga



**ALGUNS COLABORADORES  
DÊSTE NUMERO EXTRAORDINARIO**



# ANGOLA

Apontamentos sôbre a occupção e início do estabelecimento dos portuguezes no Congo, Angola e Moçambique

■■■■

Extraídos de documentos históricos

Coligidos por

Alfredo de Albuquerque Felner

**F**omos honrados com a penhorante oferta, realçada ainda por amabilíssima dedicatória, desta tão interessante como valiosa obra. O seu autor, colonial de grande mérito, serviu Angola como militar brioso e homem de govêrno dos mais distintos. A sua acção no Sul de Angola foi brilhante e deixou rastro que perdura.

Dedica o sr. coronel Alfredo de Albuquerque Felner a sua obra, que modestamente intitula de apontamentos extraídos de documentação histórica, aos grandes coloniais e estadistas General Norton de Matos e Comandante Ernesto de Vilhena, e à memória do Marquês de Sá da Bandeira, que em nossa história colonial brilhou como estrêla de primeira grandêsa.

O seu trabalho é digno destas altas individualidades, tanto como elas são dignas dêle. De uma honestidade perfeita, deduzido com lógica e talento, é seguido de um apêndice reproduzindo os documentos de grande valor que o alicerçaram, colhidos de fontes rigorosamente escolhidas, representando uma obra de investigação digna dos maiores elogios e só possível á beneditina e apaixonada paciência de um erudito.

Tendo nós uma história colonial das mais grandiosas e brilhantes do mundo, poucas são as pessoas que se dedicam a aproveitá-la com a verdade e a consciência de verdadeiro historiador. Angola deixou-nos a esperança de que o seu illustre autor continuará a trilhar caminho tão auspiciosamente iniciado. Aceite o sr. coronel Felner os nossos sinceros aplausos pelo seu muito excelente trabalho e os nossos rendidos agradecimentos pela sua apreciadíssima e honrosa oferta.

A edição do livro, muito cuidada, é da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Tratando-se de um trabalho de tómo sôbre Angola, reservamos para este número, que a Colónia exalta, a nossa justa referência.

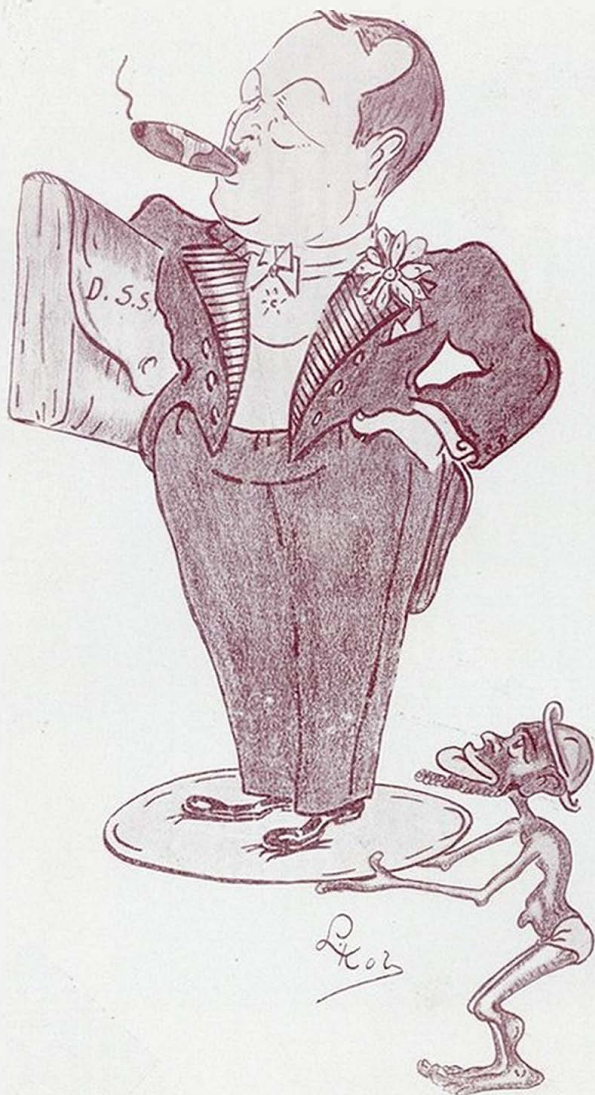
◆■■◆  
**José Ferreira Martins dos Santos**



DESPACHANTE  
— OFICIAL —

ALFANDEGA

DE LUANDA



DR. ANTONIO DAMAS MÓRA

CARICATURA DE LUIZ KOL

**S**ERÁ melhor colonizador em terras africanas e português mais illustre, aquele que maior humanidade e espirito de enérgica afeição dedicar aos povos negros das vastas regiões da Africa imensa.

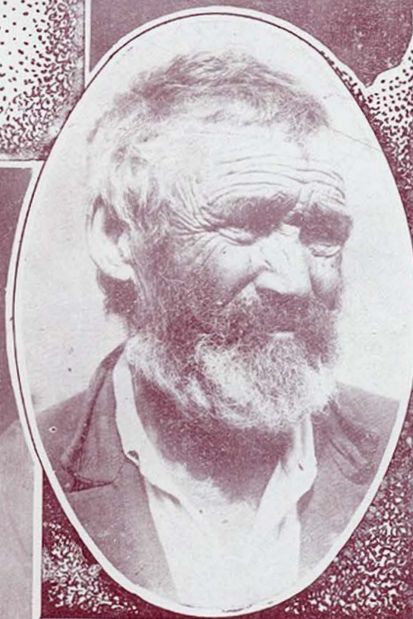
Colonizar é educar, proteger a terra e os homens; e, entusiasticamente, defender de todos os perigos os povos que nos foram confiados. Irmãos no exílio, fizemos da sua pátria a nossa pátria, porque, agora e sempre, a nossa pátria é também a dêles.

Sob êste ponto de vista altamente patriótico e humanitário, o DR. ANTÓNIO DAMAS MÓRA, médico notável e colonial distintíssimo, por tudo que a sua nobre missão em terras africanas se eleva, bem merece o aplauso a que a sua grande obra tem direito incontestável e indiscutível.

Atravessando fronteiras misteriosas da Alma Africana, o nome dêste português illustre, honra a sua pátria e dignifica a história do nosso destino colonial e civilizador.



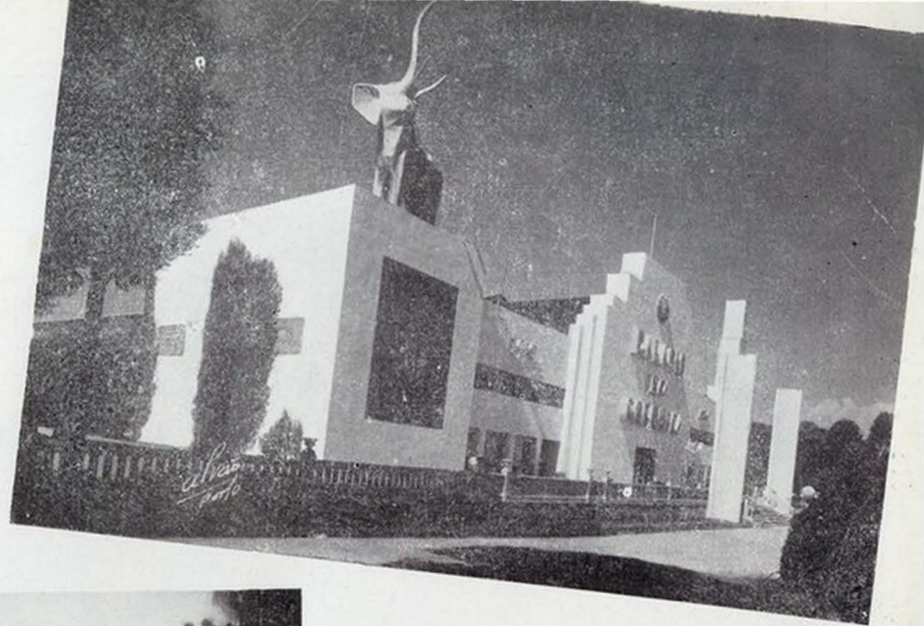
# Colonisadores portugueses em Angola



At centro—Francisco Figueira do Quintal —50 anos de Angola, 80 anos de idade.  
Em cima — Maria Fernanda Freire, de 7 anos, filha de um dos colonos mais novos.  
Nos lados—Antonio Freire, de 5 anos e meio. ♦♦ Maria Alice e Maria do Ceu—8 e 11 anos,  
filhas do colono Domingos Ferreira.— Ao fundo — Oito filhos de um casal de colonos madeirenses.

Povoação da Bela Vista (HUAMBO)





Na 1.<sup>a</sup> EXPOSIÇÃO  
COLONIAL  
PORTUGUÊSA



*Monumento ao Esforço Colo-  
nizador dos Portugêses*



*O Palácio das Colónias*



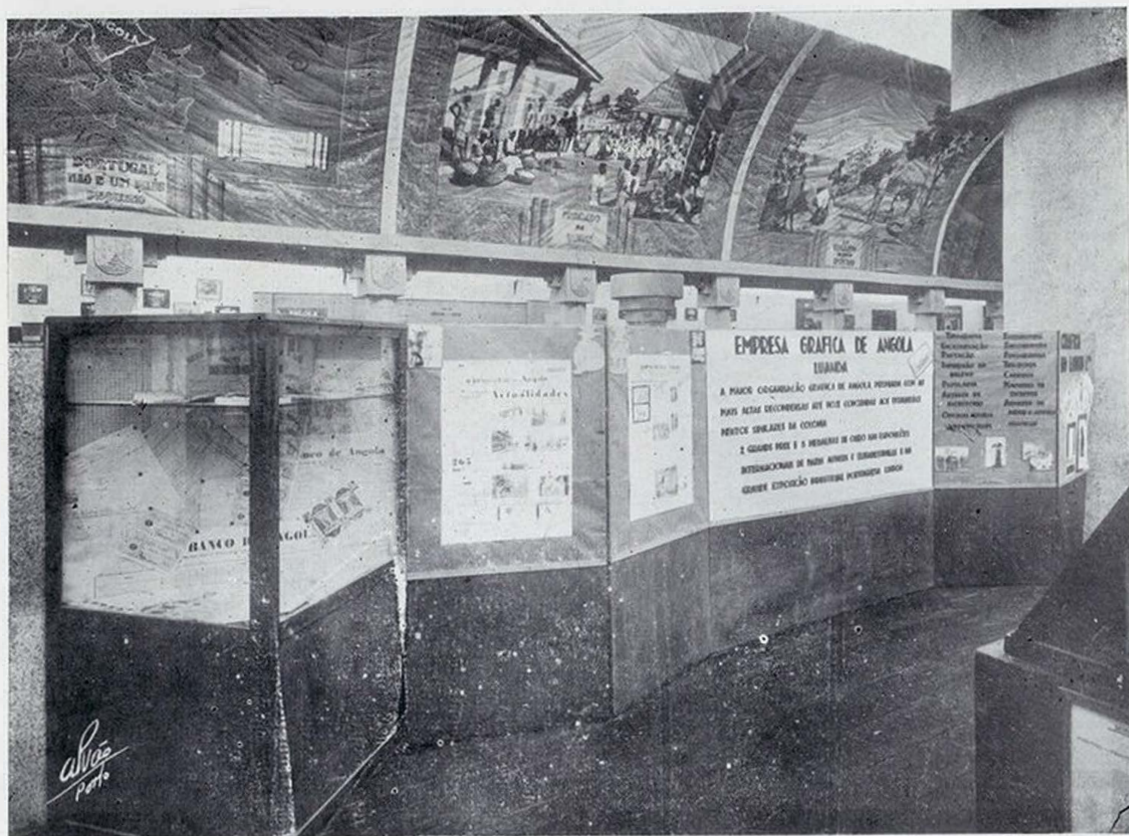
*Monumento aos portugêses mor-  
tos nas cinco partes do mundo*





*A  
Empreza  
Gráfica  
de Angola*

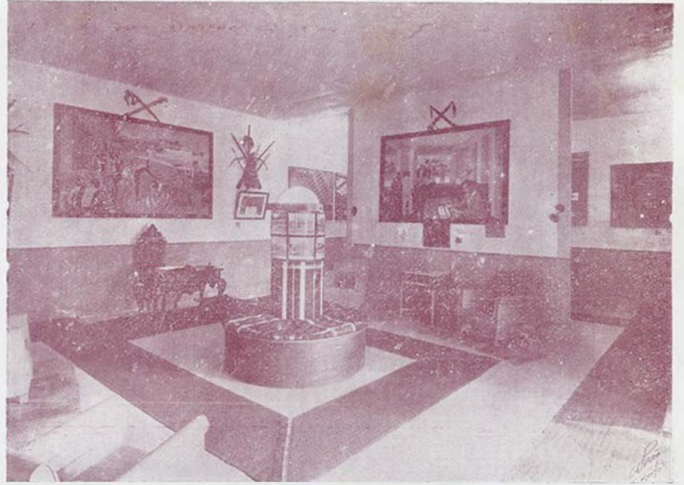
**na Exposição  
Colonial  
Portuguêsa**



O seu «stand» e o da sua associada *Gráfica do Lobito, Lda.*



# O BANCO DE ANGOLA na Exposição Colonial



O Banco Emissor da Colónia fez construir no certame colonial um magnífico e luxuoso stand próprio, lindamente decorado e com uma interessante exposição documentária, constituída por gráficos, notas, moedas, cheques, programas, fotografias, etc., no qual é distribuída uma monografia sobre o Banco e a acção que na Colónia desempenhado, além de uma sucinta história da moeda de Angola. O stand, de que as fotografias acima dão uma ideia, é um dos mais felizes que se vê no recinto da Exposição. E' seu guarda um preto de Angola, fardado como os contínuos das dependências do Banco em Africa.

A ideia geral do projecto do stand, de toda a sua decoração e da representação do Banco, em todas as suas minudências, deve-se ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Leite Duarte, seu ilustre Vice-Governador.

## Uma preta MUCANCALA



A Exposição Colonial Portuguesa foi uma família desta curiosa tribu, com características semelhantes às dos *Mucubais*, *Bacanisses*, *Bucassequeres*, sendo um ramo da sub-Boschman (homem do bosque). Existe em Angola na região a leste do ponto em que o Cunene começa a servir de fronteira internacional e nas margens do Cubango. E' uma das mais baixas espécies da escala da humanidade. Descobre a existência e utilidade dos metais, não pratica a agricultura, habitando cavernas e furnas. Alimenta-se de raízes, plantas, insectos, reptis, moluscos etc. A sua linguagem é curiosa e única, não se assemelhando a nenhuma outra lingua indigena.

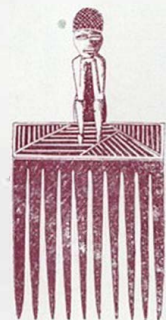


Beleza negra da Huila

Cliché de PEIXINHO

DROGARIA E PERFUMARIA  
 SA & CA LDA  
 Cx. postal 64 - Rua Salvador Correia - Telefone 239

despachos e tintas e perfumes  
e produtos de beleza  
artigos de papelaria  
desenho e pintura  
 aos melhores preços do mercado



DENTE EM MADEIRA  
 (Arte gentílica)

por MIMOSO







To  
Adolfo Pina  
— men amigos  
off o  
Luz Tenorio  
Angola 6/32



# AFRICA MISTERIOSA

## A LENDA DO LAGO DILOLO



fugiram a tempo e constituíram família, que ainda hoje existe nos suburbios do lago.

E no lugar do farto *quimbo*, estende-se, desde então, a planura movediça e vasta e funda, em cujo seio liquidores folgam m crocodilos e seagita m peixes saborosos.

Isto foi ha muitos anos, mesmo muitos.

Mas pelas noites tranquilas de luar, em que o vento não enruga a água e da cerrada mata, ao longe, esvoaça o bafo morno de milhares de bôcas ofegantes a libertarem-se da intoxicação do dia, o centro do lago abre-se para dar passagem á velha da maldição.

E ela aí vai, a tiritar com frio, os longos cabêlos da côr do limo, donde se desprendem conchas, a escorrerem água, caminhando lentamente para a margem:—assim o juram os mais corajosos que, ás vezes, se aventuram pelas proximidades do lago, quando o sol se esconde para o lado das grandes *chânas*.

**E'** extraordinariamente piscôso e muito profundo o lago Dilôlo. Nos seus «dongos» esguios, os indígenas batem-lhes as margens, mas não se aventuram mais longe, sobretudo pela visinhança do centro, porque creem na existência ali dum remoinho forte, Maëlstrom de praga, que os tragaría sem piedade.

Era sôbre a tarde, quando ali cheguei,—ás margens do lago,—tarde quente e de chuva prenunciada, se bem que temporã nessa altura de Setembro.

Uma luz branda e macia, luz de saudade indefinida, revestia de tons especiais, singulares, a água e as margens, o arvorêdo e a planície. As libelinhas cruzavam-se no ar calmo, enquanto legiões de insectos aquáticos, coleópteros de dôrso avermelhado, outros de cobertura nêgra, ou couraça azul escura, com reflexos luzentes de metal,—géómetras inconscientes,—iam traçando na água inerte grandes curvas irregulares.

—Levas-me num «dongo,» lá ao meio do lago? perguntei ao meu companheiro e guia,—um *luena* desempenado, da escola de Tchingôma, o grande pescador e rei das águas que nunca lhe negaram peixe.

—Não pôd-, senhor, por causa da velha, respondeu.

Intrigado, instei pela explicação, que tive como segue: «Isto loi há muitos anos, mesmo muitos.

No sitio do remoinho havia um *clan*, cujos moradores viviam da caça e da cultura da mandioca,—sendo o arroz, e o milho até, coisas para êles desconhecidas. Mas a vida corria-lhes fácil, e os terrenos quasi virgens retribuiam-lhes fartamente o ligeiro esforço de cavas fundas, enquanto as *chânas* lhes abriam também braços amigos numa opulência de «nunces e malancas», de grandes corpos e densas carnes, tão mansos que se deixavam apanhar á mão,—as suas acerradas pontas, formidável defêsa pouco menos que inútil.

O farto *clan* prosperava e reproduzia-se largamente, e já uma futura grande tribu se esboçava vigorosa. Eis senão quando, porém, um dia, já sôbre a tarde, á vasta libata foi dar uma velha tropêga e doente, pedindo a des-sedentassem com uma gôta de água. E uma mulher dali, que acaso a colhia, nêsse instante, numa «cacimba» ao lado, recusou-lha descaridoamente.

Calou a velha a injúria e a sêde, mas jurou fulminar com terrível represália seus maldosos habitantes; e a duas crianças tão sómente segredou que, ao ouvirem, quando o sol tornasse a aparecer do lado da floresta, um arruido surdo como se viesse debaixo do chão, fugissem, porque a libata se transformaria em água.

Assim succedeu, com efeito,—jura o prêto que esta história me contou.

No dia seguinte de manhã, um trovão abafado e longo, assim como ronco de montanha que se abre, subito se ouviu do mesmo passo que a terra se abria para tragar a libata inteira com suas palissadas e seus habitantes,—animais e homens,—com excepção das duas crianças, que



Há mesmo quem a tenha surpreendido no sen regresso, ajoujada de lenha, que foi colhêr para se aquecer na sua cubata húmida, fincada no fundo lodoso do lago, enquanto os seus galos, lá de longe, em poleiros de algas, vão cantando uma saudação ao dia que adivinham proximo a abriir-se sôbre a superficie serena das águas.

Á boquinha das noites sem lua,—afirmam-no também alguns,—teem por vezes p'ssentido a misteriosa velhinha, vogando á tona de água, na apanha de pirilampus,—os seus fósforos,—que, descuidosos, vão luzindo e vão noi-vando pelas fôlhas largas dos neuúfares dum verde esmaecido, com as suas címeiras gar,idas de corolas brancas e amarelas .....

Era a lenda do lago, que vigorará enquanto eu a não puder desfazer a pázadas de helice, tangida a gazolina.

Moxico—1924.



# POENTES

## DE LUANDA

O sol é hostia d'outro sobre o mar...  
Divina e santa hora a da tardinha  
Em que é já sombra o dia a agonizar,  
Mas em que a noite apenas se adivinha!

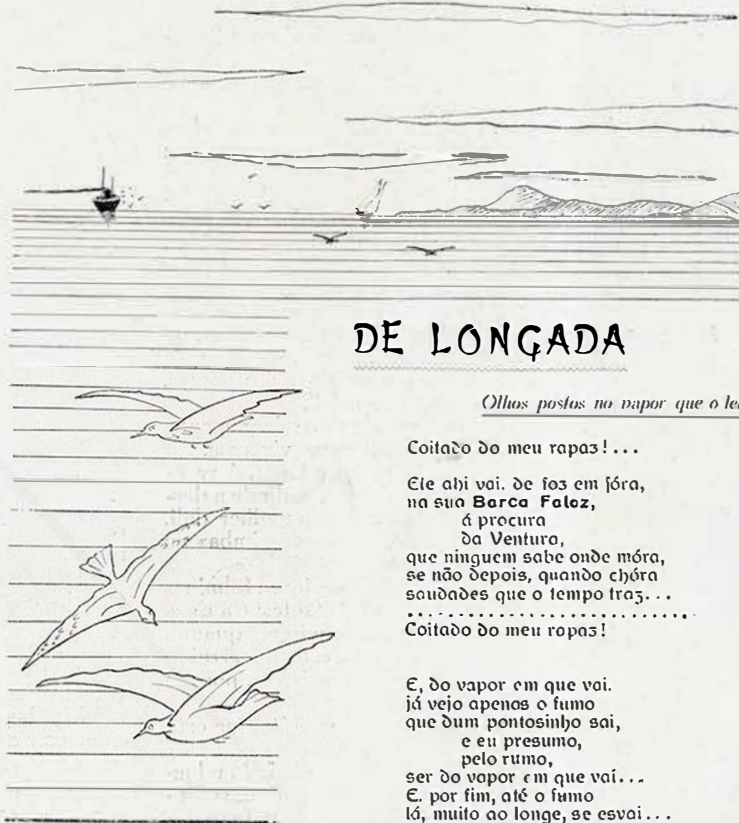
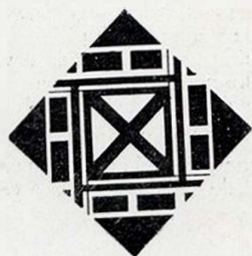
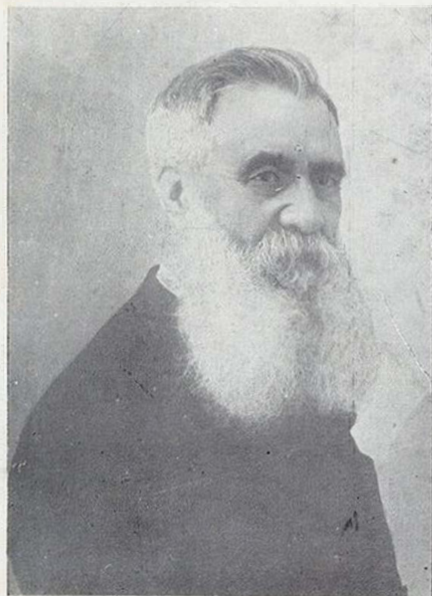
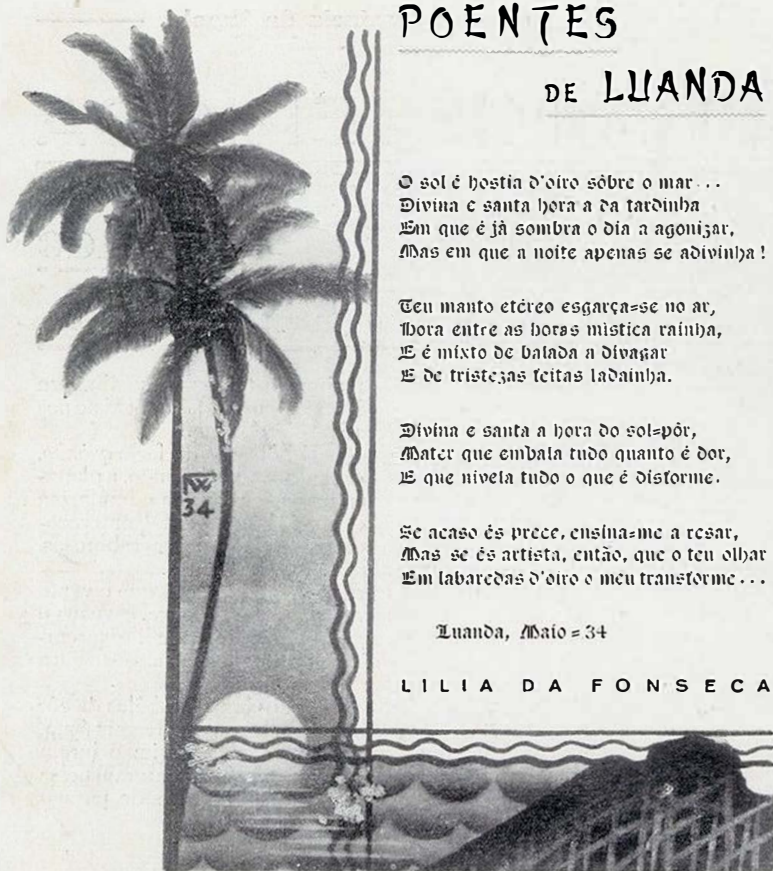
Teu manto etéreo esgarça-se no ar,  
flora entre as horas mística rainha,  
E é mixto de balada a divagar  
E de tristezas feitas ladainha.

Divina e santa a hora do sol-pôr,  
Mater que embala tudo quanto é dor,  
E que nivela tudo o que é disforme.

Se acaso és prece, ensina-me a rezar,  
Mas se és artista, então, que o teu olhar  
Em labaredas d'outro o meu transforme...

Luanda, Maio = 34

LILIA DA FONSECA



## DE LONGADA

*Olhos postos no vapor que o leva*

Coitado do meu rapas!...

Eie ahí vai, de foz em fóra,  
na sua **Barca Falez**,  
á procura  
da Ventura,  
que ninguém sabe onde móra,  
se não depois, quando chóra  
saudades que o tempo traz...  
.....  
Coitado do meu rapas!

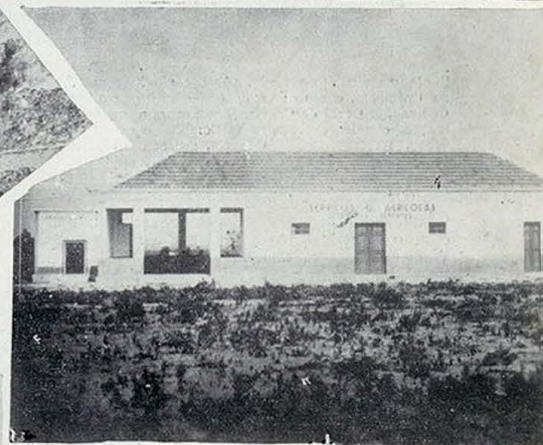
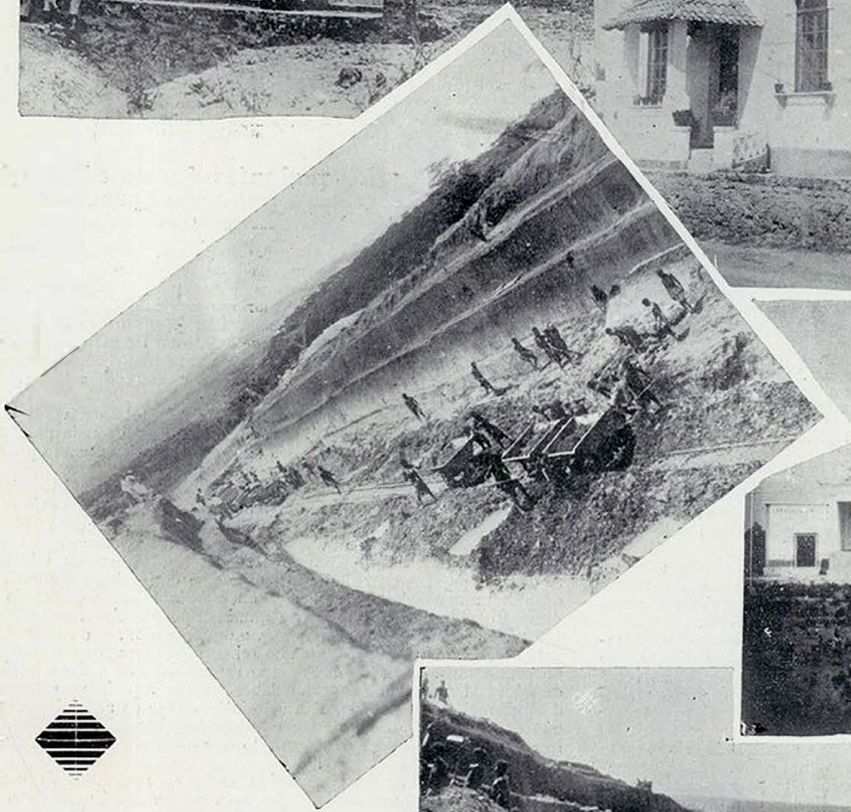
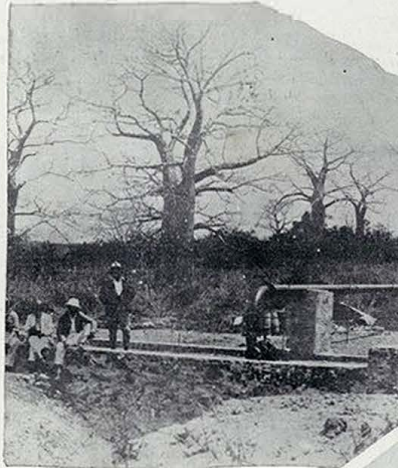
E, do vapor em que vai,  
já vejo apenas o fumo  
que dum pontosinho sai,  
e eu presumo,  
pelo rumo,  
ser do vapor em que vai...  
E, por fim, até o fumo  
lá, muito ao longe, se esvai...  
.....  
Pobre de mim!... Pobre pai!...

Luanda - 1934

ALBERTO CORRÊA



# Serviços Agrícolas de Angola



— Irrigação na Estação Experimental de Algodão, em Catete.

— Duas fazes da abertura de um canal de irrigação na Estação de Sementes do Planalto de Benguela (Cuima).

— Campo de algodão *Trincho* na Estação Experimental de Catete.

— Residência no Posto Agrícola da Huila.

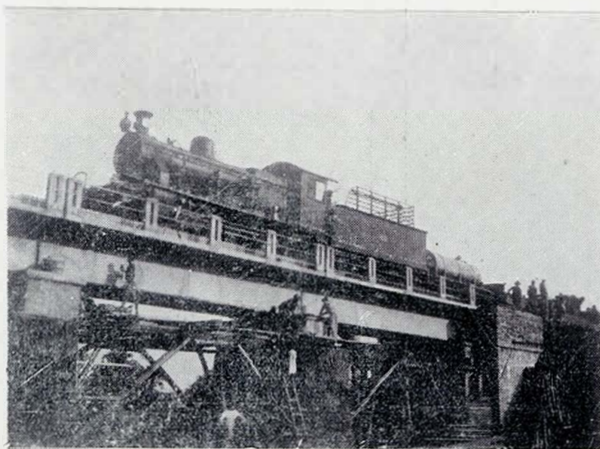
— Tipo das câmaras desinfecção e depósitos de sementes, construídas em vários pontos da Colónia.



# A Companhia Geral de Construções

tem-se afirmado uma organização de engenharia  
de alto valor industrial ao serviço do Estado  
e do Publico, em Angola

**S**EMPRE o espirito de sacrificio foi a base de toda a acção dos Portuguezes que aliado à coragem moral tornou possível que inumeros padroes de gloria atestem o Valor da Raça atravez o Mundo. Não podemos esquecer que foram os Portuguezes os primeiros que se arrojaram a estabelecer feitorias no misterioso Japão e que pelo seu arrojio contra os piratas e como premio obtiveram para a antiga Corôa de Portugal, ou seja para o Estado Portuguez, essa perola ao sul da Ch'na—Macao, onde Camões poude sonhar e tecer tão belos cantos ao Valor dos Lusitanos.



Ponte em cimento armado, sôbre o rio Nixe na 3.ª variante, primeira e unica na Provincia, com 60 mts. de comprimento, e 6 vãos, projecto e construção da Companhia Geral de Construções, pronta a inaugurar, sendo Director da Reconstituição, e unico engenheiro da Companhia em Africa, o sr. Americo Homem de Gouveia, seu actual Director.

Devassaram os Mares, aportaram a estranhas terras, combateram, colonizaram, administraram e soberam sempre morrer bem, com o espirito a evolvar-se para a Patria querida que tão bem haviam sabido servir.

Marinheiros, soldados de Portugal, Clero, Nobreza e Povo, todos em seus peitos pulsando forte o coração nobre de um Portuguez, sempre soberam cumprir o seu dever com estoicismo e nunca cedendo ao peso das responsabilidades e dos sacrificios.

Mas quantas e quantas vezes ao Valor e sacrificio demonstrados, como premio de seus feitos e Gloria alcançada em beneficio da sua Patria, não corre, pendeu a mais negra ingratidão, umas vezes por intrigas, outras por desconhecimento das situações fortes: vividas, longe das comodas posições e largos proventos alcançados por quem sem coragem para tanto se deixava viver sem as emoções das incertezas, perigos e surpresas do inimigo e clima, a cada momento em presença dos pioneiros da nossa vasta obra de conquista, occupação e colonização que a Historia nos ensina e os padroes assignalam. Albuquerque «terrible», Castro o «forte» e outros em quem poder não teve a Morte, sofreram, em regra, como minimo, o esquecimento, o abandono, para só a posteridade vir a fazer justiça à sua figura altamente moral e patriótica.

Pereira d'Eça, o general d'aço, — um dos mais bem temperados animos de soldado dos nossos tempos,—sofreu, na sua idade já avançada, as inclemencias do clima, e os ardores dos combates, naquella ardente ebana da Mongua, sempre revelando-se um exemplo vivo do que pode a vontade ferrea servida por um espirito de raça, em que o sacrificio dá prazer espiritual, e a alta comprehensão dos seus deveres de Chefe, poude fazer o milagre da conquista do aguerido Cuanhama!

Pereira d'Eça ao regressar a Portugal sofreu a maior decepção da sua vida, talvez: mas com certeza a maior dor que um coração de soldado, no verdadeiro termo, pode sofrer: — a mais fria indiferença, ao regressar a Portugal, perante a sua nobreza, a sua obra, exemplo vivo de abnegação e sacrificio — com uma elegancia de espirito militar, que o impunha ao respeito e consideração dos seus subordinados,—comandante em Chefe daquellas tropas que para

a sua Patria acabavam de conquistar mais um padrao de Gloria e para o exercito de Portugal os loiros da Vitoria, alcançada com o seu sacrificio e o dos seus soldados.

E como este, quantos exemplares a Historia nos dá, de indiferença uns, de mal contido despeito, outros, e de ataque injusto, ainda outros, todos reveladores de ingratidão da Patria para com os seus filhos que tão bem a serviram, e tanto a amaram.

Por eseritura de 4 de Maio de 1920 constituia-se em Lisboa, uma sociedade anonima, que passou a girar sob a designação de «Companhia Geral de Construções».

Nascia esta sociedade do desejo de alguns portuguezes que à sua Patria, modestamente, queriam com devoção servir, em terras de Angola, onde, então, se ia desenvolver um plano de fomento, sob a égide desse colonial distinto—o General Norton de Matos.

Como portuguezes em territorio nacional — e sobretudo neste Ultramar distante, mas muito portuguez,—pensaram em trabalhar, leal e esforçadamente, em colaboração com todos aqueles que animados do mesmo sentimento, a tanto quizeram abalançar-se.

Encontrou a Companhia sincero acolhimento, e dois contractos foram firmados com o Alto Comissario de Angola, — um para a construção de 10 casas para funcionarios, outro para essa obra ingente que se denominou a «Restauração da Linha Ferrea Luanda-Umbaca».

## A construção das variantes é uma afirmação de alta técnica e impecavel processo de administração

A Companhia teudo, sempre, desde a sua constituição, norteadose pelos dictames do cumprimento dos seus deveres,—à sua frente tendo estado sempre homens de uma só Fé e de honra, mais lhe interessando o orgulho de firmarem o nome da Companhia — de uma organização portuguesa, de engenharia, em terras de Angola, onde tanto havia para fazer,—do que auferirem lucros enormes, organizou este sector da sua actividade, para tanto contratando os melhores nomes da nossa Engenharia, e com eles todo o pessoal necessario, sempre escolhido e competente.

A Fé da Companhia nos destinos de Angola e a vontade de procurar bem servi-la, tem-lhe dado animo e resistencia para não sossostrar a injustas atitudes para com ella assumidas, como premio de tanta dedicação e sacrificio dos seus servidores.

Tal e como os antigos Navegadores, os famosos Generais — marinheiros e soldados — que esforçadamente a Fé e o Imperio dilataram por esse Mundo fora e, tem a atestar os seus feitos, padroes que de ha seculos resistem à acção demolidora dos elementos, assim a Companhia Geral de Construções — os seus honrados administradores e os seus engenheiros de elite que em Africa a tem servido se honram e orgulham com esse inarcescível Padrao de Gloria da nossa Engenharia e de impecavel administração — AS VARIANTES DA LINHA FERREA DE LUANDA, mormente a 3.ª, — e os formidaveis atêrros do Vale do Zondo que substituiram os velhos e arruinados aquedutos. Quanto de sacrificio de milhares de vidas e queima de energia! Quanto de superior saber dos que a puderam estudar e dar-lhe realização — em colaboração intima com os administradores que em Lisboa a tudo proviam e tudo administrando, em situação tremenda pela falta de pagamento do que o Estado sempre lhe tem vindo devendo, em Escudos!

Todo o labor da Companhia, todos os momentos de maior preocupação da Companhia, todos as vontades da Companhia, se canalizaram para a Reconstituição da Linha Ferrea de Luanda — O SEU PADRAO DE GLORIA.

Estudos de laboriosa realização atravez o mato denso e orografica difficil, equipes internadas em florestas virgens de ramagem forte, em amplexos demorados, simulando verdadeiros linceis, onde «bicharada» de varia ordem e perigo, punha em risco a segurança das suas vidas; ambiente humido e quente, que quebranta as energias e provoca afeções, as mais das vezes para todo o sempre; vida ardua e «forte» do sertão africano, numa das suas mais nocivas regiões, ainda por devassar; a tal preço de sacrificios conseguiu a Companhia Geral de Construções effectuar os estudos — em que o da 3.ª Variante representa uma gigantesca concepção em que o acaso muitas vezes, permitiu que se alcançasse solução para o traçado que veio a obter-se, correndo ora entre fundas trincheiras abertas a «chedita» e pelo esforço humano, ora sobre arrogantes atêrros que dominadoramente olham os extensos vales de que a grande profundidade é a revelação do volume enorme de terras removidas para se obterem esses tão formidaveis atêrros.



A «môsa do sôno», o «escorbuto», o «béri-béri» & Companhia constituiram-se em sociedade negra para a ceifa de vidas humanas naquela adusta região, transformando a 3.ª Variante em infernal viver e largo cemitério, de onde ainda hoje se erguem em macabra aparição, os inolados, a reclamarem justiça ao seu sacrificio e para a Companhia que tão devotadamente serviram, em holoocausto à sua Pátria e ao bem comum.

A formidável obra de engenharia levada a efeito: o menor custo da mesma comparado ao de outras linhas ferreas da Província; o resultante para a economia do interior de Luanda e seu desenvolvimento; o aumento do trafego e a garantia assegurada, com enorme beneficio para o coeficiente de exploração daquela linha e redução do seu deficit; comodidade de transporte do publico em viagens rapidas, levando algumas horas, para o que antigamente eram necessarios 3 dias; a afirmação perante o Mundo da nossa capacidade de promover o desenvolvimento da nossa Colónia que mais campo de actividade e exploração oferece; tudo justifica fartamente o sacrificio que a Metropole tenha feito e venha a fazer, invertendo capitais seguramente reversiveis, quer em moeda, quer em prestigio, quer pelo orgulho de velar pelo bem estar dos milhares de colonos que tão devotadamente em Angola servem Portugal, no que ele tem de maior valia — o seu prolongamento de Alem-Mar, tornando-o o tal «Portugal Maior», digno de ocupar um lugar de destaque no concerto das Nações.

A Companhia Geral de Construções — unica organização portuguesa de engenharia que logrou enraizar-se em Angola, a golpes de energia moral, e mereç do seu alto patriotismo e amor à mais prometedora das provincias do nosso Ultramar — bem merece que o Estado e o Publico lhe facultem os meios materiais e apoio, sempre necessarios — antes que obstaculos de varia ordem que lhe antolhem a sua acção — por forma a que Angola possa tirar do esforço e dos sacrificios da Companhia o mais proveitoso resultado, tendo como recompensa maxima o reconhecimento dos seus serviços e a gratidão pela sua obra.

É tempo de começar a prestar esse preito de homenagem à Companhia e como lino eutoado em seu louvor, apresentar-se ao Publico de Angola, de Portugal inteiro, as personalidades dos actuais Directores e Engenheiros e dos que a tem servido, sempre em commulção de sentimentos.

Encontra-se actualmente em Luanda como delegado do Conselho de Administração, o seu Administrador-Delegado — Capitão José Miguel Garcia de Andrade — cedendo à imposição do seu cargo, se bem que com grave risco da sua já abalada saúde, consumida pelo seu esforço, ao serviço da Pátria, como official, nas operações militares do Sul de Angola, em 1915, official muito considerado que da honra e da lealdade constituiu e liga da rija tempera de que é formada a couraça que defende o seu nome de homem de bem e de personalidade bem vincada;

Dr. Carlos Champalimaud, também Administrador-Delegado da Companhia Geral de Construções a alma da Companhia — temperamento dação, espirito culto e inteligente, nome de grande valia na praça de Lisboa, médico que no Exército se afirmou um alto valor, como na sua clinica geral, e que ao serviço da nobre causa de Assistência aos Tuberculosos comprometeu a sua saúde, pelo que dele o Exército se viu privado;

Engenheiro Licinio Catarino de Lima, hoje seu Director Técnico, um das mais inteligentes e dignos officiaes de engenharia e que actualmente chefia a Repartição de Obras, do Ministério da Marinha;

Dr. Manuel Colares Pereira, advogado de fôlego, no foro português, em que a clarividência e o brio alçaram fulminante, para a primeira fileira dos mais distintos advogados;

Em Luanda, desde ha muitos anos tem a Companhia o Engenheiro Homem Gouveia, espirito de eleição, de uma correcção de maneiras, que se casam com a perfeição da sua técnica e são o reflexo da sua tranquillidade de espirito por sempre ter cumprido o seu dever com o orgulho justificado por, ao serviço da Companhia, deixar com ela ligado o seu nome a uma das obras de maior vulto e proveitoso resultado, levada a efeito em Angola.

Do Conselho Fiscal fazem parte três nomes, que são a garantia da ordem nas contas, da disciplina da sua escrita, do respeito pela Lei, e da categoria moral da Companhia:

Coronel Manuel Augusto Rodrigues da Silva Lopes, militar austero, enérgico, altamente sabedor — um ornamento da nossa Infantaria — e que no exame para General, ha pouco feito, prestou provas distintas, valendo-lhe plena aprovação;

António de Araújo Sobreira — Gerente do Banco Nacional Ultramarino, inteligente e culto, que no desempenho do seu cargo, como no de todos que lhe tem sido cometidos, se revelou, sempre, uma alta competência, conquistando a confiança franca, e sendo, hoje, um dos valores daquele nosso Banco;

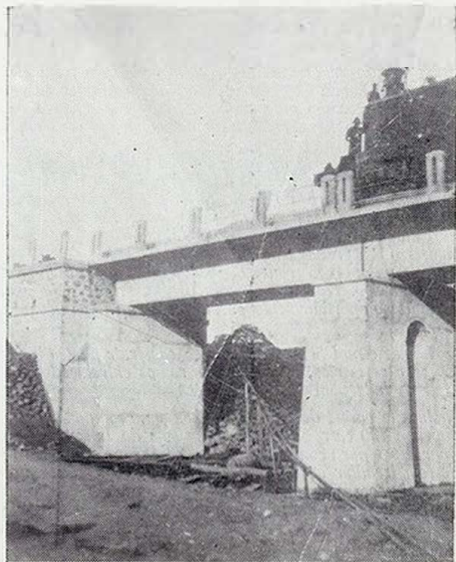
Dr. Clemente Victor Manuel Bueno y Martins, guarda-livros do Banco de Portugal e um distinto professor do Instituto Superior de Sciencias Económicas, em que se tem demonstrado um intellectual e estudioso profundo, com publicações de valia.

Alguns dos que serviram a Companhia e a nossa reminiscencia nos faculta — nomes já feitos e consagrados pelo seu valor intellectual, apurmo moral e saber — constituem um elenco honroso e digno de ser conhecido, pois são a demonstração do escrupulo da Companhia, desde sempre, em escolher os seus servidores:

Engenheiro José Fernando de Sousa, Dr. José de Oliveira Soares, José Caetano Lopes, Engenheiro Gonçalo Cabral, João Sommer Ribeiro, Dr. António Bourbon, Engenheiro Trófilo Leal de Faria, Engenheiro José Cabral de Caldeira do Amaral, Engenheiro Luiz Fernando de Sousa, Engenheiro Virgílio Escudeiro, Joaquim do Espírito Santo Lima, Engenheiro António Lopes Rebelo de

Andrade, Domingos Pinto Barreiros, Engenheiro Alfredo Elísio Gonçalves, Engenheiro José Furtado de Mendonça, Engenheiro Heitor de Mascarenhas Inglez, Engenheiro Francisco Mimoso Brandão de Melo, Engenheiro Noronha de Campos, Engenheiro Almeida Henriques, Engenheiro Eduardo Corregedor Martins. — todos os nomes de portugueses illustres que tem honrado a Companhia.

Logo de inicio, também a Companhia foi servida por uma equipe de engenheiros alemães, nomes reputados como dos melhores no seu país, especializados em assuntos de Caminhos de Ferro: Alwin Schroeder, chefe da equipe que, primeiro, atravessou a região por onde havia de passar a 3.ª Variante, conseguindo um reconhecimento, base de todos os outros, e do traçado definitivo, que causou assombro pela exiguidade do tempo que consumiu, para trabalho de tanta monta, em região da natureza que um nome illustre desta Colónia definiu num seu trabalho sobre a 3.ª Variante, com o seguinte pensamento: «A cimbra humana que em 1926 se interviu pela adusta savana do Zenza ao Luinha, passado pouco mais dum ano, era quasi esmagada por esta trindade maldita — a) «tripanosomias»; b) o «béri-béri»; c) o «escorbuto».



Um detalhe da ponte sobre o rio Xize

É ainda como característica do acidentado daquela região, da natureza do seu clima e da pujança da sua floresta virgem, não resistimos, e com a devida vénia, a transcrever alguns períodos daquele seu trabalho:

«São 52 quilómetros certinhos que se projectam do Zenza do Itombe ao Luinha: essa projecção representa um esforço, um arranque no tempo e no espaço, que define e reflecte um estadio, que difficilmente se repetirá na história da Administração Publica desta Colónia. Felizmente, nem tudo são ruínas, nem tudo são incertias!

«Hoje, aquele supremo esforço, comandado por almas de elite, tem como expressão efectiva a mão de obra de 5.000 indigenas.

«São 6.000 braços numa hercúlea batalha, carrilando para precipícios milhões de metros cúbicos de terra, e rochas ainda cadentes das brocagens mecánicas dos explosivos.

«É esta tarefa de quasi meia duzia de anos tem, naquele macabro ambiente a lembrança de muitas lágrimas e de inumeráveis sacrificios. O actual Director dos Serviços de Saúde, quando Governador Geral, interino, apela para o Ministro das Colonias e afirma: que o seu custo em vidas humanas era tão elevado que mais valia cessar a obra.»

E mais adiante refere ainda:

«E um arripio de defesa sacode em fins de 1927 europeus e indigenas; os «tripanosomados» batem às portas dos 40 % em 1927 e de 50 % em 1928; e finalmente um quinto da mão de obra permanece doente e inerte.»

E numa exaltação à acção benemerita do illustre médico da Reconstrução, Sr. Dr. Gomes da Costa, diz:

«Em 1930, no inicio da sua acção benemerita, Gomes da Costa, constata horrorizado a elevada mortalidade hospitalar de 150 /, e em geral 19 a 20 %; aqueles indices descem respectivamente no principio deste ano a 35 % e 2 %.

E logo no inicio do seu trabalho faz justiça ao esforço da Companhia Geral de Construções quando afirma:

«A 3.ª Variante é, pode afirmar-se, um formidável trabalho da nossa Engenharia. E patente que outros Caminhos de Ferro Angolanos possuem troços que quasi o igualam na concepção e no arrojão do comietimento; mas, nenhum o sobrepuja na tenacidade com que são enfrentados todos os obstaculos, uns de ordem material e muitos e muitissimos de ordem moral.»



## RECORDAÇÕES DO PASSADO

# NATAL DE 1913

**A**NGOLA de 1913! Que diferença entre ela e a Angola de 1974! Nesse tempo não havia automóveis e poucas eram as estradas em Angola.

Regiões havia ainda na Colónia quasi desconhecidas e sem ocupação, onde a barbárie da selva campeava livremente. A parte oriental da Lunda era uma delas.

Foi aí, acampado nas margens do Luvuvu, junto à povoação do soba Xá-Ibange, que passei o meu Natal de 1913.

Tinha partido de Luanda em Agosto desse ano para efectuar um reconhecimento da Lunda Oriental onde a Companhia que eu representava, obtivera uma concessão para pesquisas mineiras. Depois, de uma demora forçada para obter carregadores de confiança em Camaxilo, que praticamente representava o extremo mais avançado da ocupação comercial e militar naquela parte da Lunda, segui para leste em direcção ao Cassai, orientado pela bússola, utilizando os caminhos do gentio e os trilhos da caça. No Cuilo e no Luela tive de vencer a resistência semi-passiva, semi-agressiva dos povos do Calamunde. Pouco faltou para que o soba Xá-Calombe, das margens do Luela, me houvesse às suas mãos, se pudesse imitar o seu grande chefe Calamunde, que nos dias de gala bebia o seu vinho de palma pelo cráneo dissecado do desditoso alferes Macedo, trucidado no Luico. Não o consegui porém, mercê da minha Browning que rapida e oportunamente encostada à sua testa lhe paralisou as intenções.

No Loma e no Chicapa foi preciso construir pontes improvisadas para atravessar esses rios, aproveitando ramos entrelaçados dos densos Muxitos que os ladeavam.

Finalmente em 21 de Dezembro chegava, acompanhado de um soldado europeu e 120 carregadores, às margens do Luuvuvu onde escolhi um sítio aprazível para construir um posto base, no centro da Lunda, de onde pudessem irradiar os futuros trabalhos de reconhecimento e estudo da região. Dali procuraria estabelecer ligação com 4 engenheiros da Companhia que se encontravam lá mezes a norte daquele ponto, junto à fronteira do Congo Belga, vindos de Chicapa e que o gentio não deixava avançar para sul.

Mal tinha acampado e acabado de armar as barracas, quando me apareceu um soba, com uma guarda armada, que vinha perguntar-me quem eu era e o que vinha fazer às suas terras.

Respondi-lhe que vinha com licença do Governo Português, a quem pertenciam todas as terras da Lunda, fazer ali um posto para me estabelecer, e com os meus homens procurar nos rios muitas pedras que constava existirem ali.

Que vinha também para saber notícias dos engenheiros que estavam na fronteira, ao norte, e ir buscá-los para me ajudarem a procurar as tais pedras.

Disse então o soba que não desejava que eu ali ficasse, que levasse as barracas e me fosse embora, pois que ele e os filhos não queriam brancos nas suas terras.

Respondi-lhe que tal não faria, que ali mesmo construiria uma casa, mas que não tivesse receio de mim, como eu não tinha dele, pois não vinha fazer guerra, a menos que a isso me visse obrigado; que ele e os seus filhos só teriam a lucrar com a minha estada ali porque lhes compraria, a título de boas fazendas, a comida para o meu pessoal.

Não se mostrou convencido e continuou insistindo. Procurei então convencê-lo de que não lucrava em teimar porque eu tinha grande félicidade se fosse preciso fazer guerra, e para lhe provar a grande eficácia das minhas armas, do que atéz ele já tinha notícia, fiz vários tiros, partindo garrafas nas mãos dos meus criados, firmando moedas no ar, etc. Também com uma lente mostrei que lhe podia fazer mal queimando-o sem lhe tocar e por fim, o oratório-lhe uma Imssola Peigné, convenci-o de que com o movimento da agulha eu falava todos os dias com o momento grande de Luanda dizendo lhe onde estava e o que se passava e que este me respondia com movimento da agulha no espelho, de forma que se um dia não falasse, ele me julgaria morto e mandaria logo muitos soldados e peças para pingar a minha morte e matar toda a gente do soba que me tivesse feito mal.

Foi-se o soba embora e voltou no dia seguinte, já mais tratável, dizendo que consentia que eu ali ficasse e fizesse casa desde que pagasse um certo tributo e comprasse os mantimentos por preços que ele indicava.

Acordado, com a sua guarda armada em volta dele, o soba parava e palavra com o meu intérprete, enquanto eu ia dando ordens aos meus pretos que voltavam do rio com troncos de árvores e iam espantando no chão uns lugares que indicava, dando assim começo à construção dum case de pau a pique. Levava muito tempo os pretos a explicar-se, em grandes discursos e não compreendendo eu o que eles diziam, vinha de intervallo saber em que altura ia a discussão e dar a resposta que o intérprete ficava traduzindo na sua linguagem interminável.



Recusei, como era natural, pagar qualquer tributo, porque isso seria reconhecer ao soba direitos de soberania; estabeleci em jardins de fazenda o preço porque pagaria o milho, a feijão, a mandioca, etc. dizendo ao soba que se não quizesse vender em mandaria os meus homens comprar ao Chicapa onde os preços eram aqueles.

Um tanto altaneiro ainda, respondeu o soba que não podia consentir que estuado eu nas terras dele, não comprasse os mantimentos aos seus filhos e que mandaria fechar os caminhos para Chicapa. Disse-lhe então que isso equivaleria a uma declaração de guerra, que eu não a receava, mas que no seu próprio interesse se fosse embora e começasse os filhos a venderem pelos preços justos que eu indicara pois eu não vinha roubar, mas não queria também ser roubado.

No manhã do 3º dia voltou o soba dizendo que vinha fazer pacto de paz e trazer o presente simbólico da mesma. Como trouxesse apenas uma galinha e 2 ovos disse-lhe que levasse o presente porque era insignificante para um branco grande como eu e que se queria paz verdadeiramente, me trouxesse um presente digno de mim e dele, que eu retribuía largamente também.

Um pouco alívio e confuso com o meu gesto de desprezo, retirou voltando de tarde com a mesma galinha, uma cabra e um leitão, que aceitei depois de um exame minucioso feito com ar de quem avalia o valor do presente.

Retribuí então largamente o presente com fazendas, sal e uma série de bugangas entre as quais um relógio despertador ensimulado-lhe como se lhe dava corda.

Ficaram assim estabelecidas as nossas relações de amizade que se selaram com um copo de aguardente e nesse dia 24 de Dezembro de 1913, véspera de Natal, pude sentar-me à mesa descansado e jantar à la belle étoile, duplamente iluminado pelo luz do meu candieiro de petróleo e pela luz de um luar cristalino que transformava uns pequenos rápidos do Luvuvu, que ao longe se viam, numa linda cascata fosforescente.

Em meia sonolência, de adormecer, fui revendo e recordando Natais passados em que a Missa do Galo, que habitualmente se rezava em minha casa de Lisboa, era pretexto para ali se reunir toda a família e senti então a impressão forte daquele meu isolamento no meio da natureza abrupta e selvagem das margens do Luvuvu.

No dia seguinte, dia de Natal e por isso dia de descanso, estava sentado à porta da minha barraca, seriam 10 horas da manhã, quando veio aproximar-se, vestido com um grande casaco que lhe chegava aos pés, o meu amigo soba de Xá-Ibange acompanhado do seu escoteiro e de luzido séquito desarmado. Tive repentinamente a ideia de que iria dar-me as boas-festas, mas logo pensei que tal regra dessa cortezia não podia fazer parte dos hábitos de tal gente. Avançou o



**RECORDAÇÕES DO PASSADO**

**NATAL DE 1913**

(Continuação)

humm lentamente até 6 passos de mim e assentou-se vagarosamente no pequeno banco que um dos do séquito trazia e lhe aproximou. Depois de compôr as abas do casaco e de olhar em volta como que a ver se todos os seus dignatários estavam na posição de cócoras do estilo, sacou, magestosamente, de um dos bolsos internos do grande casaco, o relógio despertador que eu lhe tinha dado na vespera e depondo-o supersticiosamente no chão, entre mim e ele, começou palrando uma longa ladainha que por fim o meu interprete me traduziu e que significava pouco mais ou menos o seguinte: «Senhor—Quando ontem cheguei à minha casa e mostrei aos meus fillus os presentes recebidos, estes não puderam perceber porque é que este objecto fazia barulho sôsiuho—tic-tac—todo o tempo e fugiram esmortidos quando, sem ninguém lhe mexer, começou a tocar como se dentro dele alguém batesse

repetidamente muito depressa com um ferro em outro ferro, como se fosse uma guerra. Remiram todos os velhos da terra e concluíram que o barulho d'este objecto é feição de branco que pode fazer mal ao preto e por isso exigiram que eu voltasse a entregá-lo ao branco, pois não podíamos guardá-lo e é isso que venho fazer, sem que isso represente quebra de amizades.

Tentei por todas as formas explicar ao soba e seu séquito o que era um relógio, como com ele se media o tempo, como funcionava com a corda que se dava e como tocava a campainha e para que estu servia.

Foi trabalho em vão, não houve forças humanas nem argumentos que o convencessem a aceitar o relógio despertador e ri-me, a dular, do horror e pavor que se refletia na cara de todos aqueles selbagens, quando eu insistia para levarem outra vez o relógio.

Por fim aceitei o despertador dando ao soba em troca umas contas de missangas de muito menos valor, com as quais se foram todos embora muito contentes.

Foi um episódio que jâmais esquecerei e me lembrará, sempre, o dia de Natal de 1913!

CORONEL ANTONIO BRANDÃO DE MELLO



**M. G. Lange & C.º Lda.**

—CAIXA POSTAL N.º 211—

— TELEFONE N.º 300 —

**LUANDA**

ENDEREÇO TELEGRAFICO:

EGNAL

**Gerente — HANS SCHNEEMANN**

AGENTES GERAIS EM ANGOLA DE:



Perutz Trockenplatten Fabrik

FILMS E CHAPAS DE

— FAMA MUNDIAL. —

o material que encanta tanto o profissional como o amator pelas optimas qualidades



Vereinigte Koeln-Rottweiler Pulver fabriken

O cartucho do bom caçador

Rottweiler encarnado e preto

(cartuchos para caçadeiras, todos — os calibres) —



Berlin Karlsruher Industrie Werke—A. G.

o cartucho de bala de segurança absoluta —

“NICORPO”

— D W M. —

**POLYDOR**

Discos de gramofone

A fabrica que conta como seus colaboradores, os melhores cantores portugueses —

**Z E I S S**

binoculos para caça, turismo, teatro, etc.

**Executamos encomendas pagaveis em Angolares para qualquer artigo estrangeiro** — Consultem o nosso mostruario na Rua Pereira Forjaz 37-1.º (por cima da

Algodoeira Colonial)





# UM ASPECTO DA ASSISTENCIA MÉDICA AOS INDIGENAS EM ANGOLA

pelo Dr. A. DAMAS MORA  
DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E HIGIENE

O Serviço de Assistência Médica aos Indígenas, apesar dos excelentes resultados obtidos, e que são do domínio público, está condenado a marear passo dentro dos acanhados limites a que o circunscreveram, e até a delinhar, se não entrar em colaboração com os outros departamentos da pública administração, pelo menos com aqueles que mais de perto se relacionam com a vida social do preto, e tem interesse no progredir das comunidades nativas.

Quero dizer que tem de fazer-se marcha atrás e voltar a reconstituir a Comissão de Assistência aos Indígenas, tal como foi delineada no diploma 452 de 1926.

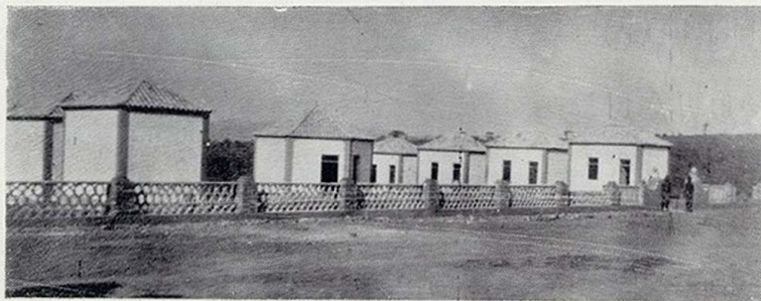
O Serviço de Assistência Médica aos Indígenas nesta Colónia foi inspirado nos princípios da Higiene Social, ou Preventiva. Ora, a Higiene Social não é um Serviço Médico; é um Serviço Administrativo orientado, na parte relativa ao bem estar físico da colectividade, por um técnico dos Serviços da Saúde. Só pôde

missão, eram nela dispendidos assuntos de interesse para os indígenas, inteiramente estranhos à medicina.

Em má hora foi extinta a Comissão, e reduzida, a Assistência Médica aos Indígenas, a simples campanha contra a moléstia do sono. Não obstante os meus esforços, não consegui, passada a onda de destruição, fazer compreender a necessidade de voltar-se à orientação do Diploma 452. Tenho sossobrado perante o desconhecimento ou a indiferença por parte daqueles que poderiam decidir a questão.

No entanto, à margem da legislação, o pessoal médico da Assistência tem encontrado em muitos dos administradores de circunscrição, e na antiga Direcção dos Negócios Indígenas, e sobretudo nos Governadores dos distritos do Cuanza-Norte e do Congo, excelentes colaboradores para a Obra comum. Assim se tem conseguido medidas de largo alcance para a vida das tribus indígenas, tais como a deslocação — quasi completa no Congo e muito adelantada no Cuanza-Norte — das sanzalas indígenas para locais distantes dos focos glossinicos, em geral, para junto das estradas; a criação de granjas anexas aos postos sanitários permitindo hospitalizar número anual de doentes para cuja sustentação mensal não chegaria toda a verba inscrita no orçamento; e auxilio pronto e eficaz na edificação definitiva de postos sanitários dos quais temos actualmente 145 construídos de novo, ou remodelados de há dois anos para cá.

Deveríamos entrar agora na etapa de dar às povoações indígenas um mínimo de condições sanitárias, erigir maternidades, crèches, fazer entre os pretos propaganda de preceitos higiénicos; elevá-los socialmente enfim.



SANZALA-ENFERMARIA DR. DAMAS MORA PARA INDIGENAS EM CALULO (LIBOLO)

ser eficaz se resultar da colaboração de todos: funcionários e particulares.

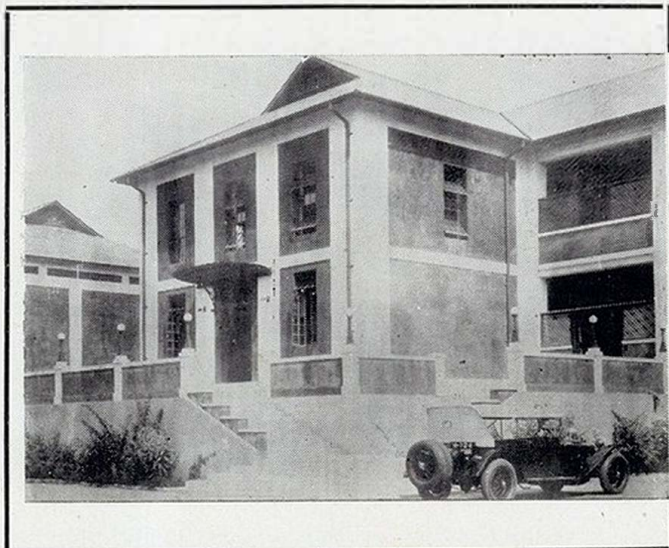
Era este o pensamento do legislador que criou a Comissão de Assistência aos Indígenas, presidida pelo Alto Comissário ou pelo Governador Geral, e tendo como vogais os Directores dos Serviços de Administração Política e Civil, dos Serviços de Fazenda, dos Negócios Indígenas, dos Serviços de Saúde, das Obras Públicas, das Missões religiosas e mais, no regime dos Altos Comissariados, os Secretários Provinciais. Competia-lhe resolver superiormente os problemas relativos à vida indígena.

Nas sessões da Comissão, cujas actas foram publicadas no Boletim da Assistência aos Indígenas, tratou-se, é verdade, quasi exclusivamente da Assistência Médica. Porém isso dependeu, não do Estatuto daquela congregação, mas da psicologia dos seus vogais, para os quais a prestação da Assistência Médica era o problema de maior urgência a resolver. Contra esse modo de ver se manifestou por várias vezes o Director dos Serviços de Saúde, e efectivamente, nos últimos mezes de vida da Co-

Mas essa tarefa não pôde ser empreendida sem o serviço médico ter assegurada a colaboração e o interesse de todos os outros serviços públicos e do Governo Geral. E isso só pode realizar-se pelo restabelecimento da Comissão de Assistência aos Indígenas, e de um Fundo próprio para o qual contribuirão, principalmente, por maneira directa ou indirecta, os próprios indígenas beneficiados.







# HOTEL

GERIDO PELA  
Companhia Internacional  
das Carruagens-Camas  
e dos Grandes Expressos  
----- Europeus -----

## Terminus LOBITO

— PROPRIEDADE DO CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA —

Hotel de primeira ordem, situado sôbre o Oceano, a 200 metros da estação do caminho de ferro e a 600 metros do cais de desembarque—Estância agradável  
Todos os quartos com w.c. e casa de banho—Galeria privada para cada um dos quartos—Luz electrica — Agua corrente quente e fria—Sala de leitura—Sala de fumo—Grande Sala de restaurante—Cabeleireiro—Concerto

### PREÇOS POR DIA (quarto e pensão)

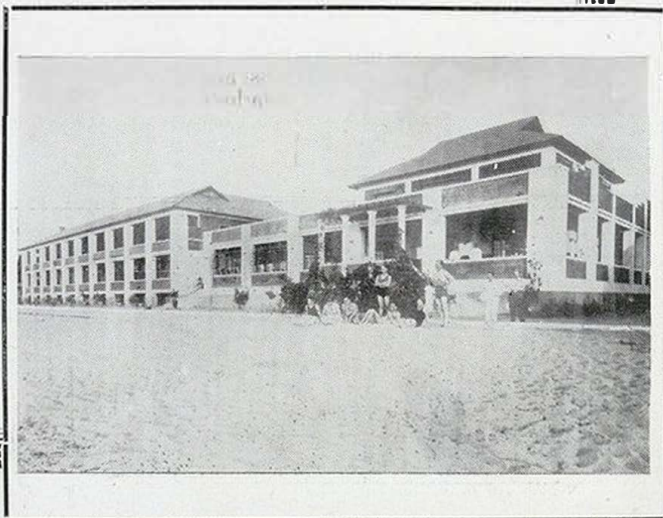
Para 1 pessoa Angolares 110,00  
" 2 " " 180,00

### PREÇOS PARA MEIO DIA (quarto e uma refeição)

Por pessoa Angolares 50,00  
Primeiro almoço » 12,00  
Almoço . . . . . » 12,00  
Jantar . . . . . » 24,00

### SERVIÇO POR LISTA

**Agencias Wagons-Lits // Cook**  
intérpretes à chegada dos navios e d. s  
comboios





## A modelar organização de um despachante oficial da Alfândega do Lobito



Apresentando neste número especial as várias manifestações de trabalho e de acção desenvolvidas na Colónia, não podemos deixar de focar a organização sólida e metódica do nosso amigo sr. Joaquim Leitão, despachante oficial da Alfândega do Lobito.

Espirito de raro empreendimento, em poucos anos de persistente e honesto trabalho, conseguiu marcar uma posição segura, dentro do seu *metier*.

Joaquim Leitão, hoje, é um despachante com os seus serviços montados sob moldes modernos agregando à sua volta um grupo de empregados—seus colaboradores, portanto—conhecedores de todo o serviço alfandegário, proporcionando assim aos numerosos clientes o melhor tratamento dos seus assuntos.

Quis o espirito remodelador do sr. Joaquim Leitão não se limitar ao simples recinto que lhe é reservado na Sala dos Despachantes, por ser já acanhado para o volume da sua grande clientela e complexa engrenagem de que resulta uma admirável organização.

Esse recinto, é destinado agora somente ao desenvolvimento do trabalho mais em contato com a Alfândega.

Os outros serviços, onde os assuntos dos seus clientes—escrita, correspondência e expediente—são tratados com toda a atenção e carinho, encontram-se instalados em edificação própria, num belo prédio construído propositadamente para tal fim, no Bairro Comercial, cujo futuro lhe está assegurado por um movimento interessante que bem justifica a escolha do local.

Nesse edifício, que a nossa gravura reproduz, encontra-se o escritório propriamente dito—representado também na gravura abaixo—tendo de um lado e outro, em vias de conclusão, dois belos salões onde o sr. Joaquim Leitão tenciona instalar um mostruário permanente de produtos coloniais e metropolitanos, serviços de larga informação, etc. etc.

Todo o exportador e importador que entregue no Lobito a Joaquim Leitão os seus despachos, fica pois com a certeza de que os seus interesses são tratados com atenção, dentro de uma organização modelar e sólida, digna de todos os encômios e da nossa admiração.



## COMPANHIA GERAL DOS ALGODÕES DE ANGOLA

(COTONANG)

Fundou-se a Companhia Geral dos Algodões de Angola em 1926, á sombra do Decreto n.º 11.994 que, nesse ano, foi promulgado com o objectivo de proteger e de largamente promover entre os indigenas o desenvolvimento da cultura de algodão. Dentro das finalidades da lei, e depois de cuidadosos estudos, a Companhia fixou-se no distrito de Malange, escolhendo, para campo da sua actividade, uma região que abrange hoje as circunscrições civis de Duque de Bragança; Cambo; Bondo e Bangala e Camaxilo.

Nunca os indigenas ali se haviam dedicado ao algodão e isso basta para avaliar bem o trabalho que a Companhia tem tido necessidade de desenvolver para interessar primeiro, e ensinar depois, a milhares de indigenas, os processos mais práticos e racionais de tal cultura.

O seu esforço e resultados dele colhidos, estão patentes no seguinte quadro das produções de algodão em caroço, obtidas desde o primeiro ano de trabalho até hoje:

Ano	Produção (Toneladas)
1927	57
1928	66
1929	112
1930	258
1931	339
1932	488
1933	1.085
1934 (previsão)	1.500

Nos termos da lei, toa a produção indigena é adquirida, sob a fiscalização das autoridades administrativas e segundo um preço de compra fixado oficialmente, em mercados indigenas, presentemente a funcionarem em Cuale; Cambo-Camana; Bange-Augola; Marimba; Massango; Quela; 5 de Outubro; Lui; Mussolo; Tala Mugongo; Cuango e Luremo.

A Companhia dispõe de fábricas de desgranamento de algodão e oficinas em Quela; Nã-Muteba; Cambo-Camana; Cuale; Massango; longo; Mussolo e Marimba.

De 1927 a 1934, sóbe a Ags. 2.850.000,00, aproximadamente, a importância paga aos indigenas pelo algodão.

Está calculado em 20.000 o número actual de cultivadores indigenas, e em cêrca de 3.000 hectares a área já por eles cultivada. As importantes produções dos dois últimos anos, mostram claramente que os pretes vão compreendendo a extraordinária vantagem que lhes oferece a cultura do algodão, juntamente com a qual outras lhes são aconselhadas, como a do milho e do feijão. Empregues sementes escrupulosamente seleccionadas, e perfeitamente já aclimatadas, tudo indica que um brilhante futuro está assegurado não somente á Companhia mas igualmente ao distrito de Malange, cuja economia tanto aproveita já com o facto.

A *Cotonang* tem presentemente ao seu serviço: 14 europeus; 17 monitores indigenas; 5 capatazes indigenas e 450 trabalhadores indigenas nas fábricas e oficinas.

Os transportes mecânicos são todos garantidos á indústria particular do distrito.

No ano de 1933-34, contribuiu a Companhia com a importância de Ags. 46.500,00 para estradas, e com a importância de Ags. 180.765,00 para prémios ás autoridades, nos termos da lei.

E' seu propósito agora estender até ao Moxico o seu campo de acção, promovendo, também entre os indigenas, a cultura de algodão em Calunga-Cameia e em Vila Luso.

Embora resumidos estes elementos, eles bastam para mostrar quanto a Companhia Geral dos Algodões de Angola tem direito a ser considerada como um dos melhores e mais úteis valores económicos desta Colónia.

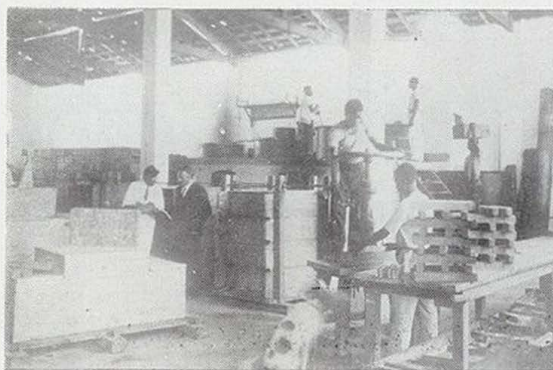




# Herculano Ferreira, L.<sup>da</sup>

CAIXA POSTAL 198 — TELEFONE 242  
Teleg.: MANTIMENTOS  
AVENIDA GOMES DE SOUZA  
LOANDA

**Fabrica de Sabão «AGUIA»  
Torrefacção e Moagem de Café «SUPERFINO»**



## Gota Reumatismo

Detenha e combata estas doenças com o Atophan. Acalma as dores, faz diminuir as inflamações e elimina o excesso de acido urico, atacando, pois, o mal pela raiz. É o medicamento especial recomendado pelos medicos mais distintos.

### Atophan

Tubos de 20 comprimidos



**Á venda em todas as Farmacias**

DEPOSITARIO GERAL PARA TODA  
— A COLONIA DE ANGOLA —

### LOUIS GOLDSCHMIDT

CAIXA POSTAL 366

— LOANDA —

## Setas & Irmão

COMERCIO GERAL  
Caixa Postal 80—Telefone 412  
LUANDA



**COM VENDAS POR GROSSO E  
A RETALHO**

— ARMAZEM DE VIVERES —  
— VINHOS FINOS E DE PASTO —  
— LOUÇAS DE SACAVEM E FERRO —  
— ESMALTADO —  
— TODOS OS ARTIGOS PARA PER-  
— MUTA COM O GENTIO —



### PREÇOS DE CONCORRÊNCIA



# Costa & Baptista, Lda.

**FARMACIA CENTRAL**

A de maior movimento da Colónia

Todas as especialidades farmaceuticas—nacionais e estrangeiras

**GRANDE DEPOSITO DE: Drogas—Produtos quimicos—Instrumentos cirurgicos e optica—Acessórios de farmacia e de laboratórios.**

**Perfumes e artigos de higiene**

**IMPORTADORES DIRECTOS**

**SAIS DE FRUCTOS**  
**FARTRAL**



Apreciados em toda a Colónia, como sendo os melhores

**Depositarios exclusivistas dos Laboratórios Saúde-Lisbôa—Kevel-Porto—do Laboratório Chemioterapico Italiano (neo-I C I)—Apyrol etc.**

**Fornecedores de Farmacias, Hospitais, Fazendas Agricolas e Companhias de Navegação.**

Todos os produtos dos Laboratorios Sanitas, Pasteur, ( **Lisbôa**  
Normal, Higiene, Gama, J. J. Fernandes e Sicla  
Isis e Estacio — **PORTO** Lux e Minerva—**COIMBRA**  
e outros nacionais e estrangeiros

**Execução rápida de encomendas para toda a Colónia**

Caixa Postal 204—Telefone 262—Endereço Telegrafico **Fartral**





Lafayette 934

a primeira  
entre as  
primeiras



S.T.A.

FABRICA

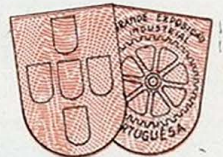
TRIUNFO

ELISABETHVILLE 1931



MEDALHA D'OURO

LISBOA 1933



GRANDE PRÉMIO D'HONRA

os melhores  
cigarros  
picados  
charutos

*as mais altas classificações em todas  
as exposições a que tem concorrido*

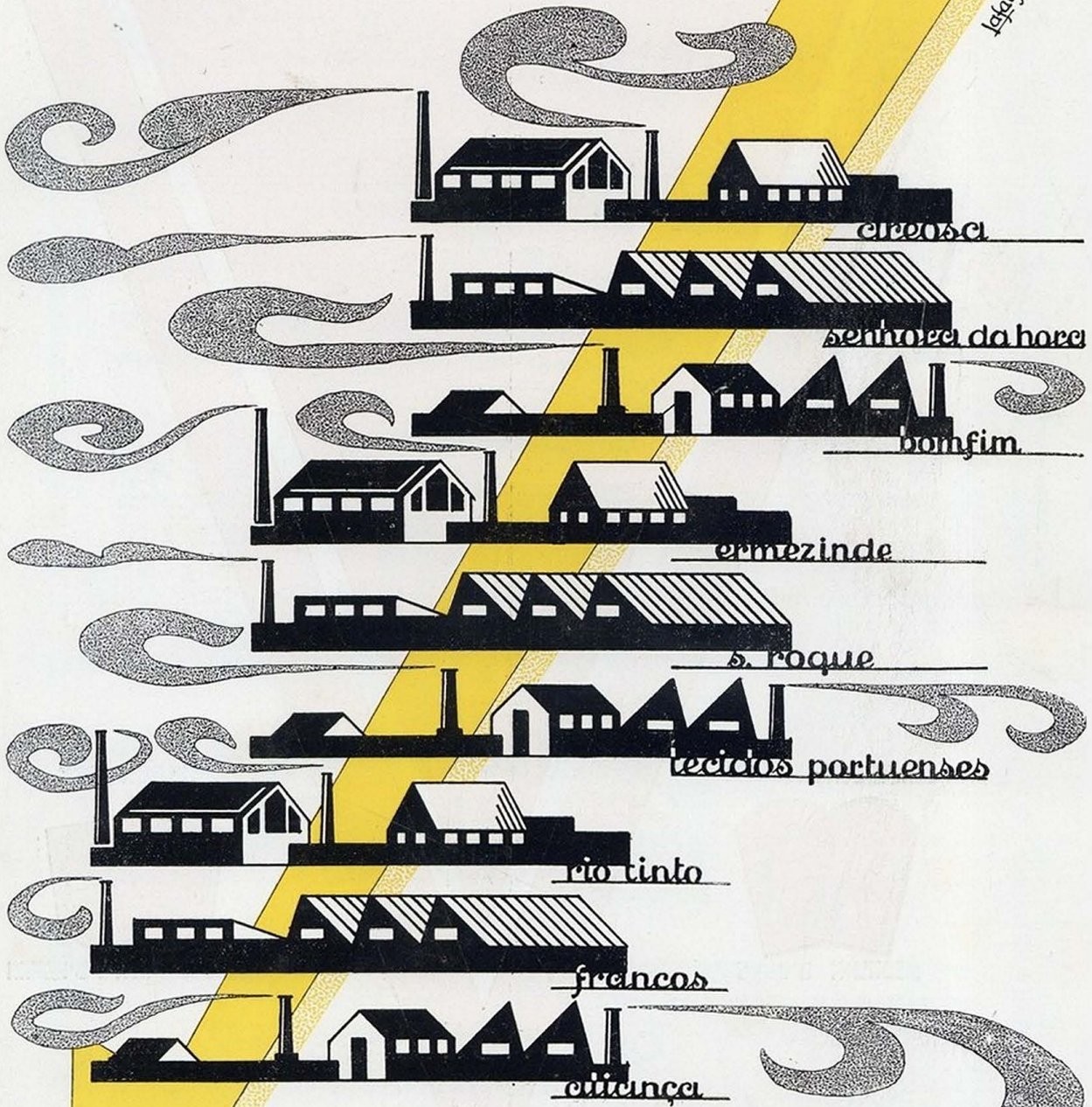
*Sociedade Industrial dos Tabacos de Angola, Lda*

**LUANDA**



servida por 9 fábricas  
suas associadas

Leclayette 934



ci

**Algodão de Colônia, Lda**

oferece os seus tecidos irregulares  
em excelência de preço e qualidade

Lisboa \* Luanda \* Nova Lisboa



# Figueiredo & Irmão, Limitada

**A primeira organização comercial no distrito de Benguela**



**Artur de Figueiredo Agostinho**  
Sócio da firma Figueiredo & Irmão, Limitada,  
a quem está confiada a direcção dos negócios  
em Africa

Ocupa esta firma um lugar de merecidorelevação só no meio comercial de Benguela, como no de toda a Colónia. São seus actuais socios fundadores os dois irmãos Srs. Antonio e Artur de Figueiredo Agostinho. Pessoas dotadas de apreciáveis qualidades de trabalho, habéis orientadores dos seus negócios, eles tem dedicado a sua actividadeespecialmente ao engradecimento da firma de que fazem parte. Fundou-se em 1916 na ridente povoação da Bela Vista, interior do Distrito de Benguela, e, num progresso continuo, veio estabele-

cer-se em Benguela no ano de 1920, abrindo pouco depois escritorio em Lisboa, onde tem a Sede Social, á Rua dos Sapateiros N.º 159-1.º, Dt. E' hoje, sem duvida, a firma mais importante da praça de Benguela, sendo disso indicador eloquente o facto de nos anos de 1932 e 1933 ter conquistado o primeiro lugar como importadores e exportadores, entre todas as actividades do distrito. A sua exportação no ano findo, pelos portos de Benguela e Lobito, atingiu 16:42.673 quilos, o que se pode considerar um verdadeiro *record*, e foi constituída por todos os generos de produção do distrito de Benguela, especialmente, milho, trigo, feijão, arroz, couros de beí, cera e oleaginosas. Nos seus amplos armazens de Benguela, principal estabelecimento da firma, tem enormes *stocks* de mercadoria directamente importada dos principais centros produtores do mundo. Dedicá-se especialmente a vendas por atacad, fornecendo grande parte do comercio do sul da Colónia, nomeadamente do litoral e de todo o interior de Benguela,

alargando tambem as suas operações ás praças de Mossâmedes, Sá da Bandeira, Huila, etc. A direcção dos negocios de tão importante firma está confiada á larga experiencia e probidade dos seus únicos socios, gerindo a Sede o Sr. Antonio de Figueiredo Agostinho, que em Lisboa se encontra desde 1923, e os negócios gerais em Africa estão sob a proficiente direcção do Sr. Artur de Figueiredo Agostinho.

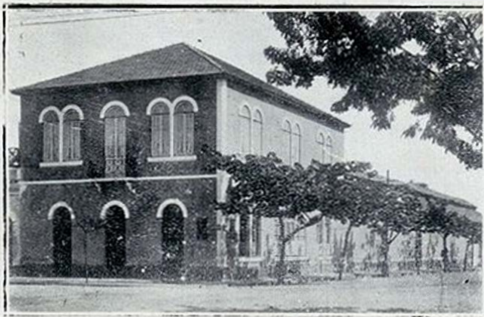
E' desde 1930 que o desenvolvimento desta importante casa mais se tem notabilizado.

Mas, não fica por aqui a acção verdadeiramente gigantesca dos dois grandes homens de negocios que são os socios da firma **Figueiredo & Irmão, Limitada**.

Não tem cuidado sómente de desenvolver o ramo comercial, mas ainda tem empregado largos capitais em bons predios, o que de certo modo contribue tambem para a valorização e desenvolvimento da Colónia. Além doutros, adquiriram em 1932 o magnifico edificio de Benguela em que tem instalados os seus negocios, e tambem ha pouco concluíram na cidade de Nova Lisboa a edificação dontro bellissimo prédio, onde funciona o CINE-AVENIDA e estão instalados os negocios da firma ARMANDO LOPES & C.ª, cujas fotografias aqui vão publicadas. Iniciaivas desta natureza bem merecem os mais rasgados encómios, e arquivando nesta pagina os retratos dos dois grandes comerciantes que são os Srs. Antonio e Artur de Figueiredo Agostinho, rendemos homenagem ás suas qualidades de trabalho e aos seus comprovados dotes de intelligencia.



**António de Figueiredo Agostinho**  
Sócio da firma Figueiredo & Irmão, Limitada,  
a quem está confiada a Direcção dos negócios  
em Lisboa



Edificio que a firma Figueiredo & Irmão, Limitada, recentemente adquiriu em Benguela e onde tem instalados os seus negocios

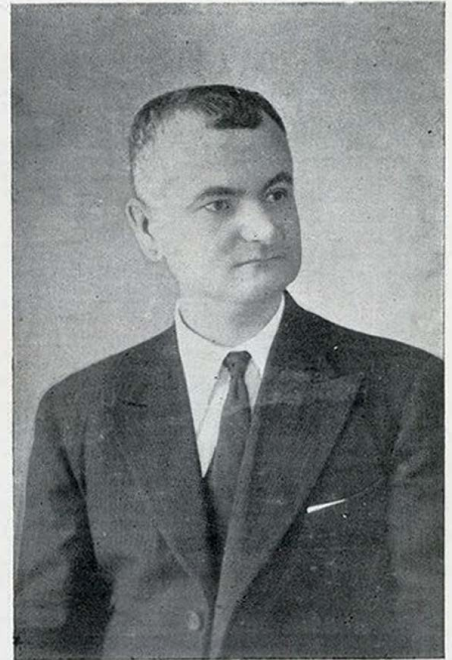


Predio construido pela firma Figueiredo & Irmão, Limitada, em Nova Lisboa, á Avenida 5 de Outubro.



# UM ASPECTO DA ECONOMIA DE ANGOLA

por MANUEL NUNES FARINHA  
CHEFE DA R. PARTIÇÃO CENTRAL DOS SERVIÇOS ADUANEIROS



**M**UITO se tem dito e escrito sobre a riqueza de Angola. Não tenho a pretensão de trazer nada de novo sobre o assunto ao conhecimento das pessoas que por estas cousas se interessam. A minha contribuição tem, apenas, por fim, reavivar ideias e aproximar números já conhecidos.

Até hoje, as actividades que mais tem contribuído para a economia da Colónia são a agricultura, a extracção de diamantes, a indústria de pesca e a pecuária.

É certamente por muito tempo ainda, quasi que exclusivamente, teremos de contar com essas actividades para fazer face ás necessidades da Colónia.

Mas, é indispensavel alargar consideravelmente o campo das actividades angolanas, afim de conduzirmos a Colónia a uma situação económica melhor do que a presente.

A exportação de Angola, em 1953, atingiu o valor de Ags. 246.865.819.

Esse valor está assim representado:

1) - ACTIVIDADE AGRICOLA :	ANGOLARES
Milho . . . . .	50.012.777
Café . . . . .	37.873.571
Açúcar . . . . .	27.188.650
Trigo . . . . .	10.311.785
Óleo de palma . . . . .	5.730.353
Coconote . . . . .	5.494.600
Algodão em rama . . . . .	4.261.668
Sisal . . . . .	3.080.367
Tabaco em folha . . . . .	973.100
Feijão . . . . .	550.434
Ricino . . . . .	868.504
Fuba de mandioca . . . . .	495.284
Cacau . . . . .	479.630
Gergelim . . . . .	476.161
Arroz . . . . .	467.909
Ginguba . . . . .	382.085
Mandioca secca . . . . .	297.606
Forragens . . . . .	232.443
Desperdícios de sisal . . . . .	230.535
Fuba de milho . . . . .	174.870
Gômas . . . . .	95.833
Centeio . . . . .	70.302
Batata . . . . .	36.737
Resíduos de café . . . . .	27.900
Sementes de algodão . . . . .	19.317
Grão de bico . . . . .	17.824
Farinha de trigo . . . . .	13.031
Tabaco não especificado . . . . .	11.975
Frutas frescas . . . . .	11.091
Hortalicas frescas . . . . .	9.115
Especiarias . . . . .	7.559
Legumes frescos . . . . .	6.822
Cebolas . . . . .	5.910
Amido . . . . .	5.289
Óleo de ricino, para usos industriais . . . . .	1.335
Sementes para a agricultura . . . . .	706
Óleo de amendoim . . . . .	396
Ervilhas . . . . .	372
Linbaça . . . . .	240
Plantas vivas . . . . .	100
Girasol . . . . .	90
Tremoços . . . . .	52
<b>Total</b> . . . . .	<b>150.331.764</b>

## 2) - ACTIVIDADE INDUSTRIAL :

	Angolares
Diamantes . . . . .	70.425.183
Peixe seco . . . . .	6.147.762
Peixe em conserva . . . . .	1.601.301
Minério de cobre . . . . .	458.794
Guano de peixe . . . . .	4.6176
Sal . . . . .	231.242
Peixe em salmoura . . . . .	118.476
Tabacos em cigarros . . . . .	42.125
Óleo de peixe . . . . .	37.410
Peles curtidas . . . . .	31.542
Gelo . . . . .	29.591
Sabão . . . . .	25.955
Melaço . . . . .	23.384
Peixe fresco . . . . .	29.157
Massas para sopa . . . . .	3.316
Cal . . . . .	1.260
Produtos cerâmicos . . . . .	1.200
Tabaco em charutos . . . . .	1.150
Alcool . . . . .	960
Cordame . . . . .	900
Alcool desnatado . . . . .	648
Madeira em obra, não esp. . . . .	600
Pasta de peixe . . . . .	188
<b>Total</b> . . . . .	<b>79.600.850</b>

## 3) - ANIMAIS E PRODUTOS ANIMAIS :

(Com exclusão dos produtos da pesca)

Cera . . . . .	8.557.369
Peles de gado vacum . . . . .	3.606.005
Gado vacum . . . . .	3.450.402
Carne frêsea . . . . .	334.195
Peles em bruto, não esp. . . . .	68.734
Gado suino . . . . .	52.320
Aves . . . . .	22.766
Gado caprino . . . . .	2.311
Banha de porco . . . . .	12.102
Animais vivos, não espec. . . . .	5.581
Carnes secas . . . . .	6.272
Gado lanigero . . . . .	6.133
Carnes em salmoura . . . . .	1.640
Toucinho . . . . .	320
<b>Total</b> . . . . .	<b>16.152.360</b>

## 4) - Restantes . . . . .

Soma . . . . .	739.305
<b>Total</b> . . . . .	<b>246.863.819</b>

A exportação foi destinada:

A Metropole . . . . .	140.495.144
A's Colónias Portuguezas . . . . .	4.308.387
Ao Estrangeiro . . . . .	101.368.546
Consumo de Navios . . . . .	691.742
<b>Total</b> . . . . .	<b>216.863.819</b>



# Um aspecto da economia de Angola

(Continuação)

Vêmos, assim, que a actividade agrícola da Colónia contribuiu para a exportação de 1933 com cerca de 60,896 %; a actividade pecuária (exportação de animais e produtos animais, com excepção da cêra e dos produtos da pesca), com 3,078 %; a indústria extractiva com 28,707 %; a indústria da pesca com 3,384%; as restantes indústrias com 0,159 % e as restantes actividades com 3,776 %/.

Não contando com os diamantes, a Metrópole importou 79,7 % da exportação de Angola, as restantes Colónias Portuguezas 2,5 % e o Estrangeiro 17,5 %, restando 0,3 % para consumo de navios.



Importação em 1933, por origens

A importação da Colónia, no mesmo ano, foi de Ags. 175.970.152

As mercadorias importadas foram originárias: Ags.

Da Metrópole	97.054.340
Das Colónias Portuguezas	2.47.087
Do Estrangeiro	78.635.933
De Navios	12.792
<b>TOTAL</b>	<b>175.970.152</b>

Ou seja, 55,15 %, 0,11 %, 44,63 % e 0,002 %, respectivamente

Entre os produtos importados figuram:

	Unidades	Quantidades	Ags.
Tecidos em peça ou em obra (*)	Quilos	2.160.472	5.5334.393
Vinhos comuns	Litros	7.500.608	16.192.55
Carvão de pedra	Quilos	37.380.743	7.709.084
Gazolina	—	3.989.024	6.040.478
Azeite de oliveira	Litros	506.158	4.025.979
Ferramentas para agricultura, jardinagem, artes e officios	Quilos	582.730	3.681.379
Calçado não especificado	—	73.377	2.5014.44
Sacos de grossaria	Quilos	754.589	2.585.372
Cerveja	Litros	381.517	2.5534.84
Cimento	—	8.429.47	2.495.736
Mercadorias não especific.	—	17.808.052	72.549.748
<b>TOTAL</b>		<b>79.566.152</b>	<b>175.970.152</b>

Verifica-se, assim, que o saldo positivo da balança comercial de Angola, em 1933, foi de Ags. 78.635.933, ou seja, sensivelmente, o valor dos diamantes exportados no mesmo ano. (Ags. 70.425.485).

Duma maneira geral a produção agrícola de Angola, tem, e terá durante mais alguns anos, a colocação assegurada no mercado da Metrópole.

Podemos ainda aumentar consideravelmente a nossa produção de algodão e arroz, e mesmo de trigo, sem grandes preocupações pelo que toca à sua colocação nos mercados consumidores.

Não poderemos dizer o mesmo quanto à maioria dos restantes produtos agrícolas, se os produzirmos na medida das necessidades económicas da Colónia, e das suas possibilidades produtivas.



Exportação em 1933, por destinos

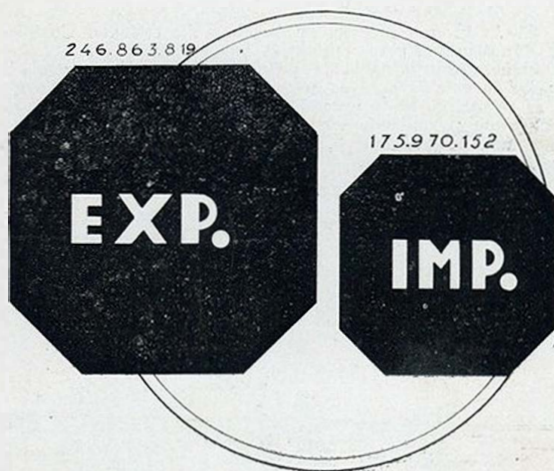
É um problema que convém estudar com antecedencia, e orientar pela forma mais conveniente, não esperando que a experiencia o venha resolver.

Com o nacionalismo, cada vez mais apertado, de todos os paizes, convém que o cálculo resolva os nossos problemas economicos e que o acaso pouco contribua para as soluções.

Precisamos, cada vez mais, saber o que devemos produzir, e qual a medida em que podemos fazer essa produção. É tanto maior terá de ser esse cuidado, quanto mais restrito for o campo em que essa produção se realizar.

Assim: Se houvesse facilidade em colocar a produção pecuária de Angola, poderíamos aumentar rapidamente, em muito, o valor da nossa exportação, atendendo às formidáveis possibilidades da Colónia nesse sentido.

Sendo limitada a colocação e consumo da nossa produção animal e agricola, consumida a Metrópole e até Angola e as restantes Colónias Portuguezas, muitos produtos manufacturados que se importam do estrangeiro, é indispensável dedicarmo-nos mais ao problema da produção, por forma a tendermos para a satisfação das nossas necessidades adentro das fronteiras do Império.



Movimento Comercial em 1933

O quadro seguinte mostra-nos que, sem prejuizo da produção metropolitana, poderíamos aumentar a lista dos nossos valores, e dos das restantes Colónias, agindo no sentido de completar, tanto quanto possível, as necessidades do Paiz.

(\*) — Estão incluídos os tecidos compreendidos na classe XIII, com excepção de sacos de grossaria, lonas e tapetes, alcaçofas, passadeiras e encerados.



# Um aspecto da economia de Angola

(Conclusão)

Quadro de algumas das mercadorias importadas pela Metrópole em 1952 e que o Paiz pode produzir:

MERCADORIAS	IMPORTAÇÃO - ESCUDOS		
	Do estrangeiro	Das Colónias Portuguesas	Total
Algodão em caroço, em rama, ou simplesmente cardado, não tinto	117:356.449	7:447.565	124:804.014
Abaca	899.700	—	899.700
Peles em bruto ou preparadas, secas	6:169.172	4:866.182	14:035.654
Peles curtidas, não especificadas	15:126.251	19.310	15:145.561
Cairo em rama; simplesmente torcido ou com 2 cabos	2:502.182	—	2:502.182
Canhamo	434.565	—	434.565
Cascas tanantes	417.395	—	417.395
Crina vegetal	83.920	—	83.920
Juta	3:171.600	—	3:171.600
Linho	1:822.105	—	1:822.105
Madeiras em bruto e serradas	13:842.139	176.685	14:018.824
Marfim vegetal	416.350	—	416.350
Óleo de linhaça	1:808.164	—	1:808.164
Palma	276.380	—	276.380
Piçaba	905.210	—	905.210
Pita	89.980	—	89.980
Resinas, gomas, gomas resinas, óleos resinas, etc.	868.070	3.600	812.870
Rafia	711.463	—	711.463
Sumaúma	383.470	5.884	389.354
Tabaco em folha	23:887.791	1:832.426	25:720.217
Massa para o fabrico de papel	7:630.500	—	7:630.500
Amido e féculas em pedra	155.437	2.600	158.037
Amido e féculas não especificadas	3:277.384	37.729	3:315.113
Tanino	258.775	—	258.775
Cera animal, vegetal ou mineral	135.913	500	136.413
Tintas não preparadas	19:110.781	1.800	19:112.581
Arroz com casca ou em meio preparo	10:586.055	1:976.251	12:562.306
Arroz não especificado	31:849.324	841.372	32:690.696
Farinha de pau e de água	1:617.420	119.637	1:737.057
Celulose para embalagens ou filtros, simples ou misturadas com outras substancias	347.033	—	347.033
Várias qualidades de papel, papelão e cartão	21:077.911	780	21:078.691
Capachos e esteiras de qualquer filamento	50.070	1.344	51.414
Colas sólidas ou pastosas, não espec. (Excepto gelatina, grude ou goma de peixe	476.028	—	476.028
Cordame, cabos, amarras e cordas (excepto de metal)	444.822	—	444.822
Tintas preparadas, não especificadas	5:187.723	—	5:187.723
Vernizes	1:278.983	—	1:278.983
Borracha em obra (pneus, câmaras d'ar, etc.)	21:307.341	—	21:307.341
<b>TOTAL</b>	<b>319:594.756</b>	<b>17:334.265</b>	<b>336:929.021</b>

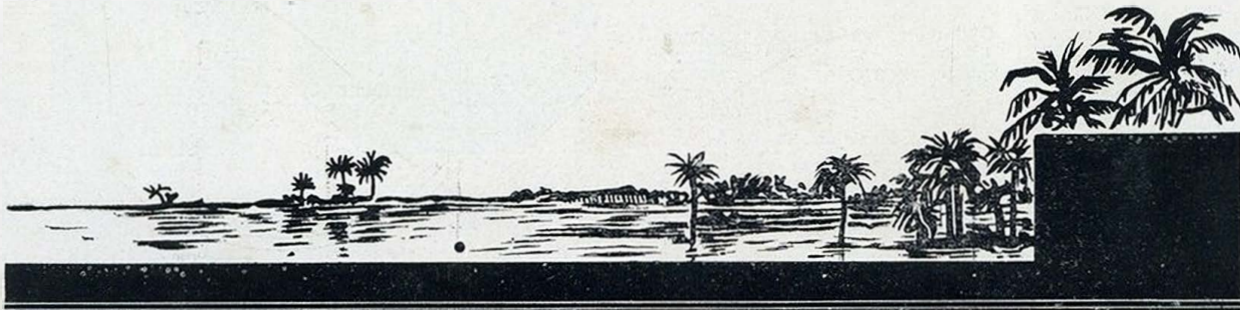
São imensos os recursos de Angola e das restantes Colónias em matérias primas para a produção industrial.

Seria muito interessante organizar-se um plano geral de produção industrial, agrícola pecuária, etc., entrando em conta com as possibilidades e necessidades de cada uma das partes da Nação, plano que poderia ser levado a efeito durante um número de anos mais ou menos largo, consoante as disponibilidades financeiras do Paiz.

Pelo quadro acima se vê que as Colónias deveriam produzir totalmente algumas das mercadorias nele incluídas e as matérias primas necessárias á produção das restantes, e que os resultados teriam influência decisiva na nossa situação económica geral.

É uma ideia que fica posta com toda singeleza e sem pretensões.

Que uela pensem as pessoas que mais competência temo do que eu para o seu estudo.





# União Industrial, Limitada

CAIXA POSTAL N.º 409 —  
TELEFONE N.º 301 — —

**LUANDA**

— END. TELEGRAFICO —  
— « LISBOURO » —

**SEDE EM LISBOA — RUA DOS SAPATEIROS, 62, 2.º**

**AGENTES PARA TODA A COLONIA DOS PRODUTOS DA**

Companhia de Cerveja ESTRELA e Companhia  
Geral de Cal e Cimento (Fabricantes do afamado  
cimento SECIL)

Grandes Armazens de  
Fazendas e Mindezas

Permanente stock de todos  
os artigos proprios para  
permuta

Azeites, Conservas e Carnes  
fumadas das suas fabri-  
cas em Rocio de Abrantes, Lis-  
boa, Olhão, Portimão e Setubal

**COMPRA GENEROS COLONIAIS A'S MELHORES  
COTAÇÕES**

## SOUSA, LEAL & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

SÉDE EM LUANDA

TELEFONE 282 — — CAIXA POSTAL 113

**Endereço telegráfico: SOUAL**

**COMÉRCIO GERAL**

com filiais nas regiões de Encoge, Dembos, Dande e Ambaca

Agricultores de café na Roça Bussaco e Dembos  
começada em 1928 e onde fizeram  
as seguintes plantações de cafeeiros:

1929	...	...	100.000	pés
1930	...	...	250.000	>
1931	...	...	68.000	>
1932	...	...	28.000	>
1933	...	...	48.000	>
1934	...	...	6.000	>

Tendo limpo, podado e beneficiado ainda cêrca de 200  
a 250 mil cafeeiros. espontâneos e sub-espontâneos

Obtiveram já as seguintes colheitas:

1929	...	...	4.000	quilos
1930	...	...	12.000	>
1931	...	...	25.000	>
1932	...	...	50.000	>
1933	...	...	85.000	>
1934	...	...	120.000	>

As amostras do café desta propriedade

— encontram-se na secção respectiva —

— da Exposição Colonial Portuguesa —

## Teixeira Soares, Lda.

End. tel. «Sonia» LUANDA Cx. post. 93

**Comercio Geral**  
**Compra de Generos Coloniais**  
**Importadores de:**

**Cimento Agua Negra**  
**Gasolina e Petroleo Soco**  
**Automoveis e Camionetes**  
**Dodge**

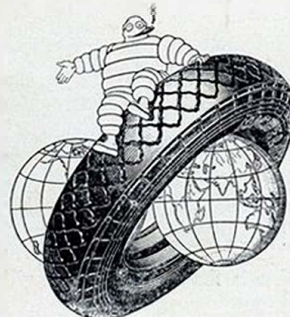
**Artigos de permuta — Aguas mi-  
nerais — Zinco, Tubos de Grez**  
**— Materiais de construção —**

e dos melhores

**Pneus**

e  
**Camaras d'ar**

**Michelin**



**Sempre stock renovado**



# Fazenda Conceição Pinto

DE

## Antonio do Couto

## Pinto

Q U I S S O L  
M A L A N G E

Caixa Postal, 48

Endereço telegrafico: **Topin**

Fabrica de refinação  
de assucar

Indústria — Agricultura  
Pecuária e Comércio  
geral

Agentes e correspondentes em  
Luanda

### Robert Hudson & Sons, Lda.

Rua Farinha Leitão (Bungo)

## ANTONIO DOS SANTOS, LDA.

TELEFONE, 175 — CAIXA POSTAL, 192  
TELEGRAMAS : « LISANDA »

LARGO DO ALMIRANTE      L U A N D A  
BATISTA DE ANDRADE      FILIAL EM MALANGE

AGENTES DE:

VACUUM OIL. C.º INC. em Malange	salão (Eley, Kynoch e Nobel)
IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, LIMITED	SOLIGNUM, LIMITED
Munições de caça e de	Tintas anticorrosivas
	Máquinas de escrever
	«UNDERWOOD»

ARMAZENS DE:

Materiais de construção	as artes e officios
Cutelarias	Aprestos para embarcações
Ferragens	Espingardas de chumbo e de
Louças e vidros	bala para caça, sempre em
Vidraça	«stock»
Madeiras da Colónia	Flauberts Calibres 22,9, 12 e
Cal virgem	1,4 <sup>m</sup> / <sub>7</sub> <sup>m</sup>
Tintas e vernizes	Todas as munições e apetre-
Ferramentas para todas	chos de caça

**Fábrica de Serração e Aparelhagem  
de Madeiras, movida a electricidade—For-  
necimento de energia eléctrica para luz**

O Estabelecimento  
de

## MODAS

de

# Quintas & Irmão

**RECEBE**

em todas as estações, as ul-  
timas novidades

Execução de encomendas à  
cobrança

Caixa Postal n.º 155  
**Luanda**



# AIAL

## A Industrial Alimentícia de Luanda

DE

### *Silva & Ferreira, Limitada*

FABRICA DE MASSAS  
— — ALIMENTÍCIAS — —

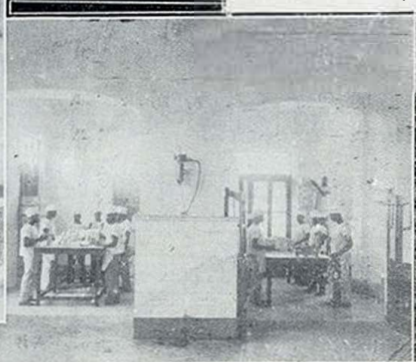
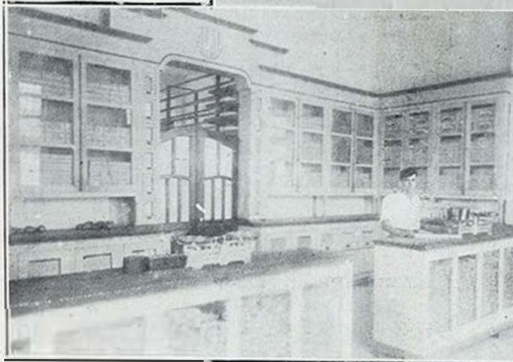
CAIXA POSTAL, 394 — TELEFONE, 4  
End. Telegráfico: AIAL

Instalada em edificio novo, exclusivamente construido para este fim, esta Fabrica está esmeradamente montada, achando-se provida dos maquinismos mais modernos e aperfeiçoados,



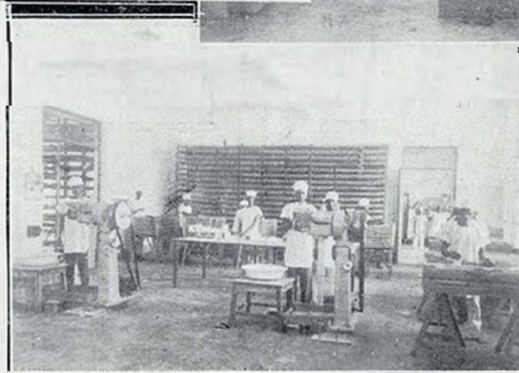
gidas para estabelecimentos desta natureza.

Esta fábrica, que está instalada de modo a produzir tôdas as qualidades de massas produzidas nas melhores fábricas da Métropole, é dirigida



que são movidos a electricidade.

Tôdas as suas instalações: fábrica, secagem, fornos, casa de vendas, habitações do pessoal trabalhador, etc., etc., estão feitas em obediência ás máximas condições de asseio e hygiene exi-



pela firma Silva & Ferreira, Ltd., da qual fazem parte os srs. Augusto Antero Ferreira da Silva, Eduardo Nunes Ferreira e Manuel Cardoso Moreira, antigos comerciantes e industriais.

Maquinismos Modernos ———  
——— Manipulação Esmerada

Materias primas de primeira qualidade  
Os mais modernos e higienicos processos de fabrico



# Lemos, Figueiredo & C.<sup>a</sup>, Lda.

Antiga Casa FREIRE  
Fundada em 1889

O MAIS COMPLETO E VARIADO SORTIDO EM ARTIGOS PARA BRINDE EM

## OURO, PRATA E PEDRAS FINAS

para senhoras, homens e crianças

Grande stock de relógios de bolso e pulso,  
em ouro, prata, aço e metal  
«Cromé» para homem e senhora

Magníficos despertadores de variadíssimas  
marcas e Grande e variado sortido em relógios  
de pendula para mesa e parede

Artigos de precisão para levantamentos topográficos,  
e o mais completo sortido de artigos de ótica

**PREÇOS SEM COMPETÊNCIA  
ENCOMENDAS À COBRANÇA**

OURIVESARIA, RELOJOARIA E JOALHARIA

AVENIDA SALVADOR CORREIA — LUANDA

Também compram e pagam aos melhores preços, objectos ou moedas de ouro e prata

# AGENCIA FUNERARIA A TRASMONTANA

— DE —

CARLOS ERVEDOSA

A CASA MAIS ANTIGA EM LOANDA  
COM MATERIAL  
O MAIS COMPLETO E RICO

**Encarrega-se de todos os assuntos  
referentes à sua industria**

FLORES E PLANTAS ARTIFICIAES EM TODOS  
OS GENEROS E DIVERSAS «MONTURES»

CERA LISA E ENFEITADA

TRABALHOS MODERNOS EM BAINOS E ALTOS  
RELEVOS EM MADEIRA, «METAL»  
«TIBROPLASTIC» E «CARDBOARD»

EXUMAÇÕES — TRASLADAÇÕES

**PREÇOS OS MAIS BARATOS**

RUA PEREIRA FORJAZ, 139 A 143

CAIXA POSTAL N.º 115 — TELEFONE N.º 120

LOANDA

## Companhia da Africa Occidental Portuguesa

Séde em Lisboa: Rua S. Julião, 190-1.º Dto.

**Agricultura — Industria — Pecuária**

Propriedades em: GOLUNGO ALTO,  
CACUACO, QUIFANGONDO E  
LUANDA

**CAFÉ — OLEAGINOSAS — SAL E PEDRA**

Estábulo de gado bovino de puras raças Holandeza e  
Turina — Vacaria — Distribuição de leite

Escritorio da Administração em Africa: Avenida Salvador Correia, 117-119  
Caixa Postal 34 — Teleg. CAOPA — Telefone 97

## Manteigas, Raposo & C.<sup>a</sup>

NA MAIANGA — CASA FUNDADA EM 1901

### MERCEARIA

Os melhores generos alimentícios. Todas as  
marcas de vinhos de pasto, licorosos e qui-  
nados, das melhores marcas

### BOTEQUIM E PENSÃO

cujo reclame é feito pelos seus clientes

### MIUDEZAS

Um grande stock de vidraria, como jarras,  
solitarios, copos para agua e vinho, canecas  
para vinho, licoreiros, etc.

### TALHO NO MERCADO DA CAPONTA

A venda diariamente, carne de vaca, porco e carneiro  
ESPECIALIDADES EM

Murcelas — Farinheiras — Chouriço de sangue

*Virgilio Monteiro*

*Antonio Candido Monteiro*

*João Carlos Rodrigues Coelho*

*Raul Monteiro*

## DESPACHANTES

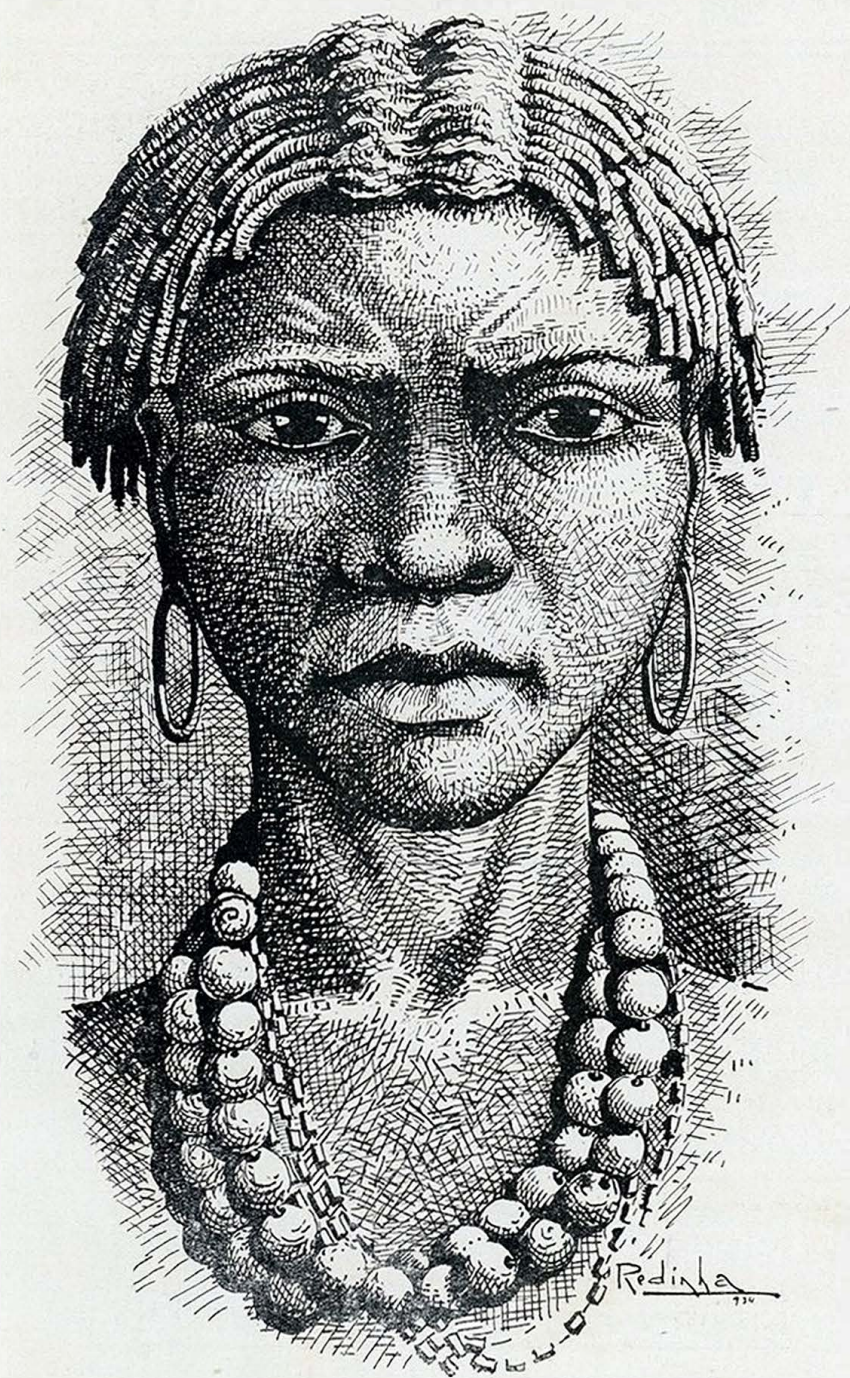
Antigos Agentes e

Representantes da

Colonia Belga

||| ALFANDEGA |||  
DE LUANDA |||





Rapariga MAHUNGO (Congo Português)

Desenho á pena de REDINHA



a província de Angola

# Empresa dos Tabacos de Angola

( E T A )

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Realizado Ags. 8.000:000,00



S É D E  
L U A N D A  
Caixa Postal N.º 338



CODIGOS:  
Guedes — Ribeiro e Bentley's  
Enderêço Telegráfico:  
T A B A C O S

## INDUSTRIA

Fabrica de Cigarros e Picados

Fabrica de Gelo, Refrigerantes e Xaropes

Exportadores de folha de Tabaco para Portugal e Colonias

## AGRICULTURA

Proprietários da Fazenda ALICE  
produtora de Oleo de Palma, Algodão,

— Milho e Tabaco em folha —

e da ROÇA SANTA FÉ — produtora de Café



Reynaud, Lemos & C.<sup>a</sup>, Lda.

Louça esmaltada MINCHIN

Aurelio Antonio Domingos & C.<sup>a</sup>, Lda.

Louça de aluminio

Fabrica das Antas

Pregaria, rede de arame, malha de ferro

Livraria Lello

As melhores edições de autores portugueses e estrangeiros

Manuel Maria de Sousa & Filhos, Suc.

Brochas, escovas, pinceis

Thomaz Cardoso & Filhos, Suc.

Cofres, fogões, moveis de ferro

Julio Ferreira

Chapeus

Meireles, Baptista & C.<sup>a</sup>, Lda.

Vinhos

São firmas representadas por

**Lello & C.<sup>a</sup>, Limitada**

Rua Conde de Vizela n.º 72 - Porto

Delegado em Angola

**RAUL LELLO**

Telefone n.º 157 - LUANDA - Caixa Postal n.º 147

# Pinho & Arvela

TELE FONE - 140  
GRAMAS - PINHO

**Luanda - Caixa Postal 268**

Comissões - Consignações - Conta própria

## ARMAZENS DE

VINHOS, CEREAIS, MERCEARIA  
- E TODOS OS PRODUTOS -  
- - - NACIONAIS - - -



## Representantes de:

Companhia Agricola e Comercial  
dos Vinhos do Porto (antiga  
casa FERREIRINHA) - José  
Domingos de Sá, Limitada -  
Sociedade Vidago, Melgaço e  
Pedras Salgadas - Societarios  
da SITAL

O melhor sortido  
dos melhores generos

# Perreiras, Gonçalves & C.<sup>ta</sup>

CAIXA POSTAL N.º 175

**LUANDA**



Produtores do  
melhor café moído

COMERCIO GERAL

SOCIETARIOS DE:

A. MADEIRA & C.<sup>a</sup>

E DA

SOCIEDADE INDUSTRIAL DOS TABACOS DE ANGOLA, LTD.

# Beltrão, Penna & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Importadores e Exportadores

MATERIAES DE CONSTRUÇÃO

Madeiras, Cimento, Cal, Pedra de Cacuaco, etc.

Armazens de MERCEARIA - VINHOS,  
FERRAGENS, ETC.

- MANTEIGA FRESCA DA CHICUMA -

- - LENHA E SAL DO CAPULO - -

Telefone n.º 30 LUANDA Cx. Postal n.º 17

# Conceição, Setas & Companhia

LOANDA

Importação directa

Armazem de Mercearia, Vinhos e Generos  
coloniais

Vendas por grosso e a retalho

Artigos de permuta com o gentio

Depositarios de

Bernardino de Albuquerque & Companhia,  
(Babaera), especialista no fabrico de banha e chouriço

GRANDES DESCONTOS A REVENDEDORES

80 - Rua Eduardo Costa - 88

Telefone N.º 230 - Teleg. TARAS



# LAGOS & IRMÃO

**IMPORTAÇÃO**

— E —

**EXPORTAÇÃO**

**LUANDA (Angola)**

CAIXA POSTAL N.º 41

TELEFONE N.º 411

Telegramas — S O G A L

**L I S B O A**

RUA S. JULIÃO, 23-2.º

TELEFONE N.º 27.698

Telegramas — S O G A L

**Armazem de tecidos de algodão**

**Sempre em Stock:**

**ENXADAS GENTILICAS**

**SACOS INDIANOS —**

**ALGODÕES CRÚS —**

**RISCADOS —**

**COTINS —**

**CAQUIS —**

**PINTADOS —**

**TAFAXIS —**

**SARJA S. TOMÉ —**

**COBERTORES VIZELA**

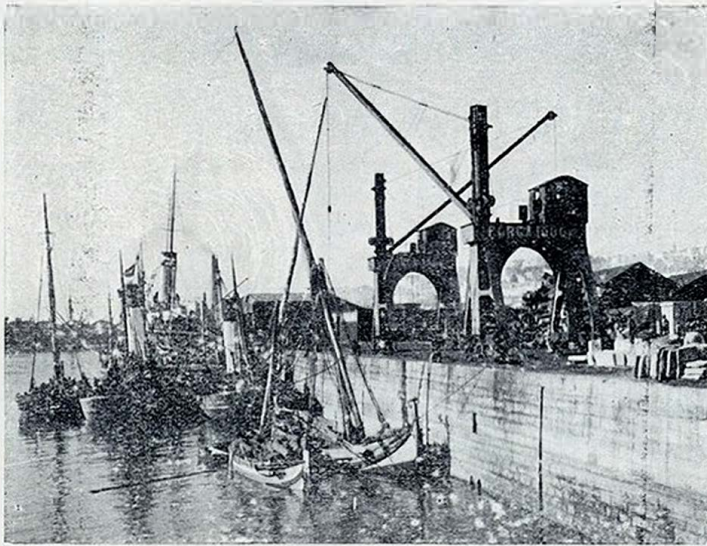
Que vendemos aos

- melhores preços -

*Compra de generos coloniais  
às melhores cotações*

**Correspondentes do Banco Espírito Santo — Lisboa - Porto**





CAIS DO GAZ

# PORTO DE LISBOA

●  
Administração Geral, subordinada  
ao  
Ministerio das Obras Publicas  
e Comunicações

ÁREAS — Molhada 8.515 hectares — Terrestre utilisavel 1.967.682, m<sup>2</sup> sendo 102.285, m<sup>2</sup> de área coberta.

VIAS FÉRREAS — Cerca de 22 km. de comprimento nos entrepostos e cais, ligadas á rede ferro-viaria do País.

CAIS ACOSTAVEIS — Com 12.355 km. (cerca de 1 km. em construção). Rapidez, economia e facilidades para todas as operações de mercadorias e passageiros.

DOCAS SECAS — Cinco. cujos comprimentos são de 42 a 180 metros.

DOCAS DE ABRIGO — Oito (duas em construção), com 450.000 m<sup>2</sup> de área molhada total.

CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO — Duas, respectivamente, com 120 e 150 m. de comprimento.

OFICINAS DE CONSTRUÇÃO NAVAL — Oficinas de construção e reparação de navios, convenientemente apetrechadas.

GUINDASTES — Hidraulicos, a vapor e electricos, terrestres e flutuantes, cuja potencia elevatoria varia de 1.500 kg a 100.000 kg.

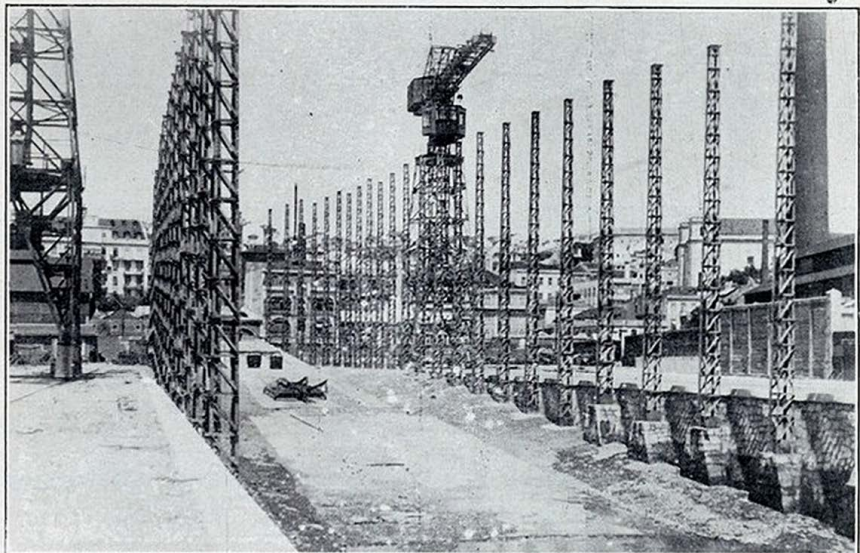
MATERIAL MARITIMO — Rebocadores, dragas, barcas de agita e batelões diversos, em numero conveniente para os serviços do porto.

WARRANTS — Facilidades para o comercio pela emissão de Warrants que mobilizam a mercadoria, permitindo assim realizar de pronto a maior parte do seu valor e esperar melhor oportunidade para a sua venda, alargando o comerciante por esta forma os seus negocios.

NOTA — O Ministério da Marinha e entidades particulares tambem possuem oficinas, docas secas e material maritimo diverso

**SÉDE — CAIS DE SODRÉ**

**TELEFONES 25.001-3**



CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO



# Zuid-Afrikaansch Handelshuis n., v.,

— LUANDA —  
**(Casa Holandêsa)**

Telegramas  
CASA HOL  
- Telefone -  
N.º 294

RUA —  
SALVADOR  
CORREIA  
Caixa Postal  
N.º 358

Séde em Amsterdam (Holanda) - Telegramas -  
«AFRIKAHUIS»



**Filiais em Territórios Portugêses:**  
**LISBOA, BISSAU, LOURENÇO MARQUES,**  
**BEIRA E MOÇAMBIQUE**



Oferece a sua organização para execução de pedidos de mercadorias portuguesas, os quais são executados com a máxima exatidão e nas mesmas condições vantajosas com que costuma fornecer mercadorias estrangeiras.  
Colocação de produtos coloniais em Lisboa e Porto e todos — os outros mercados da Europa. —  
Importadores de artigos portugueses, holandêses, alemães, — — — ingleses, etc., etc., etc. — — —

## Representantes em Angola de:

- |   |  |
|---|--|
| I. G. FARBENINDUSTRIE A. G., LEVERKUSEN           | — Produtos farmacêuticos «Bayer»   |
| I. G. FARBENINDUSTRIE A. G., BERLIN               | — Artigos fotográficos «Agfa»  |
| NESTLÉ AND ANGLO-SWISS CONDENSED MILK Co., VEVEY  | — Leite condensado «Moça», Farinha láctea «Nestlé», Nestogen, Eledon, Nescao |
| DR. A. WANDER A. G., BERN                         | — (Ovomaltine)   |
| N. V. AMSTERDAMSCHER CHININE FABRIEK, AMSTERDAM   | — Quinino  |
| KROON & FILS, HOORN                               | — Queijo Flamengo «Corôa»  |
| S. A. POLAK & SCHWARZ'S ESSENCEFABRIEKEN, ZAANDAM | — Essências  |
| MUSTAD & SON, OSLO                                | — Anzoes para pesca, marca «Chave»   |
| FRANKE & HEIDECKE, BRAUNSCHWEIG                   | — Artigos fotográficos «Rolleiflex»  |
| HOLSTEN BRAUEREI, ALTONA                          | — Cerveja «Holsten»  |

# Rolleiflex

# OVOMALTINE



# António Couto

Negociante, Agricultor e Industrial

PORTO AMBOIM

E

L I S B O A

Telegramas Lisboa **LONET**

Telegramas Porto Amboim **COUTO**  
Codigo **RIBEIRO**

Em Porto Amboim

Comercio  
Marinhas de Sal

No Amboim

Propriedades de café:  
**Fazenda Boa Vista**  
**Fazenda Nova Ereira**

Em Novo Redondo

Propriedade de olaginosas  
**Fazenda Boa Entrada**

Em Lisboa

Escritorio na  
Rua S. Julião n.º 55-2.

## Plantações da Pam- ba, Limitada

Sede Luanda

CULTURAS DE SISAL EM  
AMBACA E LUCALA

Area plantada 1.000 hectares

## Exportação de fibra de Sisal

ESCRITORIO EM LUANDA

Rua Direita de Luanda 53

Caixa postal 211

Telegramas: **Sisal** **LUANDA**

## Plantações do Mucozo, Limitada

Sede Luanda

Culturas de sisal no Dondo, na margem  
esquerda do rio Cuanza

Area plantada: 1.400 hectares

Exportação de  
fibra de Sisal

Fabricação de cor-  
das de toda a espécie

## Escritórios em Luanda

Rua Direita de Luanda 53

Caixa Postal 211

Telegramas: **SISAL**

**Luanda**

## A Ultima Palavra! Motores

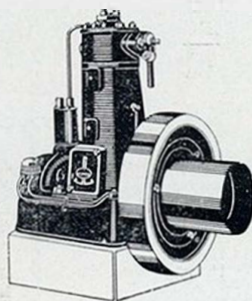
Sem Magneto  
Sem Carburador  
Sem Valvulas  
Sem Carretos

— E COM —  
**Arranque  
instantaneo**

absolutamente a  
frio sem compres-  
sor, apenas com  
uma simples ma-  
nivela

Custo do cavalo-hora : *Ags. 0,23* m. o. m.

**Para todos os fins:**  
Industriales, Maritimos, Grupos Electro-  
genicos acoplados com Bombas, etc.  
Portateis (em carrinho de mão,) etc.



Orçamentos  
gratis no

Agente Geral para Angola

**LUIZ ANGEJA**

C.P. 151—LUANDA



# S. A. P. I. C.

é o nome que V. Ex.<sup>a</sup> deve  
fixar d'hoje diante, como o da  
mais completa **ORGANIZAÇÃO DE**  
**REPRESENTAÇÕES** existentes  
em Angola.

Caixa Postal 98 — LOANDA Telegramas: SAPIC

## REPRESENTAMOS:

Água  
Bacalhau  
Bolachas  
Camas, Cofres, etc.  
Cerveja  
Cimento  
Cortiça em obra  
Ferragens  
Licores e Refrigerantes  
Limas e Grozas  
Litografia  
Papel  
Parafusos  
Produtos Farmaceuticos  
Sola  
Vidraça, Vidro, etc.  
Vinhos de Meza e do Porto

Sr<sup>o</sup> do Monte  
Astrup & C.<sup>o</sup>  
Villares  
Thomaz Cardoso  
Clara e Salvador  
Matola  
Mundet  
C. I. S.  
Bom Jesus  
União Tomé Seteira  
Nacional  
Alliange  
Progresso Industrial  
Higiene  
Venancio Guimarães  
C.<sup>o</sup> Ind. de Vidros  
Valente Costa  
Rebolla

Lubango  
Noruega  
Porto  
Porto  
Lourenço Marques  
Lourenço Marques  
Seixal  
Rio Meão  
Braga  
Vieira de Leiria  
Porto  
Noruega  
Lisboa  
Lisboa  
(«Pião») Lubango  
Guia (Oeste)  
V. N. Gaia  
Matosinhos

### ARMAZÉNS

## SÀ, LEITÃO & C.<sup>o</sup>

Caixa Postal N.º 554 — Telegramas *Mondego*

Telefones { Escritório N.º 6  
              { Armazém N.º 256

LUANDA

Variadissimo sortido em fazendas próprias para ho-  
mens e senhoras, tais como: Fazendas de lã, em lin-  
dos padrões para casacos e vestidos, género Tailleur,  
Brins de algodão, Caquis, Palm-Beach, Fantazias,  
Cretones, etc. etc.

Tem um colossal sortido em artigos próprios para in-  
digenas, como: Riscados, Algodões, Cobertores, Cin-  
tas, etc.

### Miudezas próprias para permuta

Proprietários das Fazendas:

- BEIRA ALTA, CALUNGULA, —
- — SANTA LUÍZA, CAPELA, — —
- — CAVUNGE E TOMBINGA — —

Produtores de Café, Cacau, Coconote  
e Oleo de Palma

### PESCARIA NO MUSSULO

Peixe sêco de tóda a qualidade  
Oleo de peixe  
Preparação esmerada

### ELECTRICIDADE



### MONTAGENS

de força  
de luz.

■ ■

### REPARAÇÃO

de maqui-  
nas e apa-  
relhos elec-  
tricos.

### TRATAMENTO

e carga de  
baterias de  
acumula-  
dores.



Oficina unica no genero

CAIXA POSTAL, 232





## CARTA DE LONGE E DE PERTO : :

### MEUS CAROS COMPATRIOTAS!

VOCÊS que habitam esses verdejantes campos que ajardinam Portugal, que vivem nas ciclópicas paragens do Marão ou dos Herminios e nas paradisíacas costas do Sol, Verde e Azul, pensam muitas vezes que esta Angola é terra de condenados lândia caíreal, onde não merece a pena mourejar pelo Santo Pão de cada dia. E aqueles que nos rigores do inverno tiritam na lareira, preferem o frio dos Tras-os-Montes e da alta Beira ao «calôr das Afriens». . . Em todo o caso, meus amigos, também por cá se tira, também por cá se usam dois ou tres cobertores na fôfa cama. . . É que vocês não conhecem as noites frias de Malange, do Huambo ou do Bié. . . É que jamais viram nevar as altas cumeadas da Chela. . . É que não sabem que o calôr, em Luanda, um dos pontos mais quentes de Angola, o termómetro não ultrapassa 33 graus (e aqui para nós, conimbricenses, vocês sabem bem o que é suar com 32 à sombra. . .).

Mas, amigos:

Angola é uma terra caluniada como tantos outros florões do nosso querido Império. No tempo em que a Mãe-Pátria importava trigoda Argentina e gado dos Açores, em Angola, apodrecia por falta de consumidor, ou seja por super-produção, e os bois iam, às centenas, abastecer o mereado do Congo Belga.

Aqui as terras não tem só nomes gentílicos, quantas vezes poéticos no significado e nas lendas que os envolvem: aqui há terras cujos nomes evocam constantemente Portugal: Vila Luso, Nova Lisboa, Portugália, Bêlas, Bemfica, Oeiras, Sá da Bandeira, Silva Porto, General Machado, Teixeira de Souza, Serpa Pinto, Porto Rico, Brito Godins, etc.

Lá para as terras do Sul, para a Chibia, para o Lubango, para a Humpata, o camponês metropolitano, que para lá vai, tem a ilusão de viver no seu doce torrão natal, e se não fossem saudades de família, aqui ficava, aqui viveria, aqui morreria, legando aos seus o amor por Angola e o orgulho de ser Português.

¿Nunca lhes disseram, meus amigos, que uma das maiores riquezas de que se pode orgulhar Portugal, são as cinco mil crianças da nossa cor que, na região de Sá da Bandeira, pedem a Deus pela Pátria-Mãe?

Na Humpata existe a mais aperfeiçoada estação zootécnica de todo o território português. O Lobito é testa do maior caminho de ferro de penetração económica, o de Benguela, e é o porto melhor apetrechado de toda a África Ocidental. Os lagos do interior, as terras dos Dembos e o deserto de Kalahari são o paraíso dos caçadores. As belas cataratas do Ruacaná e as do Duque de Bragança são das mais formosas do mundo, e a futura grande atracção do turismo universal, segundo um escritor francês.

Hoje, 37.000 quilómetros de belas estradas sulcam o paiz de norte a sul, de este a oeste. Os combóios vão por savanas, por florestas e por extensos campos onde sempre se vê, aqui e ali, casinhas branquinhas, quantas vezes lembrando aquelas que povôam os áridos campos alentejanos.

As locomotivas Garratt do Caminho de Ferro de Benguela, que percorrem 1.500 quilómetros de território angolense, fariam morrer de inveja essas potentes máquinas que fazem os dois rápidos diários de Lisboa ao Porto. . .

Aqui, meus amigos, há cinemas com boas fitas sonoras, bons grupos de football, que praticam um «association» regular, belas e extensas praias onde se tomam banhos sem medo dos tubarões, e bons jornais que, como este, são a afirmação máxima do lusitanismo em terras angolanas.

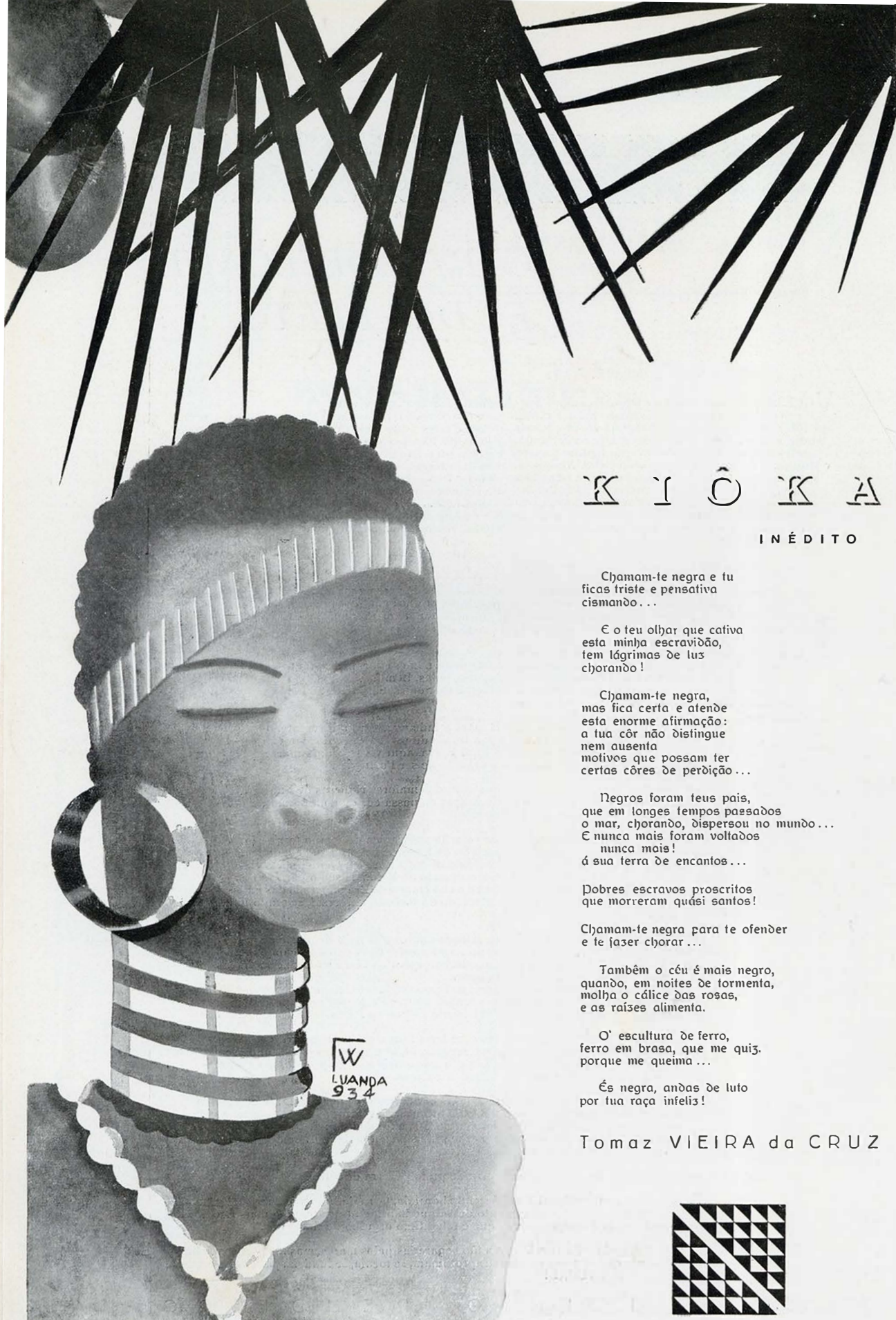
Angola é uma terra incompreendida por nós, mas demasiadamente conhecida pelos estrangeiros. Nela habitam 60.000 brancos da Metrópole que, pela lei e pela grei, honram o nome da Pátria longínqua. Só lastimamos que vocês não nos conheçam melhor e não abandonem aquele cepticismo e aquela indiferença que manifestam quando se fala de Angola.

¿Terra de condenados? Terra de pretos? Terra de feras?

Não meus amigos! Terra de gente honrada, terra de brancos, terra de Portugal. Terra que é um prolongamento dessa que habitam, terra que é o mais rico florão do Império Português, terra que é o legítimo orgulho de todos nós.

Angola e Portugal, terras tão separadas pelos mares, mas tão perto espiritualmente que as nossas almas se aproximam, se tocam, se fundem, para unisonnente amar PORTUGAL!





# K I Ô K A

INÉDITO

Chamam-te negra e tu  
ficas triste e pensativa  
cismando...

E o teu olhar que cativa  
esta minha escravidão,  
tem lágrimas de luz  
chorando!

Chamam-te negra,  
mas fica certa e atende  
esta enorme afirmação:  
a tua cor não distingue  
nem ausenta  
motivos que possam ter  
certas cores de perdição...

Negros foram teus pais,  
que em longes tempos pasados  
o mar, chorando, dispersou no mundo...  
E nunca mais foram voltados  
nunca mais!  
á sua terra de encantos...

Dobres escravos proscritos  
que morreram quasi santos!

Chamam-te negra para te ofender  
e te fazer chorar...

Também o céu é mais negro,  
quando, em noites de tormenta,  
molha o cálice das rosas,  
e as raízes alimenta.

O' escultura de ferro,  
ferro em brasa, que me quiz,  
porque me queima...

És negra, andas de luto  
por tua raça infeliz!

Tomaz VIEIRA da CRUZ

W  
LUANDA  
934





# PASSADO MINEIRO DE ANGOLA

## E AS SUAS POSSIBILIDADES FUTURAS

**A** exportação das riquezas mineiras em Angola data por assim dizer dos tempos da ocupação. Paulo Dias de Novais, após a sua chegada a Luanda, tratou de mandar enviados seus a Cambambe com o fim de tomarem conta dos jazigos de prata que ali se dizia existirem.

Os primeiros trabalhos mineiros foram efectuados em 1756, com a exploração de ouro nas margens do Rio Lombige, a 50 quilómetros da estação do Caminho de Ferro do Golungo Alto. Iniciados por um padre carmelita, de quem se ignora o nome, remeteu, ele, para Portugal algum ouro tirado das areias do rio.

De 1764 a 1772 a indústria do ferro mereceu ao Governo de Angola particular interesse e tomou um certo desenvolvimento, tendo-se montado uma fábrica de fundição em Oeiras, na margem esquerda do Luinha, com edificio próprio, de grandes dimensões e boa arquitectura. Ali foram fundidos, por ordem do Marquês de Pombal, vários canhões, depois enviados para Portugal.

Em 1800, na Trombeta, (Golungo Alto), fez-se a exploração duma mina de ferro, tendo-se montado uma fabrica de fundição, donde o ferro saía em barras para seguir com destino á Europa e ao litoral da Colónia.

Igual interesse mereceu a exploração do cobre, sendo os dois metais, — cobre e ferro, — trabalhados grosseiramente pelos indigenas, que dele se serviam como moeda.

A primeira legislação sobre Minas, para as Colónias, data de 1869. Dahi por diante começou a fazer-se sentir um pouco mais a exploração mineira em Angola, que consistiu em reconhecimentos das regiões e breves estudos delas.

Desde 1900, essas explorações intensificaram-se.

A falta de comunicações, nessa data, trazia como consequencia grandes dispendios e grande demora nas explorações. Mas hoje uns, amanhã outros, os trabalhos avançavam e deles ficava sempre a certeza da existencia de variados e ricos minérios. Presentemente, com a vasta rede de estradas existente na Colónia (55.000 quilómetros), está resolvida a principal dificuldade.

A industria mineira é já hoje factor importante dentro da vida económica de Angola, pelo que deve vir a ser um dos principais elementos da sua riqueza.

A começar nos diamantes da Lunda, — hoje mundialmente conhecidos, — há em Angola a considerar ainda o ouro, a prata, o ferro, o cobre, o chumbo, etc. etc.

A lavra dos diamantes é feita pela Companhia de Diamantes de Angola, cuja produção vem aumentando de ano para ano. Desde a data do inicio da exploração (1916) até Dezembro de 1955, extrairam-se 3.052.252.994 quilates, num valor aproximado de £ 5.979.852-0-5.

É de todos os minérios de Angola, o único que se encontra em franca e activa exploração.

Os restantes, cuja existencia aliás é do conhecimento de todos, aguardam o momento de serem explorados e valorizados.

O ouro existe em várias regiões, mas sobretudo ao Sul da Colónia. Os primeiros trabalhos efectuados de pesquisa datam de 1756; foram iniciados por um padre no Rio Lombige a 50 quilómetros da estação do Caminho de Ferro do Golungo Alto. Como a percentagem encontrada não era porém remuneradora, foram as pesquisas abandonadas. De 1756 a 1922, a exploração

continuou a fazer-se, tendo sempre sido abandonada por a percentagem de ouro ser pequena. Os trabalhos de pesquisa eram feitos grosseiramente; hoje, com os processos modernos empregados para este effeito, é muito possível, é mesmo certo, que valha a pena tentar a exploração.

Em Cassinga a existencia de ouro é conhecida desde 1859. A zona aurifera é enorme; fica situada ao sul da Colónia, entre os paralelos 15 e 16", tendo como limites a Este e Oeste respectivamente o rio Cunene e o rio Cubango. Até á data, as explorações efectuadas teem-se limitado quasi que sómente ás do ouro existente nas areias dos rios; no quartzo, a existencia do ouro verifica-se á vista desarmada. A lavagem das areias dá uma percentagem de 8 a 9 gramas por tonelada.

No quartzo aurífero a percentagem é muito maior, e vai a 51 gramas por tonelada. As Companhias de Pesquisas Mineiras de Angola e de Mossamedes, effectuaram vários e dispendiosos trabalhos, tudo em época em que os meios de comunicação eram difficéis, o que hoje se não faz sentir.

É grande o número de individuos que ali teem feito explorações, em reduzida escala, retirando, depois duma estadia de alguns meses, com ouro em quantidade. Os boers é quem sobretudo mais se teem dedicado a este género de exploração.

Cassinga é considerada uma riquissima região aurifera, como igualmente todo o Sul da Colónia.

A prata existe nas Minas de Caxibo, a 50 quilómetros a sudoeste de Zenza do Hombe. Existem igualmente minas de prata no Cuio, ao Sul de Benguela. Não se sabe do valor destes jazigos por não existirem quaesquer estudos feitos sobre os mesmos.

O cobre é dos metais mais frequentes na Colónia. Sabe-se da existencia de jazigos nas regiões do Bembe, Zenza, Cuvo, Serra da Canda, Maquela do Zombo, Mossamedes e outras.

Apenas em Mossamedes (Chapeu Armado) e no Bembe se fizeram estudos e explorações, tendo-se efectuado a extração de várias toneladas de minério que foram exportadas para a Europa. Qualquer dos locais aqui mencionados tem cobre em grande quantidade, aguardando todos eles o momento da sua exploração.

O ferro existe em quasi toda a Colónia. Os jazigos mais conhecidos são os de Mombassa, Oeiras, Calunga, Chilessio, Cubango, Chituto, etc. etc.

Os mais importantes, parece serem os de Mombassa: o minério apresenta-se em enormes blocos de toneladas de peso, ou em bolsadas, á superficie do terreno, o que facilita enormemente a sua extracção.

E, como estes, tantos outros, tais como enxofre, manganéz e ainda os carvões asfalticos, que se apresentam com vários aspectos, e cujas análises os dão como muito ricos em substâncias combustiveis.

Angola é prodigiosa nas suas riquezas minerais, parecendo, pela sua quantidade e qualidade, que um próspero futuro a espera desde que os indispensáveis capitais para aqui sejam encaminhados de forma a poderem fazer-se convenientemente as explorações.

T E O D O R O D E A G U I A R  
ENGENHEIRO-CHEFE DA REPARTIÇÃO DE INDUSTRIA E MINAS





# PORTOS e Caminhos de Ferro do Estado, em Angola

A Colónia de Angola possui, actualmente, 2.518 quilómetros de caminhos de ferro em exploração, dos quais 865 pertencem ao Estado, e são por ele administrados, e 1.453 a empresas particulares.

Do Estado são: os Caminhos de Ferro de Luanda e o Caminho de Ferro de Mossamedes; e, de empresas particulares: o Caminho de Ferro de Benguela e o Caminho de Ferro do Amboim. Como os seus nomes indicam, todos eles têm como testas os principais portos da Colónia e foram construídos sem obedecer a qualquer plano de conjunto, previamente estudado, o que, aliás, não seria fácil num país em formação com a vasta extensão de 1.255.000 quilómetros quadrados. As necessidades e objectivos de ocasião foram os únicos factores que determinaram as suas directrizes gerais.

Não existe uniformidade na largura das suas vias: de bitola de 1<sup>m</sup>.067 ha 1.547 quilómetros; de 1<sup>m</sup>.00, 586 quilómetros e de 0<sup>m</sup>.60, 385. O Estado possui 586 quilómetros de via de 1<sup>m</sup>.00 e 279 de via de 0<sup>m</sup>.60, e as empresas particulares 1.547 quilómetros de via de 1<sup>m</sup>.067 e 106 de 0<sup>m</sup>.60, conforme se conclue do seguinte:

Do Estado:

Via de 1<sup>m</sup>.00—Caminho de Ferro de Luanda... 586 quilómetros  
 Via de 0<sup>m</sup>.60 { Cam. de Fer. de Mossamedes 248 } 279  
 { Ramal do Golungo Alto ..... 31 }

De empresas particulares:

Via de 1<sup>m</sup>.067—Caminho de Ferro de Benguela... 1.347 quilómetros  
 Via de 0<sup>m</sup>.60 —Caminho de Ferro do Amboim... 106

Dos Caminhos de Ferro citados, são considerados de penetração os Caminhos de Ferro de Luanda, o Caminho de Ferro de Mossamedes e o Caminho de Ferro de Benguela.

## Administração do Estado

A superintendencia nos estudos, construção, exploração e administração dos portos e caminhos de ferro da Colónia e bem assim a fiscalização no que se refere a concessões a companhias, empresas ou particulares, compete ao Estado, por intermédio dum organismo autónomo, dependente directamente do Governo da Colónia. Esse organismo, que é o Conselho Administrativo dos Portos e Caminhos de Ferro, tem a sua sede em Luanda.

A este Conselho, composto de três membros (engenheiro-director do Porto e Caminhos de Ferro de Luanda, engenheiro-chefe da Repartição Central dos Serviços de Obras Públicas e director-adjunto dos Serviços de Fazenda da Colónia) compete a política geral dos serviços enumerados, sob a orientação superior do Governo Geral da Colónia e Ministro das Colónias, e, gosando de autonomia administrativa e financeira, utiliza as suas receitas próprias, acrescidas do subsídio do Estado (enquanto se mantiverem no estado deficitário), para fazer face ás suas despesas.

Os organismos subordinados a este Conselho, sob a directa administração do Estado, são:

A Direcção do Porto e Caminhos de Ferro de Luanda;  
 A Direcção do Porto do Lobito e da Fiscalização do Caminho de Ferro de Benguela;

A Direcção dos Portos do Sul e Caminhos de Ferro de Mossamedes;

E os caminhos de ferro sob administração particular e sobre os quais exerce fiscalização:

O Caminho de Ferro de Benguela, e o Caminho de Ferro do Amboim.

## Tarifas em vigor nos Caminhos de Ferro do Estado

Até 17 de Junho de 1951, o regime de tarifas era geral em toda a colónia, para todos os caminhos de ferro ncla existentes. Na data citada, o Caminho de Ferro de Benguela, em virtude do número de quilómetros em exploração ter aumentado consideravelmente e ainda, e principalmente, devido ao facto da sua ligação com o caminho de ferro da Africa Central, passou a ter um regime de tarifas diferentes das dos restantes caminhos de ferro da colónia, tarifas que foram aprovadas pelo governo geral, por portaria n.º 799, da referida data.

Nas tarifas do caminho de ferro do Estado, que são applicadas em toda a colónia, com excepção do Caminho de Ferro de Benguela, são consideradas: tarifas gerais e especiais. Estas últimas são principalmente destinadas aos produtos da colónia, de exportação. Todas as tarifas, com excepção das tarifas especiais que têm por base a cotação das mercadorias, são multiplicadas por um coeficiente de correcção variável com o valor da libra em resultante da fórmula  $C=O, 1 L$ , em que L é o valor da libra em angolares ao câmbio oficial, sendo actualizado, trimestralmente, sempre que a alteração no valor da libra for tal que produza, nesse coeficiente, uma diferença de uma unidade. Actualmente, esse coeficiente é 11.

Nos caminhos de ferro do Estado, existem tres classes de carruagens, para transporte de passageiros: I classe, II classe e III classe.

Na III classe somente podem viajar nativos; contudo, os nativos, trajando e calçando a europeia, decentemente vestidos, quando pelo seu porte e compostura não deem origem a reparo dos outros passageiros, podem viajar nas classes superiores.

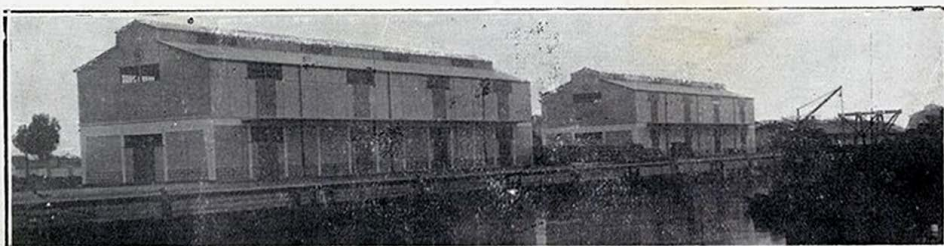
A tarifa geral de passageiros é a seguinte:

Por passageiro e quilometro:

1. <sup>a</sup> class.....	0.05
2. <sup>a</sup> » .....	0.03
3. <sup>a</sup> » .....	0.01

E', portanto, fácil de calcular, aproximadamente, o custo de passagens entre quaisquer estações, pois bastará multiplicar o número de quilómetros entre essas estações pela importância da tarifa correspondente à classe em que se pretende viajar e ainda pelo coeficiente calculado pela fórmula atrás indicada, e que presentemente é 11.

Dissemos, aproximadamente, porque a esta importância devem ser aumentados os impostos de trânsito, selo, etc.; mas que representam sempre uma insignificante quantia.



ARMAZENS DE EXPORTAÇÃO NO CAIS DO LOBITO



## PORTOS E CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO, — EM ANGOLA — (Continuação)



4 VAPORES PORTUGUESES ATRACADOS AO CAIS DO LOBITO—857 METROS DE EXTENSÃO—

Os passageiros de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes tem direito a 50 quilos de bagagem gratuita, e os de 3.<sup>a</sup> classe a 25 quilos.

Existem tarifas especiais para passageiros, quando se trata de bilhetes de ida e volta, bilhetes de comboios *trampays* (simples) ida e volta e semanais, de assinaturas para passageiros e bicicletas, de camas nos comboios correios, de marcação de lugares e ainda para trabalhadores indígenas em grupo.

As tarifas gerais de pequena velocidade, para mercadorias, estão divididas em 4 classes:

Por tonelada e quilómetro :			
1. <sup>a</sup> classe	2. <sup>a</sup> classe	3. <sup>a</sup> classe	4. <sup>a</sup> classe
0,15	0,12	0,09	0,06

Para os produtos de exportação da colónia, existem tarifas especiais, ás quais, como já dissemos, não se applica o coeficiente de correcção indicado, mas que variam com a cotação dos géneros a transportar. Como medida de protecção aos géneros de exportação da colónia, tem, ainda, ultimamente, sido feitas reduções importantes, que vão até 50 % das tarifas existentes. Assim, este *bonus* é extensivo ao café, milho, fibra, etc.

Foram, também, feitas reduções importantes nos custos dos transportes de automóveis, quando acompanhados dos seus proprietários.

### Material empregado nos Caminhos de Ferro do Estado

Quási todo o material circulante empregado nos caminhos de ferro do Estado foi recentemente adquirido, obedecendo ás mais rigorosas características e tendo em atenção o maior conforto dos passageiros e a maior segurança no transporte das mercadorias.



A ESTACÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LUANDA

O *Material de Tracção* é dos principais fabricantes, como Armstrong, Heuchel e Koppel, e outros.

Adquiriram-se, ultimamente, para os Caminhos de Ferro de Luanda, 34 locomotivas da bitola de 1.<sup>m</sup>00, das quais 12 de grande potência e 2 para via de 0.60; para o Caminho de Ferro de Mossâmedes 9 locomotivas «Koppel», do último modelo. Assim, e com as locomotivas então já existentes, ficaram os caminhos de ferro do Estado possuindo 74 locomotivas, cujo valor de inventário é de angolares 30.613.422,86.

As *carruagens*, para passageiros, são do melhor fabrico oferecendo o máximo conforto.

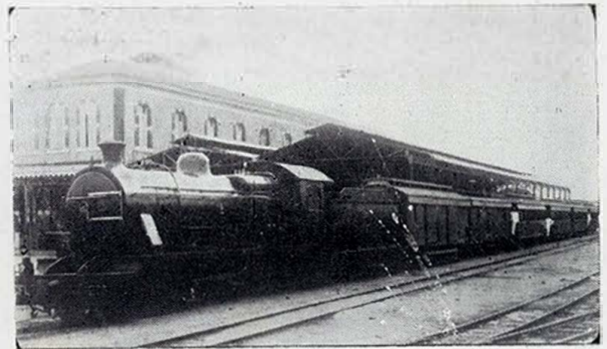
As carruagens de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe tem corredor lateral e varandas nas extremidades, possuindo iluminação eléctrica e ventilação por ventoinhas eléctricas. Nos Caminhos de Ferro de Luanda existem salões-camas e salões-

restaurantes. É de 65 o número de carruagens e salões ao serviço nos caminhos de ferro do Estado, e o seu valor de inventário é de Angs. 3.525.024,95.

Os «*wagons*» para mercadorias, são todos de «*Boggies*» e de capacidade diferente, conforme a bitola da linha. Nos Caminhos de Ferro de Luanda, a sua capacidade é de 22, 20, e 15 toneladas, e no Caminho de Ferro de Mossâmedes de 10 e 4 toneladas.

Todos os *wagons* são dotados de freio de vácuo, de maneira a permitir comboios de mercadorias acelerados.

O número de *wagons* e *fourgons* em serviço nos caminhos de ferro do Estado é de 483, cujo valor de inventário é de angolares 16.516.328,43



COMPOSIÇÃO DO COMBOIO MALA PARA O INTERIOR, NA ESTACÃO DE LUANDA

### Principais Portos Comerciais

Os principais portos, testas de caminhos de ferro em exploração na colónia, começando do Norte para Sul, são:

- Pôrto de Luanda;
- Pôrto Amboim;
- Pôrto do Lobito e
- Pôrto de Mossâmedes.

Destes, sómente o pôrto do Lobito é administrado por um serviço especial, dependente do Conselho Administrativo de Portos e Caminhos de Ferro da Colónia,—o Conselho de Administração do Pôrto do Lobito.

Os serviços dos portos de Luanda e Mossâmedes são desempenhados, ainda, conforme a sua natureza, pelas respectivas alfândegas e capitánias.

Pôrto Amboim é administrado juntamente com o caminho de ferro do mesmo nome, pela Companhia do Caminho de Ferro do Amboim.



# ASPECTOS PECUARIOS

# DE ANGOLA

Um brilhante artigo do meu colega e amigo Dr. C. Sheppard Cruz, sobre o melhoramento pecuário, na Colónia de Moçambique, me conduz a abordar o mesmo assunto, relativamente a Angola, e oxalá eu o possa e saiba fazer com a mesma felicidade com que aquele meu ilustre colega o apresentou ao público, provando mais uma vez que só o contacto com o meio e o seu conhecimento directo podem completar e habilitar os técnicos à solução de determinados problemas coloniais.

Não é bastante possuir os conhecimentos teóricos apresentados nos livros da especialidade, sobre métodos de melhoramento. Nem tão pouco conhecer a literatura periódica das revistas sobre os métodos usados pelos outros países e Colónias, para que se possa determinar a orientação a seguir em cada caso especial.

Uma infinidade de circunstâncias, na subordinação de múltiplos factores locais de observação objectiva, obrigam a individualizar o problema para cada Colónia, consoante esses factores naturais que o dominam e ainda a outros de ordem indirecta que a elle se ligam.

Para o caso de Angola, que possui um território vastíssimo, onde, de uma maneira geral, tem possibilidades de êxito a exploração das diversas espécies pecuárias, ha que considerar ainda as diversas modalidades da exploração, até dentro da mesma espécie zootécnica, segundo a função fisiológica mais recomendável e mais na dependência dos recursos alimentares naturais, feição agrícola, distribuição e concentração populacional, etc. Isto pelo que respeita ao papel orientador do Estado nas explorações de agricultores e criadores europeus.

Quanto ao criador indigena, a meu ver, temos que simplificar a influencia do Estado, no melhoramento do seu gado, para que lhe não perturbemos, com grandes exigências, a concepção da vida social que estima e está na sua índole, por enquanto resumida, nas necessidades materiais, a satisfação de uma parca alimentação, reduzida indumentária e ao pagamento do imposto.

Não se pode nem se deve exigir aos pretos, encarados no conjunto e no seu meio, mais do que elles nos podem dar, segundo a sua mentalidade e sobretudo não nos devemos esquecer que os pretos das raças mais dedicadas à pastoricia são os mais primitivos, os que mais afastados desejam viver da influencia dos europeus e que por isso mesmo mais conservam os seus hábitos da tribo, que fazem respeitar pela imposição de leis indigenas, de severa execução. Não é possível conseguir, mesmo exigindo, dum Mucubal ou dum Mundimba, o que é fácil obter dum Bailundo ou mesmo dum Amboim.

Os resultados a obter da acção melhoradora sobre o gado dos pretos têm que ser muito demorados, por mais simples que sejam os processos adoptados e por maior persistência que haja na sua prática.

Entendo contudo, que pela importância que representa em Angola o capital de gados nas mãos dos pretos, o problema do melhoramento desse gado, nos deve merecer a melhor atenção, ainda porque o preto será sempre o criador que produzirá mais barato, porque vive no mais absoluto alheamento dessa complicada organização do capital, do trabalho e do tempo.

Expostas estas ligeiras considerações do problema e porque o tempo me não sobra para digitar sobre a infinidade de circunstâncias que ha a atender, principalmente nas condições naturais do meio, vou expôr também ligeiramente o meu pensamento, sobre a forma de actuar, nos diferentes aspectos que Angola nos oferece para a exploração da industria pecuária, nas suas ligações com a Colonização.

## Melhoramento pecuário nas regiões de pequena

### o média colonização europeia

É condição fundamental para a fixação de colonos portugueses à terra de Angola, além da benignidade do clima, o proporcionar-lhes uma vida amparada de recursos que lhes forneça conforto e os abrigue das contingências da miséria, ao mesmo tempo que os afaste de devaneios que lhe façam perder o contacto e o interesse com a terra.



FREDERICO BAGORRO SEQUEIRA

Chefe dos Serviços de Veterinaria e Pecuaria de Angola, int.º

Collaborador de ROBERTO SILVA

É dentro desta mediania de passado que o colono precisa de viver para ter a moral e esportadas as suas facultades de trabalho para a faina agricola, que é dura e é contingente, e para que não deserte a caminho de outras actividades não produtivas, onde as dificuldades já rondam porta sin porta não.

A vida do colono agricola deve pois ser orientada no sentido de lhe proporcionar felicidade, sem riqueza, como compensação do seu trabalho sobre a terra, de onde lhe hão-de vir todos os recursos para a sua manutenção e de sua familia e onde há-de capitalizar as suas economias, quando as tiver.

A mais perfeita forma de exploração agricola é aquela que explora o maior numero possível de productos. Tem mais condições de êxito o agricultor que explora cereais, hortas, pomares, gados, aves de capoeira, coelhos, etc., do que aquele que se dedica só a cereais, só a pomares, gados, ou só a gado.

Por isto mesmo e porque o gado é indispensável a uma mais remuneradora exploração da terra, deve a pequena e média colonização possuir gado e como não pode aspirar a ter grandes quantidades de cada espécie, deve ter de todas um pouco, representadas por individuos da melhor qualidade.

É ao Estado que compete tomar as providências nesse sentido posto à disposição dos colonos os reprodutores melhoradores, por intermédio de Estações e Postos Zootécnicos e Postos de Reprodução, nas zonas de colonização mais definidas nos planaltos da Huila e de Benguela.

É dentro desta orientação que os Serviços Pecuários de Angola, como apoio das autoridades superiores da Colónia e da Metrópole, têm já apetrechada a Estação Zootécnica do Sul, na Humpata, onde procedem a todas as operações de aclimação e adaptação e onde multiplicam os reprodutores das diferentes espécies e raças que depois vão para os Postos de Reprodução ou são vendidos, por baixo preço, aos interessados.

A Estação Zootécnica do Sul está já hoje em condições de prestar assistência zootécnica a toda a enorme área de Colonização do Sul, ainda mesmo que muito maior fôsse a área ocupada por novos colonos.

Possue grande quantidade de animais da espécie bovina das raças produtoras de leite e da raça mirandêsa que tem a vantagem de ser melhoradora para a produção de trabalho e carne e que na Estação está vivendo e se multiplica com absolutos resultados satisfatórios.

Possue ainda a Estação Zootécnica do Sul importantes rebanhos de ovelhas de tipo merino, para a produção de lã, de vastas pastagens, de grandes aviários, parque apícola, oficinas de tecnologia agricola, extensos prados naturais e artificiais e interessante exploração agricola e florestal, constituindo tudo esplêndida escola de ensinamentos para directa observação dos colonos da região.

O melhoramento pecuário, no que diz respeito à pequena colonização do Sul, está pois garantido pela Zootécnica do Sul (Humpata).

Com os mesmos objectivos, mas em maior latitude estão os Serviços Pecuários, instalando a Estação Zootécnica Central, na Ganda, em plena zona de colonização sub-planáltica, na Provincia de Benguela, onde a maior riqueza da terra e maior facilidade de transportes permitem uma mais extensa acção.

É ao longo do Caminho de Ferro de Benguela, numa faixa de algumas dezenas de quilómetros para cada lado da linha, que assentam as melhores zonas para colonização europeia, em todo o território de Angola.

Desde o Lobito ao Cuanza, áparte regiões ingratas no pormir agricola, ou porque são macangos estereis e desprovidos de água, ou porque são anharas frias, encontram-se extensas regiões de clima salubre, terra fértil e bem aguada, promotoras de farta produção, quando o trabalho do colono, criteriosamente conduzido e amparado, ponha em prática e utilização todo o potencial de seiva que acumulam.

É já enorme a ocupação da terra por colonos portugueses e por pequenos mas importantes núcleos estrangeiros, nesta interessante região da Colónia, que se vai naturalizando sempre, a pretexto mesmo das tremendas dificuldades e contingências, que ali surgiram, como em toda a parte, por virtude das perturbações económicas mundiais.

A colonização agricola da zona sub-planáltica e do planalto de



# ASPECTOS PECUARIOS DE ANGOLA

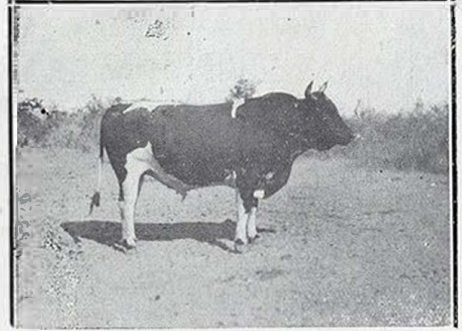
(Continuação)

Benguela pode tomar em determinadas regiões, características idênticas à colonização do planalto do Sul mas pode também tomar feição de média colonização, em regime de sociedades agrícolas, de maior extensão, porque a terra o permite e são maiores as facilidades de mão de obra, de transportes, de produtos a explorar e até maiores as facilidades de colocação dos produtos por haver maiores núcleos de população e mais intensa organização comercial.

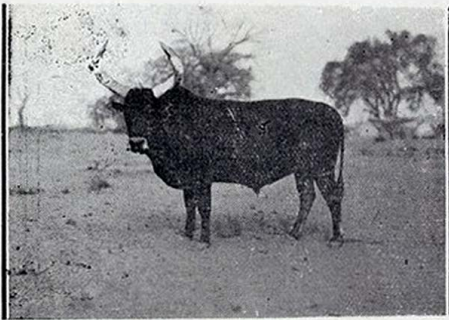
Também nesta outra modalidade de colonização se mantém o princípio, para assegurar êxito, de que é fundamental fazer a exploração do conjunto de actividades da vida agrícola, em que a utilização dos animais, nas suas diferentes funções, deve ter capital importância.

E' dos produtos de transformação dos alimentos nascidos na terra

o agricultor iniciativas industriais de importante aproveitamento na sua vida económica e são ainda eles objecto de troca e venda, na hora da reforma ou quando accumularam o maior potencial do seu valor comercial.



Cruzamento de turino com indígena



Boi indígena para talho

e da influência física e química dos agentes atmosféricos, associados e combinados, que renasce o poder fertilizante do solo agrícola.

São os animais que revolvem a terra em todas as operações de arado e cultura: são eles que auxiliam o homem no labor feliz da colheita e carregam os produtos da venda na hora desejada das compensações; são máquinas de permanente produção, quando trabalham e são-o também quando repousam, pois é nessas horas de sossego que o complicado laboratório das suas entranhas, reanima energias e fecunda utilidades — a carne, o leite, as gorduras e parte das matérias primas do nosso vestuário, etc.

São na fazenda agrícola, os animais, indispensáveis como fonte de recursos alimentares, que dão a vida do agricultor e da sua prole, para a ardua investida do dia seguinte.

São os animais, amigos e companheiros do homem, que estimulam

A agricultura sem exploração pecuária agregada é incompleta e monótona, conduz à solidão e ao embrutecimento do homem, porque furta à vida rural o encanto e a beleza das suas relações com os animais.

A Estação Zootécnica Central, em Ganda, é pois o estabelecimento que os Serviços Pecuários da Colónia destinam ao melhoramento das espécies pecuárias, economicamente exploráveis na agricultura, nesta importante região de colonização, do centro da Colónia.

Possue já núcleos de reprodutores bovinos para a produção de leite, trabalho e carne e mantém um importante rebanho de ovelhas nativas em regime de ensaios de cruzamento para a obtenção de carneiros produtores de carne.

Tem apiários e vai dentro de pouco tempo possuir os seus aviários e as suas pocilgas devidamente fornecidas de animais com categoria melhoradora e bem assim instalar oficinas tecnológicas para bem desempenhar a função de fomento que lhe está reservada na expansão e valorização da riqueza pecuária, na sua zona de influência.

Possue também uma importante exploração agrícola e competente ordenamento florestal.

Possivelmente, e logo que as disponibilidades de dinheiro o permitam, igual orientação será seguida relativamente ao planalto de Malange, nas proporções que a sua ocupação pecuária o aconselham.

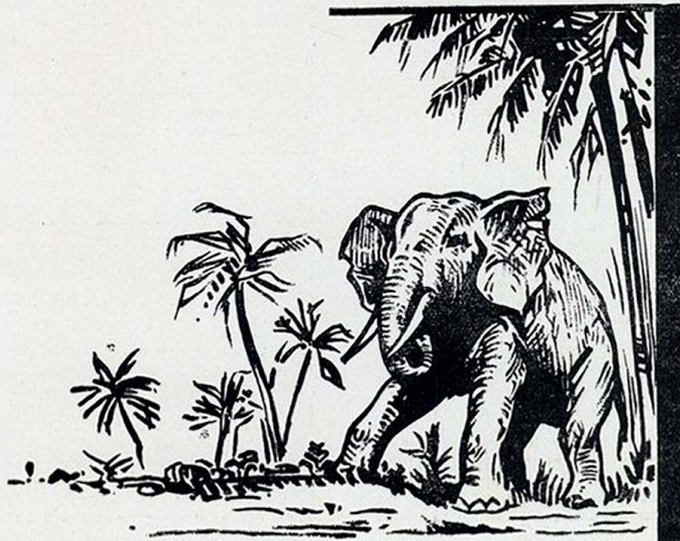
Este planalto, como núcleo de ocupação técnica, possui já um Posto de Reprodução.

Tanto a Estação Zootécnica do Sul, na Namputa, como a Estação Zootécnica Central, na Ganda, e duma maneira geral todas as instalações dos Serviços Pecuários da Colónia, são estabelecimentos de ocupação definitiva. Nada fazemos com carácter provisório porque Angola é nossa e nosso é o seu futuro.

A colonização pois, que venha, porque na parte que diz respeito à acção dos Serviços Pecuários na sua vida económica e nas suas condições de fixação, está assegurada, sem deficiências de qualquer natureza.

Os outros serviços públicos que têm relação com a colonização que digam de sua justiça.

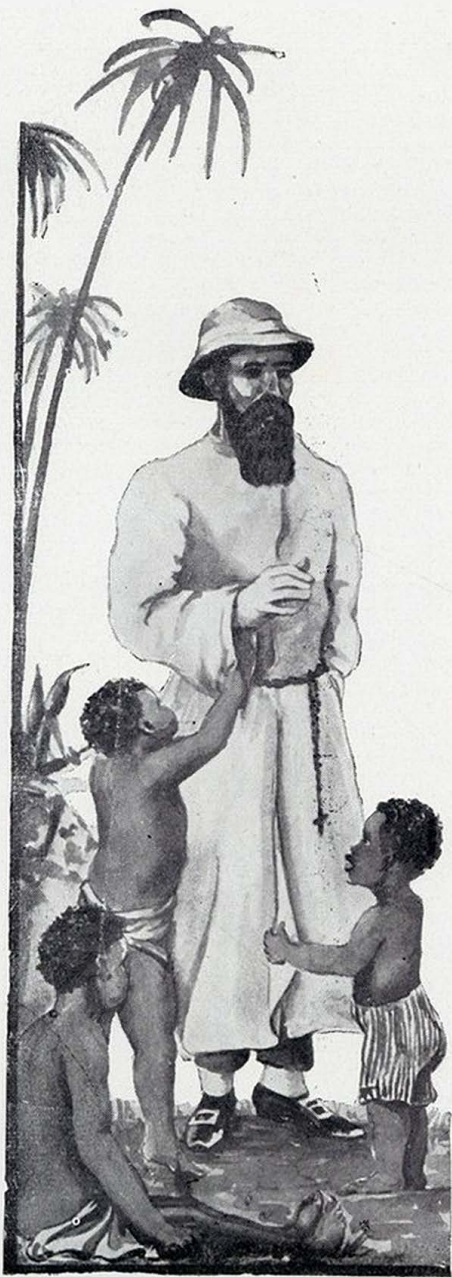
F R E D E R I C O   B A G O R R O   S E Q U E I R A





# A actividade em Angola das Missões Católicas Portuguêsas nos ultimos 25 anos

(Devemos estas interessantes notas á gentileza de Mgr. Dr. Manuel Alves da Cunha, ilustre Protonotario Apostolico e venerando Vigario Geral da Diocese de Angola e Congo, Comendador da Ordem do Imperio Colonial Português e figura das mais prestigiosas de Angola. Por e'as apresentamos os nossos melhores agradecimentos.)



## CENTROS MISSIONARIOS

<b>PAROQUIAS:</b>			
		1910	1934
Providas ... ..	(1)	30	(2) 21
<b>MISSÕES:</b>			
Clero secular ... ..		4	6
Padres do Espirito Santo ... ..		21	33
Padres Beneditinos ... ..		—	2
		55	62

(1)— 5 anexadas  
(2)—10 anexadas

## PESSOAL MISSIONARIO

<b>PADRES SECULARES:</b>			
		1910	1934
Europeus .. .. .		44	19
Africanos .. .. .		4	4
India Portuguêsa . . . . .		1	—
<b>PADRES DO ESPIRITO SANTO:</b>			
Europeus ... .. .		67	82
Africanos... .. .		2	3
<b>PADRES BENEDITINOS:</b>			
Europeus... .. .		—	3
	(1)	118	(2) 111

1)—62 portugueses e 36 estrangeiros

2)—50 portugueses e 61 estrangeiros todos integrados no serviço das missões portuguesas.

### AUXILIARES:

Sexo masculino... .. .	(1)	75	(2) 88
Sexo feminino ... .. .	(3)	66	(4) 65
		141	153

1)—64 europeus e 11 africanos

2)—76 europeus e 12 africanos nas escolas, oficinas e trabalhos agricolas

3) - 45 Irmãs de S. Cluny: 6 Franciscanas Missionarias de Maria e 15 Hospitalaieiras Portuguesas.

4)—49 Irmãs de S. Cluny: 8 Franciscanas Missionarias de Maria e 8 Beneditinas nas escolas e oficinas das Missões — Em 1910, havia 10 Irmãs no Hospital de Luanda.

## CATEQUISTAS INDIGENAS

Em—1910 .. .. .	261
Em—1934 .. .. .	2.504

nas escolas rurais, dependentes das missões e paróquias, auxiliadas pelas suas mulheres (casadas) no serviço das escolas.

## BAPTISMOS, CASAMENTOS E OBITOS

<u>1910</u>			
Raça branca . . . . .	297	80	120
> mixta . . . . .	357	20	39
> preta.. . . .	5.360	282	294
	6.014	382	453



# Colonos prestigiosos de Angola

## UM ANIMADOR DE ACTIVIDADES E CRIADOR DE RIQUEZAS



O sr. António Couto, — com os seus vigorosos 75 anos de idade e 41 de actividade em Angola, — é hoje dos mais antigos e seguramente dos nossos mais prestigiosos colonos.

Seu nome aqui se firmou e se consolidou através de uma vida intensa e energética de trabalho, criadora de uma obra admirável no Amboim, — obra que se muito o dignifica, também, e acima de tudo, muito honra a história da ocupação e da colonização portuguesa em Africa.

O sr. António Couto pertence à legião daquela gente de rija tempera que, através de todas as vicissitudes e de constantes perigos, não desbravou somente a Africa hostil, selvagem e insubmissa do seu tempo, mas que a soube valorizar e tornar prospera. Não foi um simples explorador de riquezas. Foi um criador de riquezas e um notável impulsionador de actividades.

A êle cabe a honra de ser um dos precursores da cultura de café na fertilissima região do Amboim, onde iniciou as suas plantações em 1894, criando depois, ali, a maior propriedade individual de café.

Essa cultura foi a base da valorização e do extraordinário desenvolvimento registado no Amboim, — a mais bem aproveitada região cafeeira de Angola e a que, para

os seus produtos, mais altas cotações obtêm nos mercados externos.

À história do Amboim, está, pois, fortemente e justamente ligado o nome do sr. António Couto, que ainda hoje dirige e administra as suas propriedades e os seus negocios. Estes são representados pela sua importante casa comercial de Porto-Amboim (antiga Benguela Velha), onde explora magnificas *marinhas de sal*, de superior qualidade.

No Amboim, possui duas vastas *propriedades agrícolas de café*, denominadas «FAZENDA BOA VISTA» e «FAZENDA NOVA EREIRA», cuja larga produção é sujeita ao tratamento mais cuidadoso, para o que ambas as propriedades dispõem de instalações modelares.

Em Novo Redondo, o sr. António Couto é também proprietário da magnifica «FAZENDA BOA ENTRADA», produtora de oleaginosas. Como é sabido, também as oleaginosas daquela região se impõem, nos mercados consumidores, pela sua excelente qualidade, devido ao tratamento que lhes é dispensado.

Todas estas propriedades estão completamente livres de qualquer compromisso de venda.

Em Lisboa, o seu escritorio é na Rua de S. Julião, 55-2.º

Homem de vida simples, ainda hoje mantém as suas fortes qualidades de trabalho, de acção e de energia ao serviço de Angola. A sua única vaidade é a de haver trabalhado sempre, e continuar trabalhando ainda, afinadamente, e com honestidade, em prol do desenvolvimento desta Colónia. Dele se pode dizer que é um dos que eficazmente concorrem para a grandêsa do Império.

## A actividade em Angola das Missões Católicas Portuguezas

### (Conclusão)

1934			
Raça branca . . . . .	814	166	165
> mixta .. . . .	577	27	77
> preta... . . . .	52.076	5.550	1.859
	33.467	5.725	2.102

### CATECÚMENOS

Em—1910 .. . . .	8.200
Em—1934... . . . .	96.025

### ESCOLAS PRIMARIAS

(das sédes das Missões)

	N.º	Alunos
1910		
Sexo masculino... . . . .	28	1.546
> feminino .. . . .	15	889
sendo 1.586 internos e 649 externos	43	2.235
1934		
Sexo masculino... . . . .	37	5.427
> feminino .. . . .	25	2.008
sendo 2.238 internos e 5.197 externos	60	5.435

### ESCOLAS RURAIS

(regidas por catequistas indigenas)

	N.º	Frequencia
1910 .. . . .	241	7.754
1934 .. . . .	2.495	154.259

### RESUMO

	1910	1934
Igrejas ou capelas (missões e paróquias) .. .	75	195
Hospitais e dispensarios (missões) . . . . .	50	42
Officinas (missões) .. . . .	91	116
Estações agrícolas (missões) . . . . .	27	40
Postas meteorologicos (missões) . . . . .	2	5
Seminarios indigenas .. . . .	5	6
Escolas para formação de Irmãs indigenas.	1	4
Missões com escola servida por Irmãs.. . . .	7	10
Em collegios .. . . .	2	1
Nos Hospitais (Luanda) enfermagem .. . . .	1	1
Na Deposito de Degredados (officinas) . . . . .	1	—



# SCAL

## Séde Social

R. de S. Julião 116-2.º  
Tel. 2 4377 — End. Tel. SOAMBRIZ  
**LISBOA**

## Delegação em Angola

SEDE: Rua Farinha Leitão  
Caixa Postal, 94      End. Teleg. SCAL

## Filiais

Lobito, Malange, Ambrizete,  
Songo. Quinzau. Uige e Mocala



Séde da Delegação em Angola

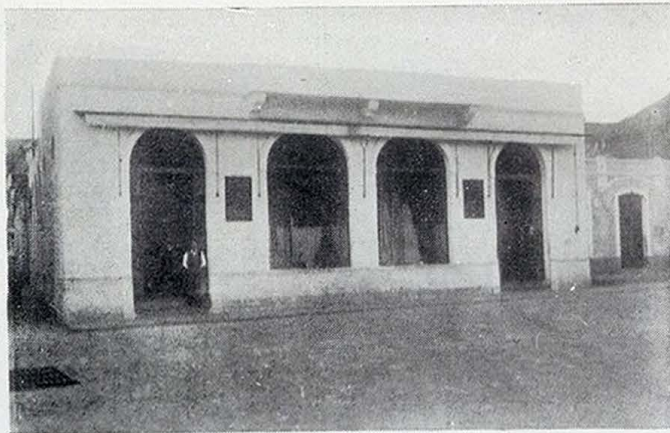
IMPORTAÇÃO      COMERCIO GERAL      EXPORTAÇÃO

Riscados, Cobertores, artigos próprios para indígena,  
Tecidos de lã e Algodão, Novidades etc.

Agentes Gerais em Angola da

}	EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA
	COMERCIO E INDUSTRIA (COMPANHIA DE SEGUROS)
	FABRICA DE CALÇADO «A PORTUGAL»
	SOCIEDADE DE PERFUMARIAS NALLY, LDA. ETC.

# Lisboa Elegante



O mais moderno e bem sor-  
tido estabelecimento de mo-  
das da capital da Colonia de  
Angola

■ ■  
AS ULTIMAS NOVI-  
— DADES DE —  
LONDRES, PARIS,  
VIENA E LISBOA

■ ■  
A maior variedade em arti-  
gos para Senhora e Homem

■ ■  
ATELIER DE MO-  
DISTA SOB A DI-  
RECCÃO D U M A  
HABILISSIMA  
PROFESSORA DE  
— CORTE —

■ ■  
Telefone 316—Caixa Postal 94  
End. Teleg : SCAL



# BANCO de ANGOLA

capital 60 000,000#00 # fundos de reserva 18.658.352#10

## Governador int:

Major de Eng.<sup>o</sup> Joaquim Mendes do Amaral

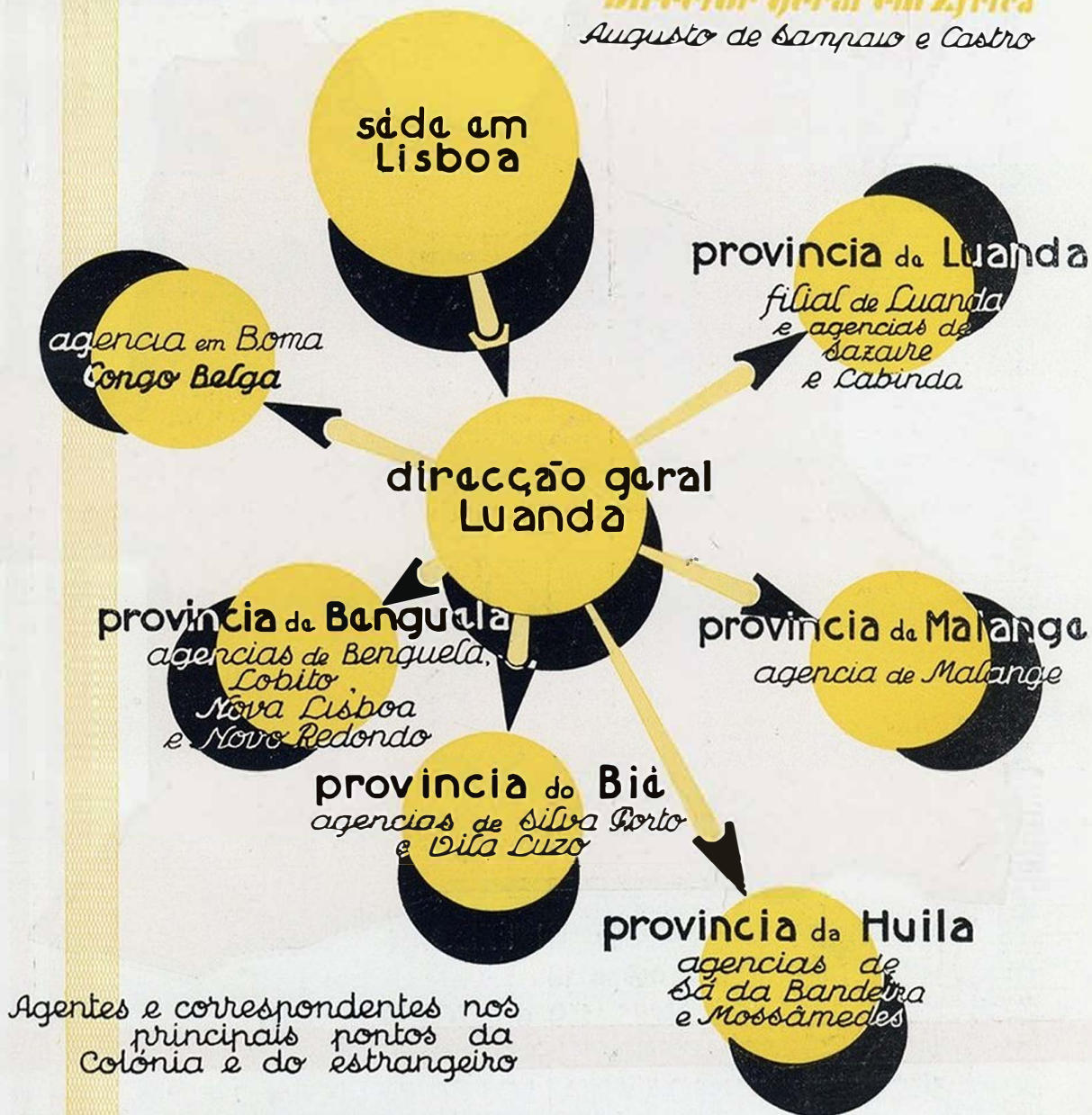
## Vice-governadores

Dr. Francisco Leite Duarte

Eng.<sup>o</sup> Artur de Melo Quintela Saldanha

## Director geral em Africa

Augusto de Sampaio e Castro



Agentes e correspondentes nos principais pontos da Colonia e do estrangeiro

AUXILIOS FINANCIARIOS PRESTADOS AO COMERCIO E INDUSTRIA DE ANGOLA EM 1933

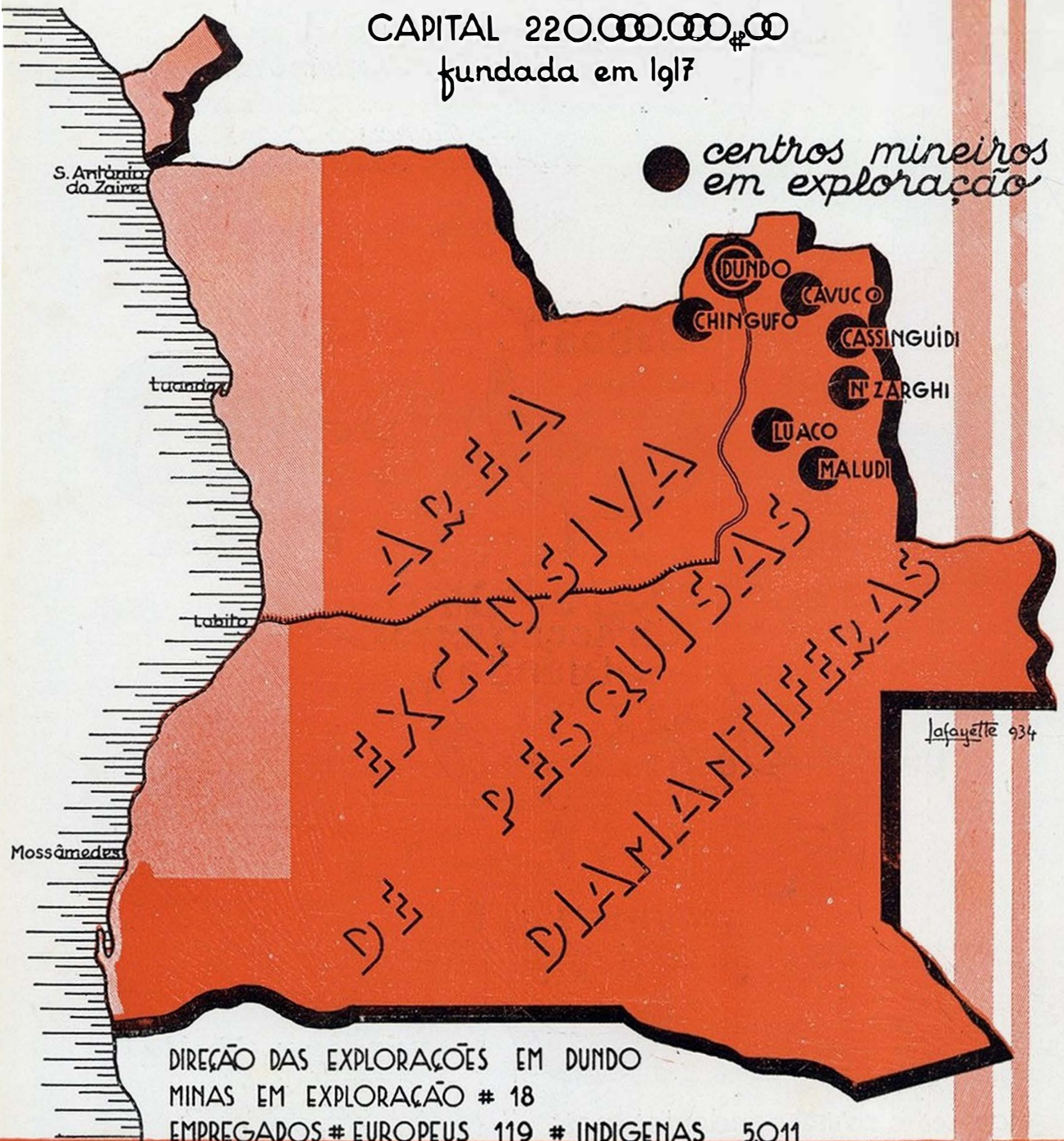
128.331 contos



# COMPANHIA de ANGOLA DIAMANTES de ANGOLA

DIAMANG # S.A. R. L.

CAPITAL 220.000.000 #  
fundada em 1917



DIREÇÃO DAS EXPLORAÇÕES EM DUNDO  
MINAS EM EXPLORAÇÃO # 18

EMPREGADOS # EUROPEUS 119 # INDIGENAS 5.011

PRODUÇÃO ATÉ DEZEMBRO DE 1933 # 3.033.580 QUILATES

SÊDE SOCIAL # LISBOA # RUA DOS FANQUEIROS # 12 # 2º

ESCRITÓRIOS EM BRUXELAS # LONDRES # NEW YORK

REPRESENTANTE EM AFRICA # C.ª A. BRANDÃO DE MELO



# A Companhia de Diamantes de Angola

**E**M 1907 um dos engenheiros prospectores da Sociedade Belga «Forminière», operando na região do Cassai, perto de Mai-Munene, recolheu uma pequena pedra que, examinada pelos Snrs. Shaler e Lancswcert, em fins de 1909, se reconheceu ser um diamante.

Intensificada a prospecção em 1912 a «Forminière» recolhia já nesse ano 2540 diamantes aluvionários colhidos nas margens do Cassai e dos seus afluentes. Mr. Jean Jadot, Governador da Societé Générale de Belgique e Mr. Firmin Van Brée, administradores da «Forminière», prevendo a existência de diamantes na parte desses rios que ficava em territórios de Angola, promoveram em Lisboa com o auxílio do Dr. Baltazar Cabral e General Paiva de Andrade, em 1915, a formação da Companhia de Pesquisas Mineiras, que obteve do Governo Português um exclusivo de pesquisas por três anos no distrito da Lunda, depois prorrogado por mais 2 anos.

Realizaram-se então na Lunda, dentro da concessão, intensas pesquisas, difíceis e perigosas, devido ao estado de rebelião dos indígenas e á falta de ocupação da região.

Alguns dos engenheiros prospectores foram atacados pelos indígenas, tendo sido morto o engenheiro Decker e feridos outros. No entanto, o engenheiro Sr. Doyle conseguia fazer um largo reconhecimento da parte leste da concessão, enquanto que o Representante da Companhia, Coronel Brandão de Melo, acompanhado de outro engenheiro, atravessava a região hostil do Calendende, a oeste da concessão, e montava em Xá-Ibange, junto ao Luaximo, o primeiro posto da Companhia. Ali se estabeleceram, em 1914, os engenheiros Brown, Peterseu, Rapp, Perry e Thompson e dali irradiaram os primeiros trabalhos técnicos metódicos, realizados com o auxílio de 90 trabalhadores indígenas trazidos do centro de Angola, pelo Coronel Brandão de Melo.

**Elemento dos mais valiosos e positivos na actividade economica da Colonia, organismo que mais concorre para as receitas ordinarias e extraordinarias, portanto, para o seu fomento**

Obtidos bons resultados nas pesquisas, organizou-se então em Outubro de 1917 a Companhia de Diamantes de Angola, vulgarmente conhecida por DIAMANG, á qual a Companhia de Pesquisas Mineiras transferiu os seus direitos e cedeu os seus estudos e o seu material.

Em 1921 foi negociado pelo Sr. Ernesto de Vilheua, Administrador-Delegado da DIAMANG, com o Alto Commissario de Angola General Norton de Matos, um contracto entre a Companhia e a Colonia de Angola para consolidação dos direitos da primeira e fixação das vantagens da segunda.

Em virtude desse contracto o capital da Companhia foi elevado a £ 2.000.000, ficando o Estado com 51, do mesmo, gratuitamente.

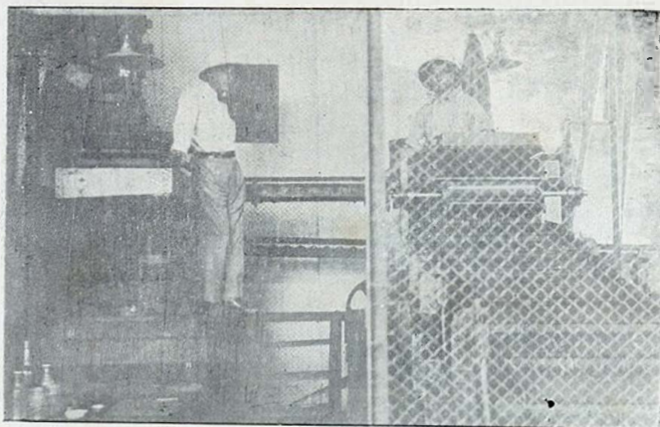
Foi estipulado que o Estado receberia uma participação de 40% dos lucros líquidos anuais da Companhia e esta lhe faria empréstimos anuais sucessivos, até 1955, eguaes á metade da participação de lucros obtidos no ano anterior, além de um empréstimo inicial em 1921, de £ 200.000, e outro de £ 200.000 em 1922.

Em compensação, o Governo de Angola deu á DIAMANG o exclusivo de pesquisas por 55 anos em quasi toda a Colonia e o direito de exploração por tempo indefinido de todos os jazigos que descubra nesse espaço de tempo, isentando a Companhia de todas as taxas, impostos e outros encargos fiscaes, presentes e futuros, que tivessem base na sua industria.

A Companhia de Diamantes de Angola, superiormente administrada pelo seu Administrador-Delegado Sr. Ernesto de Vilheua, antigo Ministro das Colonias e dos Estrangeiros de Portugal, a quem as Colonias tanto devem: tecnicamente orientada pelo seu «Bureau technique de Bruxelles» e seu competente engenheiro consultor Sr. H. Dickinson; representada em Africa, junto do Governo da Colonia, pelo Coronel Sr. Brandão de Melo, figura de alto relêvo e prestigio em Angola:— conseguiu chegar a uma organização modelar, que ainda ha pouco mereceu especiais elogios a Sir Ernest Oppenheimer, «Chairman» das grandes companhias de Diamantes da Africa do Sul, quando ele visitou as explorações da DIAMANG na Lunda.

A «DIAMANG» é sem duvida a Companhia de maior valor em todo o Império Colonial Português. A sua produção tem aumentado todos os anos como se vê do seguinte quadro da produção annual, em quilates:

1917	—	4.110	—	—
1918	—	14.070	1926	—
1919	—	48.504	1927	—
1920	—	95.529	1928	—
1921	—	106.719	1929	—
1922	—	98.685	1950	—
1923	—	94.478	1951	—
1924	—	118.011	1952	—
1925	—	126.571	1953	—
				154.570
				200.810
				257.511
				511.905
				529.824
				551.495
				567.554
				575.625



A estação de escolha dos diamantes (grease table)







# A Companhia de Diamantes de Angola

(Conclusão)

PRESIDENTE

Banco Nacional Ultramarino

ADMINISTRADOR-DELEGADO

Ernesto de Vilhena

CONSELHO FISCAL

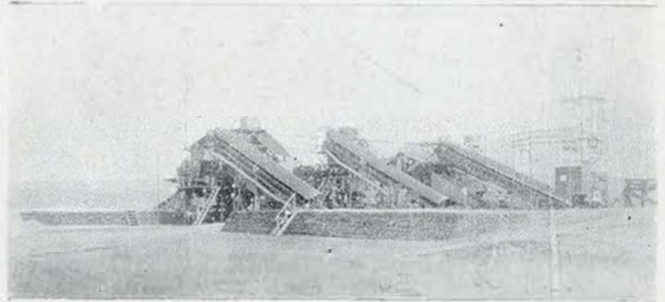
Claude E. Dansey

Ernesto Empis

D. João Maria do Loreto de Almeida Correia de Sá

José Freire Cabral

D. José de Lencastre e Tavora (Marquez de Abrantes)



Um aspecto das instalações Mecanicas da Mina Z'Narzi

◆  
A Companhia de Diamantes de Angola pelas suas largas reservas e pela sua esplendida organização tem um largo futuro assegurado.



## LOUIS GOLDSCHMIDT

IMPORT.—REPRESENTAÇÕES—EXPORT.

— TELEFONE N.º 281 —

CASA FUNDADA EM

— CAIXA POSTAL N.º 366 —

— RUA FARINHA LEITÃO —

1906

— TELEG.: **LUISGOLD** —

**L O A N D A**

**Representante e Depositario Geral  
para a Africa Ocidental Portuguesa de:**

SCHERING-KAHLBAUM A-G—Fabrica de produtos quimicos e especialidades farmaceuticas: Veramon, Urotropina, Atophan, etc.

P. BEIERSDORF & C.º A-G—Pasta para dentes Pebecco e Nivéa, Crème para a barba, Crème para cutis Nivéa, Aolan contra furunculos, Tussispect contra a tosse, Leukoplast, Hansaplast, etc.

GUNTER WAGNER (FABRICA PELIKAN) — Artigos para escritorio, para pintura, Papel quimico, Fitas para maquina, Canetas de tinta permanente, Tintas para escrever, etc.

ESPECIALIDADES PARA AS ARTES GRAFICAS—Papeis de impressão e de fantasia, Cartolinas, Papel de embrulho, Papel de luto, etc.

TINTAS A ESMALTE E OLEO, á pistola para carros, etc.

FABRICA M. A. N. (fundada em 1840, emprega hoje 17.000 empregados) a maior fabrica de Motores Diesel, Pontes, Guindastes, Construções de ferro, Obras hydraulicas.

ORÇAMENTOS e fornecimentos de maquinismos para todas as industrias e a agricultura colonial.

IMPORTADOR directo das fabricas de todos os artigos.



*..metade do seu tempo  
gasta-o a caminhar*



Quanto gasta por dia em solas? Reduza essa verba a um terço usando solas PANCO. Diminuirá a despesa e aumentará o conforto ..... Faça a experiência e comprará os sapatos seguintes com o produto da economia feita nas solas.

Para

**ECONOMIA e CONFORTO**

use

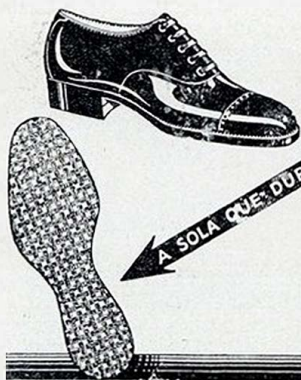
**PANCO**

Teremos muito prazer em lhe mostrar bonitos modelos de sapatos com esta sola

**SAPATARIA CRUZ**

36. Rua Farinha Leitão. 38  
LOANDA

Telefone 333



**DINIZ, LIMITADA**

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

Caixa Postal N.º 93 **LUANDA** End. Teleg. DURIL

Representações de varias casas nacionais e estrangeiras, entre elas:

J. T. Pinto Vasconcelos, Limitada  
Vinhos do Porto e comuns - LISBOA

Simões & C.ª, Limitada  
Malhas - LISBOA

Martins, Reis & Freitas, Limitada  
Manteiga «Leões» - FRENCHAL

Fabrica de Bolachas «Confiança»  
Bolachas e biscoitos - LISBOA

Fabrica de Chocolates «Regina»  
Chocolates, drops e rebuçados - LISBOA

Manuel Francisco da Costa, Lda.  
Ferragens e miudezas - PORTO

Manufatura de Botões, Limitada  
Botões de corozo - PORTO

Caves Lucien Beiseker, Limitada  
Vinhos, champagn's e licores - ANADIA

Sociedade Industria Chimica, Lda.  
(SICLA)  
Especialidades farmaceuticas - LISBOA

**== José ==**  
**Domingos**  
**Barreiro,**  
**== Lda. ==**

**LISBOA**



CAIXA POSTAL 393

END. TELE. - «GENUINOS»

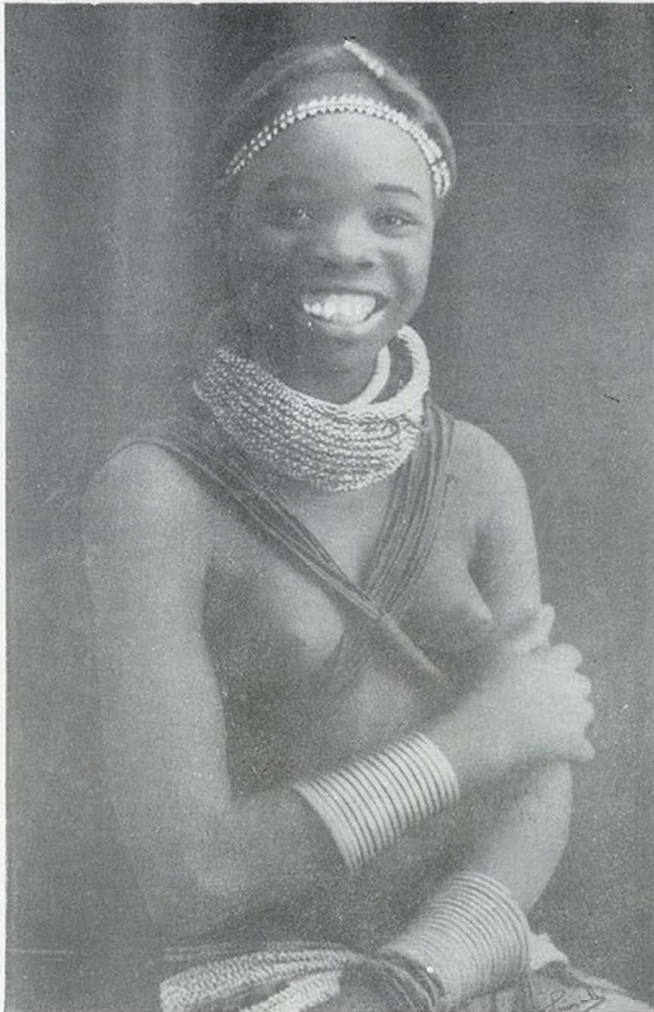
**L U A N D A**

Os mais afamados vinhos de meza e licorosos que consigo a fama levam a toda a parte, das seguintes marcas:

Clarete Montalvão, Branco Dourado, Branco Limão, Colares Branco e Tinto, Bucelas Branco, Verde-Tinto e Branco, Vinagres finissimos, Branco e Tinto, Vinhos Coloniais, Branco Sêco e Adamado, Vinhos Licorosos, Abafado, Reserva, Moscatel, Carcavelos, Special Lisbon Wine, Lagrima, Aguardentes de bagaço e preparada, (autentica especialidade), Conhaque «Fine Macieira», Azeites finissimos, Vinho-tinto «Torreano» com 15.º. O melhor vinho em pipas tanto para o europeu como para o — — indigena — —



VENUS NEGRAS DE ANGOLA



Tipos de raparigas muhumbes (Sul de Angola)

Clichés de PEIXINHO



# Pereira, Santos & C.<sup>a</sup>, Lda.

## Importadores de :

Tecidos de toda a especie—Artigos de vestuario e calçado—Louças de porcelana e ferro esmaltado—Vidraria—Papellaria e artigos para escritorio—Ferramentas, ferragens e tintas—Materiais de construção—Sacaria—Vinhos e Viveres

## Exportadores de :

Café—Coconote—Oleo de Palma—Milho—Algodão—Sisal—Cruceira Couros—Etc.

## Agentes gerais para Angola de:

**General Tire & Rubber Export Co.**  
«Pneus e Camaras de ar de superior qualidade»

## Photo-Produits Gevaert

«O material fotografico que oferece mais garantias aos profissionais e amadores».

### Filiais em :

Dalatando. Lucala. Dondo. Malange. Golungo Alto. Cambondo. Camabateia e outros pontos

### LOANDA

R. Farinha Leitão  
Caixa Postal 206

Telefone 155

Endereço Telegrafico—PAPELA

### LISBOA

R. de Caes de Santarem. 52—Eq.

Telefone 2 5485

End. Teleg.—LUCALA

## Lima & C.<sup>a</sup>

RUA DIREITA DO MACULUSSO

TELEFONE N.º 148 END. TELEGRÁFICO:

CAIXA POSTAL N.º 89 — L E C —

### SECCÃO DE MERCEARIA

Os melhores géneros e vinhos de pasto e licorosos, tanto nacionais como estrangeiros

### SECCÃO DE FAZENDAS

Um completo sortido de todos os artigos da especialidade.

### SECCÃO DE PADARIA

Pão de fabrico higiénico, de todos os tipos.

OS MELHORES

PREÇOS

## Demonstração Vitoriosa

Os 500 carros de carga d'uma importante Companhia de Transportes—Automoveis da Região de Paris, todos eles equipados com **Carburadores SOLEX**

COM «STARTER»

realizaram.

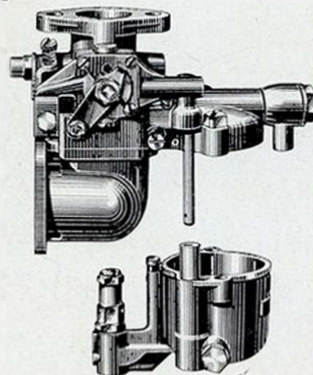
de 1 de Março de 1952 a 1 de Março de 1953.

uma economia total

de 257.468 litros de Gasolina !!

Feita tão formidável prova, quem não faz montar imediatamente, no seu motor, um carburador SOLEX com «starters» (ultimo modelo) é porque...

não quiere economisar Gasolina!



Montagens

gratis no

Agente Geral para Angola

LUIZ

ANGEJA

C. P. 151—Loanda

Os motores climax trabalham a óleos



a província de Angola

# Noelke & Carvalho, L.<sup>da</sup>

Caixa Postal N.º 336

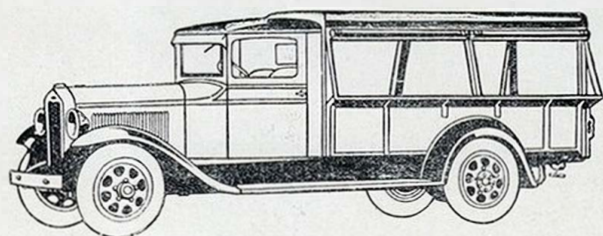
LOANDA

Telegrámas NOCAL

Importadores de peças para automóveis americanos

**Distribuidores Gerais para Angola**

*Reo Motor Car Company*



Camionetes, carrinhas e automóveis



The International B. F. Goodrich Corporation

Pneus, Camaras d'ar e artigos de borracha

*Maremont Automotive Products*



Molas para Automóveis

U S L. BATTERY CORPORATION

**USL BATTERIES**  
*Long Life-Dependable Power*

Baterias para todos os tipos de automóveis

*Rutenbeck & Lausberg*

Ferramentas Agrícolas e Industriais

**SEMPRE EM STOCK OS AFAMADOS PRODUTOS**

**WINCHESTER**

Lanternas e pilhas desta afamada marca

DESCONTOS A REVENDEDORES

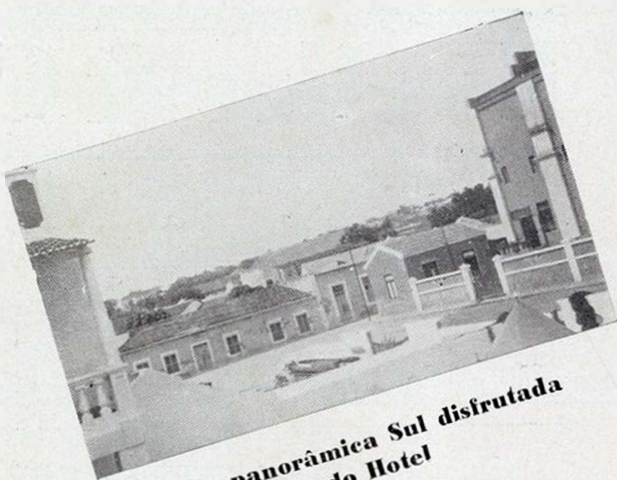
*Sempre Novidades no ramo de Automóveis*

Acceptam-se representações de todos os artigos da especialidade





Vista panorâmica Norte disfrutada  
do Hotel



Vista panorâmica Sul disfrutada  
do Hotel

CAIXA POSTAL  
== N.º 59 ==



TELEFONIO  
== N.º 338 ==

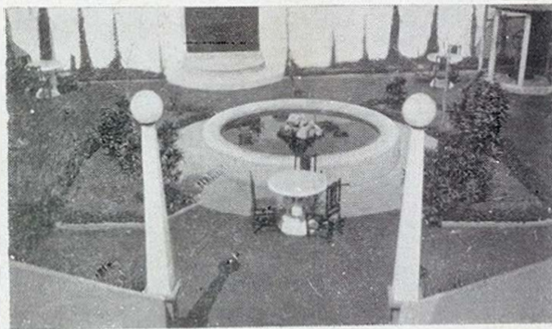
# HOTEL EUROPA

Rua D. Miguel de Melo e Largo Conselheiro Vilhena  
(JUNTO AO TEATRO NACIONAL)



UM TRECHO DO JARDIM  
DO HOTEL

L  
O  
A  
N  
D  
A



UM TRECHO DO JARDIM  
DO HOTEL



# FTU

FÁBRICA de TABACOS ULTRAMARINA  
*a mais antiga da Colónia  
a mais vasta e melhor apetrechada*



CIGARROS  
CHARUTOS  
PICADOS  
CIGARRILHAS

*as mais altas recom-  
pensas nas exposições  
a que tem concorrido*

Sociedade Colonial de Tabacos, Lda.  
Lisboa ♦ Luanda ♦ Lourenço Marques

Lafayette 934





*Fábrica de algodão hidrófilo,  
gazes e pães*

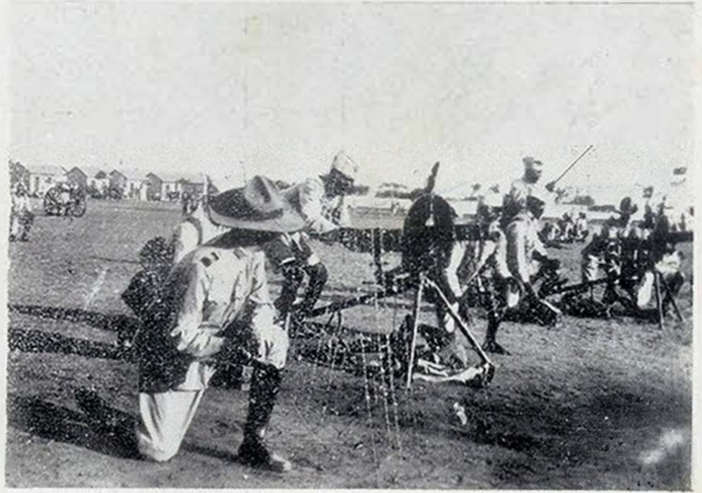


**Sociedade Fabril de Angola, L.<sup>da</sup>**

Avenida 31 de Janeiro - Lourda



# SERVIÇOS MILITARES DA COLÓNIA DE ANGOLA



EXERCÍCIOS DE METRALHADORAS PELA 1.ª C. I. I. EM LUANDA

*Os Serviços Militares da Colónia de Angola, continuam prestando à Colónia e portanto à nossa Pátria, importantes serviços de toda a ordem.*

*Completamente posta de parte a hipótese de qualquer tentativa de rebelião indígena, mercê da sã e inteligente política de Colonização Portuguesa, as unidades militares podem dedicar-se inteiramente à preparação de soldados, que ao terminarem o seu tempo de serviço nas fileiras (2 anos), regressam às suas terras com uma bagagem cívica e intelectual já importante, aptos a cultivarem a terra por processos modernos e muitos a abraçarem variadas profissões.*

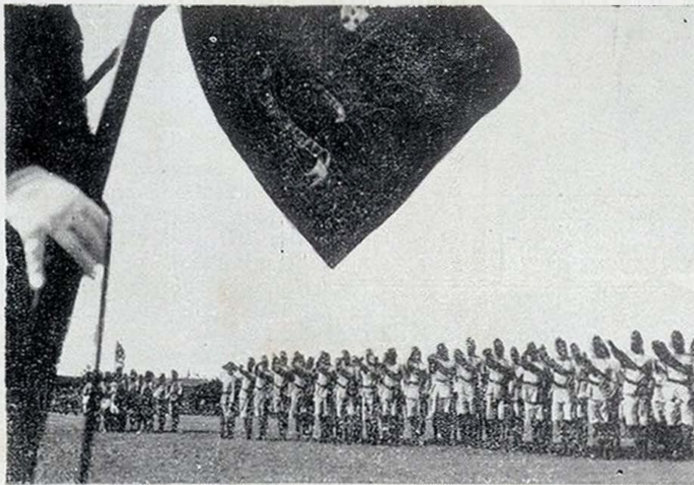
*Os quartéis e estabelecimentos militares têm já o aspecto de construções definitivas, oferecendo as comodidades necessárias à vida num clima tropical, para o que muito tem concorrido o trabalho desenvolvido pelas granjas, a cargo das respectivas unidades militares.*

*As granjas militares são verdadeiras escolas agrícolas e de ofícios, que têm merecido de Sua Exa. o Governador Geral, Coronel do Estado Maior, Eduardo Ferreira Viana, a melhor atenção.*

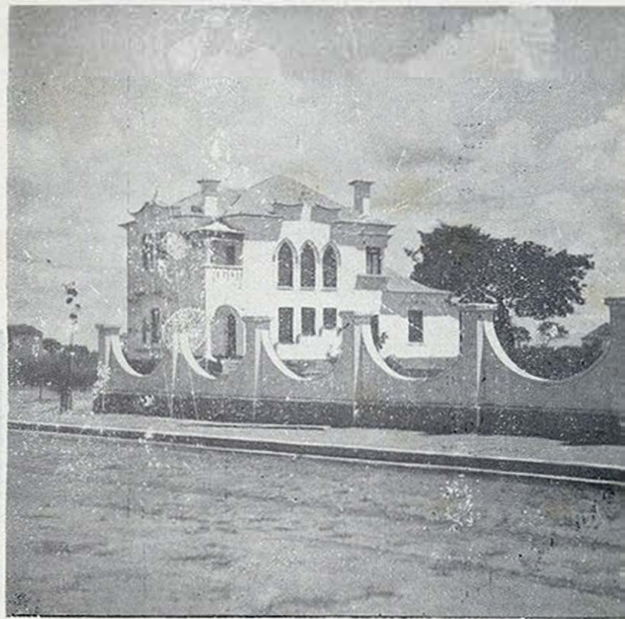
*Nelas vamos encontrar, conforme a região em que se acham, as mais variadas culturas, criação de gados, fabrico*

*de cal, tijolo e telha, serração de madeiras, marcenarias, cordoarias, etc.*

*Os quartéis são, pois, além de verdadeiras escolas patrióticas, onde o indígena aprende a ser soldado, agricultor ou operário e cidadão português, centros de produção concorrendo para a economia da Colónia, e para os constantes melhoramentos que se notam nos Serviços Militares, nos quais é utilizado todo o seu rendimento.*



JURAMENTO DE BANDEIRAS PELOS RECRUTAS DA 1.ª C. I. I.



3. QUARTEL DE METRALHADORAS EM NOVA LISBOA

*Preparação para a guerra, tendo-se em vista os modernos princípios táticos e os ensinamentos da Grande Guerra, obra civilizadora e colonizadora, eis em resumidas palavras, a principal acção das Forças do Exército Português na Colónia de Angola, no momento que passa.*

S E B A S T I Ã O N O G U E I R A S O A R E S

Major de Artilharia

CHEFE DO ESTADO MAIOR DAS FORÇAS DO EXERCITO, INT.º





# ESTRADAS

## DO ZAIRE CONGO



**A** Exposição que ora se realiza na Invicta Capital Nortenha, não é mais do que um certamen de valores por onde se possa aquilatar da capacidade económica de cada uma das parcelas que formam o vasto todo que é o IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS.

Angola a ela concorre. Não podia porisso o Ambrizete, dada a sua posição excepcional que o torna o escaudouro natural do Congo, mostrar-se indiferente.

Cortado por uma larga rede de estradas, que tornam verdadeiras as palavras dum dos mais eminentes estadistas do periodo da renovação económica da Metrópole, depois das ruínas produzidas pelas prolongadas guerras intestinas,—Rebello da Silva—ele é verdadeiramente o coração onde se reúnem e juntam as arterias que hão de levar a seiva vivificante a todas as celulas do organismo.

Não há hiperbole nesta afirmação:

Ao Norte, liga-se com Santo Antonio do Zaire por uma estrada que mede cerca de 150 quilómetros, dos quais 75 estão rasgados dentro da sua area.

Ao Noroeste, logo que o troço Tomboco-Lulico esteja terminado, fica ligado com Noqui e Matadi do vizinho Congo Belga, por uma estrada com 250 quilómetros.

Ao Nascente, liga-se com o Tôto por 190 quilómetros de estrada, onde bifurca, seguindo uma para o Uige passando pelo Songo—privilegiada região de café—e outra para Maquela passando pelo Bembe e Damba.

Os prolongamentos destas estradas ligam se com o Congo Belga e com o Lucala ou seja com o Caminho de Ferro Luanda—Malange.

Dos 190 quilómetros Ambrizete—Tôto, 125 pertencem a esta Circunscricção.

Para Sul, liga-se com Luanda, passando pelo Ambriz, por 280 quilómetros de estrada dos quais 88 pertencem a esta Circunscricção.

São, pois, cerca de 500 quilómetros de estradas, que como fios de uma teia envolvem o Ambrizete e se se disser, que na sua maior parte essas estradas correm por terrenos de orografia torturada, onde enormes aloramentos graníticos tornaram difficil a sua construção, tendo de ser trabalhadas a dinamite ou a cheditte, avaliar-se-há o enorme esforço que o Ambrizete realizou e dia a dia realiza, no seu desejo de as melhorar.

Um exemplo:—A distancia de Luanda a Noqui é actualmente de 1.050 quilómetros passando pelo Ambrizete, Bembe, Maquela e S. Salvador e de 1.000 mais ou menos deixando de passar no Ambrizete, indo directamente do Ambriz ao Bembe, passando pela Quibala, enquanto pela estrada em conclusão, passando pelos Postos de Tomboco e Lulico, o percurso é de 530 quilómetros. Notável differença que permitirá o intercambio comercial com a Capital da Colónia, hoje absolutamente vedado, e principalmente uma fonte de desenvolvimento de turismo de que os nossos vizinhos são apaixonados. São pois estradas internacionais que ligarão Cabinda, Ponta Negra e Congo Belga com Luanda, portanto com o Sul da Colonia, com o Caminho de Ferro de Benguela—Katanga, que se prolongarão pela Rodesia, Transval, Moçambique, etc, e todas veem entroncar no Ambrizete.

Póde pois ser dum grande alcance social, incalculavel, este empreendimento, ficando assim arredado o obstaculo que Rebello da Silva apontava—«Sem estradas que aproximem o interior do litoral tudo que se fizer resultará estéril e improficuo...!!

Há porém um óbice, terrível no gordio que pre desatar ou cortar a do

É a ponte sôbre o Rio Loge, que para não destruir os beneficios que resultarão do encurtamento das distancias, para Noqui e S. Salvador, essa terra histórica que há 500 anos foi a primeira Capital do Congo, cumpre que a ponte se construa no local onde hoje funciona a

jangada, á beira da séde da Fazenda Loge.

Pelas razões já atraz expostas, afirmou-se ser basilar, para o progresso do Norte da Colonia, que temos inflexivelmente de defender, a construção da ponte no local que se indica ou suas proximidades. É uma estrada internacional para não dizer estratégica, que precisa de ter um percurso o mais curto possivel para facilidade de trafego e turismo.

Nenhum prejuizo haverá para o Ambriz, como se prova, pois que tres caminhos lhe estão abertos:

Primeiro—manter o *statu quo*, visto que a jangada que há muitos anos funciona a 50 quilometros do Ambriz—estrada Ambriz-Uige—tem sempre dado passagem, de dia e de noite, aos carros que pela Quibala transitam. Se algumas difficuldades tem surgido, não tem





sido devidas a essa jangada mas sim, á própria estrada. De resto, não é a ponte que resolve o problema das estradas nem a falta de pessoal indígena para as reparar, mas sim o contrário, isto é, são as estradas que resolvem o problema da ponte.

Segundo—fazer, a estrada do Quingombe, quilometro 85 da estrada Ambrizete-Ambriz a ligar á Quibala. É uma estrada com as mesmas características da actual estrada Ambriz—Quibala, com obras de arte a fazer e deserta, isto é, sem um povo ao longo do seu percurso, diferenciando-se sómente por ser na margem direita do rio. A sua conservação é difícil e dispendiosa como succede com a presente que é o pesadelo da Edilidade.

---



---

# ESTRADAS

## DO ZAIRE-CONGO

---



---

(Continuação)

Terceiro—ligação mais económica e até mais moral, Ambriz com o Bembe, fazendo a ponte no local indicado, a vir pela estrada Loge—Ambrizete até ao quilometro 52—Musserra—e dali fazer uma estrada em linha recta até ao quilometro 75 da estrada Ambrizete—Bembe. São apenas 50 quilómetros de estrada a concluir em região quasi plana, sem nenhuma obra de arte, dos quais 8 quilómetros estão já a ser construídos para efeitos de fiscalização administrativa. Recorre-se aos numeros para tornar a demonstração mais clara e concludente:

A actual estrada que vai para o Ambriz, parte do

quilometro 154 da estrada Ambrizete-Bembe e tem um percurso de 157 quilómetros.

Ora a ligação indicada partiria do quilometro 75 da referida estrada, dali á Musserra, ao Loge e ao Ambriz ou seja do quilometro 154 ao 75, 59 quilómetros. Do 75 á Musserra, 50 quilómetros. Da Musserra ao Ambriz, 48 quilómetros, o que prefaria um total de 157 quilómetros, ou seja sensivelmente o percurso actual, mais quilometro menos quilometro, visto o troço «75-Musserra» não estar ainda medido, embora se saiba, de certeza, que não irá além de 50 quilómetros.

Do quilometro 154 para o Ambriz, há um prejuizo de 25 quilómetros em relação ao percurso do mesmo ponto para o Ambrizete; partindo do 75 esse prejuizo continua a existir, e portanto, para o Ambriz deve ser indiferente, *á priori*, o entroncamento num ou noutro ponto, desde que não haja aumento de percurso, a estrada seja de piso seguro em qualquer época do ano, e, principalmente, desde que não tenha de preocupar-se com a sua conservação o que só succederá se entroncar no quilometro 75.

Parece ser, pois, evidentemente, de preferir o troço «75»-Musserra, que são apenas 50 quilómetros a conservar, enquanto que pela Quibala são 158 dos quais, pelo menos, em mais de 100 quilómetros não há uma aldeia viva sequer.

A estrada Ambrizete—Bembe tem de manter-se, seja qual for a solução dada ao problema. Por seu turno a estrada Ambrizete—Bembe também não pode desaparecer. Sendo ambas de necessidade imperiosa e, tanto, que o abandono de uma delas causaria graves perturbações economicas á localidade lesada, convém, portanto, aproveitar o máximo dessas estradas e sem prejuizo para nenhuma, aliviar no máximo o peso da conservação que recai sobre o indígena. E como não há dúvida sobre o mais curto percurso a solução está indicada. *Quod erat demonstrandum.*

M A R C O L I N O      D E      M E I R E L E S







Sindicato é um consórcio constituído pelos industriais de pesca do Distrito de Benguela, fundado ao abrigo do D. L. n.º 285, de 10 de Dezembro de 1951, regido pelos seus Estatutos aprovados pelo Governo da Colónia e publicados no Boletim Oficial n.º 48, de 26 de Novembro de 1952.

Constituído com 18 sócios, o seu número eleva-se hoje a 28, número êste, que compreende todos os industriais de pesca dêste Distrito.

A organização do Sindicato fez-se numa época em que a classe piscatória estava quasi arruinada, pela

concorrência desordenada que entre si existia. Viu, e muito bem, o Governo da Colónia, na constituição dos Sindicatos, a única forma de levantar a classe piscatória, conseguindo uma remuneração justa e equitativa ao seu pescado, uma melhor apresentação e selecção dos produtos, e portanto um melhor rendimento para o Estado e um aumento na economia da Colónia. Inicou as suas operações em Janeiro de 1955, e, sem financiamento de espécie alguma, conseguiu financiar os industriais mais necessitados, fornecendo-lhe materiais para as artes de pesca e alimentação para o pessoal e viu-

## O Sindicato de Indústria e Comércio de Peixe de --- Benguela ---

A produção do primeiro ano foi a seguinte:

16.556 malas de peixe grosso com o peso de 490.680 quilos, no valor de angolares 817.800,00.  
35.726 malas de peixe fino com o peso de 1.611.780 quilos, no valor de angolares 1.545.150,00.

A exportação desta produção, dividiu-se pelos seguintes mercados:

Congo Belga e Francês	47.679	malas de 50	quilos
Colónia de Angola	18.690	>	> 50 >
S. Tomé e Príncipe	2.215	>	> 50 >
Moçambique	1.500	>	> 50 >
	70.082		

gar, mercê de muitos sacrifícios dos seus associados. Apesar da depressão comercial constatada nos mercados do interior e exterior, provocada pela baixa dos géneros de exportação, conseguiu êste Sindicato, colocar quasi tôda a sua produção, sem perda sensível do seu pescado. Assim, deu nova vida aos seus associados, os quais vão aumentando dia a dia os seus elementos de trabalho e produção, tendo êste Sindicato fundadas esperanças de um aumento sensível na sua produção.

Está êste Sindicato interessado na aquisição de fábricas para a extração de óleos, fabricação de

farinhas e guano, produtos êstes de garantida e remuneradora colocação nos mercados europeus, atingindo assim o duplo objectivo, de retirar ar do peixe seco de exportação, a grande massa de peixes oleosos, de baixo preço, valorizando e facilitando ao mesmo tempo um maior consumo das restantes espécies de peixes de melhores qualidades. Pensa ainda

em criar novos mercados para os seus produtos, que os há, e com grandes capacidades de consumo, tanto para o Ocidente como para o Oriente.

## Mendes, Valladas

### & C.<sup>a</sup>, Lda.

LISBOA LUANDA  
Rua dos Douradores, Ruas: Salvador  
69, 3.º Correia e Allandega  
Telefone 1904 — C Telefone N.º 54

Endereço Telegrafico | Lisboa  
MENVAL | Luanda

#### Armazens de:

Fazendas, quinquilherias, ferragens, madeiras, tintas, óleos, alcatrão, coaltar, agua-raz, ferro e aço em chapa e barra, cobre e latão em chapa, barras e tubos, tubagem de ferro para agua e gaz, carvão de coque, cimento, cal, mosaico, tijolo, telha de marselha, cabos e lonas para velas de embarcações, papelaria, louças de porcelana, vidro, alumínio, ferro esmaltado e fundido, depósito de artigos para construções navais.

#### Importação

— E —

#### Exportação

## MATERIAIS ELECTRICOS

MONTAGENS ELECTRICAS  
— PARA LUZ E FORÇA —

Baterias "TUDOR",



Sociedade Electro Mecanica, L.<sup>da</sup>

LUANDA | BENGUELA  
CAIXA POSTAL 130 | CAIXA POSTAL 156

Endereço Telegrafico: ELECTRO



# Gonçalves & Tristão

Caixa Postal 359 — LOANDA

Fabrica de Sabão «ESTRELA»

Medalha de Prata — EXPOSIÇÃO DE SEVILHA

Medalha de Bronze — EXPOSIÇÃO DE PARIS

SOCIETARIOS DAS:

Sociedade Industrial dos Tabacos de Angola, Limitada  
«SITAL»

Sociedade Panificadora Industrial, Limitada  
«SPIL»

IMPORTADORES E EXPORTADORES

## MERCEARIA

Sempre em armazem, das melhores origens: Vinhos tinto, branco e abafado, Azeite de oliveira, Fosforos, Carboreto, Farinha de trigo Australiana de 1.ª e todos os artigos de mercearia

Compramos sempre aos melhores preços: OLEO PALMA E TODOS OS GENEROS COLONIAIS

AZEITES	A T U M
AZEITONAS	PICKLES
ERVILHAS	MARISCOS
SARDINHAS	DOCES

### Brandão & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

**OVAR** (Portugal)

A mais importante Fábrica  
de Conservas da Metrópole

Representante em Angola

**ANTONIO LELLO**  
C. P. 157 LUANDA Telef. 147

LEGUMES	CARNES
QUEIJO	FRUTAS
MASSA DE	PEIXES
TOMATE	CAÇAS

## BELPORT

Sociedade Belga—Portuguêsa para Indústria e Agricultura de Angola

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

End. Teleg. BELPORT

CAIXA POSTAL 248

Filiais nos principais distritos

### IMPORTAÇÃO

de todos os artigos da INDUSTRIA PORTUGUESA e do Estrangeiro que interessam os mercados da AFRICA.

### EXPORTAÇÃO

de todos os produtos da Costa Ocidental da Africa Portuguêsa e do Congo Belga.

### Sempre em Armazém

TECIDOS EM TODOS OS GENEROS PARA PERMUIA  
BEBIDAS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS  
CONSERVAS DE PEIXE  
VINHOS — AZEITES — LICORES

Respondemos imediatamente a quaisquer ofertas de negócios

Respondemos imediatamente a quaisquer ofertas de negócios

Recebe ofertas e amostras de tôda a produção Industrial Portuguêsa



*PORQUÊ preferir bebidas estrangeiras se tendes em Portugal a melhor bebida do mundo . . .*

**... o vinho do Porto! ...**



Barco rabêlo carregado de Vinho do Porto descendo o rio Douro

O Vinho do Porto é agradável ao paladar e útil ao organismo. Na opinião das maiores sumidades médicas da actualidade o Vinho do Porto é um tónico excelente. Estimula os órgãos digestivos, sem que a sua acção tenha a menor consequência

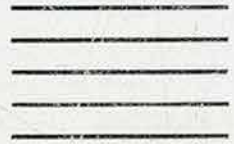
nociva. É um antídoto contra as gripes, e quando adicionado de uma determinada percentagem de quina é um ótimo aperitivo e um maravilhoso preventivo contra as febres de Africa. — Mas, **acima de tudo** de-veis preferi-lo **sempre**, porque

**o Vinho do Porto é um vinho Português!**





A



## vida de um raio de sol

**F**RITZ, era rico fazendeiro para as bandas da Hunguéria. Todo o dia nas suas terras fartas, e consoante as estações, se ouvia o canto dos sagadores na fátua, das raparigas, atentas, na debulha. Os bois mugiam desde o romper da alva.

—!E Cibele!—E Bonina!—berravam os pastores. E as charruas, range-range, profundavam sulcos no humus negro.

Em frente da *farm*, sob um telheiro escuro, destacavam-se a oficina de serralheiro e a forja, com a sua bigorna. De manhã á noite, grandes carroções se repazavam. Uns sem rodas—batiadas a malho—de varais para o ar, outros jungindo-se—as cangas pesadas—ao cachaço dos *afrikanders* nedios, de pelagem amarela, que carreiros, de chapéu desabado, conduziam. Animais ferravam-se, junto ás *espanas* longas, prestes a largarem para os confins do Cuanhama e do Cuanato, do Cuangar longinquo. Negras, de penteados altos, barrados de gordura e berrantes de vermelho, luzindo enfiadas de prégos doirados, demandavam as povoações, transportando cestas de ovos. *Boers* da Huila seguiam ao trole dos cavalos pequenos, pelas encruzilhadas da Chibia e Gambos.

O movimento nas estradas era constante.

Ao alvorecer, manadas pachorrentas deslocavam-se para esmaltados pastos nas vertentes das colinas. Voltavam ao lusco-fusco. *Fumantes*, como ciganos, abriam acampamento e cirandavam até mudegada velha. Um boi valia um cobertor—e discutiam em volta das fogueiras com os sobas dos arredores. De raro em raro buzinaava uma camionete.

Natacha Maria, olhava aquele tumulto com soberana indiferença. A sua vida alterára-se mas não o seu sentimento da realidade. «¿Era então aquilo a nova existencia?»—perguntava, desdenhosamente, a si própria. E pelo marido, despota e orgulhoso, nutria um surdo desprezo. Sem um carinho, uma teraura, via-o montar a egua favorita e partir para longas excursões de caça. De resto, entre eles, jámais se via trocado o doce *I love you*. Não se fizera a sombra chinesa do amor, na feérica crepitante de um poente rubro, o grito de um beijo, naquele *hime* florido. Autoritário em excesso, o *boer*, nem mesmo nos primeiros dias ocultára o temperamento. No principio, duas ou tres semanas, elo, em casa, aguardára o seu regresso, indiferente. Mas depois ele voltava, rude, vermelho do Sol, e quasi a não saudava. Natacha, por fim, quando o presentia, fechava-se no quarto.

—¿A senhora?—perguntava Fritz á velha governante.

—Está além. Fechou-se mal tu chegaste.

—Está bem.

Na casa, onde se falava o holandês, os pais mal a visitavam. A mãe, *boer*, resumia as aspirações ao cachimbo que fumava. O

pai, esse, apaixonado agricultor, não se lhe davam os desgostos da filha. Considerava-a bem casada. E na retina dela, demoravam-se o Orange longinquo, o Transvaal—as ruas de oiro e Sol de Johannesburg e Pretoria. Ali sonhára o seu laboratório branco, sintese de rigidez e de niquelados.

Numa manhã fresca, ruidos de mil vozes, alarmaram a casa. A governante, velha transvaaliana do tempo de Kruger, precipitou-se aos braços de Natacha Maria.

—¿O que foi?—preguntou esta, admirada.

—¿O senhor, o senhor, está ali, morto, estendido nuns ramos! Trouxeram-no os pretos—e desatou a soluçar.

Natacha Maria correu.

O marido, coberto de sangue, meio inchado já, sob o alpendre, no pateo, estirava-se, envolto em uma manta grosseira. A volta, negros e colonos comentavam a aventura do *boer*, esfarrapado pelas presas de um paquiderme.

Ela aproximou-se. Olhou-o, remirou-o. Não teve um lágrima. Na roda caiu um silencio embaraçado.

—Levem o corpo para cima—ordenou. E Natacha Maria afastou-se.

Os *boers* da vizinhança, amezudaram-se no vetusto casarão. Toda á noite resas e choros convulsivos se prolongaram, difundindo-se nos *quilombos* distantes. No pateo tropeavam muires e arrumavam-se *espanas*, corridas de afastados logarcejos.

Ele lá estava, sereno, numa atitude pacífica que jámais se lhe conhecera.

Ao romper da alva, Natacha Maria, desceu. Colou, pensativa, o rosto ás vidraças. As horas que assim esteve, não soube. Quando den por si, soltou um grito. O Sol deixára escapulir um dos seus raios pelos interstícios de uma árvore e na faixa de luz crianças brincavam, gargalhando.

Foi uma revelação.

Abriendo desmesuradamente os olhos, Natacha Maria, *compreendeu que a vida sorria ali, pujante, naquele grupo de loiros bambinos*. Sim, era ali que estava o segredo—o novo Mundo prometido! ;E ela não o surpreendera antes! Um filho seu, no baudo que brincava, falar-lhe-hia da felicidade—da felicidade que não conhecera! ;Um filho!

Recuou dois passos, estonteada. Agora era tarde.

!Era tarde! ;Era tarde!—e um toque a finados, naquela casa morta, soou-lhe aos ouvidos.

Sufocava,

Instintivamente, levou as mãos ao seio. Sentiu arfar. ;Não podia ser! E recuou mais dois passos. As mãos apalparam o ventre. Encontrou-o tumido. «¡Ah! meu Deus, se fosse verdade!». E as mãos, nervosamente, desceram, a certifiarem-se de novo. *Confirmaram a certesa*. E não pôde evitar novo grito.

Os passos, desorientados, guiaram-na ao quarto *dele*. As suas entranhas, agora despertas, guardavam a herança do morto. E ela lá estava no seu caixão, dir-se-hia, quasi sorrindo—feliz. Ela precipitou-se. Convulsivamente, apertou-o nos braços. Mordeu-lhe a boca, num beijo—agradecida... E só então as lágrimas caíram violentas, irreprimíveis... Se o mundo da sua ventura, surgia, nos passos da Morte, a iluminar-lhe a Vida, como um Sol novo...

N O R B E R T O G O N Z A G A



# A CULTURA DO ALGODÃO

**Pode fazer-se com  
êxito no Ambrizete**

**Uma vala irrigando 20.000  
hects., custará 500 contos**

**U**M grande problema político e económico, é este de que vou falar.

Não cuidem, meus senhores, que ele se limita apenas à Circunscrição Civil do Ambrizete. Não. Ele é um problema verdadeiramente da Colónia, um problema da Nação! Ele pertence às concepções mais belas, mais grandiosas que o Governo Nacional pôde acalear em seu seio.

As Colónias e a Metrópole fazem parte de um todo que se chama PORTUGAL. Foi talvez por isso, que Marcel Dubois classificou de magnífica a Obra Colonial dos portugueses. Sim, — ANGOLA é PORTUGAL!

O problema de que acima lhes falei, é o problema da cultura do Algodão em Angola, que será resolvido em parte, se os Governos fomentarem, de uma vez para sempre, tal cultura.

Ha aqui, no Ambrizete, terrenos esplêndidos próprios para a cultura do algodão, porque são de formação sedimentar abundando neles o calcário, o fósforo, a sílica, o humus, etc. etc., garantia mais que suficiente para uma boa produção e qualidade desta fibra.

A cultura desta *malvácea* tem sido muito descuidada nesta Colónia. Já em fins do século passado e princípios do actual, os ministros do Ultramar Eduardo Vilaça, Moreira Júnior e Teixeira de Sousa, para só falar destes, legislaram a favor duma mais larga produção, mas nem por isso logrou ser cultivada em maior escala.

Em 1926 a importação de algodão feita pelas fábricas do nosso País, subiu à formidável soma de 150 mil contos; e no quinquénio de 1927 - 31 o algodão importado foi de 80.000 toneladas que custaram ao País cêrca de 670 mil contos, sendo a participação de todas as Colónias de 4.055 toneladas no valor de 29 mil contos apenas!

Pois bem: essas somas enormíssimas, êsse formidável caudal de ouro que a Nação exporta anualmente para o estrangeiro, esse ouro, pôde, senão todo pelo menos a maior parte, ficar no País para empréstimos às suas Co-

lónias que bem precisam, porque elas lho devolverão com juro remunerador!

E neste caso está Angola, e nela o Ambrizete.

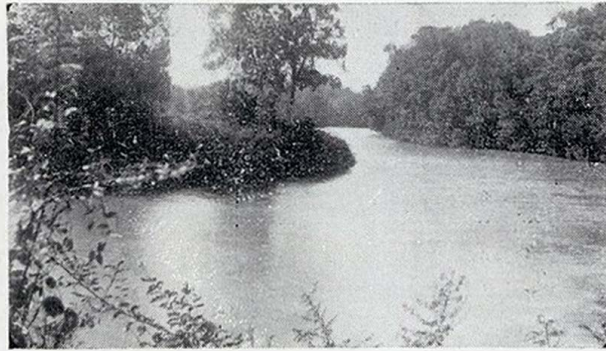
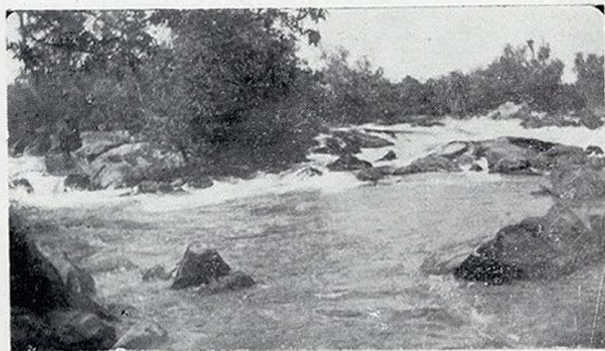
Ha uma vala em estudo, que captada a água no rio M'BRIDGE, a cêrca de 50 quilómetros da sua foz onde a perpendicular marca uma altura de 50 metros, essa vala vai irrigar 20.000 hectares de magníficos terrenos, próprios, como já se disse, para a cultura de algodão, milho, arroz, etc. etc.

Ora, partindo do princípio que a humidade é um elemento importante para a boa vegetação desta rica *malvácea*; que experiências feitas na Uganda, Cougo, Senegal, etc., dizem que enquanto um terreno regado produz 700 quilos de ótima fibra, um terreno de sequeiro apenas produz 60; que segundo diz Welwitsch, o sol e o clima de Angola são muito favoráveis à produção *Gossypina* «podendo asseverar sem exagero que esta Província parece ter sido fadada para se transformar num ilimitado campo desta cultura»: — porque não ha-de, pois, o Governo ordear a abertura da vala que, o mais que lhe poderá custar, são 500 contos? E se os 20.000 hectares que a vala vai irrigar, os Serviços de Agricultura os venderem a 50,00 cada Ha, não terá o Estado um lucro líquido de 500 contos?

Se o Governo atentar bem nesta riqueza, nesta enormíssima riqueza, — eu creio que será mais um grande serviço a ANGOLA.

De 1914 a 1935, Angola exportou 8.555.478 quilos de algodão ou seja uma média de anual de cêrca de 458 toneladas.

Suponhamos que se cultivam, em vez de 20.000, apenas 10.000 has. de algodão (deixamos 10.000 para outras culturas) e que cada hectare produz 200 quilos. Temos assim uma produção segura de 2.000 toneladas de algodão, que irão servir as nossas Fábricas de Tecidos e influir na nossa balança comercial.



Dois aspectos do Rio M'bridge, de onde pode ser tirada a vala a que o artigo se refere



# A CULTURA DO ALGODÃO

(Continuação)

Portanto será uma riqueza a explorar, competindo ao Estado promover, tanto quanto possível, a vinda de capitais que serão largamente compensados.

Tem a Circunscrição Civil do Ambrizele 20.261 indígenas assim distribuídos:

Postos	Homens	Mulheres
Séde . . . . .	4.175	5.019
Bessa Monteiro . . . . .	1.240	1.496
Quinzau . . . . .	1.580	2.285
Tomboco . . . . .	2.027	2.455
	<u>9.020</u>	<u>11.251</u>

que garantirão a mão d'obra indígena.

Será, pois, uma verdadeira riqueza publica a abertura daquela vala, aqui a dois passos dum pôrto que, no dizer do grande e illustre colonial Norton de Matos, é o verdadeiro Lobito do Norte.

O movimento dêste pôrto, nos últimos quatro anos, foi o seguinte :

## Importação

	Quantidades	Valores em angolares
1950. . . . .	512.211	1.518.071,00
1951. . . . .	120.890	675.855,00
1952. . . . .	450.072	884.524,00
1953. . . . .	454.544	1.002.560,00

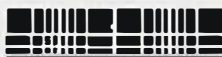
## Exportação

1950. . . . .	1.120.006	2.505.572,00
1951. . . . .	1.146.464	1.971.982,00
1952. . . . .	1.825.904	5.089.752,00
1953. . . . .	2.410.188	4.577.559,00

faltando-nos o movimento de cabotagem que não pudémos obter, mas que sabemos ser superior á importação, pelo menos depois de ser posto em execução o Decreto N.º 19.775.

E' êste, pois, um assunto que ao Governo compete ponderar e resolver, porque muito importa á economia da Nação.

J O S É M A I A C O R T E Z Ã O







**A** exportação do boi angolano (pobre bicho) claudica tão tristemente que, chamadas as últimas reservas do nosso optimismo já exausto, temos de concluir que nada há que ponha cõbro aos dardos fulminantes com que impiedosamente a alvejam. Ora é o cambão calabriano, que senhor feudal do escuro negócio de carne para abastecimento do mercado de Lisboa, sai à arena subrepticamente e com a segurança que lhe dão os milhões mal ganhos, agredindo e insultando o pacífico boi de Angola: ora são as arremetidas incongruentes dos técnicos, enxaquecados por maus humores e amolecidos de espirito por digestões difíceis, que vomitam vitupérios, atropelam clássicos princípios de sciência, para atingir, iracundos, a vítima que a tantas milhas de distância vive na serena pacatez, na seráfica indiferença pelas coisas terrenas, pelos homens maldispostos.

É assim, como já não bastasse o ataque desigual (desigual porque estão entrincheirados em dinheiro os atacantes e esgotados d'êles os pobres portugueses de Angola), persiste a proibição de entrada, no misterioso matadouro de Lisboa, ao boi angolano, durante os três meses de verão radiante que delicia e refastela pelas praias magnificas, cheias de sol e de luz, o povinho alfacinha, enquanto compatriotas seus se debatem por Africa numa épica luta pela vida, espreitados sempre pelo paludismo tropical que os mata em minutos ou lhes colora os músculos, já esgotados, com aquela cõr macilenta que define torturas físicas e acabrunhamentos morais.

É quando a luta é desigual, quando o inimigo é poderoso e não há que contar com o auxilio extranho, não é cobardia fugir.

Assim, antes da ruína fatal, do aniquilamento máximo, temos de procurar soluções para o problema difficil. Abandonar-se a pecuária angolana, transformando-a numa matéria improductiva ou prejudicial porque ocupa terras que possivelmente outros productos podem dar e que não prejudiquem a mastigação ruidosa dos colossos, seria criminoso. Deixar morrer pela fome o português de Angola a quem o Destino, nas suas maldosas manifestações, prendeu de pés e mãos à vida escrava e inferior de crear bois, é deshumano. Desprezar o gentio a quem as condições do meio, da vida e de atavismo o conduziram a ter rebanhos de bovinos, só a êles se dedicar, d'êles cuidar melhor do que dos filhos e nêles procurar, vendendo o boi gordo, a satisfação das suas parças exigências, é anti-civilizador, é bárbaro.

É preciso, pois, vencer esses desânimos, alentar os desalentados, estimular a fibra atónica. Diriam aqueles que, em teoria, não receiam as grandes difficuldades, que estava na frigorificação das carnes a formidável solução do problema. Mas esses esquecem-se que a organização dum sistema dessa natureza implica a movimentação de alguns milhões, exige a conquista difficil de mercados para a colocação da carne que o frio conserva, precisa de remar contra os caprichos alimentares do povo para que este não rejeite o alimento congelado ou frigorifica-

do. E o momento que decorre, reflexo angustioso duma crise mundial de que não há exêmplo na História, não permite as grandes realizações, abala os impetus talentosos do homem que só concebe grandiosos empreendimentos. Há que buscar outra solução.

A França tem, isolada no Indico, a ilha de Madagascar. Terra riquíssima, duma fertilidade exuberante e dum poder de produção extraordinário, sobre do defeito de estar longe do mundo. Visinha dela só a Africa do Sul e a nossa colónia de Moçambique; o resto, distante, muito distante. O Transvaal porque é rico, porque tudo produz, esquece-se da visinha solitária; não precisa dela para nada. Moçambique, num periodo agudo em que por condições de ordem sanitária teve de dizimar os seus gados, a ela recorreu para o abastecimento de carne ao povo moçambicano. E durante alguns anos, muitos navios conduziram gado de Madagascar para aquella nossa colónia. Mas a pecuária, por mercê de aturados trabalhos técnicos, reconstituiu-se e Madagascar perdeu assim o único mercado que tinha para colocação dos seus bois.

Solicitou protecção à sua pátria: a immobilização do capital que representava o seu armento pecuário era a liquidação formal da colónia. E a França acarinhou êsse seu território africano. Organizou nêle a indústria de conservas, prestou assistência financeira aos criadores de gados e, pouco tempo depois, a carne de boi de Madagascar era consumida em França (devidamente preparada e enlatada) em quantidades tais que se estabeleceu o equilibrio de produção e venda.

Não foi bem aceite, de principio, a carne assim preparada. Mas uma propaganda inteligente e patriótica convidava o bom francês a dar consumo a um produto que constituía uma riqueza de colónia sua. Ao mesmo tempo, a França decretava a obrigatoriedade de consumir, no seu exército, em quantidades devidamente controladas, a carne conservada da ilha de Madagascar. E hoje constitue necessidade alimentar e é devidamente apreciada pelo povo francês, a carne colonial.

Porque não havemos de caminhar para esta solução? Temos fabricas de conservas devidamente apetrechadas, temos matéria prima em abundância e também temos, no nosso exército, na nossa armada, nos asilos, nas escolas officiais e em outros departamentos públicos, gente para a consumir.

Argumentar-se-há que o povo português rejeita a carne assim preparada. Mas, no periodo da Guerra, o nosso soldado comia, com delicia, o *corned-beef* e outras preparações similares, e ainda hoje recorda o prazer de manjares, no *front*, onde sempre residia e pontificava a carne que o exército inglez fornecia, em latas, ao nosso sector guerreiro.

Será por esta forma possível resolver-se o problema máximo do Sul de Angola, sem difficultar as digestões largas dum cambão calabriano que, *magnanimamente*, chamou a si o encargo de cuidar dos estômagos flatulentos do povo alfacinha?

## Gado bovino de Angola



# VASCO DE OLIVEIRA

## REPRESENTAÇÕES — COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES —

VINHOS DO NORTE E  
ESPUMOSOS—Real Com-  
panhia Vinicola do Norte  
de Portugal—Porto — —

VINHOS DO SUL — —  
Sociedade Vinicola do  
Sul de Portugal—Lisboa

CONSERVAS — — —  
Lopes Coelho Dias & C.ª,  
Lda.—Matosinhos — —

MANTEIGA ZARCO —  
— Martins & Rebelo —  
— — Fauchal — —

CAMISARIA — — —  
— — A Confiança — — —  
— — Porto — — —

Fabricas «GRAHAM» — Tecidos crus, brancos  
e estampados — Papeis de impressão, escrita,  
embrulho etc. — Porto — Lisboa — Tojal

RISCADOS—COBERTO-  
RES—Lanificios — — —  
Fernandes, Matos & C.ª,  
Limitada—Porto — — —

MASSAS, BOLACHAS  
BISCOITOS — LEVE-  
DURA:—Companhia In-  
dustrial de Portugal e  
Cóniugas—Lisboa — —

CERVEJA — — —  
— — — « Jansen » — — —  
— — — Lisboa — — —

LEITES, FARINHAS,  
CHOCOLATES — Nestlé  
and Anglo-Swiss Conden-  
sed Milk C.º — Suissa

LICORES, XAROPES E  
COGNACS — — — —  
— — Fabrica Ancora — —  
— — Lisboa — — —

PULVERISADO RES,  
— TORPILHAS .ETC. —  
J. S. Moutela — Lisboa

EXPORTAÇÃO GERAL  
— — — ALEMA — — —  
— — — J. Kronheimer & C.º — — —  
— — — Hamburgo — — —

AGENTE GERAL DA —  
— — Empresa do Anuário  
— — — Comercial—Lisboa — —

12 — RUA ALFREDO TRONY — 20 **LOANDA** CAIXA POSTAL N.º 345

## Os tecidos **BREINER**

FABRICADOS PELA

### Fábrica de Branqueação e Acabamentos, Ltd.ª

da Rua do BREINER, 86 — PORTO — PORTUGAL

e premiados nas Exposições Internacional de Barcelona  
e do Estoril e Grande Exposição Industrial Portuguesa

LEVAM ESTA MARCA



**Garantia** dos melhores tintos  
dos melhores acabamentos  
do melhor branco  
da maior duração



Especialidade em morins e patentes  
brancos, bretanhas, opalinas, nankins,  
suartes e gangas, panos para lençois,  
sarjas, e todos os artigos brancos e  
de côres lisas, de algodão e mixtos  
com sêda artificial

## Refrigerantes de Angola, L.ª

◆ BENGUELA ◆

AGENTES EM:

Luanda, Lobito, Nova Lisboa,  
Nvo Redondo, Porto Amboim,  
Vila Luzo, Silva Porto, Congo  
Belga, Mossamedes, Porto  
— — — Alexandre — — —

CAIXA POSTAL N.º 165  
ENO. TELEG. SWAN



Sábrica  
— de —  
GAZUZAS,

XAROPES

E SODAS

A fama  
— dissima  
— marca

**CISNE**

**B  
R  
A  
N  
C  
O**



## Ferreiras & Sás, L.<sup>da</sup>

LOANDA

L Rua da Vitória  
I —N.º 38-5.º—  
B  
O Telefone  
A N.º 1173-C

ENDEREÇO  
TELEG.  
GOINDA

L 76 - Rua Salva-  
O dor Correia - 86  
A  
N  
D C. P. N.º 1  
A Telefone. 229

### ARMAZEM DE:

Ferragens, quinquilharias, alfaias agrícolas e ferramentas para — todos os ofícios —

Depósito de lonas, cabos, tintas em pó, massa, e preparadas. — Óleos e vernizes —

Artigos de campanha, óleos para automóveis, pergamoide, oleados para chão, — meza, etc. —

Louças em porcelana, vidro, barro alumínio, ferro esmaltado — e talheres diversos —

Máquinas de costura **SINGER**, lavatórios, camas, fogões de ferro e **PRIMUS**. Manilhas — de grês —

Covrepieds, stores, atoalhados e artigos para escritório—

## MANUEL DO NASCIMENTO & C.<sup>A</sup>

O BARATEIRO DA MUTAMBA

CAIXA POSTAL — N.º 146 — END. TELEG.: — MANAS —  
TELEFONE N.º 270

17, Avenida Neves Ferreira, 21

COMERCIO GERAL,  
MERCEARIA, FAZENDAS,  
QUINQUILHARIAS  
E  
ARTIGOS DE PERMUTA

VENDAS POR GROSSO  
E A RETALHO AOS  
MELHORES PREÇOS

# Mabílio M. d'Albuquerque

CASA FUNDADA EM 1922

RUA FARINHA LEITÃO, 53 a 67  
CAIXA POSTAL, 378  
TELEFONE, 200  
Endereço Teleg.: PETROMAX  
L U A N D A

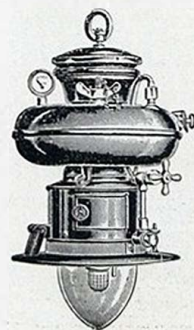
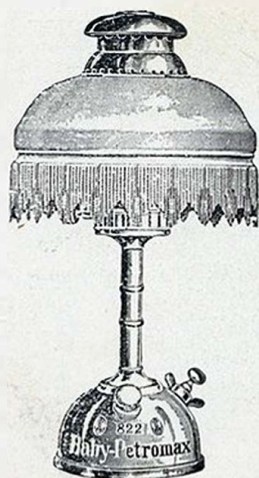
Armazém de Fazendas  
Nacionais e Estrangeiras

## SEMPRE EM STOCK

Camisaria, chapelaria, calçado, louças esmaltadas, atoalhados, malhas e miudezas

Vendedor exclusivo dos candieiros  
e material PETROMAX

Importação e Exportação

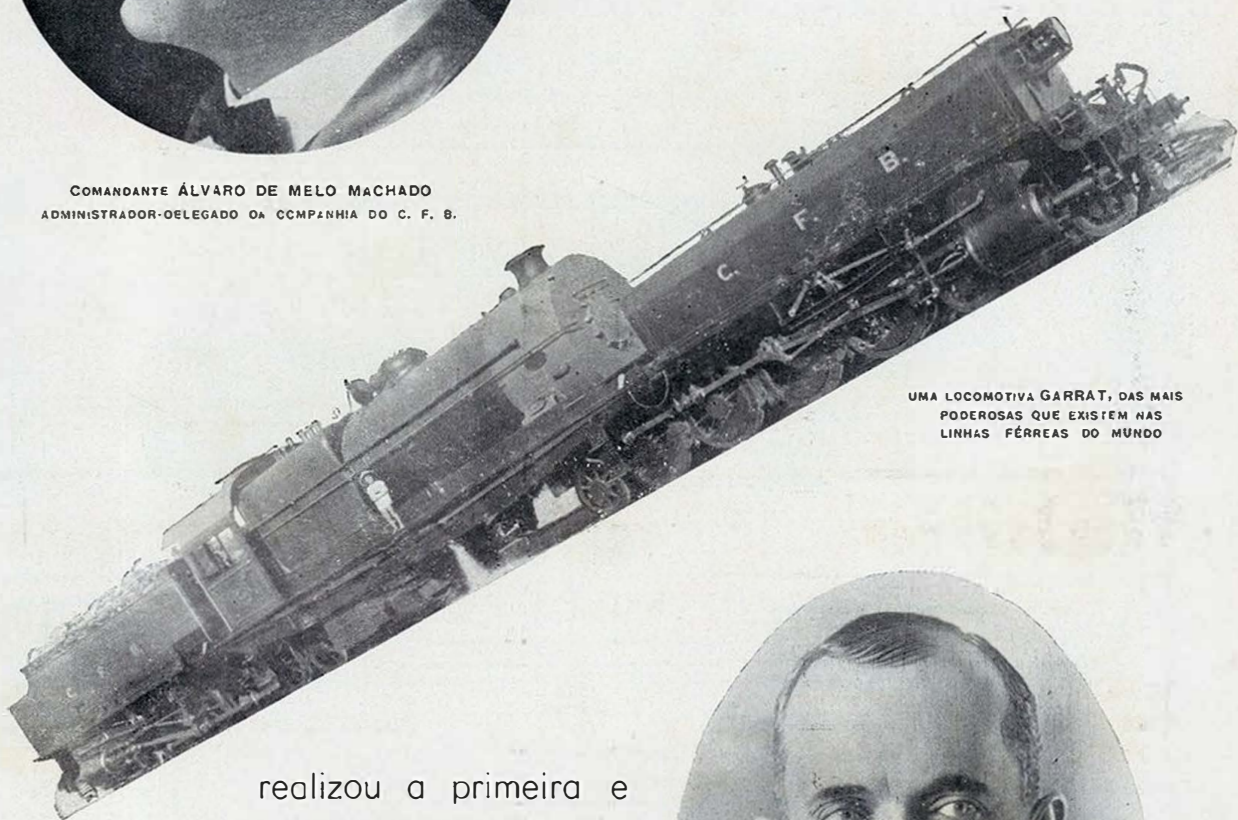




# ○ CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA



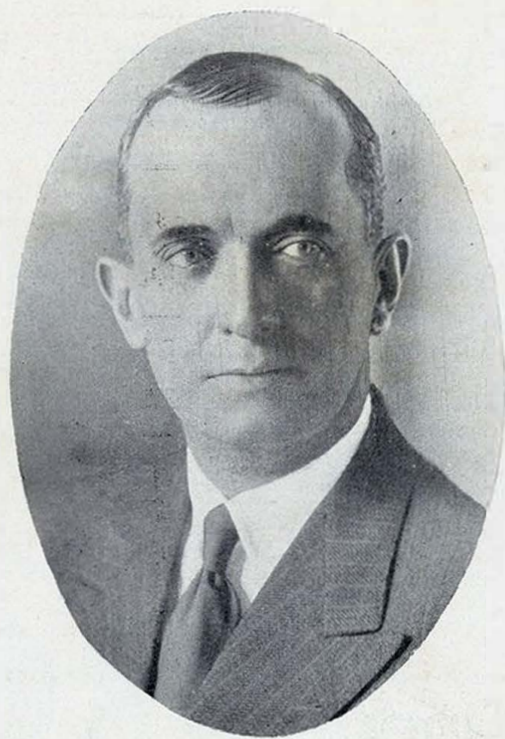
COMANDANTE ÁLVARO DE MELO MACHADO  
ADMINISTRADOR-DELEGADO DA COMPANHIA DO C. F. B.



UMA LOCOMOTIVA GARRAT, DAS MAIS  
PODEROSAS QUE EXISTEM NAS  
LINHAS FÉRREAS DO MUNDO

realizou a primeira e  
única via férrea transafricana  
de Angola á contra-costa.  
(LOBITO — BEIRA — LOURENÇO  
MARQUES — CABO DA BOA  
ESPERANÇA)

— 1.347 quilómetros em terras de Angola —



ENGENHEIRO GONÇALO CABRAL  
DIRECTOR EM ÁFRICA DA COMPANHIA DO C. F. B.

Arquivando neste número os retratos dos ilustres Chefes, em Portugal e Angola, da mais importante empresa industrial angolana, prestamos justa homenagem á sua valiosissima influencia no desenvolvimento economico da região que serve.



a província de Angola

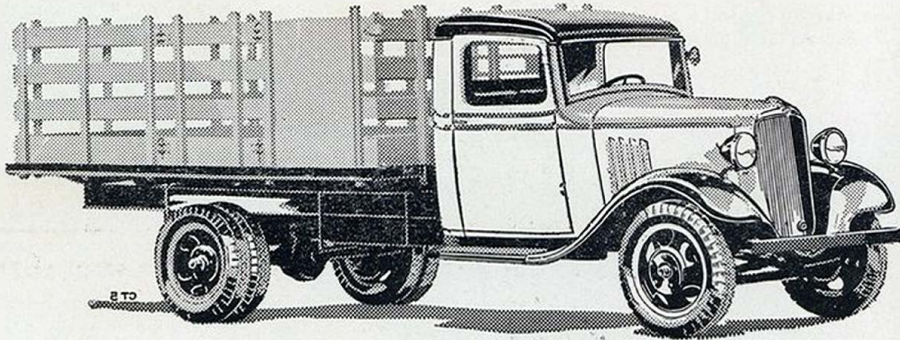
# CASA AMERICANA, LDA.

FUNDADA EM 1923

LOANDA

**Malange, Lobito, Nova Lisboa, Vila Luso**

Venda dos produtos da GENERAL MOTORES  
Carros, Camionetes. Frigidares e seus pertences



Material  
Electrico

**AEG**

MAQUINAS COLONIAES

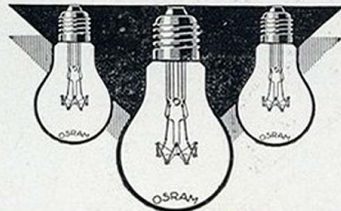
== KRUPP ==



Motores de explosão  
== DEUTZ ==

Lampadas Electricas

**OSRAM**



Bombas WEISE ==  
Material WINCHESTER

Pneus

**ROYAL**





# COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

**Séde: Rua do Comércio, 85—LISBOA**

**ENDEREÇO TELEGRÁFICO: OCIDENTAL**

*Serviço regular entre a Metrópole, Africa Ocidental  
e Oriental e Norte da Europa*

## FROTA DA COMPANHIA:

### PAQUETES:

NIASSA . . . . .	9.000 toneladas
ANGOLA . . . . .	8.500 >
QUANZA . . . . .	6.500 >
L. MARQUES . . . . .	6.400 >
MOÇAMBIQUE . . . . .	6.000 >

### VAPORES DE CABOTAGEM:

LUABO . . . . .	1.585 toneladas
CHINDE . . . . .	1.582 >
IBO . . . . .	884 >
AMBRIZ . . . . .	858 >
SAVE . . . . .	765 >

### VAPORES DE CARGA:

CUBANGO . . . . .	8.500 toneladas
CABO VERDE . . . . .	6.200 >
CONGO . . . . .	5.000 >

Transporte de mercadorias a frete corrido, com baldeação em Lisboa, por conta da Companhia, dos portos da Europa e America do Norte para a Africa Portuguesa e vice-versa.

Esta Companhia mantém um serviço combinado com a conhecidissima Agência Cook, para o fornecimento de passagens directas, dos portos desta Colónia para PARIS, BRUXELAS e ANVERS.

Todos os vapores desta Companhia, dispõem de excelentes acomodações e de todos os requisitos modernos da navegação, proporcionando aos senhores passageiros, viagens rápidas e cómodas.

### INSPECÇÃO DA COMPANHIA EM LUANDA:

Endereço telegráfico: COMPANAVE  
CAIXA POSTAL N.º 20

**Os Agentes**

**Câmara & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

Endereço Telegráfico: Garrido



a província de Angola

# GOMES & IRMÃO, L.<sup>da</sup>

SÉDE: — LISBOA — RUA S. JULIÃO, 11-1.º

Sucursal em  
**LOANDA**  
— Caixa Postal N.º 49 —

Endereço Telegráfico:  
«IRMÃOS»

Filial no  
**LOBITO**  
— Caixa Postal N.º 9 —

## SECÇÕES COMERCIAIS:

ARMAZÉNS DE VÍVERES  
ARMAZÉNS DE VINHOS  
ARMAZÉNS DE MATERIAIS DE CON-  
— — — — — TRUÇÃO — — — — —  
— — — — — MERCEARIA  
FAZENDAS, CALÇADO E MIUDEZAS  
LEITARIA — TALHO — PADARIA

## CRIAÇÃO DE GADO SUINO E BOVINO:

NAS SUAS PROPRIEDADES  
**MAIANGA, CABO LOMBO,  
BELAS E BEMFICA** — —

## SECÇÃO DE REPRESENTAÇÕES:

Companhia Geral de Agricultura das  
Vinhas do Alto Douro  
PRODUTOS «PÚRFINA» — Gazolina —  
Petróleo e Óleos  
Companhias de Seguros «FIDELIDADE»  
«BONANÇA» e «MUNDIAL»

## ACEITAM REPRESENTAÇÕES

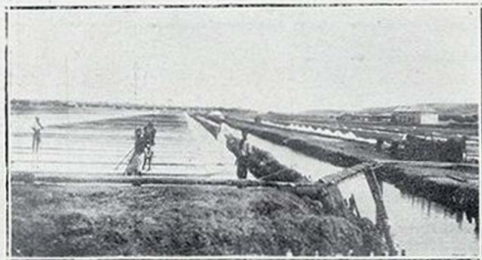
SOCIETÁRIOS GERENTES DE — Câmara & C.ª, Ltd.  
Agentes de Companhia Nacional de Navegação,  
Sociedade Colonial de Exportação Ltd., e Sociedade  
Panificadora Industrial, Ltd. (SPIL) — — —

## FORNECEDORES DE NAVIOS

**IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO GERAL DE E PARA OS PRINCIPAIS PORTOS  
DA EUROPA, APRECIANDO TODAS AS TRANSACÇÕES QUE LHEES QUEIRAM  
PROPÔR OS SNRS. FABRICANTES E EXPORTADORES DA METRÓPOLE**

## A Salineira, Limitada

CAIXA  
POSTAL  
N.º 115



### Representação em Benguela

CAIXA POSTAL 133  
Endereço telegrafico: SALINA

Salinas começadas a construir em 1925, tem hoje os seus proprietários — Antonio dos Santos Lima e Elisio da Silveira Reis — o prazer de vêr a sua área, de 30 hectares, completamente aproveitada, com uma produção anual de 5.000 toneladas de sal, do melhor que se produz em Angola, em virtude da qualidade excepcional dos terrenos, que exclusivamente lhes pertencem.

## DROGARIA CENTRAL

DA

SOCIEDADE COMERCIO E INDUSTRIA, LIMITADA

125 — RUA PEREIRA FORAZ — 131

TELEG.: MARECIL LUANDA CAIXA POSTAL, 81

**O MAIS** sortido estabelecimento da especialidade preferido pelos seus preços módicos

|||| TINTAS, OLEOS, VERNIZES, CIMENTO, CORDAS,  
LAMPADAS ELECTRICAS, GAZOLINA, ARTIGOS  
PARA PINTURA E PERFUMARIA

Accepta representações — Encomendas á cobrança

## “GARANTIA,”

Companhia de Seguros

FUNDADA EM 1853

SEGUROS DE VIDA EM  
TODAS AS MODALIDADES

REPRESENTANTE EM ANGOLA

**IZIDRO TEIXEIRA**

TELEGRAMAS: «TEIXEIRINHA»

CAIXA POSTAL 164

TELEFONE 159

LOANDA — ANGOLA

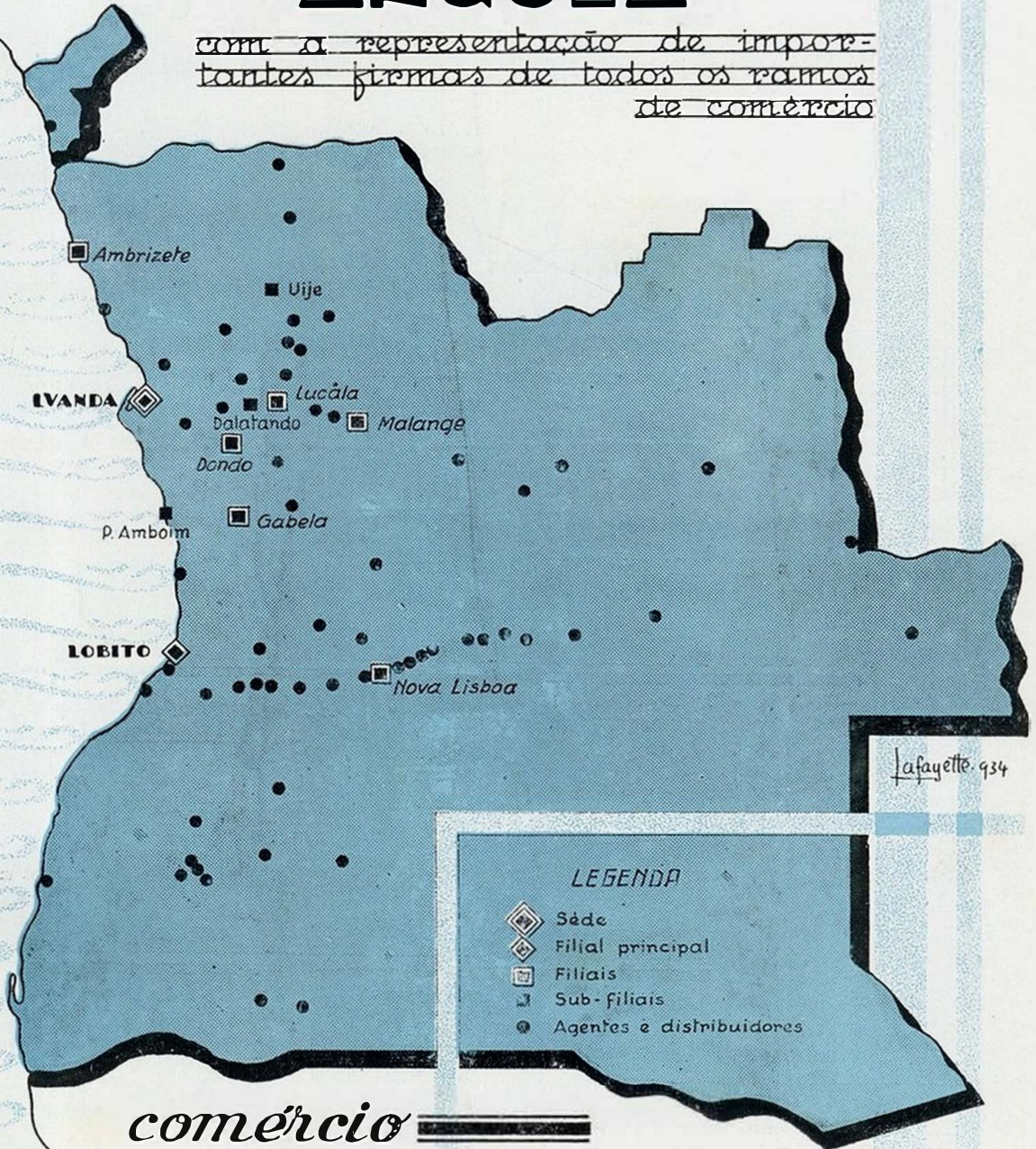


# Robert Hudson & Sons. LIMITED.

Importadores Teleg. "Raletrux.." **LUANDA** Exportadores Cx. postal 410

a maior organização comercial de  
**ANGOLA**

com a representação de importantes firmas de todos os ramos de comércio



Lafayette 934

comércio  
indústria  
agricultura



S.A.  
**COMPANHIA**



R.L.  
**COLONIAL**

SÉDE \* LOBITO

ADMINISTRAÇÃO \* LISBOA

Lafayette-934

# DE NAVEGAÇÃO

*Serviço combinado com todos os portos do mundo*



**ECONOMIA**

*Carreiras regulares para passageiros e carga,*



**RAPIDEZ**

*entre a Metropole e Africa Ocidental e Oriental Portuguesa*



**CONFÓRTO**

**LUANDA**

*C.<sup>ia</sup> Geral de Angola*

**LOBITO**

*C.<sup>ia</sup> C.<sup>al</sup> de Navegação*





# A RIQUEZA INDIGENA DE ANGOLA

por RALPH DELGADO

O último censo da população indígena de Angola acusa uma existência de 2972587 indivíduos, varões e fêmeas, não incluindo os pretos assimilados. Constitue esta falange de naturais uma das maiores e das mais protegidas riquezas da Colónia.

Para os portugueses que andam distanciados, por falta de conhecimentos, da nossa obra colonial, os negros indígenas são fontes de caprichos de retórica, de barbarismos fantasistas, aproveitados, na generalidade, por uma nudez lamentável, adjectivada de *artística*.—pedaços humanos dignos de registo, não pelo que façam ou possam vir a fazer, mas pelo que valem como antiquilha rara, preciosa, de museu, abarrotado de lugares comuns, da vida civilizada; só para os comerciantes que têm relações com o ultramar, para os colonialistas, para os estudiosos, eles são considerados elementos superiores de actividade, colaboradores incansáveis e dirigidos da nossa obra colonizadora, personalidades conscientes, acessíveis ao progresso, cujas portas lhes rasgámos, com paciência e com interesse inegaláveis, perfeitamente de par em par.

Convém registar, por consequência, ainda que superficialmente, porque constitue a população indígena de Angola uma das suas maiores riquezas; convém assinalar, portanto, mesmo a traços largos, o valor da cooperação das massas populacionais indígenas, na obra de transformação e de ocupação dos territórios africanos, que legitimamente nos pertencem. E convém registar, assinalar, factos desta natureza, não só pelo que representam como factores de divulgação duma actividade mal conhecida, como também, e sobretudo, pelo que elucidam, pelo que esclarecem, acerca dos nossos métodos colonizadores racionais seguidos hoje por todas as nações possuidoras de colónias—em que se destroem as barreiras ráticas, em que se inserem princípios básicos de humanitarismo inalterável, expon-tâneo, em que se destraldam, com orgulho, exemplos sádios duma igualdade pacificadora, altamente avançada como postulado dos mais interessantes, dos mais humanos, dos mais oportunos.

Vejámos, pois, qual é a riqueza indígena de Angola; o que nos diz, a seu respeito, a estatística referente aos anos de 1930 e 1931, que é a última publicada.

## Produtos de origem vegetal (em Kg.)

Produtos	PRODUÇÃO EM:	
	1930	1931
Algodão . . . . .	333.314	791.812
Amendoim . . . . .	3:845.910	9:374.200
Arroz . . . . .	890.090	2:013.828
Aveia . . . . .	100	150
Batata doce . . . . .	35:805.577	17:807.900
Batata entopeia . . . . .	3:906.835	2:111.797
Borrachia . . . . .	22.000	26.415
Cacau . . . . .	100	1.400
Café . . . . .	4:028.350	2:395.190
Cana sacarina . . . . .	—	190.366
Cebola . . . . .	—	263.829
Centeio . . . . .	63.340	5.360
Cevada . . . . .	500	—
Coronote . . . . .	2:356.590	2:40.855
Cola . . . . .	6.520	8.585
Ervilha . . . . .	96.290	141.233
Fava . . . . .	24.000	50.767
Feijão (seco) . . . . .	—	880.696
> (mistura) . . . . .	26:898.062	19:154.593
> (macunde) . . . . .	3:718.596	6:199.158
Gengibre . . . . .	10.100	9.230
Gergelim . . . . .	1:014.358	697.911
Goma . . . . .	33.600	32.000
Grão de bico . . . . .	2.500	5.000
Mandioca . . . . .	135:053.889	240:182.570
Massambala . . . . .	18:281.582	24:329.152
Massaigo . . . . .	34:134.880	35:592.410
Milho . . . . .	336:038.463	165:497.425
Óleo de copra . . . . .	500	—
> palma . . . . .	2:433.746	2:483.400
Ricino . . . . .	1:203.942	893.020
Tabaco . . . . .	738.226	1:532.173
Trigo . . . . .	4:076.295	4:028.970

É interessante ver, a propósito, quais as quantidades exportadas por Angola dalguns produtos principais, nos mesmos anos de 1930 e 1931:

Produtos	EXPORTAÇÃO DA COLÓNIA EM:	
	1930	1931
Açúcar . . . . .	11:994.411	21:798.523
Arroz . . . . .	660.003	332.518
Algodão . . . . .	780.014	454.433
Café . . . . .	11:838.876	11:838.287
Cera . . . . .	941.372	1:396.180
Cacau . . . . .	334.227	2:12.621
Coronote . . . . .	5:968.475	5:562.886
Feijão . . . . .	3:009.106	3:381.388
Ginguba . . . . .	261.822	117.763
Milho . . . . .	53:956.223	71:249.720
Óleo de palma . . . . .	3:608.422	4:481.188
Ricino . . . . .	1:468.976	853.237
Trigo . . . . .	4:517.468	4:637.514
Tabaco . . . . .	346.701	443.380



Os números que aí ficam, falam-nos, com clareza, da importância da cooperação da população indígena de Angola no capítulo máximo da produção. Não há números, relativos a 1930 e 1931, que nos orientem sobre a produção europeia, para avaliarmos, mais detalhadamente, o valor daquela produção dos naturais; os referentes a 1928, porém, ainda que atrasados, deixam-nos fazer um juízo aproximado sobre a matéria, e por isto me sirvo deles e os comparo com os registados, no mesmo ano, pelo esforço da agricultura indígena:

**Produção europeia e indígena dalguns produtos principais em 1928 (em Kg.)**

Produtos	Europeus	Indígenas
Açúcar . . . . .	13:039.980	—
Algodão . . . . .	210.645	197.123
Amendoim . . . . .	398.895	2:746.129
Arroz . . . . .	256.140	1:223.599
Batata doce . . . . .	232.400	18:082.780
da Metrópole . . . . .	3:737.240	4:571.720
Café . . . . .	5:538.808	2:761.830
Cebola . . . . .	1.050	8.395
Centeio . . . . .	126.596	810
Cevada . . . . .	17.294	—
Feijão . . . . .	16:433.495	33:901.354
Faba de mandioca . . . . .	8:620.135	22:223.945
Gergelim . . . . .	—	428.280
Grão de bico . . . . .	49.653	—
Mandioca . . . . .	2:214.615	98:125.057
Massambala . . . . .	—	9:937.038
Massango . . . . .	451.400	16:945.438
Milho . . . . .	20:231.025	201:996.255
Trigo . . . . .	2:430.078	2:972.606

As proporções registadas em 1930 e 1931 não devem distanciar-se muito das verificadas em 1928, certo como é que a pequena falange de agricultores europeus pouco ou nada tem aumentado, de então para cá, lutando com as maiores dificuldades, não sendo assistida por nenhum organismo de crédito, sendo mal atendida pelos Serviços Agrícolas da Colónia, em virtude da latitude restrita que estes ainda têm, contemplados, apenas, com cerca de 1% da receita ordinária do orçamento.

No que toca a produtos de origem animal, a produção indígena de Angola acusa, em 1930 e 1931, os seguintes quantitativos:

**Produtos de origem animal**

Produtos	PRODUÇÃO EM:	
	1930	1931
Aves de capoeira . . . . .	—	41.400
Banha . . . . .	—	14.600
Carnes secas . . . . .	61.380	98.958
Cera . . . . .	1:086.088	1:412.043
Couros . . . . .	354.667	342.828
M'gunde . . . . .	—	129.900
Lã . . . . .	—	30
Leite . . . . .	—	2.500
Manteiga . . . . .	—	45.402
Mel . . . . .	897.757	1:399.377
Ovos . . . . .	—	15.700
Peixe seco . . . . .	368.017	901.619
Peles de lontra . . . . .	—	100

Quanto a produtos preparados ou manufacturados, temos:

**Produtos preparados ou manufacturados**

Produtos	PRODUÇÃO EM:	
	Unidade	1931
Cestos . . . . .	Número	1.500
Enxadas . . . . .	>	1.500
Esteiras . . . . .	>	283.987

Farinha de milho . . . . .	Quilos	20.000
> torrada . . . . .	>	123.000
Faba de mandioca . . . . .	>	74:315.178
> > massambala . . . . .	>	110.100
> > massango . . . . .	>	5.014.200
> > milho . . . . .	>	42:729.322
Mabelas . . . . .	Número	35.367
Machados . . . . .	>	1.300
Moringues . . . . .	>	2.000
Panelas de barro . . . . .	>	5.000
Sacos de matcha . . . . .	>	12.000
Tapioca . . . . .	Quilos	140

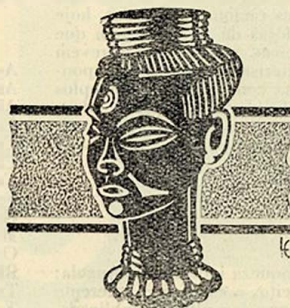
Assim rezam as estatísticas áerea da actividade indígena de Angola, que, como fica demonstrado, constitue, justificadamente, como disse, uma das maiores, das mais apreciáveis e das mais progressivas riquezas da Colónia.

Em face do que fica exposto, é fácil compreender o interesse que a Direcção dos Serviços e Negócios Indígenas manifesta no sentido de proteger a falange de trabalhadores que se encontra sob a sua alçada. Nos últimos meses, apesar dos recursos reduzidos, inseridos no orçamento, fizeram-se, no campo vasto da assistência, as seguintes obras: *sanzalas enfermarias* na Baía dos Tigres, Porto-Amboim, Vila-Luso, Nova-Lisboa, Quibaxi, Caxito, Teixeira de Sousa, Bembe, Ganda, Seles, Damba, Dondo, Calulo, Chitembo, Fronteira do Cuango, Golungo Alto, Gabela, Vila Henrique de Carvalho, Bailundo, Baixo Cunene e Cabinda; *postos sanitários* na Quissama, em Bula-Atumba (Dembos), em Camabateia e em Quitexe; *maternidades indígenas* em S. Salvador e Samza-Pombo; *abergue indígena* e enfermaria de isolamento, respectivamente em Malange e em Mossamedes.

Por seu turno, os Serviços Agrícolas, que lutam, também, como disse, com pobreza de recursos, fazem o que lhes é possível, fornecendo sementes, fomentando culturas, procurando substituir métodos primitivos de trabalho pela aplicação indispensável da maquinaria apropriada.

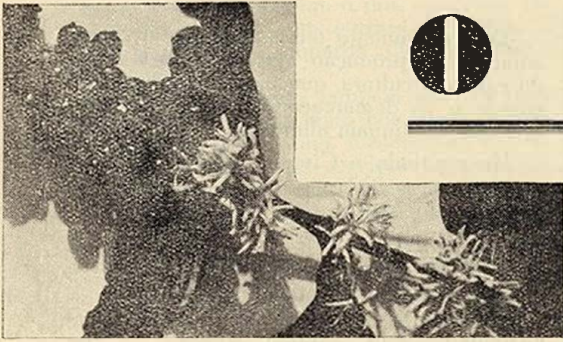
Evidentemente que, se muito se tem feito e se está fazendo, bastante há ainda para fazer, até que a riqueza indígena de Angola atinja o grau de desenvolvimento compatível com as suas possibilidades criadoras. Mas lá iremos, devagar; a atenção que merece, ao Governo da Colónia, a intensificação da cultura de produtos que a Metrópole ainda compra, em larga escala, ao estrangeiro—como é o arroz e é o algodão—vai traduzir-se, dentro de pouco tempo, numa série de trabalhos impulsionadores, cujas consequências serão, forçosamente, lucrativas; a assistência médica, que conta fazer de actividade intensa, modelar, continuará a lançar suas raízes, até contar com uma latitude proporcional á enorme área que lhe está destinada.

A riqueza indígena de Angola! Uma realidade progressiva, palpável, grandiosa, que a Colónia protege e acarinha; uma resultante feliz, efectiva, de métodos colonizadores, sensatos, humanitários, que nos orgulha e nos defende; uma afirmativa desvanecedora, enfim duma capacidade realizadora, quasi ignorada, que impõe a sua divulgação, que nos obriga a sacrificios, perante os quais não hesitamos, que marca uma fase auspiciosa, da ocupação de Angola, á qual há de seguir-se, mais tarde, num paralelo equivalente, o alude inevitável da iniciativa europeia particular.





# O CAFÉ



# DO UIGE

## O Uige como terra produtora de café

SE eu fôsse pintor e me pedissem um quadro ou uma imagem que simbolizasse o Uige, pintaria sem hesitar, como figura principal, um bago de café loiro, grande, bem nutrido, gordo e anafado, um bago de café que dêsse nas vistas, que a distancia dominasse como rei absoluto as figuras accessorias, gritando bem alto o valor da terra que simboliza; em volta do bago doirado, desse bago scintilante que irradia reflexos do verdadeiro oiro movimentador de energias, o oiro vitalizador, fluente como o sangue que corre nas veias, um circulo engrinaldado, com um tufo de folhas verdes no hemicyclo superior, dum verde bem verde, verde vivo, entre o verde-negro e verde-montanha, verde bonito, indestrutível, perene, verde que as aguas das chuvas ainda tornam mais fixo, cabeleira pujante do enebriante caféciro em promessa constante, esperança maravilhosa que entra dentro do âmago, que jamais fenece: entrançando no semi-circulo inferior folhas de cereais com frutos os mais variados, desde o milho, o feijão, ervilha, grãos diversos, tubérculos, bolbos, raizes hortensses, legumes variados, até a banana, mamão, romã, laranja, tangerina, limão, pitanga, anonas, morangos, nesperas, maçãs e muitas outras, abraçadas sugestivamente, num abraço apertado, vigoroso, como a quererem unir-se contra o contacto da terra, dessa terra que os ofereceu ao mundo numa fecundidade paradisíaca, para os tornar a absorver, transformados em humus tonificador da terra-mãe, alimentação das novas gerações que vão garantir a perpetuidade das espécies, a falta de melhor utilidade por parte da humanidade que assiste estoicamente ao desbarato da riqueza. Ao fundo, nos longes do horizonte, como a querer inculcar-se, como na visão dum sonho sublime, um traço nebuloso, a enformar, a evoluir, como a querer corporizar a aspiração máxima dêste circulo purpúreo do topázio e da esmeralda, uma linha férrea e uma locomotiva cingidas duma aureola tremulante, como um sonho que quer esvaír-se e que os elementos não querem deixar fugir.

Eis o quadro do Uige, o símbolo desta terra ubérrima, fulcro da grande região caféciro Encoge-Uige-Songo, coração das terras da floresta e do café, futura capital dum empório comercial cujo raio de acção atingirá centenas de quilómetros.

A Circunscricção do Bembe, com sede na vila do Uige, fica mais ou menos na parte central do Zaire-Congo, entre 14 e 15' de longitude, e 6°-40' a 7°-40' de latitude Sul.

Tem uma área de 10.789,450 quilómetros quadra-

## O caminho de ferro — Zaire-Congo —

dos, com uma população indigena de 39.634 almas e de 200 europeus e equiparados, assim distribuidas:

Postos:	Area	População ind.	Pop. eur.
Uige.....	1.954,700 Km. <sup>2</sup>	16.259	100
Songo.....	2.078,500 >	7.735	50
Bembe.....	6.756,250 >	15.640	50
Soma...	10.789,450 >	39.634	200



Em tôda a área da Circunscricção ha matas aonde o café prospera naturalmente, desde as faldas da cordilheira que atravessa Ningansambe, até Bembe. Songo e Uige. Mas aonde as matas são verdadeiras florestas é na região formada pelo berço das grandes montanhas onde começam as Serras do Uige, Pingano e Quisque, com a portentosa e pujante Serra do Ambuila pelo poente, seguida do luxuriante vale do Pumbassai, dominado pela soberba Calandula. A floresta, rica de essencias e de boas madeiras, entre as quais se encontra o belo mogno, é bem habitada de caça grossa e do elefante, que comanda tranquilamente a variada e abundante fauna. Essa massa enorme de verdura, formando maciços quasi fechados de arvores seculares enlaçadas de trepadeiras formidáveis, grossas como espias de bordo, cinge os morros no seu verde perpetuo dos caféciros em fiôr e vem por um lado pelo Calumbo, Kibianga, Lumba, atravessa a região do Condo até alcançar Mocaba, outra massa colossal de iguais características. Por outro, pelas serras Pingano e do Uige, descendo para poente, oferecem ao Rio Loge um leito paradisiaco de fecundidade brava, onde a flora se multiplica tranquilamente, naturalmente, sem interrupções, numa perpetuidade sublime que caracteriza a fecundidade feracissima da Natureza-Mãe.

Ha rios de grande porte, como o Loge e o Lucunga, e muitos de relativa importancia como o Luquisse, Luqueia, Lôa, Lufua, além de muitos outros de curso regular, dominando em todos eles a característica notavel que os torna aprazíveis:—a mata quasi sempre a enriquecer as margens.

O Uige, como sede do concelho do Bembe, pode ufanar-se de ser a vila mais linda de todo o Distrito do Congo, de mais movimento comercial, de mais vida, a que mais agricultura tem, que movimentada, comercialmente, mais que as outras circunscricções juntas.

Vila alegre, assente num cabeço do acidentado dum terreno circundado de grandes serras, o seu clima é ameno, dando uma média de temperatura de 20 a 22,º o



que permite que os europeus aqui se fixem e vivam bem, nem se compreendia que uma terra que tem o seu solar a 840 metros de altitude não fosse propicia á vida do europeu.

A antiga lenda do Congo doentio, esse Congo-cemiterio dos brancos, está desfeita. Quem se dêr ao trabalho de auscultar a vida intima da região, verificará que além dos europeus que vivem propriamente na vila, ha muitos outros espalhados pelos Postos e pelas fazendas agricolas, com senhoras e creanças, sem que morram das tais doenças terrificas que matam irremediavelmente.

A grande obra de assistencia médica e saneamento dos povos, começada na vigencia do sábio Alto Commissario Vicente Ferreira, e continuada até hoje, através miriades de dificuldades, é uma obra que marca a grandeza moral dum povo, a nobreza de sentimentos da gente que deu «novos mundos ao mundo», gente pequena em numero mas grande em altruismo que, quando não tem mais que conquistar, conquista o coração dos povos que submeteu!

No Congo ha um serviço montado, digno dos melhores encomios, pelo que produz de util e de meritorio no saneamento geral, na assistencia médica e combate á doença do sono, com ambulancias, farmacias, pavilhões hospitalares e maternidades, organizações modelares que se podem dizer boas em qualquer colónia d'África, não receando confronto com a das colonias visinhas, um serviço que enleva o coração de qualquer português continental e cativa o coração de qualquer português colonial.

\*

Ha no Uige boas construções, casas de tijolo e de adobe, coberturas de telha, zinco e fibro-cimento,

A vida da vila é vincadamente comercial, comprando ao indigena o café da sua produção, e muito café de agricultores que não exportam.

Explora-se só café, embora haja muitos outros generos que o indigena cultiva para o seu consumo e que os comerciantes não compram por não puderem suportar o frete de 80 centavos por quilograma, para o litoral, como milho, feijão, batatas, cebolas, arroz, etc.

Mesmo assim, em volta do café, o género que serve de base á vida da Circunscrição, movimenta-se:

Café comercial	média anual
Uige.....	600 toneladas
Songo.....	400 »
Bembe.....	200 »
Total...	1.200 »

Café agricola	colheita de 1933
Uige.....	155 toneladas
Songo.....	215 »
Total...	350 »

Géneros diversos	consumo de 1933
Fuba.....	500 toneladas
Feijão.....	100 approx. <sup>1c</sup>
Milho.....	200 »
Ginguba.....	100 »
Arroz.....	50 »
Total...	750 toneladas

Este movimento temle a aumentar com o aumento da produção agricola, pois a massa do café em cultura, que ainda não produz, é grande e as demarcações de novas fazendas agricolas continuam allluindo.

Ha em toda a Circunscrição as fazendas seguintes:

#### Uige :

Fazendas	Proprietários	Hects.
Sociedade Ag. do Uige Lda.....	Sociedade por quotas.....	5.000
Fazenda Boa Esp.	Antonio Nunes ..	500
» S. Tiago ..	Manuel Pires... ..	500
» Cacole ..	Carlos Alves ..	150
» Valformoso	Martins e Costa ..	150
» Alto Loge	R. Hudson & S. I.	1.000
» » Lué ..	Ant. D. Ramalho	500
» Riba Loge	António R. Amaro	600
» S. Jorge.	T. C. Carlos Pinto	1.000

#### Songo :

Fazenda Adelaide	Matos & Carvalho	250
Soc. Ag. do Lucunga Lda.....	Gabriel d'Oliv. e Olshesleiger ..	2.500
Fazenda Lupige.	J. Roque Martins	1.000
» Kifuani ..	M. da S. Santos..	250
» Dongue ..	José Tiago ..	500
Rocha Kipetro ..	M. e Arnaldo Lda.	1.000

#### Bembe :

Fazenda Entre Rios	M. da S. Santos.	500
--------------------	------------------	-----

Além destas fazendas, em pleno labôr, estão a demarcar-se 500 hectares de terreno para Ricardo de Matos Gaspar, José Ferreira Lima e Eurico Barbosa Ribeiro, e no limite da área do Uige, a confinar com o Kiteche, ha um bloco interessante de 1.500 hectares de José Neves Ferreira, José Feireira Cagilo e José Borges Calheiros.

Os novos cafésais, dentro de 5 anos devem entrar em produção e a colheita dos agricultores, que monta em 550 toneladas, deverá triplicar, não vindo longe o dia em que multiplicará umas poucas de vezes.

O movimento comercial da Circunscrição anda á roda de 5 mil contos nestes últimos anos de cotações baixas, e durante o ano transporta-se nas estradas, em camiões de 1.500 a 2.000 quilogramas de capacidade, uma carga que deve ir além de 5.500 toneladas.

A Circunscrição tem 8.500 contribuintes indigenas assim distribuidos:

Uige —	3.600
Songo —	1.700
Bembe —	5.000
Total . . . .	8.500

Tem um rendimento de imposto indigena de 660 mil angolares, cobrados quasi na totalidade e um orçamento municipal com receitas que vão a 70 mil angolares.

\*

A pecuária está na infância. Há uma organização modelar no Toto, pertencente a Cid & C.<sup>2</sup>, com animais bem tratados, devidamente alojados, com bons reprodutores de gado bovino e suino, etc., onde se podem tirar conclusões interessantes sôbre a criação de gados.

Nas diversas Fazendas há manadas de gados e o indigena também possui muitas ga-



beças. Este gado, porém, o dos indígenas, vivendo livremente, sem currais de abrigo, é muito atacado pelo leopardo que o não deixa progredir.

De vez em quando também aparece uma epidemia que dizima uma boa parte, principalmente de gado suíno, tornando-se necessária a assistência dos serviços da pecuária que ainda aqui não tem Delegação.

Há na Circunscrição, o gado que se segue:

Gado bovino	—	592	cabeças
» suíno	—	1.974	»
» ovino	—	955	»
» cavalari	—	1	»
» muar	—	1	»
» asiático	—	5	»
Total	.....	3.526	

As estradas da Circunscrição são todas boas, ligando-a com o norte e sul da Colónia e com o Ambrizete, por onde se exporta o café.

Há Estação Postal, com serviço de correio semanal, por meio de automóveis que fazem a ligação entre Lucala e Maquela, servindo todo o Distrito e pondo-o em comunicação com o mundo exterior.

Também tem serviço telefónico, que garante as comunicações telegráficas para toda a Colónia e para fóra da Colónia, podendo-se receber telegramas de qualquer parte do mundo.

\*

As minas do Bembe constituem uma indústria de grande futuro, capaz de fomentar a riqueza e o progresso do Congo, logo que localizem os filões e os explorem com o volume de capital necessário.

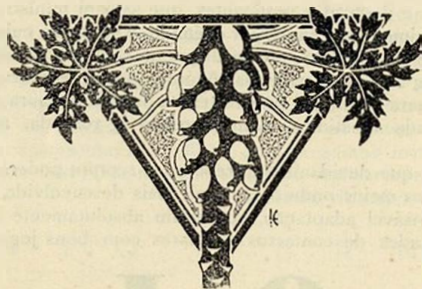
Depois do rápido balanço que acabo de dar dos valores que constituem o activo da Circunscrição, só me resta pôr em foco a necessidade dum caminho de ferro que venha pôr em valor géneros que se não aproveitam, que se desperdiçam, deixando inactivos braços que produziriam riqueza, enriquecendo a Colónia.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Colónias, Dr. Armando Monteiro, quando passou no Uíge pela sua visita à Colónia em 1952, teve ocasião de vêr, embora de relance, alguns calcársais em frutificação.

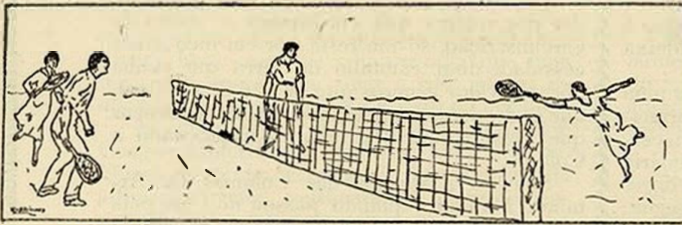
É um arbusto encantador que esfeiteja e inebria, prendendo com o encanto do seu verde constante, de esperança reiterada, os colonos que se deixam embalar pelas doces promessas desse verde sedutor, iludindo-se continuamente na perfeita ilusão do tempo, sempre à espera do ano de boa safra que nunca mais chega.

Quando Sua Ex.<sup>a</sup> vir em exposição o café do Uíge, que se lembre dos seus produtores amarrados implacavelmente às conseqüências fatais da monocultura, na contingência de sossobramem ao menor fracasso. Que se lembre do território enorme formado pelo Zaire-Congo, que não tem uma via de penetração que lhe garanta uma troca eficiente com o exterior dos géneros variados da sua produção. Que se lembre destas terras tão férteis e tão lindas que podem albergar milhares de famílias de colonos. Que se lembre, enfim, de dar o impulso que há muito o Congo-Zaire espera para a construção do seu caminho de ferro, o caminho de ferro do Zaire-Congo, que guarda a «chave» que há-de abrir as portas da riqueza, da prosperidade e do bem estar.

C A R L O S A L V E S







pelos nossos colegas locais *Ultima Hora* e *A Pátria* e pelo Sporting Clube de Luanda, colectividade que, com o Clube Atlético de Luanda, mais se dedicam a esta modalidade desportiva e em que são os eternos rivais,



O desporto angolano, que já poderia representar um valor real, está, pode-se dizer, no seu estado embrionário, não porque os valores escasseiem pois a matéria prima é boa, mas simplesmente por falta de orientadores inteligentes e modernos.

Enquanto os rotineiros imperarem, o nosso Desporto estagnar-se-á, arrastando-se vegetativamente, quando poderia ser o motivo do nosso orgulho, enfileirando, modesta mas valorosamente, ao lado da Mãe-Pátria. Para se conseguir esse desideratum, necessitam as colectividades da especialidade modificar os seus processos directivos, procurando entre a sua massa associativa, ou no caso de ali as não encontrar, interessar as individualidades competentes mas que se encontram afastadas, entregando-lhes o mando com os mais altos poderes, para que possam realizar em bases sólidas uma obra que fará esquecer os erros do passado, em parte admissíveis pela fraca preparação dos seus autores.

É certo que os Clubes lutam com falta de técnicos especializados, não sendo o caso para admirar, sabido que na própria Metrópole os mesmos se podem contar pelos dedos. Contudo, com um pouco de boa vontade alguma coisa se fará, aproveitando-se convenientemente as pessoas que existem nesta grande Colónia—e algumas existem de facto—com certa preparação e, principalmente, com muita vontade de serem úteis, ensinando aquilo que sabem com um entusiasmo que muitas vezes toca o sacrifício.

Exigir dessas boas vontades conhecimentos profundos, que se adquirem com bons mestres e acompanhando a par e passo as principais provas mundiais das respectivas especialidades, seria um verdadeiro absurdo, cujo ridículo nos faz aflorar aos lábios o mais complacente dos nossos sorrisos.

Não exageramos dizendo que não existem técnicos em Angola, o que não quer dizer que não tenhamos algumas pessoas, velhos e dedicados praticantes, que saibam ministrar ensinamentos dentro dos respectivos conhecimentos. Temos, por exemplo, o atletismo cujos progressos tem sido lentos, pois as provas que anualmente se disputam com deficiências de material e cronometragem, atestam exuberantemente as nossas palavras. A única prova regular que se disputa é a da «Taça Capital», instituída pela Câmara Municipal para festejar a data da restauração de Angola.

Desde que nos encontramos em Luanda assistimos, além da prova já referida, às promovidas temos jogadores com muitas qualidades e que devidamente preparados sempre poderão representar-nos com honra e gallardia. Temos rapazes, que se fôsses para outros meios onde o foot-ball mais desenvolvido se encontra, como em Portugal por exemplo, estamos convictos que, após a indispensável adaptação, honrariam absolutamente o desporto angolano.

Assim, longe, sem grandes possibilidades de contactos regulares com bons jogadores cujos predicados nos serviriam, á

dando às lutas em que se encontram, beleza, emoção e o entusiasmo comunicativo das grandes manifestações desportivas.

Apesar disso, só em provas da «Taça Capital» os dois Clubes tem medido as suas forças, pois nas outras provas mencionadas, a equipe do Atlético não se faz representar por várias razões, aliás sempre deploráveis, pelo que da sua falta resulta falta de interesse e da emulação sempre imprescindível para que qualquer luta, entre os homens do Desporto, resulte realmente brilhante.

Além destes dois Clubes, o Sport Lisboa e Luanda, a simpática Filial do velho Benfica, este ano deverá fazer figura em provas de atletismo, pois resolveu dedicar-se decididamente á modalidade.

O que se torna absolutamente necessário é a fundação duma Associação de Atletismo porque, enquanto não houver uma instituição orientadora que realize várias provas anuais, não daremos um passo decisivo no caminho do progresso.

Em foot-ball pouco mais adiantada se encontra a Colónia, não por falta de praticantes habilidosos mas de quem ensine o verdadeiro «association». Joga-se mais por uma habilidade natural do que por ensinamentos de um treinador competente. Raros são os jogadores que mantem uma forma duradoura, pela vida desregrada que levam. Os dirigentes dos Clubes veem-se impotentes para pôr cobro a este estado de coisas, verdadeira «calamidade desportiva». Na véspera dum encontro de grande responsabilidade, os pobres dirigentes correm todos os «bailaricos» á procura dos seus homens para que se deitem cedo, só conseguindo ser atendidos pelos mais modestos. Os outros, os «azes», gente pior que a praga dos gafanhotos, respondem torto, ameaçam não jogar e deitam-se quando lhes dá na real gana, propositadamente. Chegado o desafio, se jogam bem, gabam-se de que não precisam de se deitar cedo para fazerem boas exhibições, mas se ao contrário nada fazem, a culpa é dos companheiros que nada fizeram...

Quando se conseguir mais disciplina, treinadores competentes e a nítida compreensão dos deveres, o nosso foot-ball subirá, porque

# A N G O L A N O

maravilha, de ensinamentos, continuaremos entregues á nossa sorte, ao nosso triste destino, até que as entidades oficiais sigam o exemplo cada vez mais flagrante das grandes nações europeias como França, Alemanha e Itália, em especial esta última, facilitando o intercâmbio desportivo, que reputamos como a única forma do nosso desenvolvimento ser um facto incontestável.

Apesar de tudo, não descrêmos num futuro melhor, num olhar interessado daqueles que podem ser-nos úteis, levantando o Desporto do Império de forma a que acompanhe a par e passo o que se faz lá fóra.

Trabalhemos, pois, todos, irmãdes no mesmo desejo de engrandecer esse ideal sublime, essa preocupação dominante dos povos mais adiantados e que deve representar também a preocupação do nosso Governo, que deseja um povo forte e respeitado.



# Desporto Angolano

(Continuação)

A seguir ao foot-ball e atletismo, a Natação é a modalidade mais praticada entre nós, chegando a última prova, realizada pelo nosso colega «Angola Desportiva», a reunir 75 concorrentes, numero bastante consolador e que denota duma forma insofismável a existência de muitos cultores. Consolador é também constatar que quasi todos os Clubes locais se dão á pratica da Natação, mas justo é destacar Club Sportivo Nun'Alvares, Associação Beneficente dos Empregados do Comércio e Sporting Club de Luanda, verdadeiros baluartes deste ramo desportivo da Capital.

Os nossos melhores nadadores são rapazes cheios de habilidade, mas os seus tempos são maus, o que se explica, não porque falte quem os ensine razoavelmente, mas devido ao facto de não haver em Luanda piscinas em que se possam especializar dentro das possibilidades do meio.

Cremos, no entanto, que se todos os Clubes se unissem no sentido de se fazer uma piscina, alimentada por agua salgada, já que a outra não chega para as necessidades locais, alguma coisa conseguiriam fazer, embora modesta.

Sem isso, os tempos continuarão sendo péssimos e muito áquem dos que se registam em Portugal.

Com a mesma fé aguardamos que num futuro proximo alguma coisa se faça.

Faz-se sentir igualmente a falta da Associação de Natação mas, segundo nos consta, a sua fundação terá lugar ainda este ano.

É uma entidade absolutamente necessaria, e da sua acção inteligente e honesta dependerá o desenvolvimento ordenado duma modalidade que, além de salutar e completissima, é bastante aconselhada para o nosso clima.

Praticam-se, também nesta cidade, Basket-ball, Esgrima, Hockey, Cricket, tudo em pequena escala, sendo as duas ultimas modalidades praticadas sómente pelo Sporting, mas isso muito raramente, pois não tem adversarios, a não ser os grupos dos navios de guerra ingleses.

Em compensação, o Tennis tem bastante cultores, existindo um Clube de especialidade e que tem dado certo incremento á pratica desta modalidade.

A existencia de uma duzia de «courts», atesta bem que esse desporto é praticado com certo entusiasmo.

A realização dos encontros Lobito-Mossamedes e Luanda-Lobito, que terminaram pela vitória de Lobito e Luanda, foi um grande passo dado para o desenvolvimento de tão util modalidade.

O Campeonato de Angola, a realizar em Setembro, na cidade do Lobito, representará, irrefutavelmente, um acontecimento cuja importancia ocioso se torna encarecer.

Temos a impressão de que o tennis é dos desportos mais praticados em Angola, pois em todos os recantos da Provincia tem cultores.

Do litoral até aos portos mais reconditos desta tão vasta parcela do Imperio Português, contam-se dezenas de «courts» de tennis, onde esta modalidade se pratica com grande entusiasmo e, quem sabe se muitas vezes para atenuar a neurastenia implacavel das nostálgicas tardes do interior?!

Para finalizar este artigo, que já vai longo, não podemos deixar de nos referir á vinda a Angola do Exmo. Snr. Capitão Raul Martinho, ilustre Delegado do Club de Foot-Ball «Os Belenenses», dirigente bem conhecido dos desportistas, visando a sua visita á vinda a esta Colónia e a Moçambique dêsse forte agrupamento lisboeta.

Não sabemos se a viagem do valoroso Clube se realizará porque, segundo nos declarou o ilustre Delegado do Belenenses, aguardava-se uma resposta de Lourenço Marques, a unica cidade das percorridas que não resolveu imediatamente a questão.

Em Angola, e muito especialmente em Luanda, teve S. Ex.<sup>a</sup> as maiores facilidades, e a mais positiva resposta quanto ás possibilidades do meio. É que a Capital da mais portuguesa das nossas Colónias, apesar de muito pobre e muito modesta, teria muito prazer, mesmo com sacrificio, em receber êsses representantes do foot-ball nacional, de que são dos melhores cultores.

A vinda dos Belenenses representaria, na verdade, um acontecimento de véras notável porque, além de iniciar o intercâmbio que tanto ambicionamos, traria, aos nossos, grandes e preciosos ensinamentos.

Aguardamos, com natural impaciência, noticias do Sr. Capitão Martinho, porque seria para lamentar que se perdêsse esta oportunidade de vermos actuar nos nossos campos um *team* de categoria,—o campeão de Portugal da época passada.

Concluindo, apelamos para todos os Clubes de Angola para que ponham uma pedra sobre o passado e trabalhem todos com ardor para o engrandecimento do desporto angolano para que ele seja o nosso orgulho e não a nossa vergonha.

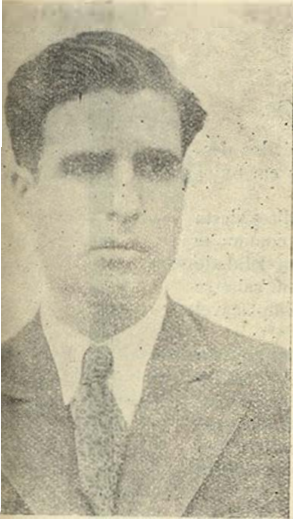
Sem a mais estreita colaboração de todos, sem uma organização perfeita, não avançaremos, continuando a vegetar como até aqui.

São os votos sinceros que formulamos, para que possamos mais tarde emprender largos vôos que, a realizarem-se neste momento, só nos trariam as mais ridículas desilusões.

A . P I N T O F E R N A N D E S







# Novos Aspectos da Actividade Economica de ANGOLA

por AUGUSTO DE ALMEIDA CAMPOS

SÁIDOS de Angola, tomavam o rumo da Metrópole e, sobretudo, do estrangeiro, alguns milhares de contos, anualmente, para pagar mercadorias cuja produção—fácil nuns casos, difficil noutros—era possível obter na própria Colónia. Perdulariamente, fazíamos assim derivar para a economia alheia, avultadas quantias, em prejuizo da nossa actividade agrícola, pecuária e industrial.

Possuindo uma desenvolvida indústria açucareira, importávamos açúcar; fazendo larga exportação de couros, importávamos cabedais; possuindo fibras de sisal e outras, importávamos cordame e redes de pesca; produzindo óleos, importávamos sabões; possuindo madeiras, comprávamo-las transformadas em mobílias e em obras para construções: cultivando tabaco em folha, importávamo-lo em cigarros e em fio; possuindo gados, importávamos toucinho, banha e carnes preparadas; etc. Sem direcção, abandonadas as funções produtora e distribuidora à influencia, ora benéfica, ora prejudicial, de factores naturais—o trabalho que vinhamos exercendo, para dar lugar aos productos angolanos no mercado interno, apresentava características de desconexão, desordem e falência, tão salientes, que retardavam a marcha a uns e impediam a inicialiva de outros, a todos prejudicando lamentavelmente.

Sobreveio a crise; e a nossa insuficiencia produtora colocou-nos nesta posição: vendedores de mercadorias desvalorizadas e com fraca procura—compradores forçados de mercadorias que pouco ou nada baixaram em seu valor. A eclosão da crise correspondeu, assim, como que a um forte sinal de alarme, que todos ouviram distintamente.

Era necessário, era forçoso avançar a largos passos para esta finalidade: bastarmo-nos, quanto possível, a nós próprios. Certas possibilidades da Colónia, tão bem conhecidas quanto inexploradas, constituíam, para a obra a realizar, o primeiro e essencial elemento; a vontade firme e a intelligencia clara do Ministro das Colónias, Dr. Armindo Monteiro, produzindo o nota bilissimo decreto 19.273, constituíram o segundo; e, no esforço titânico do colono, a quem as circunstâncias impunham a obrigação de agir sensatamente, encontrou-se o terceiro elemento indispensável.

Vimos iniciar-se, finalmente, um período de trabalho metódico, ordenado, de resultados benéficos, seguros. O quadro seguinte denuncia-os claramente:

DESIGNAÇÃO DOS PRODUTOS	QUANTIDADES (quilos)			VALORES (Ags.)		
	1927	1930	1933	1927	1930	1933
<i>Produtos cuja importação baixou sensivelmente</i>						
Arroz .....	543.352	683.555	202.864	1.050.570	1.349.894	325.517
Açucar .....	247.670	339.756	52.414	650.148	606.247	89.325
Massas para sopa .....	63.677	122.387	21.286	268.007	568.948	117.329
Toucinho .....	6.939	3.576	1.411	197.035	28.022	24.533
Carnes preparadas e em conserva	83.587	78.594	50.032	1.441.816	1.383.866	794.292
Peixe em conserva (a) .....	45.600	51.734	15.097	400.000	353.403	186.314
Produtos alimenticios não especificados .....	100.657	22.926	9.180	1.229.629	336.707	234.440
Tabaco manipulado .....	66.813	17.273	1.579	1.238.787	480.858	72.467
Cordame .....	168.354	54.254	29.408	1.270.883	301.138	142.951
Redes de pesca .....	66.495	49.718	22.105	621.377	471.732	190.418
Produtos de ceramica e olaria	475.925	543.665	265.646	898.691	1.181.805	595.256
Sabão .....	107.674	46.246	18.672	385.555	169.332	58.485
Madeiras em bruto e em obra ..	2.154.719	1.655.920	720.799	3.516.279	2.100.627	566.045
Mobílias de madeira e verga ...	26.843	48.557	11.268	250.778	589.487	128.271
Peles curtidas .....	12.927	4.029	2.308	347.626	131.363	62.662
SOMAS .....	4.170.632	3.722.150	1.424.123	13.767.181	10.052.629	3.588.315

(a) — Não são rigorosamente exactos os números referentes a este produto, no ano de 1927.

Se não fóra a exiguidade de espaço em que tem de caber este artigo, eu colocaria aqui, em substituição deste mapa, um outro referido a um decénio, porque dele resultam com maior evidencia as resultantes do novo e definitivo rumo que se imprimiu à economia de Angola.

Contudo, os números aqui postos são bastantes para conduzir à verificação do seguinte:

- 1.º — Angola iniciou, nos últimos 3 anos, a exploração de novas indústrias e alargou a de outras já existentes;
- 2.º — Ao problema cambial oferece esta actividade criada e em progresso, auxílio poderoso para uma solução poderosa.

Convém abrir aqui um parentesis para advertir que, na baixa de importação dos productos que constam do mapa, a diminuição do poder aquisitivo do consumidor angolano não teve influencia, ou, se a teve, foi insignificante. Isto se deduz da análise das estatísticas relativas à importação de mercadorias de idêntica utilização, que não se produzem na Colónia.



Além dos produtos, que consideramos já, outros existem, cuja importação apresenta uma notável tendência para descer, tendência que se filia também no aumento de produção *in loco*. De outros, ainda, a Colónia pode começar a reduzir a aquisição no exterior, que para a produção de alguns, até, tem já o necessário apetrechamento industrial.

Formemos, com os primeiros e os segundos, um quadro identico ao que atraz fica :

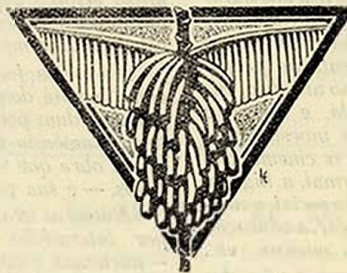
DESIGNAÇÃO DOS PRODUTOS	QUANTIDADES (quilos)			VALORES (Ags.)		
	1927	1930	1935	1927	1930	1935
<i>Produtos cuja importação tende a diminuir</i>						
Frutas frescas.....	73.979	75.620	74.012	231.960	378.256	343.279
Frutas secas.....	37.125	86.619	76.621	278.152	743.124	593.281
Cebolas.....	154.627	281.823	182.878	252.018	369.275	264.641
Leite condensado ..	49.905	60.919	56.599	343.850	476.209	493.378
Banha de porco .....	32.311	41.756	21.749	338.411	338.418	186.831
Manteiga.....	55.972	81.917	61.272	1.431.172	1.793.196	1.145.338
SOMAS..	403.949	628.654	473.131	2.875.563	4.098.478	3.026.718
<i>Produtos cuja importação deve vir a ser diminuida</i>						
Tabaco em folha .....	24.264	40.087	35.606	183.026	408.232	458.667
Algodão hidrófilo (a) ..	15.587	21.587	18.276	352.420	461.691	470.442
Sabonetes.....	23.854	25.317	30.908	477.915	364.111	399.022
Gazolina .....	4.016.790	7.435.535	3.989.024	7.150.037	12.288.475	6.040.478
Cal .....	155.078	121.525	302.264	83.135	69.451	70.428
Massa de tomate (b) ..	30.000	33.793	35.027	110.000	119.342	136.746
Queijo.....	39.630	50.151	37.958	840.546	968.403	637.828
SOMAS..	4.805.599	7.727.995	4.449.183	9.197.109	14.679.705	8.213.611

(a)—Apenas o número relativo a 1927 representa a importação de algodão hidrófilo. Nos de 1930 e 1935, entra a importação de gase e ligaduras.

(b)—Não são rigorosamente exactos os números referentes a este produto, no ano de 1917.

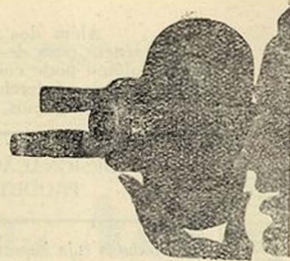
Intensificada e aperfeiçoada a pomicultura; regulamentada a embalagem da banha e da manteiga; feita uma distribuição mais larga de bovinos de raças leiteiras; postas a funcionar as fábricas de algodão hidrófilo e de álcool, já montadas; introduzidas normas scientificas no cultivo do tabaco; feito algum esforço em ordem a elevar a produção das restantes mercadorias que constam do mapa; a Colónia terá feito mais um avanço considerável no sentido de assegurar o saldo positivo da sua balança comercial e, concomitantemente, resolver o seu problema de cambios.

Para o conseguir é, porém, necessário que a correção dos elementos que formam essa balança se continue a fazer, com intelligencia e persistencia. E a correção atingirá a perfectibilidade conveniente, se o Governo estiver sempre vigilante e no conhecimento exacto de todos os fenómenos que forem ocorrendo no campo económico, a fim de poder legislar com oportunidade e sabiamente; se o produtor receber de quem tem obrigação de lhe dar, a assistencia financeira e técnica de que carece; se, em resumo, se lhe dispensar o auxilio moral, scientifico e material, a que tem direito e que é preciso conceder-lhe a bem dos interesses da Colónia e da Nação.





# Cinema



## A sua função como agente de propaganda colonial

**E**STA bem patente o valor do cinema como agente de propaganda e de difusão dos mais simples aos mais transcendentes problemas da humanidade. O seu poder de «observação», de análise directa, não conhece rival. Superior ao livro e á palavra, mais dinámico do que qualquer dos dois, falando um dialecto mundial, como é a mimica e expressando-se com uma eloquência déveras assombrosa, éle tem a faculdade, o dom especial de levar aos povos mais distanciados dos grandes centros de civilização, de disseminar e de radicar nos seus principios, práticas e ensinamentos uteis sôbre a vida e suas directrizes, ministrando-lhes conhecimentos de todas as sciências humanas. E dessa faculdade nasceu a sua função como agente de intercâmbios didacticos e culturais.

Os esforços gerais e desinteressados dum grande número de intellectuais (professores, sábios, etc.) de todos os países, em favor do desenvolvimento do ensino pelo filme, muito têm contribuído para que se adopte uma disciplina de concepção, de preparação e execução geral, que permita realizações uteis para um intercâmbio fácil e proveitoso.

Pelo último Congresso Internacional do Cinema, de Ensino e de Educação, podemos bem avaliar qual foi a participação de vários países, e em que bases assentaram os seus programas. Por exemplo: a França, — façamos-lhe justiça, — inspirou-se num plano que parece não ter deixado nada em branco. Relações especiais serão estabelecidas para o ensino primário e secundário: — história, geografia, sciências e literatura; no ensino superior: — sciências naturais, física, medicina e cirurgia; assim como ensino técnico, orientação profissional, ensino artístico, ensino agrícola, e ainda, o cinema e as investigações scientificas, o cinema e a infância normal, a higiene e a prevenção social, o ensino post-escolar, a educação familiar, os museus, etc.

Pela enumeração dos principais capítulos observa-se que ao cinema são-lhe distribuídas funções colectivas, de alto interesse social. Simultaneamente teórico e prático, entrando pela pedagogia, a base principal das forças vindouras, estende-se pelos mais vastos e profundos problemas sociais e scientificos.

Desta coordenação e de elementos da sua facilidade em intercâmbios, nasceu a ideia do ensino obrigatório pelo filme, em todo o mundo. E já algumas nações o veem adoptando, como por exemplo, a Alemanha, Rússia, França e Estados Unidos.

Depois do exposto, — o que se depreenderá de «A função do cinema, como agente de propaganda colonial?» É bem simples.

Uma vez controladas as suas possibilidades em todos os campos da actividade humana, a exemplo do que faz a França e a Inglaterra, Portugal, como terceira potencia colonial, deveria fazer uma propaganda regular em pról das suas colónias, por intermédio do filme.

Tentativas isoladas surgem de todos os cantos, lembrando a conveniencia de se fazer uma larga disseminação dos valores materiais de cada colónia, — e que, a par de tal accção, teriam a vantagem de apresentar aos olhos curiosos de quem nos espia na sombra, e pretende, pela calada, usurpar o nosso patrimonio colonial, que a colonização portuguesa se accentua, dentro de seus multiplos problemas, duma forma extraordinária e efectiva.

Porém, uma vez o Estado a patrocinar essas produções, seria de toda a conveniencia que os realizadores soubessem, de antemão, quais as difficuldades a vencer e qual o trabalho e suas características. Porque, duma maneira geral, os filmes coloniais que temos visto deixam muito a desejar, pois tem-se explorado o que menos importa á apresentação do nosso esforço como colonizadores, como sejam caçadas aos antilopes no deserto de Mossâmedes, Huila, etc., filmes estes que dão margem a concepções erradas.

Na nossa forma de ver, a primeira função do cinema como agente de propaganda colonial, deveria ser concebida debaixo dum ponto de vista puramente económico: Agricultura, Comércio e Indústria, — que seria o primeiro capítulo duma obra que mais tarde se dividiria em valores, por distritos, — e sua participação na balança económica colonial.

Números exactos e informações claras seriam prestadas por intermédio desses filmes, de forma a que todos, — nacionais e estrangeiros, — pudessem visualmente avaliar das possibilidades dos nossos territórios ultramarinos. Depois, poder-se-ia passar á história de ocupação, ao aspecto geral de cada cidade, á paisagem, ao estudo e á apresentação da sua fauna e flora: tudo formando um compêndio fácil de compulsar e de utilíssimas vantagens como meio de ensino. Porque, a verdade é esta: — O povo português apenas possui umas noções vagas do que seja Africa, do que temos em Africa. Quer no ensino primário quer no secundário, duma maneira geral apenas se ministra o essencial para que se não ignore a posição geográfica das colónias que possuímos. Ora isso não basta. Se, como dizem, o futuro de Portugal está nas colónias, impõe-se que tomem medidas para que seja feita uma propaganda útil e proveitosa sôbre as suas





**E'** a ti que me dirijo, a ti que és minha irmã pela Raça e pelo culto fervoroso que nos une à Pátria comum e que, como eu, erês, confiante, na missão superior do seu Destino.

Desde que te libertaste de certos rouceirismos atávicos e preconceitos ridículos que te amesquinhavam, em ti confia Portugal, por que tu empunhas nas tuas mãos suaves e vigorosas, uma das chaves da sua prosperidade e até da sua independência.

És uma obreira diligente e uma auxiliar sagaz e arguta que põe ao serviço da Pátria o esforço físico e intelectual e que ao lado do homem luta pela sua prosperidade e engrandecimento. És, além disso, a mãe, a educadora, a mentora que há-de fazer dos filhos, cidadãos úteis à colectividade e fazer-lhes nascer, bem ardente, desde o berço, o amor por Portugal.

E hoje, que em volta de nós esvoaçam, ameaçadores, uns fluidos de desconfiança e incerteza pelo futuro, é necessário, como nunca, que floresçam, bem vivos, no peito de todos os portugueses, o culto pela tradição e o amor pela sua Pátria, para se fazer frente à onda destruidora que ameaça o mundo.

Portugal tem extensas e ricas Colónias cuja prosperidade o elevaria novamente ao esplendor e preponderância do Passado.

Infelizmente, há tanto português que as desconhece!

Também tu, Mulher, saberás—tal como eu outrora—a exacta posição geográfica e a extensão de cada uma delas, e, quasi mecânicamente, saberás nomear cada uma das suas capitais e cada um dos seus produtos agrícolas, recordação vaga duns rudimentares estudos, nas escolas e liceus. E julgar-te-lhas quite para com a Pátria com êstes simples conhecimentos, porque ninguém soube ensinar-te a ler na alma de cada uma delas e a amar todos êstes pedaços dispersos de Portugal e todos os teus irmãos que nelas labutam.

Também eu, só soube querer-lhes, depois que meus olhos pousaram, encantados, em tanta beleza para mim inédita, como só soube amar verdadeiramente o meu torrão natal depois que a distância mo roubou do olhar e me fez nascer no coração o espinho pungente da saudade.

Em todas as Colónias portuguesas que visitei, palpita ardente e vigorosa a alma de Portugal, nada havendo que as desnacionalize,

# Carta às mulheres de Portugal

o que é um lenitivo para o português ausente do cantinho que o viu nascer e chega a esquecer-se da distância que dele o separa.

Mas a vida de quasi tôdas as Colónias é um extenso rosário de dificuldades e de lutas.

Grandes extensões de terrenos, na maior parte delas, jazem incultas por que não há braços para as cultivar e, não obstante, quasi todos os dias vapores portugueses e estrangeiros levam, de Portugal para a América, centenas de trabalhadores, nossos compatriotas, em busca dum destino incerto, que quasi sempre lhes é ingrato.

Por que não has-de tu, Mulher, empregar—sempre que o possas fazer—a tua suave, mas valiosa influência, contra uma tam triste corrente emigratória, que só dá ao exilado desilusões sem nome?

Mas, se êsses herdeiros do sangue aventureiro dos nossos antepassados, impelidos não sei por que força oculta, teimam em procurar a fortuna longe dos seus lares, ao menos que emigrem para as nossas Colónias, enriquecendo, com o seu trabalho, o património nacional.

—Falta de protecção? Mau clima? dizem êles!

E quem os protege nessas terras longínquas que êles demandam ao acaso? Amparo e solidariedade encontrá-los-iam, sim, em terras de Portugal, no carinho de seus irmãos d'além-mar.

Mas a ambição e a obsecação encaminham-lhes os passos para terras estranhas e no fim de humilhações sem nome e de trabalhos exaustivos, os poucos que regressam, em vez da fortuna, trazem a saúde depauperada e uma miséria maior que a que levaram.

Como é triste êste desconhecimento das nossas Colónias na Metrópole!

Vivo hoje na Província de Angola, a maior e talvez a mais portuguesa de tôdas as nossas Colónias.

E que terror me dominava em vésperas

## CINEMA (continuação)

riquezas, sobre o seu valor positivo, bem como um programa de ensino conveniente. A concepção que a maioria do povo português faz de Africa é bastante irrisória, e algo comprometedora para a nossa actividade de colonizadores.

Temos, porventura, algum filme que foque a nessa acção colonizadora? Na luta acepção da palavra supomos que não. Os que existem e que estão sendo exhibidos em Portugal, são apenas fragmentos, agravados com uma péssima orientação nos motivos expostos. E torna-se necessário, por todos os motivos, que seja con-

siderado o valor do cinema no campo didático e cultural.

A êsse respeito, o programa apresentado pela França e que se estende às suas colónias, é um belo exemplo a seguir. Que se faça, por intermédio do cinema, uma larga propaganda do valor económico do nosso Império, que se faça a apresentação de toda a sua actividade—agrícola, comercial e industrial, é, neste momento, salvo melhor opinião, em que assenta, verdadeiramente, a função do Cinema, como agente de Propaganda Colonial.



# carta ás mulheres de Portugal

(Continuação)



de abandonar, pela primeira vez, Lisboa! Assustava-me um pouco o desconhecido, mais ainda os olhares magoados dos que me viam partir, temendo uma eterna despedida.

Há já dez anos que isso foi e, se não fôsem esses laços misteriosos que nos escravizam à terra que nos viu nascer e a saudade profunda duma mãe adorada, eu não teria saudades de Portugal!

A cidade de Luanda, onde resido, é uma cidade moderna, grande, confortável, beijada pelo Atlântico e onde se faz uma vida perfeitamente sã.

O meio é leal, ilustrado, e existe uma solidariedade admirável entre todos os colonos.

Centenas de casas comerciais dão à cidade um movimento cheio de vida. Casas de modas elegantes, onde se vendem todos os modelos «dernier cri» da Europa; um porto de mar encantador; largas avenidas; um teatro que rivaliza em tamanho e arquitectura com os melhores de Portugal; belos jardins; lindas moradias modernas; um hospital modelar, nada inferior a muitos da Metrópole; asilos de protecção a europeus e indígenas; associações beneficentes; clubes; grêmios regionalistas; esplêndidos campos de futebol e de tennis; carreira de tino; bons hotéis e pensões; escolas; um liceu (havendo mais um outro na Colónia); missões; igrejas cheias de tradições; uma ilha natural, lugar de recreio e repouso que uma longa ponte liga à cidade; centenas de automóveis e camionetes; creados docéis e serviços, etc.

Percorrendo as ruas, uma multidão heterogênea de brancos, mestiços e pretos, na labuta febril do pão de cada dia, vestindo uns à europeia, outras à colonial ou com seus trajes típicos; centenas de senhoras brancas, vestin-

do com rara elegância; imensas crianças; grande número de ótimos jornais de informação, educativos e literários, havendo já um diário, etc. Como Luanda, o Lobito é uma cidade encantadora.

Em toda a Colónia há uma rede vastíssima de estradas, consideradas as melhores

da Africa Ocidental e diversas linhas férreas percorrendo milhares de quilómetros, destacando-se a do Lobito à fronteira numa extensão de quasi 1400 quilómetros, ainda há pouco inaugurada e que põe a Colónia em contacto com o Congo Belga, a África do Sul e Moçambique. O comércio, a agricultura e a pecuária tem um grande desenvolvimento e toda a Província de Angola, desde o Alto Zaire a Mossâmedes, é um escriptorio de belezas e maravilhas, quer naturais — nos seus rios caudalosos, nos seus saudáveis planaltos, nas suas planícies ou nas suas densas e ricas florestas — quer as que são produto do esforço do homem português, milagre duma Raça empreendedora e forte.

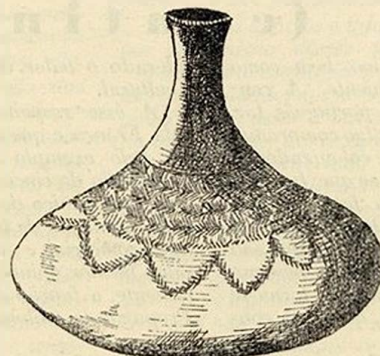
Quando em Portugal se comprehender tudo isto — e bem depressa o seria se tu, Mulher, quisesses ser o apóstolo da sua propaganda — e para cá chovam os capitais que aí estacionam improduttivos, Angola será em prosperidade um novo Brasil e Portugal despertará da apática sonolência que o manietta há seculos, para ressurgir mais forte, mais belo e poderoso que nunca!

Mas, melhor que as minhas palavras, a Exposição Colonial patenteará ao povo português a verdade das minhas afirmações e para, estou bem certa, vibrar de entusiasmo a alma nacional.

E tu, Mulher, se algum dia o Destino te conduzir para aqui, vem sem receio, crente de que encontrarás tudo quanto desejas, até esses pequenos nada que julgas indispensáveis à vitória da tua formosura.

E para a adorável Mulher de Portugal, *junto ás minhas* vão, as saudações fraternais e bem sineeras, de todas as Mulheres da Província de Angola.

M A R I A D E P O R T U G A L





# MENTALIDADE COLONIAL

**E** consoladora, é grata, é enternecedora, a observação do movimento entusiástico, alvorçado, intenso, frenético, que fervilha por todos os cantos e recantos de Portugal na presente ocasião, em prol das nossas ricas, extensas e maravilhosas colónias!

O Povo Português, com nacionalidade quasi milenária e com estrutura colonial quasi seis vezes secular, parecia ter-se esquecido de que por todo o mundo geográfico possuía territórios vastíssimos, ubérrimos e ao mesmo tempo intimamente ligados à terra-mater, ao rectângulo lusitana, pelo coração, pelo amor, pela firmeza patriótica de milhares e milhares de almas que por cá habitam explorando a selva, talando o solo, rasgando as entranhas da terra, construindo aldeias, vilas e cidades, erguendo padrões imorredoiros de glória por toda a parte, curtindo amargas saudades dos entes queridos, distantes!

Por largos e largos anos o Povo Português viveu no mais completo alheamento por tudo isto que era seu, como qualquer riquíssimo burguês por escassa nesga sua de baldio, encravada em terrenos estranhos. Quando se falava em colónias era para se recordar terras de degredo, climas inhóspitos de malditas febres, países povoados de tremendas feras, fofalha sôfrega, insaciável, de grossas somas de dinheiro e vidas. Nas escolas reinava a mais completa, impressionante — ia a dizer: criminosa. — ignorância por tudo o que respeitava à vida politica, económica e financeira, à descrição física, à estrutura demográfica, às condições sociais, aos sistemas de administração, ao conhecimento do valor funcional das nossas colónias dentro do grande organismo do nosso velho e colossal Império. Obrigava-se a decorar para sempre, povoando e fatigando a memória, milhares de nomes de penínsulas, baías, cabos, ilhas, portos, cidades, serras, lagos, rios, vulcões, mares, istmos, estreitos, lagoas, flores, espécies minerais, condições climáticas, religiões, formas de governo, etc., de todos os países estrangeiros, — e passava-se lamentavelmente pela rama em toda a matéria que respeitava aquilo que era nosso, aquilo que constituía o que se chama corografia portuguesa.

Agora, dormido um sono largo e profundo e sacudidos atávicos e seculares sentimentos que por todo o período dos séculos XIV, XV, XVI e XVII fizeram parte integrante e primordial da mentalidade nacional, a alma portuguesa parece felizmente vibrar em unissono em todos os recessos do país metropolitano ao volver os olhos atônitos, maravilhosos, para o grandioso e fascinante certamen constituído pela I Exposição Colonial Portuguesa — eloquente manifestação do alto valor das actividades agrícolas, industriais e comerciais do Ultramar, magistralmente postas em movimento pelos patrióticos obreiros que herdaram, conservam e engrandecem quanto podem, o velho e glorioso Império Colonial Português.

Agora, reconhecido quanto se tem desperdiçado, quanto se tem sido injusto, quanto se tem sido ignorante em matéria colonial, a ânsia de recuperar o perdido é enorme, o desejo de reparar o mal é evidente, a avidez de saber é manifesta. Os organismos económicos do país estudam os problemas coloniais; os liceus e colégios particulares recolhem elementos da especialidade, organizam museus e realizam exposições; as universidades e institutos colhem, coligem e exibem, acompanhadas de eruditas explicações, as mais diversas espécies de publicações científica-

mente representativas do valor, da energia dinâmica, da intensa força propulsora das nossas colónias dentro do quadro, do todo da vida nacional.

Este movimento pró-colónias é um facto notável nacional que há-de ficar registado na nossa história com o mesmo brilho, com a mesma auréola, das guerras da independência, da restauração, da expulsão das divisões napoleónicas; com a mesma importância das reformas pombalinas, da conquista dos direitos liberais! É este movimento um facto que mais uma vez confirma a forte vitalidade da nossa raça: em todas as circunstâncias difíceis, em todos os momentos criticos da nossa nacionalidade, surge sempre do meio da massa populacional anónima uma consciencia colectiva colossal, prodigiosa, redentora!

Passe-se a narrar ás creanças, em lugar de velhos contos da carochinha, de bruxas apavorantes, de fadas idiotas das «Mil e Uma Noites», a maravilhosa epopeia dos nossos gloriosos antepassados, a extraordinária série de actos de heroismo incomparáveis dos nossos maiores navegantes, praticados em todos os mares, em todos os pontos e cantos da Terra. Diga-se-lhes que fomos grandes como mais ninguém o foi no mundo, porque tínhamos consciencia colectiva, robusta e enérgica. Affirme-se-lhes que angariámos riquezas sem conta por toda a parte porque fomos sempre o povo mais laborioso, mais activo e mais arrojado do mundo.

Ensine-se à mocidade escolar que Portugal, além do seu reduzido território ibérico, possui de direito e de facto imensas extensões de terreno — quasi tanta vezes aquele — espalhadas por toda a parte e que nelas habitam 60.000 europeus que produzem anualmente cerca de dois milhões de contos, e 8.000.000 de indígenas que extraem do solo, colhem do mar, e transformam pelas suas próprias mãos, por processos ainda bem rudimentares, mais de quatro milhões de contos, anualmente também. Revele-se-lhes com nitidez que Portugal resiste ainda irremediavelmente à crise que vem flagelando o mundo inteiro há anos, porque possui estes territórios ubérrimos que lhe mantem companhias de navegação, que lhe recebem os excessos demográficos sem lhes desnacionalizarem, que lhe consomem vantajosamente a produção das suas indústrias e da sua agricultura, que lhe servem de magníficos campos de applicação de capitais, sem correrem o risco de se perderem a favor da economia de qualquer país estrangeiro, que lhe dão direito a assento em arepagos internacionais como potencia considerável, que lhe servem de gerador de avultadas somas de dinheiro representadas em fretes marítimos, em lucros commerciaes, em rendas de propriedades, em liquidação de dividas, em pensões e mesadas, em transferências por liquidações de negócios, etc., etc.

Insinue-se à população válida e activa de Portugal que as nossas Colónias precisam do maior numero possível de braços e de intelligencias, que estas terras por um acaso (?) providencial são as mais férteis da Africa Portentosa, que energias applicadas aqui com método e saber são sementes prodigiosas de abundantes riquezas. Demonstre-se-lhe que é um erro crasso e tremendo pensar-se e dizer-se que as colónias são fardos pesadíssimos e perfeitamente inúteis para a Metrópole, que é um lamentável engano recusar-se ás provincias do Ultramar todo o auxilio financeiro de que ellas carecem, sempre, como compensação do numerário que daqui vai para lá, excedendo o capital que de lá para cá vem.





# SERVIÇOS DE AGRICULTURA E COMERCIO



## O QUE SE FEZ EM 18 MESES

A par da investigação científica que não tem sido descurada, vêm os Serviços de Agricultura desenvolvendo os maiores esforços para que a assistência técnica e material aos agricultores se intensifique ao máximo, dentro das possibilidades que lhes são dadas.

Essa assistência preocupou a tal ponto estes Serviços—visto reflectir-se imediatamente na exportação—que lhe foi dispensada uma grande parte das suas verbas Ags. 1.254.000,00:

Quantia extremamente elevada se atendermos que a soma dos orçamentos ordinários foi de 5.216.621,60 ags.

Dos trabalhos de assistência, destacamos a produção pelos Serviços de Agricultura, de sementes seleccionadas e a construção de camaras de desinfectão e depósitos de sementes, construidosem vários pontos da Colónia, organismos estes que certamente hão de ter grande influência no fomento e ordenamento das principais culturas angolanas, bem como no beneficiamento dos seus productos.

A produção de sementes em larga escala, é já um facto pois a experiência do ano passado, nos *campos de reprodução*, anexos aos Estabelecimentos Agricolas, tendo conseguido para cima de 100 toneladas, levou a Direcção dos Serviços de Agricultura a organizar, para este ano, uma produção que não deve ser inferior a 500 toneladas.

Para isso, alargaram-se os referidos *campos* e encontram-se em grande actividade os trabalhos das Estações de Melhoramento e

enxertos e luteiras enxertadas em cavalos já aclimatados.

—Produziram nos campos de *reprodução de sementes* dos seus Estabelecimentos, 100 toneladas de sementes seleccionadas de milho, que foram já distribuidas gratuitamente pelos agricultores.

—Iniciaram o estabelecimento de duas grandes Estações de Reprodução e Melhoramento de Sementes e Fruteiras, uma no planalto de Benguela e outra no planalto de Malange, com capacidade para produção de 6.000 toneladas de sementes de cereais e outros géneros de exportação.

No primeiro destes Estabelecimentos foi aberto um canal de irrigação de 27 quilómetros, que deve constituir a principal obra de hidraulica agricola da Colónia.

E' bom dizer-se, que a organização destas Estações obedeceu a um plano cuidadosamente estudado; ao mesmo tempo que realizam o importante objectivo da produção de sementes seleccionadas, ficam sendo grandes propriedades agrícolas, onde nada faltará, para um dia, acabada a necessidade de distribuição de um volume de sementes, serem integradas na massa geral da produção agricola.

Possuindo água em abundância, terrenos de boa qualidade e as construções indispensaveis a uma grande exploração agricola, representarão sempre um valor efectivo para o Estado e um exemplo a seguir.

Tambem não deixaremos de mencionar, por julgarmos interessante, que todas as cons-

## MENTALIDADE COLONIAL

(Continuação)

Da estrutura do sistema de administração do nosso Império Colonial não pode deixar de resultar sempre, tão fatal como o destino, um grande desequilibrio económico entre todas as partes do todo a favor

da Metropole, como aliás é justo e natural. E quando isso não acontecer, a «máquina» não funciona bem. Mas para que então a vida das colónias se não estiole, convém, é imprescindível, que se não esqueça nem se deixe de atender a necessidade de compensar, pelo menos em parte, aquele mesmíssimo desequilibrio, não por via de emprestimos ruinosos e vexatorios, mas com a construção de portos e caminhos de ferro, com a realização de obras de grande vulto e interesse colectivo, com a execução de bem organizados programas de fomento.

Povo Português! Fadado desde remotos seculos para povo colonizador e civilizador, acarinhai as vossas colónias, olhai-as com paixão, recuperai com sofredor a pura essencia da vossa tradicional MENTALIDADE COLONIAL!



## SERVIÇOS DE AGRICULTURA E COMERCIO

(Continuação)

truções obedecem ao tipo da casa genuinamente portuguesa.

—Montaram na Estação Experimental do Algodão um sistema de irrigação por bomba, afim de assegurar 100 hectares de cultura irrigada, para reprodução de sementes.

—No Posto Agrícola da Huila está-se procedendo árealização de um importantíssimo trabalho de hidráulica, que deve assegurar a cultura irrigada de algumas centenas de hectares.

—Construíram uma barragem na Estação Experimental de Policultura Planáltica de Bié para irrigação de 50 hectares.

—Construíram alguns depósitos de sementes e câmaras de desinfecção em vários distritos da Colónia (Caconda, Cuima, Nova Lisboa, Bailundo, Andulo e Catete).

—Montaram uma fábrica de gesso em Mossamedes, junto da 11.ª Delegação, para fornecimento gratuito daquelle correctivo, á agricultura do planalto da Huila.

—Dotaram em cerca de 500 contos de máquinas e alfaias, os vários parques de máqui-

nas que funcionam junto das Delegações para utilização gratuita dos agricultores.

—Montaram o Laboratório de Patologia Vegetal e Entomologia Agrícola, cujos trabalhos já se podem considerar muito apreciáveis.

—Propuzeram, tendo sido aprovado, o Regulamento das Campanhas de Produção Agrícola, em que toda a assistência, quer material quer técnica, é absolutamente gratuita. (Portaria 957, de 30 de Março de 1952).

—Estão procedendo á montagem de dois postos de fomento apícola.

—Construíram em vários Estabelecimentos, alguns edificios para habitações do pessoal europeu e indígena, hangares, abrigos para viveiros, abegoarias, armazens, etc.

—Iniciaram em todos os Estabelecimentos dependentes destes Serviços, o ordenamento de importantes núcleos de arborização.

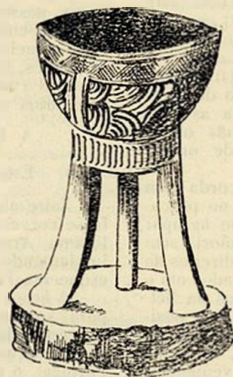
—Organizaram, em moldes de segura continuidade, a investigação científica, como base de toda a assistência técnica.

—Ampliaram as oficinas de beneficiamento de café em Luanda.

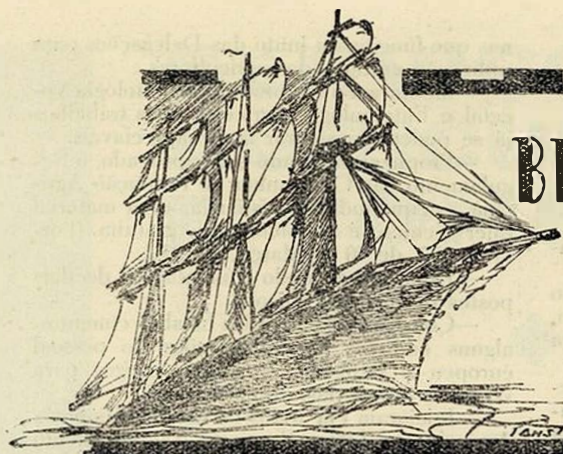
—Montaram, na Estação Experimental do Algodão, uma oficina de desgranamento e prensagem de algodão.

—Prestaram gratuitamente uma assistência técnica e material, representada em ensinamentos, vistorias, certificados, máquinas, alfaias, sementes e plantas, que pode ser computada em muitas centenas de contos.

B E N T O A L V E S  
ENGENHEIRO-AGRONOMO, DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE AGRICULTURA E COMERCIO







# BRITO CAPELO

## e o tratado de

# JIMULAMBICO

1. FEV. 1885

Ao Ex.<sup>ma</sup> Snr. 1.º Tenente de  
Marinha, Oliveira Pessa

**D**ECORRIA tormentoso, para a política colonial portuguesa, o ano de 1885.

Tratava-se, nada mais, nada menos, do que retallar territórios que, anos e anos, haviam escapado às cobiças das grossas potências, territórios que estavam apenas entregues aos potentados do país, que permitiam a ocupação comercial a todas as nações, mas onde o nome de Portugal era venerado, não só pela acção dos seus barcos de guerra, sempre em cuzeiro, como também pelas boas relações de amizade, que os comerciantes portugueses mantinham com os indígenas, senhores da região.

Ponta Negra, Loango, Lândana, Malembo e Cabinda, eram de há longos anos, esfera da acção colonizadora de Portugal. Já em 1878, o Governo de Sua Magestade Fidelíssima ordenava se fundassem de novo, os presidios de Malembo e Cabinda (1).

A par da ocupação pacífica por parte de Portugal, outros países tentam a violência para se apoderarem da região. A França força a vontade dos indígenas e estabelece um protectorado em Loango, não obstante os protestos do comerciante português Sabôga, protesto que, por um pouco, não o leva a travar relações, de *muchos* aos pés, com o porão da canhoneira «Sagitaires», do comando de Cordier.

Os francezes apreendem ainda, uma bandeira portuguesa ao *mufuca* Loemba, mas, reconsideram, e entregam-na ao Comandante da nossa canhoneira «Bengo».

Esta bandeira fôra oferecida ao dito Loemba, por ocasião de um *modus vivendum*, que o Comandante Matos, da corveta «Duque da Terceira» (2) com elle celebrara, a pedido dos commerciantes portugueses Sabôga, já citado, e João José Rodrigues Leitão (3).

Vão rolando os anos, até que, em 1884, (4) a Inglaterra e Portugal celebram o famoso convénio de 26 de Fevereiro, pelo qual o nosso País occupava as duas margens do Zaire, no seu curso inferior, mas oferecendo, em troca, um regime privilegiado, de ordem commercial, á Inglaterra (5).

Bismarck, o chanceler de ferro, não concorda com a ratificação do convénio e, manobrando no proceloso mar da política internacional, consegue agrupar na Conferencia de Berlim, 14 estados, na maioria sem interesses directamente ligados ao Zaire. Os direitos da França (em que sobrenada um succulento tratado com o Makoko, feito por Savorgnan de Brazza) e os da Bélgica, que outros não eram senão uma declarada posição de apoio a Stanley (6), o devassador politico do Congo e não o audaz explorador scientifico, como lhe competia, são postos na balança das conveniências internacionais, juntamente com os de Portugal, como se paralelo algum houvesse entre elles. E Baming, nas suas memórias, não resiste a declarar que, na Conferencia, Portugal representava as suas pretensões com um *grande passado colonial*, mas esqueceu-se de dizer que esse passado era constituído por uma occupação commercial efectiva, uma assistencia permanente dos seus navios de guerra, ambas apoiadas pelos desejos dos próprios naturaes.

E, apesar de menosprezados esses direitos, na Conferencia de Berlim, tentativas eram feitas para Portugal aceitar um infimo quinão na partilha.

Porém, Luciano Cordeiro, esse Português illustre, que por si só faria a glória de uma Nação inteira, combateu á outrance, com argumentos irrespondíveis

e provas irrefutáveis, defendendo, palmo a palmo, o terreno em litígio, não accitando a primeira solução, que seria a entrega a Portugal, sómente da parte da margem esquerda, que vai da Ponta Padrão á Pedra do Feitico, nem a segunda, que era estender o limite até ao meridiano de Boma, nem a tida a terceira, que os seus contraditores lhe apresentavam: a margem esquerda, desde a foz até Nôqui.

Os delegados de Portugal (além de Luciano Cordeiro, faziam parte da delegação portuguesa, Serpa Pimentel e o Marquez de Penafiel) só accitaram a seguinte: ao longo do litoral, um enclave (Lândana, Malembo e Cabinda) e na margem esquerda do Rio Zaire o limite seria Nôqui, seguindo-se depois o seu paralelo até ao Kwango (Cuango).

A Associação Internacional Africana (*taboleta commercial*, no dizer de Jules Ferry, a *d ma dos nossos pensamentos*, segundo o Barão de Courcel) tomaria Banana, Ponta da Lenha e Boma, locais de grande concentração commercial, onde há muito, predominavam os portuguezes (7).



Porém, enquanto em Berlim, no conforto dos bons gabinetes, se tratava do destino dos territórios em litígio, o esforço português ia mantendo e lutando pela conservação para a Corôa o que tanto sangue tinha custado. Os navios da Armada Real, cruzavam as águas, passando a bandeira gloriosa das quinas, socorrendo os europeus, sem distincção de nacionalidades (8), com aquella galhardia inata na alma do marinheiro português, não esquecendo os dois temas dos quais, um, envolve a roda do leme, o outro inscrito na bandeira, que flutua na carangueja:

A Pátria honrai que a Pátria vos contempla  
Esta é a ditosa Pátria miolha amada

Zaire abaixo, Zaire acima, ou costeando o litoral, fôsse corveta ou canhoneira, mau ou barca (9), a uobilíssima Armada Real, em cada bordada, ia sempre implantando um imperecível padrão moral da nunca esquecida Pátria.

A força era empregada para castigar os maus, como para soeorrer os fracos contra os fortes, mas a Paz, não era palavra vã.

O aprumo das guarnições dos vasos de guerra de Portugal, o espirito de justiça que sempre foi lema dos officiaes da Armada, calava fundo no animo dos naturaes. E essa fé na justeza do julgamento, levava-os, apesar da sua inata insubmissão, a solicitar sempre a arbitragem dos comandantes dos navios portuguezes que estacionavam na costa ou no Rio.

Disso há exemplos bastos. Convénios, *modus vivendi*, accordos e arbitragens entre os indígenas e os commerciantes, quer resolvendo dissenções, quer estipulando *costumes* (10), eram sempre feitos na presença dos officiaes da Armada Real.

Essa facha de rendilhado irregular, seutinelada avançada de Angola e que representa mais de 8.000 quilómetros quadrados de superficie, é hoje a resultante de quanto pôde o amor da Pátria nos corações dos marinheiros portuguezes do último quartel do século pas-



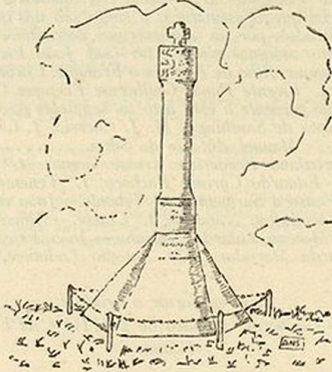
sado, do saber diplomático dos Delegados á Conferencia de Berlim e, por último, dos modestos pioneiros mercantis, dos quais muitos juncaram o solo com os seus ossos.



Decorria, como disse, o ano de 1887. Andava então em cruzeiro, na costa norte de Angola, a corveta «Rainha de Portugal» (11), do comando do Capitão-Tenente, Guilherme Augusto de Brito Capelo, essa nobre figura de homem de mar que, mais tarde, haveria de empunhar as rédeas do Governo desta Colónia, onde tanto se notabilizou pelas suas sábias medidas de administração.

Tendo a corveta saído de Luanda em 1 de Janeiro daquele ano, chegava a Cabinda cerca de 20. Encoostou a terra e, achando bom fundo, onde a ancora unhasse bem, deixou correr pelo escoveta a amarra, com o peccutar estridor.

Belo espectáculo esse, o da faina de fundear um navio de guerra, com todo o rigorismo da ordenança; o progresso destroçou a poesia que no passado havia. Imponente será ver o «H. M. S. Hood» disparar uma



O PADRÃO DO ZAIRE

bordada, ou «H. M. S. Glorious» dispersar os seus vinte ou trinta aviões, como um pombal pôde largar os seus pombos. Mas o certo é que nada isso equivalerá a manobra de fundear de uma aguerrida, mas airosa corveta de guerra, em porto não frequentado, e, em terra, gente estranha, de hábitos mais estranhos ainda. As velas brancas, colhidas pela maruja agíl, ao som de apito do mestre, os metais amarelos foiscando, a esquisita sintonia do cordame fixe e de laborar, a elegante curva do gurupés, os airosos escaletres (a canoa do comandante, o bote, as balceiras), tudo isso representa uma beleza, a que não conseguirá chegar o moderno submarino, ao emergir, agreste, hirsuto, anti-pático, neurasténico, aborrecido.

Fundeara a corveta em Cabinda. Em terra lavrava o desassocego, pois, ainda que longe da Europa, rumores vagos e presagos, veem anunciando ocupação violenta e atentória, por estados alheios á simpatia dos naturais (12).

Reunem inquietos os povos, e uma esperança para eles está no belo navio de guerra português, pois eles conhecem a tempera dos homens que nele correm o cruzeiro; conhecem o seu espirito de justiça para julgar, o pulso forte para os defender.

O potentado, Manuel José Puma, Barão de Cabinda, afiliado do Rei de Portugal, não esquece os laços que o prendem ao grande Estado que lhe abriu os horizontes da civilização. Governando, por direito próprio, a região de Simulambuco, convoca os notáveis e apela para o Comandante do barco português. Um abaixo assinado é dirigido a Brito Capelo, no dia 22 de Janeiro, por 16 potentados, dos quais assinam de cruz [1] 15, entre estes, a Princesa Maria Simbo Manbuco; assiuam por seu punho, o Barão de Cabinda, o Governador do Porto e Alandú (Manuel B. Franque) e o Governador de Porto Rico e Vitória (Francisco B. Franque).

As assinaturas são reconhecidas pelos filhos do Barão de Cabinda, Vicente e João, e por João Barros Franque, filho do Governador de Porto Rico e Vitória.

Diziam nesse documento, que, por lhes ter constado que na Europa, em conferencia de Embaixadores, se tratava de resolver questões que diziam respeito aos territórios da Costa Occidental de Africa pediam ao Comandante que lhes marcasse o dia, para que em sessão solene se assinasse um tratado que os collocasse sob a protecção da bandeira de Portugal.

Brito Capelo marcou o dia 1 de Fevereiro seguinte e, assim, reuniram-se os notáveis de Cabinda—príncipes e governadores, seus adjuntos e intérpretes (linguístes)—no lugar de Simulambuco (13) onde se celebrou, com a assistencia dos officiaes da guarnição da corveta e comerciantes portugueses da região, o tratado de grande valor politico, que não chegou a produzir efeitos na Conferencia de Berlim, pois o Acto Geral desta, era assinado 25 dias depois.

Do documento original do tratado de Simulambuco, são tiradas cópias, que Capelo, depois de as autenticar com a sua assinatura, entrega ao Barão de Cabinda e outros notáveis.

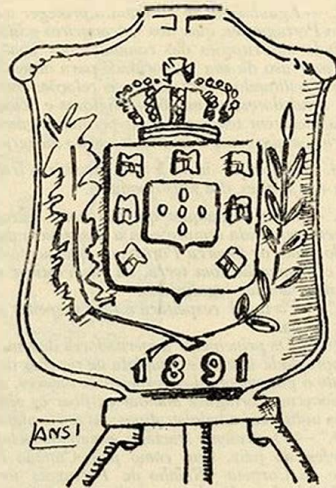
Faz-se de vela a corveta; e os povos, ao vê-la partir, saudam-na, agora tranquilos, pois estão certos de que não haverá Potencia alguma estranha, que se atreva a tomar-lhes os seus territórios, pois bem conhecem o Rei de Portugal, que os protegerá contra os fortes e lhes administará justiça recta e sã.



Quarenta e sete anos são volvidos, depois do histórico dia primeiro de Fevereiro; numa manhã alacre, como são as manhãs dos trópicos, rolava eu, de automóvel, na estrada Cabinda-fronteira, com rumo certo, pois me haviam dito que o Soba do Soea possuia recordações de tempos passados, dos tempos em que ele seria, pelo direito do sangue, príncipe ou governador de vastos territórios.

Apeei-me junto de uma casa de madeira, não muito pequena, e falei com o modesto proprietário, exercendo hoje as singelas funções de soba e que se chama José Domingos Franque. É um velho alto, de barba branca, falando bem o português (o que é vulgarissimo na região), de trato lhano. Falou-me com respeito ceternecido no antigo Governador do Congo, Senhor Comandante José Cardoso, esse sábio colonial e distinto official da Armada, que sem lisonja se pode equiparar a outro Governador, o Comandante Neves Ferreira, o glorioso occupador de várias regiões, entre elas o Ambri-zete, onde ficou conhecido pelo «Capacete de Prata». O velho Franque, ia falando, contando factos, citando nomes, e em tôdas as suas narrativas havia sempre uma saudade dos tempos em que a Marinha Real tinha prestigio entre eles, povos independentes.

Mostrou-me a seguir, as reliquias que lhe restam: machetes de prata, (indicativos de poderio), estatuetas no mesmo metal, objectos antiquissimos, entre elles, uma bandeira com mais de 10 metros quadrados de superficie, composta de três fachas, duas de côr azul e uma branca, com um símbolo ao centro (a figura de uma mulher). Na sala de entrada, tem o seu retrato a carvão, vestindo o uniforme de tenente de 2.<sup>a</sup> linha e, na parede fronteira, o de seu pai, fardado de coronel honorário, que, salvo erro, se chamava Guilherme Franque e que servin de testemunha no tratado de Simulambuco.



Marco da Fronteira Luso-Belga (Estrada Cabinda—Banana)

Por último, desdobrou religiosamente um manuscrito, onde a putine do tempo tinha posto a sua indelevel marca, e deu-mo a ler:

Era a cópia do tratado de Simulambuco, auten-



ticada com a assinatura autographa de Brito Capelo, comandante da corveta «Rainha de Portugal»!

Copiei o venerando documento e, se bem que já em algumas publicações, ele tenha sido dado à estampa, eu não posso deixar de o transcrever aqui, pois ele se deve ao grande tacto diplomático do glorioso official da Armada, que em vida se chamou Guilherme Augusto de Brito Capelo.

**GUILHERME AUGUSTO DE BRITO CAPELO,**  
Capitão Tenente da Armada, Comandante da Corveta «Rainha de Portugal» Comendador de Aviz e Cavaleiro de várias Ordens, authorisado pelo Governo de Sua Magestade Fidelissima El Rei de Portugal, satisfazendo aos desejos manifestados pelos principes de Cabinda, em petição devidamente por elles assignada em Grande Fundação, concluiu com os referidos principes, governadores e chefes, abaixo assignados, seus successores e herdeiros, o seguinte

**TRACTADO**

Art. 1.º—Os principes e mais chefes do paiz e seus successores, declaram voluntariamente, reconhecer a soberania de Portugal, collocando sob o protectorado desta Nação os territorios por elles governados.

Art. 2.º—Portugal reconhece e confirmará todos os chefes que forem reconhecidos pelos poços, segundo as suas leis e uzos, prometendo-lhes auxilio e protecção.

Art. 3.º—Portugal obriga-se a fazer manter a integridade dos territorios collocados sob o seu protectorado.

Art. 4.º—Aos chefes do paiz e seus habitantes será conservado o Senhorio directo das terras que lhe pertencem, podendo-as vender ou alienar de qualquer forma para estabelecimento de seitorias de negocio ou outras industrias particulares, mediante o pagamento dos costumes, marcando-se de uma maneira clara e precisa a area dos terrenos concedidos para evitar complicações futuras, devendo ser ratificados os contractos pelos Commandantes dos navios de Guerra Portuguezes ou pelas autoridades em que o Governo de Sua Magestade delegar os seus poderes.

Art. 5.º—A maior liberdade será concedida aos negociantes de todas as Nações para se estabelecerem nestes territorios, ficando o Governo Portuguez obrigado a proteger esses estabelecimentos, reservando-se o direito de proceder com julgar mais conveniente, quando se provar que se tenta destruir o dominio de Portugal n'estas regiões.

Art. 6.º—Os principes e mais chefes indigenas, obrigam-se a não fazer tractados, nem ceder terrenos aos representantes de nações estrangeiras, quando esta cedencia seja com caracter official e não com o fim mencionado no artigo 4.º.

Art. 7. — Igualmente se obrigam a proteger o commercio, quer dos Portuguezes, quer dos estrangeiros e indigenas, não permitindo interrupções nas communicações com o interior, e a fazer uso da sua autoridade para desembaraçar os caminhos, facilitando e protegendo as relações entre compradores e vendedores, as missões religiosas e scientificas, que se estabelecerem temporaria ou permanentemente nos seus territorios, assim como o desenvolvimento da agricultura.

§ unico. Obrigam-se mais a não permitir o trafico da escravatura nos limites dos seus dominios.

Art. 8.º—Toda e qualquer questão entre europeus e indigenas, será resolvida sempre com a assistencia do Commandante do navio de Guerra Portuguez que nessa occasiõ estiver em communicação com terra, ou quem estiver unido de poderes devi'amente equalizados.

Art. 9.º—Portugal respeitá e fará respeitar os usos e costumes do paiz.

Art. 10. — Os principes e governadores devem a Portugal a propriedade inteira e completa de porções de terrenos, mediante o pagamento dos respectivos valores, afim de n'elles o Governo Portuguez mandar edificar os seus estabelecimentos militares, administrativos ou particulares.

Art. 11.º — O presente tractado assignado pelos principes e chefes do paiz, bem como pelo Capitão Tenente Comandante da Corveta «Rainha de Portugal» tomará a ter execução desde o dia da sua assignatura, não podendo contudo considerar-se definitivo sem depois de ter sido approved pelo Governo de Sua Magestade.

Simulambuco, em Cabinda, de Fevereiro de 1895.

a). — GUILHERME AUGUSTO DE BRITO CAPELO, Comandante da Corveta «Rainha de Portugal».—  
† Sinal de Neto, principes Piu Rei. † sinal de Bialla, Man-

bona do Rei, representante da regencia. † sinal de Mambuma, Mamde, filho do falecido rei. † sinal de Mangove Dagno Puatte Puna. † sinal da princeza Maria Simbo Mambuco. (a) o Barão de Cabinda, Manuel José Puna. † sinal do principe Sambo Franque, Governador do Chinga. † sinal de Machimbe Mafuca Franque. † sinal de Madinge Mangambe, Governador de Samona. (a) Manuel Bonzulo Franque, Governador de Porto Rico e Matamba. (a) Francisco R. Franque, Governador de Pernambuco e Victória. † sinal de Fernando Souza, Governador do Povo Grande. † sinal do linguister do Porto Rico, Pueta Caetano. † sinal de Manichubula Principe de Mambuco de Buco-Cinto. † sinal de King Jeack, principe da Ponta do Tafe. † sinal de King Paine, principe da Ponta do Tafe. † sinal de Fernando Minga, filho do principe Jeack do Buco-Cinto. † sinal de Mangove Velho dono do Povo Grande. † sinal do filho do principe Bete Jeack, Governador do Cai. † sinal de Manissabo, Governador do Chobo. † sinal de Perico Franque, linguister de Mambuco. † sinal de Prata Puna. † sinal de Luemba Franque, irmão do Principe Sambo, Governador do Chinga.

Este tractado foi lido e explicado em lingua do paiz, ficando todos inteirados do seu contendo antes de assinarem e fazerem o sinal (†) cruz na minha presença, comigo Antonio Nunes de Sena e Moura, aspirante do corpo de officiaes de Fazenda da Armada. Affirmamos e juramos sendo preciso que as assinaturas e sinais são dos individuos acima indicados, por os conhecermos pessoalmente e os termos visto assignar n'este acto. (aa) João Puna, João Barros Franque, filho de Francisco Franque, Coronel honorario que foi, Vicente Puna, Guilherme Franque C. h. que foi. Estavam presente a este acto as seguintes pessoas (aa) Onofre Alves de Santhiago, M. J. Correia, J. Contreiras, Alexandre?— Manuel Antonio da Silva. . . . . (na). — Christiano Frederico Pacheco Gomes, 1.º Tenente Immediato—Eduardo Cyriaco Kacuco, 1.º Tenente.— Antonio da Fonseca Sarmiento, 2.º Tenente.— João de Mattos e Silva, Facultativo Naval de 1.ª Classe.— Alberto Antonio da S. Moreuo, Guarda Marinha— João Francisco da Silva, Guarda Marinha, João Antonio Ludovice, Guarda Marinha.

Está conforme o original

(a). — Guilherme Augusto de BRITO CAPELO  
Comm.

**NOTAS**

1—Visconde de Santarem. Memorandum de 1885.

2—Mais tarde esta corveta, acompanhada da barca «Vilhenas», enquanto se conversava em Berlim e as negociações se arrastavam, apparece de surpresa no rio Zaire e toma Banana e Boma. A Armada Real, apoiava assim com a voz dos seus canhões, as palavras fortes de Luciano Cordeiro. Este episodio foi-me contado por uma pessoa do tempo (o Senhor Francisco Portela Guimarães, venerando colôno do Congo, por certo o mais antigo, mas é resumido nesta nota, para não se alongar em demasia. Era Governador de Angola o ilecido Almirante Ferreira do Amaral, e, segundo parece, os dois navios agiram por sua directa e confidencial ordem. Banning, nas suas memorias, cita o facto, mas avoluma-o escusadamente, chamando ao grupo dos dois navios, *l'ouite une escadre* (!). Era desconhecêr a temper dos marinheiros portuguezes, supôr que um tal acto de força, só podella ter sido effectado por uma esquadra completa.

3—João José Rodrigues Leitão, era natural de Ponte da Barca (Minho) mas foi educado na Madeira, na escola dos professores Augusto Francisco Correia de Sampaio e Julio da Silva Carvalho. Seguiu em 1860 para a Ponta da Lenha, margem direita do Rio Zaire, para empregado de um madeirense, de apelido Barros. Mais tarde, em Landano, depois de ter sido empregado de Gaspar Falcão de Castro, formou com este a firma Castro & Leitão. Seguiu depois para Inglaterra e fundou a firma Leitão, Douzen & Cia. mas pouco afortunado foi, pois a firma illia, arrastada na balança pela casa de seu tio, o riquissimo banqueiro madeirense do mesmo nome. Em 1868/1870, pelo seu accção patriótica era agraciado pelo Governo Portuguez com o titulo de Visconde de Cacongo. Fez parte, como voluntario, da colana commandada pelo capitão Damião Ponte Ferreira, na campanha da Mo-nianga. Faleceu o Visconde de Cacongo na sua casa da ilha da Madeira, em 1928 e a sua firma comercial que de Castro & Leitão passara a nome individual (Visconde de Cacongo), transitou para a Companhia Portugueza do Zaire, que se transformou na actual Companhia do Congo Portuguez, hoje em liquidação, absorvida pela Companhia União Fabril.

4—Estava então, no Foreign Office, Lord Granville.

5—Sintomático este convênio, se atendermos ao costume persistente e nunca alienado da Inglaterra, de se apposar dos territorios coloniais; tão arreigados eram os direitos de Portugal áquella região que ella os não contestou. Porém, para nem tudo perder, sempre cortou larga fatia, que mais não era do que um regime certo para os seus subditos. E lá, não poucos havia.

6—Stanley, foi uma figura de aventureiro lendário: aos sete anos, pensionista de uma *work house*, mais tarde, pastor, depois uma especie de explorador em casa de um parente, que o obrigava a partilhar o trabalho intelectual, com o prosaico sistema de engaxar o calçado. Passa á America, onde um velho mercieiro, chamado Henry Motton Stanley (chamava-se então o rapaz perseguido do sorte, John Rowland e era natural de Gales) o empregou como marçano e, mais tarde lhe deu o nome, não lhe legado a fortuna, pois a morte o colheu sem dar tempo a



lestar em seu favor. Começa então a vida vagabunda de Stanley, que gostava que o tomassem por americano e não por inglês. Depois de guerras, umas onde agiu como soldado, outras como reporter, foi à busca de Livingstone, mandado pelo grande potentado Gordon Bennett, proprietário do "New York Herald". Effectou quatro grandes expedições africanas. De carácter violento, passando através de mil e uma dificuldades, levou a atravessar a Africa, 919 dias, de Bagomoio a Banana, (1874 a 1877) tendo dado nessa travessia, nada menos de trinta e dois combates; mas aniquilada a sua gente (400 zanzibaristas e tres jovens ingleses) teria morrido á ningua, se os comerciantes de Roma, na sua grande maioria, portugueses, não lhe mandam socorros. Mais tarde, Stanley, na Conferência de Berlim, fez o possível para evitar que Portugal occupasse qualquer polgada de terreno nas margens do Zaire. (Veja-se Angola e Congo e Le Congo Belge en images).

7—Banning, já citado, acaba por dizer: *L'exemple du Portugal aurait du montrer ce que peut un etat secondaire, même affaibli et épuisé, quand il a une politique et sait la servir avec énergie.* (Mémoires Politiques et Diplomatiques)

8—Em 1855 (trinta anos antes da assinatura do Acto Geral de Berlim, Julius Pechal, subdito inglês, empregado da firma Tobin & Son, de Liverpool, teria passado um péssimo bocado, em Medúra, na margem do Rio Zaire se lhe não vale o brique de guerra «Villa Flor», do comando do 1.º Tenente Antonio Augusto de Oliveiro. Neste successo, tiveram acção brilhante o Guarda Marinha Lucrecio Ribeiro da Costa e o Aspirante de 1ª Classe, Antonio Joaquim de Matos O brigade «Villa Flor» tinha 85 homens de guarnição e estava artilhado com 10 peças.

9—Varios navios de guerra faziam o cruceiro: «Vilhena», «Duque da Terceira», «Bengo», «Rainha de Portugal», Afonso de Albuquerque, «Gaza», «Cacongo», e tantos, tantos outros franceis lenhos, pedaços da Patria distante, que iam cortando com a réda de proa as aguas que banhavam as costas, nem sempre submissas e sempre traiçoiras.

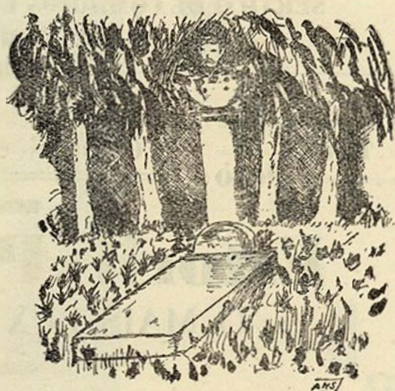
10—Tributo pago pelo comerciante europeu ao potentado indigena para poder exercer o comercio com os naturais.

11—Corveta a vapor, de 1.100 metros cubicas, 160 cavalos de força, 159 homens de guarnição e artilheria com 8 peças

12—Não era de então essa simpatia por Portugal, pois 32 anos antes, isto é, em 1857, o régulo de Cabinda e Governador de Porto Rico e mais autoridades gentiilicas da região, comunicavam ao Comandante da esquadra de guerra "Conde de Tojal" que

se achavam possuido do melhor e mais firme espirito de adesão e submissão a Sua Magestade a Rainha de Portugal!

A J. Valente, cita este facto na sua obra "Angola e Congo", dando ao navio de guerra o nome de "Conde do Fayal". E' enganoso, pois o navio que então fazia o cruceiro era o "Conde de Tojal", excedia cruzador de 40 homens de guarnição, com 5 peças e commandada pelo 2.º Tenente J. C. Neves (Veja-se o Boletim Oficial do tempo, "Movimento Maritimo".)

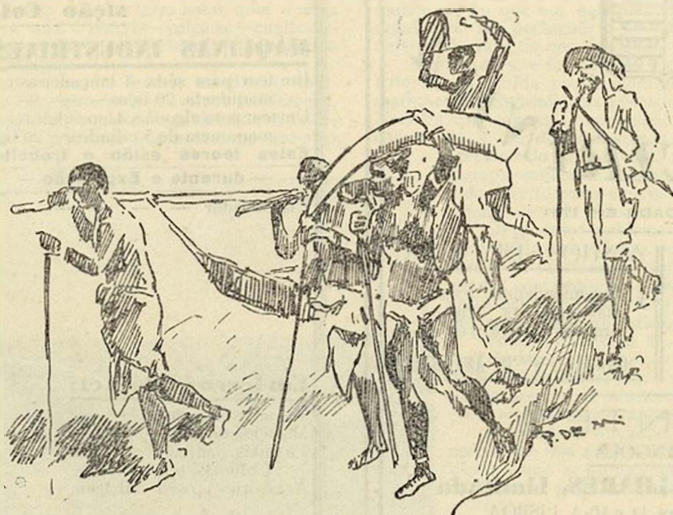


O tumulo do Barão de Cobinda

13—Hoje, no histórico lugar de Simulambuco, repousam os restos do Barão de Cabinda, dominando a pedra tumular, uma coluna sobrepajada pelo busto do Rei D. Luiz. Ao lado, em tumulo semelhante, orçado com identica coluna e busto do Rei D. Pedro V, jaz o pai do Barão, Manbuco Puna, poderoso de Simulambuco. E, deperas chocante contemplar, dentro da floresta, aqueles dois tumulos, encimados por figuras reais e entregues á conservação da consciencia dos que possam. Tantos anos são passados e não apresentam vestigios de depredação.

Texto e desenhos de

ANTONIO NAPOLEÃO VIEIRA E SOUSA





# ESTORIL

Costa do Sol — Portugal

A 24 Kms. DE LISBOA

SERVIÇO DE COMBOIOS ELECTRICOS DE MEIA EM MEIA HORA  
O MELHOR CLIMA DA EUROPA  
A PRAIA DA MODA

GOLF  
TENNIS  
POLO

TODOS OS DESPORTOS

NATAÇÃO  
CAÇA  
PESCA, ETC.

## Estoril - Palacio Hotel

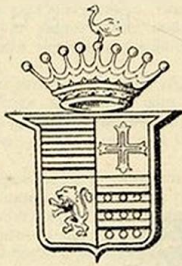
:::: O MAIS LUXUOSO E MODERNO ::::

## HOTEL DO PARK — ESTORIL

**TAMARIZ**  
O Paraiso das Crianças  
Magnificas esplanadas  
:::: sobre o mar ::::

**ESTORIL — TERMAS**  
Estabelecimento Hidro-Mi-  
:: neral e Fisioterapico ::

RESTAURANTE — BAR AMERICANO — THEATRO — CINEMA — CONCERTOS — BAILES — JOGOS  
AUTORIZADOS PELO GOVÉRNO NO **CASINO ESTORIL** — ABERTO TODO O ANO



# FERREIRINHA

CASA FUNDADA EM 1751

VINHO DO PORTO  
AGUARDENTE DE  
MEZA - - - - -  
QUINADO - - - - -

VINHOS DE MEZA  
Recomendam-se espe-  
cialmente os vinhos  
brancos superiores  
"GRANJA,, e "D. ANTÓNIA..

### AGENTES

PARA A PROVÍNCIA DE ANGOLA:

**PALHARES & PALHARES, Limitada**

Campo das Cebolas, 11 e 10-A, LISBOA

PARA A PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE:

**GUERREIRO & CASTRO, Suc., Ltd.**

Caixa Postal, 734 — LOURENÇO MARQUES

## A COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDIÇÃO

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

RUA DE SÃO, 19 — PORTO

Apresenta na primeira Expo-  
sição Colonial Portuguêsa:

### MÁQUINAS INDUSTRIAES:

Um tear para sêda, 4 lançadeiras com  
maquineta, 20 liços — — — —  
Um tear para algodão, 4 lançadeiras com  
maquineta de 3 cilindros e 20 liços  
Estes teares estão a trabalhar  
— durante a Exposição — —  
Um sovador — — — — —

### Material Agrícola:

Uma debulhadora de trigo  
Um debulhador de milho  
Uma tarára desmontavel —  
Uma cortadeira de palha —  
Uma prensa para azeite —  
Cinco modelos de charruas

### Em ferro maleavel:

Tesouras de póda — — —  
Martelos de bola — — —  
Enxudal cufreais para as  
Colónias, 6 modelos —  
Accessórios para tubagem

Visitar o nosso Stand é apreciar a nossa tecnica  
e um fabrico genuinamente português

TELEFONE: 4173

Telegramas: ARADOS



O Distrito de



Mossamedes

«O Distrito de Mossamedes é bem um natural prolongamento do território nacional, a segurar e garantir a possibilidade e a certeza da nossa expansão, a afirmar que Angola é verdadeiramente fonte inexgotável do prestígio e do poder da Nação».

Junho de 1934

JOSÉ PEREIRA SABROSA
Governador de Mossamedes

I—Alguns considerandos

Vulgarissimo é supor que quem escreve a respeito duma terra ou de determinada região, exalça-lhe as suas qualidades, as suas belezas panorâmicas, defende-lhe os seus interesses, sem atender á politica geral do país...

Este palavriado, fazendo deserer estadistas, desorienta-os num caminho que os leva á plena indiferença, devendo por isso pôr-se de parte, para dentro das realidades obiectivas do momento que passa, mostrar-se o

equilibrio das nossas idcias, no saber pedir, no saber exigir a Verdade, e só ela.

É este o pensamento do Estado Novo.

Numa quasi sinopse do quadro da vida politica, moral e economica de Mossamedes, eu vou tentar mostrar toda esta região, o que se fez e o que se deverá fazer.

Nem todo o afirmado—sempre quanto possa ser, elucidado por números—será elogio ou enaltecimento de bens, prestando assim melhor serviço a uma Terra, onde mais do que em qualquer outra parte, eu senti o orgulho de ser português e percebi as qualidades e os defeitos da raça de que descendo.

Mossamedes, e falando da cidade é falar do Distrito, foi construida por homens, na sua maioria, rudes maricheiros, envernizados pescadores do Algarve e da Madeira, que com uma tenacidade invulgar, arrostando com o dia a dia dos desenganos, habituados ás inclemencias do mar revoltó das nossas costas da Europa, souberam também enfrentar o encapelado deserto, lutar com os vagalhões das adversidades da vida africaana.

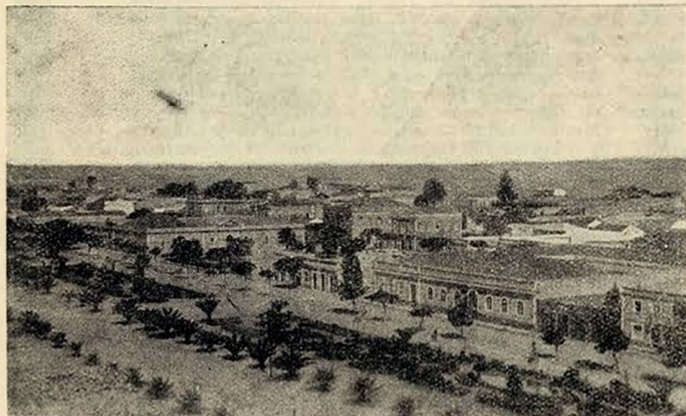
Os poderes publicos, observando e admirando todo esse esforço, deixaram correr a existência da colonização, socorrendo-a de quando em vez com pequenos subsidios e nada mais. Eu creio bem, que esta deve ser a terra portuguesa que menos deva ao Estado.

Vozes clamorosas se ergueram sempre em prol de Mossamedes, mas o Povo ordeiro, trabalhador, sofredor, tem o defeito da Raça, desleixou sempre as suas mais lídimas reivindicações, ambicionando apenas viver em paz.

A Ditadura Nacional encontra em Mossamedes um dos mais fortes redutos do nacionalismo, como as últimas manifestações políticas, devidas em parte ao Governador Sabrosa, bem o atestam.

II—Breve esboço histórico e geográfico

O Distrito de Mossamedes com a superficie de 52.150 km2. é em grande parte um prolongamento do deserto do Kalahari, especial-



Uma vista da parte baixa da cidade



mente na zona do litoral, elevando-se para oriente até aos contrafortes da serra da Chela.

Desta descem alguns rios, muitos dos quais em grande parte do ano de regime subterrâneo, como sejam: S Nicolau, Graul, Bero, Coroca, etc.

Região quasi sempre inabitada no litoral, as arcias revoltas e as formações dúnicas afastaram as populações indígenas, por não haver condições próprias de vida para esses povos, sendo contudo habitável a leste, onde muilas e mukubais se foram fixando. Estes últimos, insubmissos ainda, não representam portanto um valor para do distrito, mas antes um meio de perturbação.

Desta forma, o problema da mão de obra, tam necessária, particularmente para as diversas indústrias da pesca, é duma acuidade, que só uma política de atracção indigena o conseguirá resolver.

O distrito, instituído em 1849, teve por primeiro Governador Antonio Sergio de Sousa, tenente de marinha, na altura em que fundearam na baía de Mossâmedes os primeiros barcos com os colonos, vindos de Pernambuco.

Passou por várias vicissitudes, quasi sempre sofrendo de descontinuidade administrativa, contando-se entre os seus Governadores, como o mais excelso, Fernando Leal.

Possui apenas três circunscrições: Mossâmedes, Porto Alexandre e Bibala.

A Baía dos Tigres, que foi em 1901, concelho, mais tarde, em 1913, concelho e Circunscrição, chegando até intendencia marítima, hoje um simples posto civil, dependente da circunscrição civil de Mossâmedes.

Todas estas povoações se encontram ligadas por estradas, que não são boas, pelas dificuldades do solo. A estrada de Mossâmedes a Sá da Bandeira, ha pouco tornada intransitavel pelas chuvas, vai ser novamente reparada. E entre Lucira e Benguela, vai-se construir uma estrada que encurtará o caminho, entre as duas cidades, nalguns 200 quilómetros.

A colouização, pois, desta porção de Angola, onde habitam 7.293 brancos e 55.214 indígenas e assimilados, representa a mais alta afirmação das nossas qualidades de Nação colonizadora por excelência.

Se algum dia, mais alguma vez se levantar no mundo internacional, apodando-nos de ineptos para colonizar, o exemplo de Mossâmedes, só por si, mostrará o inverosímil da afirmação.

Mossâmedes é o cadinho refundidor das eurgias da nossa raça, e se um dia, num paradoxal sonho Portugal desaparecesse, daqui se poderia fazer renascer uma nova PÁTRIA PORTUGUEZA.

São estas afirmações do nosso querer, que me fazem julgar a existencia de Portugal, enquanto o Mundo existir.

### III — Apetrechamento civilizador

Este distrito, possuindo tam somente quatro centros populacionais de certa importância, mórmente por se tratar de população europeia, carece, como não podia deixar de ser, de meios de civilização, que evitem a depressão moral e fisica da raça.

Infelizmente, bastante se tem descurado do assunto, porque ele depende sobretudo do Estado.

Esses meios podem-se agrupar em religião, instrução pública, sanidade urbana, desporto e assistência, começando agora a agitar os colonos numa mais perfeita compreensão da nossa época — em que apesar da crise, nunca se tratou tanto da elevação do nível moral da vida. Está-se dando aqui o mesmo fenómeno da Europa, a ansiedade de progresso, de reconstrução, de melhoramento de vida. A crise apavorante que assolou o mundo, trouxe-nos a nós, Portuguezes, na justa compensação do mal, esse ajuzado bem, de nos elevarmos perante o conceito das outras Nações.

Mossâmedes tem hoje as suas reivindicações, começando a compreender o que necessita, a saber o que quer.

A religião, bastante descuidada ainda, é uma aspiração destes povos para seus filhos, apesar de se encontrarem bem arredados dos seus princípios. Precisa desta maneira algumas Missões, que além do ensino religioso, se dediquem também ás letras.

A instrução pública é deficiente, em povoações onde existem tantas erianças. Não só na cidade, onde

vivem mais de mil brancos em idade escolar, e para os quais são insuficientes as três escolas existentes, enquanto o novo edificio da «Escola Portugal» se não acabar — o que deverá acontecer, devido aos esforços do actual Governador Geral, mas também nas outras povoações, em muitas das quais, nem uma única escola ha, como na Lucira e na Baía dos Tigres.

A Escola Primária Superior «Barão de Mossâmedes» tal como funciona, é dinheiro mal gasto, e não prestigia o Estado. Necessitava-se antes dum liceu municipal técnico, onde depois de três anos de curso liceal, se instruissem os alunos no ensino agrícola, comercial e industrial.

Quanto ás condições sanitárias, não se podem julgar boas, numa cidade de brancos, onde falta agua canalizada e esgotos. Muito se tem tentado porém fazer, como este ano, no esgotamento de pantanos, que as últimas chuvas originaram.

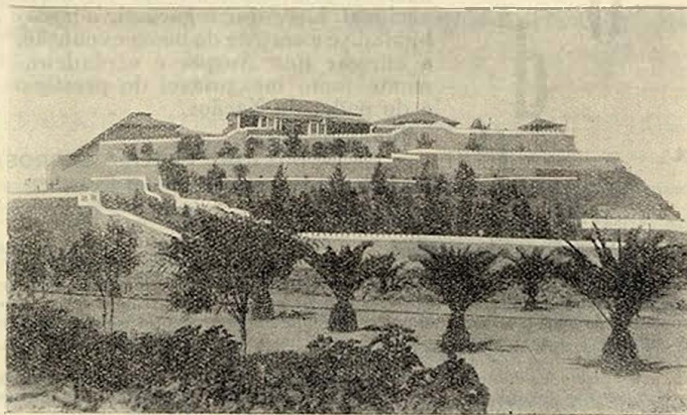
Os desportos na cidade não teem sido abandonados, graças á população e aos esforços dos três clubes da terra, indo agora inaugurar-se no dia 28 de Maio, um Estádio municipal.

A assistência, e bem seria que se tratasse de indígenas, refere-se a brancos. Ha muita miséria em muitas casas. A *Sopa dos Pobres*, bela instituição fundada ha cerca de dois anos, fornece, diariamente refeições a mais de duzentas pessoas, ao preço dmn tostão.

Toda esta aparelhagem civilizadora tem encontrado no civismo da população um grande desejo de realização.

### IV — Apetrechamento económico

Mostrado o que é Mossâmedes e o meio em que a sua população se movimenta, passarei a estudar as



Um aspecto da entrada na Avenida Armino Monteiro, vindo-se ao alto a Fortaleza de S. Fernando, onde com os recursos do próprio Distrito se realizou uma grande obra de transformação, alojando liceo 200 solbadas disciplinares

suas condições económicas, razão de ser do milagre da sua fundação, salientando contudo o fraco desenvolvimento ainda obtido em relação ás suas possibilidades.

Centenares de livros, conferências, relatórios, memoranduns, não se teem escrito nestes últimos anos sobre a crise, em todo o Mundo! As definições e as causas são tantas, como as cabeças de quem as tem estudado. Mas, quer ela seja resultado do desequilibrio entre a produção e o consumo, no sentido ou da superprodução ou do sub-consumo, a crise em Mossâmedes reveste-se de outras causas, talvez quasi únicas.

Toda a sua riqueza gira á roda da indústria da pesca, e na sua balança comercial pesam o peixe seco, as conservas e o gado. E em nenhuma destas indústrias, quasi monopólio natural, pelo menos pela qualidade e quantidade, em toda a Africa, não sofre ainda nem super-produção nem sub-consumo.

Então como se explicará a crise?

Esta é ocasionada, na falta de preparação e conhecimento do comércio exportado, deixando perder os mercados, pela má apresentação dos produtos e pela falta de iniciativa na procura de novos consumidores, deixando aviltar os preços na luta insofrida da concorrência. A estes males veiu em grande parte obviar o Sindicato de Pesca.

A economia dum paiz cifra-se no aproveitamento e exploração de todos os meios de riqueza existentes, de forma a que os preços de produção se coadunem ao poder de compra dos mercados consumidores.



As condições económicas de Mossâmedes, permitiu um melhor incremento no aproveitamento da sua agricultura, indústria e comércio. Todos estes três ramos da actividade económica, deverão ser devidamente apetrechados para um melhor equilíbrio da sua riqueza.

A agricultura é das indústrias extrativas a de melhor futuro na economia da Colónia. E Mossâmedes, quer na parte agrícola propriamente, quer na pecuária, tem excepcionais condições para se desenvolver.

Quando da chegada dos primeiros colonos, foi a agricultura que estes lançaram mão. E só quando a cana sacarina veio a ser arrancada, por se tornar proibitiva a sua destilação para o fabrico do alcool, é que se lançaram os olhos mais para a pesca.

O solo é no entanto fértil. As margens dos rios são campos ubérrimos para hortas, milho, trigo, algodão, etc. E apesar do abandono da agricultura, o distrito ainda possui mais de 8.500 hectares de fazendas, dos quais só 2.500 se encontram em cultivo.

Afirmam bem este abandono, as ruínas de Capangombe, do Giraul, de S. Nicolau, em suma de toda a região, onde nos muros esburacados e caídos se lê ainda o labor de tantos colonos já passados.

As suas essências florestais são de valia, dando não só madeira para marcenaria, mas também lenha e carvão, para que se pagaram em 1923 mil e quinhentos escudos a taxa de doze escudos por metro cúbico, e actualmente aproxima-se de cem contos a uma taxa bem inferior de oito angolares.

O trabalho realizado pela Repartição de Fixação de Dunas é altamente considerável, a avaliar pelas onze mil casuarinas plantadas em Porto Alexandre e mais de quatorze mil em Mossâmedes.

É necessário, portanto, dar incremento á sua agricultura, especialmente quanto ao algodão, para cuja cultura esta região é privilegiada.

A sua industria, principal modo de vida da população, é a da pesca.

A costa de todo o distrito reúne condições tais, que o mar é riquíssimo em peixe, pescando-se o atum, o sarraão, a cavala, o pungo, a sardinha, o cachucho, enfim quasi todas as variedades de peixe que a fauna marítima fornece á alimentação do homem.

Todo este peixe, pescado desde Lucira até á Baía dos Tigres, onde em abrigadas baías se constituíram várias empresas, é seco para a venda ao indígena, ou então é conservado para a exportação.

A industria das conservas, como muito bem afirma o Senhor Dr. Carlos Carneiro, numa monografia apresentada á 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, é das mais florescentes e mais prometedoras.

É de considerar a exportação de conservas para a Itália, França, Tunísia e até para Lisboa, e no entanto os pedidos são superiores á capacidade de actual produção.

Existem em Mossâmedes duas importantes fábricas: — Companhia Sul de Angola e Empresa Fabril de Conservas, além da Companhia de Pescarias de Angola e João Mendes Madeira, do Saco. Destas tem saído toda a produção referida neste trabalho. Em Porto Alexandre, acaba de se fundar mais uma, indo agora principiar se a construção doutra.

Para melhor se avaliar das condições deste ramo industrial, basta notar que em 1930, exportaram-se 285.120 quilos de peixe em conserva que representou Esc. 1.425.000\$00. E a do peixe em salmoura foi de 27.560 quilos no valor de Esc. 68.900\$00.

Sempre num movimento ascensional até que em 1933 temos:

Peixe em conserva.....	633.740 Quilos
no valor de Esc. 3.168.700\$00	
Peixe em moura.....	135.715 Quilos
no valor de Esc. 339.287\$50	
Peixe ao natural.....	1.510 Quilos
no valor de Esc. 3.775\$00	

No seu conjunto, a exportação de produtos de origem animal pelo porto de Mossâmedes (porto de boas condições naturais, mas pessimamente apetrechado) foi em 1933 num total de 9.432.070\$00, calculado por defeito.

Só a exportação de bois somou 3.093 cabeças, que avaliadas por defeito a 200,00 Ags. dá 1.019.009,00.

Nos quatro primeiros meses deste ano, a exportação destes produtos já ascendeu a 4.000 contos, o que é bastante animador.

A industria piscícola, como atrás afirmei, encontrava-se em franca decadencia, antes da criação do Sindicato, devido ao aviltamento dos preços e ao descrédito da industria.

Mas um dia, com o esforço de alguns industriais e do Governador Sabrosa, conseguiu-se do Ministro das Colónias e do Governador Geral pôr cõbro a essa anarquia económica, dentro dos principios da economia dirigida — do corporativismo —, base do Estado Novo.

E em breve teremos a federação deste Sindicato com o de Benguela e com o futuro Sindicato de Luanda, devido á intelligente actuação do Senhor Governador Geral, a quem iniciativas destas encontram sempre o melhor campo.

E quantas outras indústrias, a par daquelas, se poderiam desenvolver em Mossâmedes, como a dos sub-produtos do peixe, a de farinha de peixe e pasta azotada! Estas ultimas fabricam-se já, mas timidamente, por carencia de capitais e falta de técnicos.

Mossâmedes está indicado para ser um dos mais importantes centros piscatórios e conserveiros do Mundo, quando a Baía dos Tigres possuir água, e quando se principiar desenvolvendo as diferentes indústrias a que o peixe se presta.

O comércio encontra-se numa luta tremenda com a crise. E as razões são quasi as mesmas: falta de preparação e relutância á organização.

Abrem-se estabelecimentos a esmo, na ânsia de fazer mais do que os outros, deitando-os abaixo. O comerciante lança-se a todos os negócios, muitas vezes ás cegas, só porque vê um outro auferir lucros com determinada mercaderia. Um pequenino estabelecimento vende tudo, entregando-se até ao comércio exportador, especialmente de gados. E numa roda viva, gastando energias, ele percorre sem cessar o mar, a Colónia inteira, na mira de descobrir um meio de negociar.

Só a sindicalização neste ramo, como em todos os mais desde a agricultura, poderá salvar o depauperado comércio, desilusão de tantos.

## V — Mossâmedes na Exposição Colonial Portuguesa

A confirmar este pouco que escrevi, tem os senhores visitantes da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, e que no século XX desejarem descobrir Angola, a participação de Mossâmedes.

Esta será certamente notável, devido á incansável acção do seu organizador Dr. Carlos Carneiro pela variedade e escolha dos mostruários apresentados, como a completíssima coleção dos vários produtos do peixe, desde a ameijoira e a ostra da Baía dos Tigres até á bellissima conserva de Mossâmedes— não faltando mesmo collecções de caveiras de animais da região, afóra alguns exemplares vivos da rica fauna do deserto e de muitos objectos de uso genilico. Importante é também a documentação gráfica.

Para terminar, a industria do turismo, por enquanto embrionária neste Continente Negro, e que dentro dalguns anos se terá de contar nesta terra, por motivos da caça e da praia. Mas tal só acontecerá, quando Mossâmedes se sujeitar ás condições higiénicas dos grandes centros europeus.

Este desideratum talvez em breve se consiga, tendo em vista as negociações do Governador do Distrito com o Vice-Governador do Banco de Angola Dr. Leite Duarte, para a realização dum empréstimo á Câmara Municipal, para a sua rede eléctrica, caualização de águas e esgotos.

A ideia imperial encontra a sua mais alta afirmação em Mossâmedes, onde uma colonização de verdadeira elite, guarda intacto o amor á Pátria Portuguesa, e a unidade económica do Império encontra larga acção, na riqueza piscícola e de gado vacum.

Eis Mossâmedes, onde a afirmatoy de Lyautey «de que se não pode estar em contacto com a Africa sem a amar», a que eu preferia—de que não se deve estar em contacto com a Africa sem a amar—encontra a sua mais cabal explicação.



# Os Fósforos Nacionais



para o Império Colonial Português

*fabricados pela*

**SOCIEDADE NACIONAL DE FÓSFOROS**

HAVA

# Collares

M. J. C.  
MANUEL JOSÉ COLLARES

CASA FUNDADA EM 1849  
AZENHAS DO MAR - COLLARES

TAVARES & RODRIGUES L<sup>da</sup>

Este vinho é o Collares puro, feito exclusivamente com uvas seleccionadas. Finissimo pelo seu sabor e aroma inconfundiveis, é um vinho que pode rivalizar com os melhores do mundo. É produzido em vinhas nossas de arca solta e feito debaixo da nossa particular atencção.

# Acacio Reis

PROPRIETARIO DO  
ANTIGO

## HOTEL CASTRO

Societario—Depositario da  
**SITAL**

MERCEARIA  
CERVEJARIA  
CAMISARIA  
SAPATARIA  
MIUDEZAS

**BOTEQUIM NA ANTIGA  
CASA A'S RISCAS**

O estabelecimento  
mais bem sortido e  
frequentado da  
CIDADE ALTA

# L U A N D A

## JULIO THOMAZ BERBERAN

Telegramas: CACOATRADO

Caixa Postal N.º 173

L U A N D A

Representante em Angola de

COMPANHIA NACIONAL DE  
PRODUTOS COLONIAIS  
LIMITADA

**COMPRA DE GENEROS COLONIAIS**





# CAMINHO DE FERRO DO ZAIRE AO ALTO CONGO

**A** realização desta grandiosa obra impõe-se, não sómente como uma medida de fomento e colonização da mais instante necessidade e do maior alcance económico, como também de patriótica política colonial.

Póde mesmo afirmar-se que dela depende o progresso e desenvolvimento do comércio e agricultura do nosso Congo que acabará com a pernicioso influencia estrangeira que existe nos povos limítrofes da fronteira e estes vão infiltrando noutros do interior.

É preciso que o nosso Governo não esqueça que foi com a construção do caminho de ferro de Matadi ao Cuango oriental que a decadencia do comércio principiou e a nossa influencia secular sofreu o primeiro cheque, diminuindo nas zonas servidas pelo referido caminho de ferro.

Antes, embora a célebre conferencia de Berlim de 1885, nos tivesse já esbulhado do vastissimo território com que contemplaram o falecido rei Leopoldo da Belgica, todos os indigenas, os que passaram a fazer parte do Estado Independente do Congo, vinham ao comercio da nossa costa vender os seus productos, que por signal constituíam a maior tonelagem que ali entrava de borracha e marfim.

Mas logo que o caminho de ferro alcançou as regiões do interior, essas vendas passaram a fazê-las ao comercio belga que se estendeu ao longo da linha, porque lhes evitava terem de percorrer centenas de quilómetros, vergados ao peso das cargas até ao litoral.

Os efeitos do caminho de ferro sentiram-se também nos povos do nosso próprio território—como ainda hoje acontece—que para ali passaram a ir vender os seus productos e adquirir as mercadorias que precisavam.

E o valor destas atinga tanta importância que o illustre governador do Congo, em 1895, para obstar á sua saída e reconquistar a antiga influencia politica e comercial que tínhamos em todos os povos de Alem e Aquem Cuango e estava sendo tão fortemente abalada, propunha ao Governo a construção de um caminho de ferro de Noqui—S. Salvador—Maquela do Zombo!

Não foi, porém, aprovada a sua proposta, porque este lendário e ignorado Congo era desconhecido, se bem que a sua valiosa exportação, constituída sómente por géneros ricos como borracha, marfim, café, oleaginosas e até por minério de cobre, revelasse bem a exuberancia das regiões do interior!...

Os commerciantes do litoral é que dia a dia sentindo cada vez mais diminuir o movimento e conhecendo as causas que lhe davam origem, resolveram avançar para o interior, afim de ficarem junto dos mercados produtores ou mais proximos. Assim foram até Maquela do Zombo e Damba, aonde se formaram centros de permuta da maior importância e prosperidade.

Depressa teriam de reconhecer o erro do seu ousado passo, internando-se para pontos tão afastados dos portos de embarque, sem que tivessem vias de comunicação que lhes assegurassem os transportes rápidos e económicos!...

E na verdade assim succedeu quando em 1912/13 veio a queda do valor da borracha, que não puderam substituir, no seu movimento, pela compra de outros géneros que evitassem o desequilíbrio dos negócios!...

E que a dorso de pretos, sujeitos á acção do tempo, nas morosas viagens que aqueles unicamente podiam fazer pelos caminhos genticos, carreiros verdadeiros de animais selvagens, sómente a borracha e marfim podiam suportar esse transporte.

O milho, o feijão, a ginguba, o arroz, o tabaco e enfim tantos outros géneros, que poderiam comprar, exigiam mais cuidados e mais rapidez e por isso apenas tinham que ir novamente para o litoral ou ficar numa situação precária, agarrados á esperança de que os mercados para a borracha melhorassem, para depois voltarem a comprá-la; e foi o que fizeram, mas baldadamente, visto que aquele produto não mais melhorou de preço.

Foi, então, por esta época, que o Governo encareou a sério o dominio efectivo do nosso Congo, que a hostilidade e insubmissão de povos de diversas regiões vinham pondo em perigo e principiou a occupação militar que levava completamente a cabo em 1917, trazendo em seguida alguma actividade ao comercio do interior, que pôde instalar-se nas regiões cafeeiras do Uige, limítrofes do Encoje e Ambula.

O problema dos transportes continuava, todavia, entravando o desenvolvimento do comercio, porque embora com a occupação militar tivessem sido construidas por todo o território, até ao litoral, estradas para camionagem, mantinham-se as difficuldades de não se poderem comprar todos os productos, porque os fretes

eram superiores ao seu próprio valor no porto de embarque e por este motivo toda a actividade girava em torao de um unico produto:—o café!

É logo que a cotação deste descesse nos mercados de consumo, como succedeu á borracha, a ruína estava completa, e as estradas serviriam apenas para os indigenas voltarem aos transportes a dorso deste produto até ao litoral!...

Era voltar-se aos primitivos tempos em que todo o commercio era feito no litoral, como antes de 1896, o que representava um verdadeiro desastre para o nosso prestigio e prejuizo irremediavel para o comercio que, á custa de tantos sacrificios, ali se tinha fixado e conservado.

Impunha-se, pois, que o Congo português, território maior que o de Portugal continental, de riquezas naturais excepcionais, com uma população superior á 500 mil habitantes, que pagava sómente de imposto de cubata cerca de 6.000 contos annuaes, que exportava de productos arrancados á terra 17.000 contos annuaes e consumia também mercadorias no valor de 10.000 contos, trazendo a maior parte da população quasi nua,—tivesse um caminho de ferro que o transformasse no mais florescente centro de actividade comercial e agricola de Angola, como o permitia a privilegiada natureza do seu fertilissimo solo.

E esse direito foi-lhe reconhecido, finalmente, quando pela segunda vez veio governar Angola o illustre general Norton de Matos, português de lei, colonial dos mais distintos e conhecedores que passou por esta abandonada terra, pois pouco depois de tomar o leme da sua administração, em 1921, mandou logo estudar os terrenos para os traçados do Caminho de Ferro do Zaire-Congo e a continuação do de Golungo Alto através dos Dembos—Encoje.

Formidáveis obras de fomento e colonização cujo dinheiro gasto teria transformado as regiões maravilhosas que iam servir, em fontes de riqueza inexgotavel, como não haveria outras em Angola!...

Não conseguiu infelizmente ver realizado o seu grandioso plano, mas mesmo assim contribuiu para que por todo o Congo se principiasssem demarcando terrenos para a agricultura e pascuio de gados e ali se vejam hoje prometteoras culturas de café no Soango e Uige, criações de gado no Tolo e bonitas povoações commerciaes, casas higienicas e alegres de construção definitiva, testemunhando valor e tenacidade da gente portuguesa que na colonização vem desde longe revelando as melhores qualidades de sobriedade e trabalho, apreciadas em todo o Mundo!

Mas tudo o que se fez, em que os colonos enterraram todas as suas economias de dezenas de anos de trabalho laborioso, foi porque contavam com o caminho de ferro que depois vinha valorizar-lhes as suas propriedades agricolas e povoações commerciaes. Porém, se este não fór construido, todo o seu esforço e iniciativa estarão perdidos e a crise porque estão passando transformar-se-á numa lenta agonia que ao Governo cumpre evitar, porque daí vão advir as mais graves consequências desnationalizadoras que possam imaginar-se!...

É absolutamente preciso que o nosso Governo evite que os indigenas das regiões proximas da fronteira vão ao comércio belga comprar as mercadorias que lhes sejam precisas e vender simultaneamente os géneros e criação.

Não se poderá evitar que assim aconteça, enquanto as pautas alfandegárias não forem alteradas e de tal forma que permitam que o nosso comércio lhes possa vender aquelas mercadorias a preços de concorrência com as dos belgas.

A venda dos productos é consequencia dos preços das mercadorias e deixarão assim de levar para ali aqueles que o nosso comércio lhes compra.

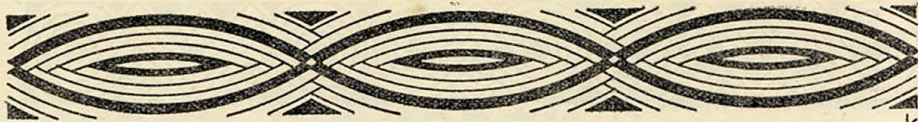
O assunto é muito importante para a pouca importância que se lhe vem ligando, e a infiltração acentua-se cada vez mais. Por diversos povos afastados da fronteira se notam indigenas vestidos com tecidos em que o fundo são as cores da bandeira da Bélgica!...

Outro aspecto melindroso que a falta do caminho de ferro traz, é o de os indigenas não terem a quem vender os productos das suas culturas, como arroz, milho, feijão, ricino, etc. o que lhes difficulta os meios para fazerem dinheiro, para se vestirem e pagarem os impostos. Estas difficuldades estender-se-ão, amanhã, também, aos das regiões do café, logo que a cotação desça e não permita dispendir com o seu transporte o elevado frete de 80 centavos a 1.00 por quilo, como agora se paga.

Nesta altura verificar-se-ha então que o mais rico distrito de Angola não pode cultivar no interior um unico produto para exportação, salvo os que os naturais transportem a dorso para o litoral, mas o que está prohibido por violento e deshumano!...

Não se julgue que exagero. As próprias estatísticas officiaes mostram que o Congo, importando em 1929 mercadorias no valor





## INTERESSES ECONOMICOS

# PAUTAS DA BACIA CONVEN- CIONAL DO ZAIRE

O último quartel do século XIX, foi um período devéras agitado na política Colonial Portuguesa. A Europa, até então envolvida em guerras contínuas, não dava pela existência da Africa, da qual só tinha notícias por intermédio dos corsarios ou aventureiros que lá mandava para encher os porões dos navios de escravos, que iriam fecundar continentes distantes.

Portugal, que desde a tomada de Ceuta, em 1415, planeava construir um grande império africano, não descansa e de ano para ano consolida esse império com novas conquistas e descobertas.

Em menos de cem anos, contorna todo o litoral africano, toma toda a costa asiática, desde o mar Vermelho e Golfo Pérsico até ao Japão, descobre as ilhas da Oceânia, Austrália, Brasil, Terra Nova, Lavrador e todas as ilhas do Atlântico e Pacifico. Em toda a parte levanta fortalezas e padrões, tomando posse dessas terras, o maior império até hoje realizado, que assombrou o mundo, levado pelo génio audáz de uma nação que não contava mais de um milhão de habitantes.

A sua esquadra era a mais poderosa que existia e todas evitavam encontros com ela. Era temida em toda a parte. E que ousasse enfrenta-la, iria encontrar nos reinos de Neptuno a paga da sua ousadia.

A seguir veio o desastre de Alcaer-Quibir e a dominação espanhola, que levou tudo quanto Portugal tinha de bom: homens, navios, dinheiro e colónias. Essa minúscula *ocidental praia Lusitana*, que dominou no mar e na terra, vê-se subjugada por uma nação que séculos de lutas não conseguiram vencer mas que a fatalidade do destino atirou para aquela situação. Não podendo conformar-se nem curvar a cerviz a uma nação que nunca a venceu pelas armas, sacode o jugo opressor nessa memorável manhã de 1 de dezembro de 1640, consolidando a sua independência em 28 anos de luta gloriosa. O cativo de 60 anos fora demasiado longo e nesse intervalo desfaz-se todo o império, desaparece a sua poderosa esquadra, a Fazenda não tem dinheiro e não ha homens para a guerra. A Espanha levanta-nos tudo e as outras nações roubaram-nos as Colónias. No entanto ainda rehauvemos muito, pouco do que foi outrora, mas ainda assim bastante para uma nação tão pequena. O abalo sofrido foi tão grande que nunca nos refizemos, sendo atirados para um plano secundário por nações mais poderosas e mais fartas de gente e dinheiro.

Foi assim que a Conferência de Berlim de 1885, encontrou Portugal, enfraquecido e abandonado por todas as nações, inclusive aquelas que pelo seu passado e tratados, tinham o dever de o apoiar. A Europa, livre de guerras intestinas, disfrutava uma paz aparente. Batida a França, pela Alemanha, esta, sem colónias, sonha um império africano e não hesita, com a preponderância que lhe deu a vitória de 1871, em torná-lo realidade. Os exploradores surgem de todos os lados na ansia de, com falsos relatórios, ganharem para o seu país o máximo de vantagens.

Forma-se entretanto a Sociedade Internacional Africana, patrocinada por Bismarck e Leopoldo, com o falso rótulo de protecção aos indigenas, mas não sendo mais do que uma sociedade de rapina como depois se constatou. Na conferência de Berlim, que o *chanceler de ferro* organizou, Portugal é esbulhado da maior parte dos seus territórios da Africa Ocidental

e Oriental. Desaparece o célebre *mapa côr de rosa*, que ligava Angola com Moçambique, vindo-se o nosso país obrigado a assinar um tratado humilhante e afrontoso para a sua honra de nação livre e de um passado histórico que nenhuma outra possuía. De nada valeram os protestos honestos e cheios de razão dos seus embaixadores. E que eles sabiam bem que por detrás desses protestos não estavam os canhões dos séculos XV e XVI, a apoiar as suas palavras, e que durante muito tempo montiveram em respeito as outras nações.

Portugal, tem de se desligar do Tratado de Berlim, não para relaver os territórios perdidos, porque tal seria impossível, mas para que desapareçam os vestígios de tão odioso tratado e não sejamos obrigados a relebrá-lo todos os dias. Exige-o o brio nacional e a honra da Nação. Já tivemos ocasiões excelentes de nos livrarmos dele, e uma delas, foi na Conferência da Paz, em 1919, mas a nossa diplomacia não ligou importância ao caso e em vez de procurar a saída desse tratado, ainda o foi rectificar pelo acôrdo de S. Germain. A ocasião era excelente, porque emudecido o seu principal organizador—a Alemanha—e não convidado ele a França e Bélgica, em matéria aduaneira, fácil seria a sua renúncia, pondo fim ao Tratado. A Bacia Convencional do Zaire, que vai do Zaire à Vila Teixeira de Sousa, composta dos Distritos do Zaire-Congo, Malange e Lunda, ou seja toda a região cujas águas fluviais correm para o Zaire, é uma consequência do acôrdo de Berlim. A nenhuma região, como ao Zaire-Congo, é tão prejudicial esse Tratado; as outras nem sequer dão por ele, porque se servem de portos fora daquela influência para fazerem o seu tráfego. Não está neste caso o Zaire-Congo, e é desta região que nos vamos ocupar. O Zaire-Congo, que outrora disfrutou uma situação privilegiada em relação a outras regiões de Angola, está hoje numa decadência absoluta, encravado entre colónias estrangeiras e a região ao sul do Loge, dotadas de um regime aduaneiro incomparavelmente mais baixo.

O Zaire-Congo, essa enorme região com 98.070 quilómetros quadrados, representa hoje um peso morto na economia angolana. No entanto, ela tem condições muito superiores a qualquer outra de Angola, para ser um valor económico no seu conjunto. As suas minas de cobre do Bembe, S. Salvador e Quibocolo, a pouco mais de 200 quilómetros do Ambrizete, porto de mar, os palmares do Zaire, a região cafeeira do Uige, as suas enormes florestas de preciosas madeiras, a fertilidade do seu solo que produz com exuberância todos os géneros tropicais, a benignidade do clima dos planaltos da Damba, Maquela e Pombo, próprios para a fixação de colonos europeus e culturas intertropicais, seriam motivos mais que suficientes para se olhar com olhos de vêr para tão rica região, mas que permanece votada ao abandono, a um desprezo completo. Não se fixam actividades novas, diminui a população europeia, abandonam-se propriedades rústicas e urbanas que levaram dezenas de anos a edificar, porque a vida se torna desesperada, asfixiante, sob o peso esmagador do seu regimen pautal. As autoridades do Zaire-Congo, de qualquer quadro que elas sejam, são incansáveis de trabalho e iniciativa. Abrem-se estradas novas, melhoram-se as existentes, constroem-se pontes, estudam-se obras de fomento, introduzem-se indústrias novas, incita-se á agricultura, mas no fim de tudo falta o principal, a seiva que dá vida, que põe em movimento todas essas actividades—o comércio de importação e exportação—e no Zaire-Congo, ele é quasi nulo, nada mesmo

## Caminho de Ferro do Zaire ao Alto-Congo

(Continuação)

de 10 mil contos, números redondos, desceu em 1932 para 4.200 contos! . . .

A exportação que em 1929 foi de cerca de 17 mil contos desceu em 1932 para 10 mil! . . .

E estes numeros deviam sempre elevar-se, desde que as vias de comunicação permitissem que a sua população não tivesse

que limitar a sua actividade apenas a dois unicos produtos, que são as olaginosas no litoral e o café no interior.

O resto é um montão de riquezas sem valor! . . .

Não será tempo do Governo Nacional, que tanta propaganda faz das nossas Colónias nas exposições, também aqui a realizar de facto com as indispensáveis obras de fomento que sirvam para o aproveitamento de verdadeiras riquezas que continuam perfectamente abandonadas, como estavam quando, ha cerca de 500 anos, Diogo Cam visitou S. Salvador, capital do Congo, com a agravante de os indigenas viverem mais pobres, embora mais civilizados? . . .

Julgo que sim e que os mais sagrados interesses Nacionais mandam que, A BEM DA NAÇÃO, se continue a obra que os nossos heroicos antepassados nos confiaram para a sabermos HONRAR! . . .



## Pautas da bacia convencional do Zaire

(Continuação)

para a riqueza e extensão do seu território. O comércio do Zaire-Congo pouco mais é composto que dos comerciantes da *nelha guarda*, com uma permanência superior a 20 anos, que não arredam pé, e nos assistem de braços cruzados á agonia dum território que foi outrora próspero. Eles são como que os guardas dum cemitério onde jazem as suas fazendas e dinheiro, a sua mocidade, o seu labor de dezenas de anos por terras inhóspitas, despidas de todo o conforto e civilização. O indígena, esse, vendo que no nosso território não pode comprar nem vender as mercadorias pelo preço que as adquire no Congo Belga, dedica-se ao contrabando em larga escala. Do nosso território leva criação, café e todos os géneros onde possa realizar dinheiro; do Congo Belga traz fazendas, miudezas e dinheiro que depois troca novamente por café e outros produtos, e assim anda neste vai-vem de comércio ilícito, sem que lhe ponham còbro ou tentem sequer remediar o mal, que é a ruína do comércio do Zaire-Congo. No fim de contas, o que as autoridades querem é a cobrança do imposto de cubata, haja o que houver e morra quem morrer. Na verdade, e em boa lógica, —triste é dizê-lo— o preto tem razão. Para que ha-de ele comprar no nosso território artigos caros, se os pode comprar no visinho muito mais em conta, porque ele tem transportes baratos e taxas alfandegárias que em muitos casos são um terço das nossas? Quem conhecer a região do Zaire-Congo, não aqueles que lá passem a 60 á hora, mas os que lá vivem ou lá permaneceram algum tempo, não pode deixar de reconhecer a decadência e desnacionalização a que ela chegou no conceto indígena. Os seus vestuários, são unicamente constituídos por mercadorias vindas do Congo Belga, e muitos, envergam panos e camisolas com as cores garridas de bandeiras estrangeiras! No Zaire-Congo, é raro vender-se hoje um metro de fazenda ao indígena. O franco belga, gira entre eles como se fosse moeda corrente, com o qual fazem negocio para pagar o imposto e comprarem produtos que levam para o visinho.

Por tudo isto, o Zaire-Congo dá-nos a desoladora ideia de ser uma continuação do Congo Belga. Ha que acabar com tal situação, nacionalizando o Zaire-Congo, que tem condições bastantes para ser um factor de valor na economia angolana e um bom mercado para a industria nacional. Esse fim só pode ser conseguido pelos dois problemas maximos que farão modificar radicalmente a situação do Zaire-Congo: a construção dum caminho de ferro e a diminuição das Pautas Aduaneiras.

Efectivamente, á medida que se vão elevando as taxas aduaneiras, vai diminuindo a importação e exportação. O Diploma Legislativo N.º 746, de 23 de Março de 1928, que entrou em vigor em 1 de Julho do mesmo ano, deifou por terra as Pautas de 1892, que durante 37 anos estiveram em vigor, as quais estabeleciam para a Bacia Convencional do Zaire, uma situação privilegiada em relação ao resto da Colónia, para que ela pudesse competir com os seus poderosos visinhos. O Diploma 746 poz tal criterio de parte, unico que a experiência de dezetas de anos mostrou ser o mais adequado. Apesar do agravamento sofrido, as taxas eram sensivelmente iguais ás do Congo Belga e Sul do Loge, pelo que a sua vida economica pouco se ressentiu do aumento levado a efeito. Passados, porém, 3 anos, dá-se novo agravamento, e a situação do Zaire-Congo, que já era desigual perante os visinhos, passou a ser de tão manifesta inferioridade que a sua vida economica se perturbou, de tal maneira, que hoje nada representa no conjunto geral da Colónia. Assim, enquanto em 1929 se importaram 20.000 contos, em 1932 não foi além de 4.200, ou seja um decrescimo de 60%! A exportação sofreu tambem uma baixa de 60%! O movimento total do Zaire-Congo e a sua decadência de ano para ano, pode constatar-se dos seguintes numeros officiais:

ANOS	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO
1929	9.927.052,00	17.440.834,00
1930	9.614.628,00	10.823.434,00
1931	6.486.068,00	6.766.203,00
1932	4.201.464,00	10.680.881,00

Veja-se agora o rendimento das Alfandegas no mesmo periodo e a sua quebra successiva:

1929	—	2.126.969,72
1930	—	1.718.376,73
1931	—	1.223.676,70
1932	—	1.060.418,49

Não nos foi possível coligir os elementos relativos a 1933, que seria interessante conhecer, mas não deve ter havido melhoria de situação. Nos números antes publicados, incluímos o Enclave de Cabinda por fazer parte do Zaire-Congo, se bem que ele esteja em regime aduaneiro privilegiado, o que decerto modo influe no conjunto estatístico acima demonstrado. Nem doutro modo se explica, que sendo o Enclave um pequeno territorio com 7.560 quilometros quadrados e 35.000 habitantes, ele tenha um movimento comercial quasi tão grande como todo o resto do Zaire-Congo, se bem que parte da sua exportação seja das Fazendas Agricolas, facto que tambem se dá para este territorio. E' que devido ás suas taxas de importação, incomparavelmente mais baixas que no resto do Zaire-Congo, a mercadoria fica muito mais barata, e em vez do preto do Enclave ir fazer as suas compras e vender os seus produtos aos territorios visinhos, são os naturais das colonias visinhas que veem vender os seus produtos e comprar mercadorias ao nosso territorio. Tal facto tambem se podia dar no resto do Zaire-Congo, mas as suas elevadas pautas alfandegarias, os fretes carissimos desde a origem até ao destino, e todas as alevadas de baldeações e outras, põem-no fóra de toda a concorrência, de que os visinhos se sabem optimamente aproveitar. O Zaire-Congo, paga as taxas por inteiro da tabela dos direitos alfandegarios mas no Enclave de Cabinda paga apenas 30 % dessas taxas e ao Sul do Loge 40 %, quando sejam de origem nacional! Como no Zaire-Congo não ha diferencial de bandeira, paga tauto a mercadoria nacional como a estrangeira, e assim, sacrifica-se a mercadoria portuguesa para evitar a entrada da mercadoria estrangeira.

Para se aliviar da enorme disparidade de pautas, que põe o Zaire-Congo numa situação deprimente e asfixiante, veja-se o que pagam os tecidos de algodão (tinto, estampado ou branqueado, em peça trisecados, tafaxis, pintados etc.): bacia Convencional do Zaire 34 %, ao Sul do Loge 40 %, Enclave de Cabinda 40,2 %. No Congo Belga, esses mesmos tecidos pagam 19,8 %. Para os restantes artigos da pauta, existe a mesma disparidade. Não sabemos que mal teria feito o Zaire-Congo, para ser tratado tão cruelmente, não havendo nada que justifique tal situação que o atira para a margem como um farrapo desprezível. O receio do contrabando entrar pelo norte e invadir o Sul do Loge, tem de ser posto de parte, porque se ele se não constatou noutros tempos, hoje muito menos se pode dar devido ao aperfeiçoamento da industria nacional e os seus tecidos serem preferidos pelo indígena, e ainda pela dificuldade de obter cambiais para pagar as mercadorias estrangeiras. Mas se o motivo do agravamento pautal na B. C. do Zaire, é o receio da entrada de mercadorias estrangeiras, em que condições ficará ele, depois de entrar em vigor o acordo com a Inglaterra pelo qual é extinto ao Sul do Loge ou melhor, nas (colonias portuguesas, o diferencial de bandeira para as mercadorias daquela nação? Nessa altura, como do sul pode ir tudo para o norte e nada vir do norte para sul, as mercadorias inglesas inundarão o Zaire-Congo, batendo a mercadoria nacional, visto que ficará lá mais barato.

Este assunto interessa sobremancira á industria nacional, sobretudo a de tecidos e vinhos, que tem no Zaire-Congo um esplendido mercado a aproveitar e lhe pode consumir algumas dezenas de milhares de contos, se souber ser utilizado com intelligência.

Na impossibilidade de adquirir mercados estrangeiros, ha que aproveitar ao maximo as possibilidades dos mercados nacionais, inclusivamente estabelecendo ao longo da fronteira depositos para fornecer o retalhista, facilitando ao indígena a aquisição dos artigos que necessita, evitando que ele vá adquiri-los por contrabando ao Congo Belga.

Entretanto, temos esperança que na reforma pautal que está em estudo, seja feita justiça ao Zaire-Congo, collocando-o em igualdade de tratamento com os territorios visinhos, justiça a que tem direito, sobre todos os pontos de vista.

J O Á O F A R I N H A F R E I R E J U N I O R

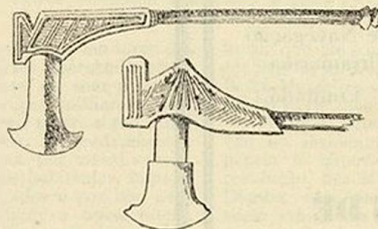






Imagem do Coração Eucarístico de Jesus que se venera na Basílica Metropolitana de Évora. Aprovada, abençoada e recomendada por Sua Ex.<sup>ta</sup> Reverendíssima o Sr. Arcebispo de Évora, por Provisão de 30 de Outubro de 1933. Esta imagem é o primeiro que se fez neste género e é uma criação do proprietário destas oficinas que possui o exclusivo, tendo feito o competente registo na Conservatória da Propriedade Intelectual, de Lisboa, o folhas 310 do livro respectivo, não podendo por isso ser feito por — mais ninguém. —

ARTE SACRA EM PORTUGAL  
CASA DO CORAÇÃO EUCARÍSTICO DE JESUS  
OFICINA DE ESCULTURA, DE GUILHERME FERREIRA THEDIM  
ESCUULTOR — SANTA CRUZ DO BISPO  
MATOZINHOS — PORTUGAL

Documento de aprovação desta imagem:  
**PROVISÃO**

Dom Manuel Mendes da Concelção Santos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo Metropolitano de Évora, etc.  
Nos que esta Provisão virem Saudade, Paz e Benção — em Jesus Cristo, nosso Divino Salvador.  
Fazemos saber que em seu requerimento Nos representou o Reverendíssimo Monsenhor José Manuel Silveira Borradas, Cônego Pároco da Basílica Metropolitana, desta cidade e desta Nossa Arquidiocese, que mandara fazer pelo escultor Guilherme Ferreira Thedim, de Santa Cruz do Bispo, Diocese do Porto, uma imagem do Sagrado Coração de Jesus em tamanho natural, a qual pela beleza que representa e pela piedade que excita, estando em tudo conforme com a Sagrada Teologia, se pode dizer uma feliz criação da arte religiosa, pelo que Nos pediu a Nossa aprovação e a autorização para expôr a dita imagem à veneração dos fieis, em altar próprio na Basílica Metropolitana desta cidade. Atendendo Nós, depois de examinarmos detidamente a imagem, que é realmente uma bela e piedosa criação artística, pelo que felicitamos o ilustre artista que a produziu — Havemos por bem conceder gostosamente a Nossa aprovação e concedemos também em dias de indulgência a todos os fieis que devotamente rezarem um Padre Nosso diante da imagem exposta na mencionada sacrossanta Basílica Metropolitana. Dada em Évora no Pavão Arqueiepiscopal sob o Nosso Sinal e selo das Nossas Armas aos 30 de Outubro de 1933. E eu Cônego António Augusto Natiridade, secretário da Curia Arqueiepiscopal, a escrevi.

† Manuel, Arcebispo de Évora



**BORGES**

A MELHOR MARCA DE VINHOS DO PORTO

**BORGES**

A MELHOR MARCA DE VINHOS DE MEZA



**BORGES**

A MELHOR MARCA DE VINHOS ESPUMANTES

S. V. BORGES & IRMÃO, LDA.

VILLA NOVA DE GAYA—PORTO

**LUIZ DA SILVA E CUNHA & C.<sup>a</sup>**

COMERCIO GERAL

Séde: Ambrizete  
Filiais: Maquela, Uige e Songo  
Telegramas: LUINHA

**COMERCIO GERAL**

Proprietarios do HOTEL LUINHA em Ambrizete e Maquela

**AGENTES DE**

Companhia Nacional de Navegação  
Fabrica de Tabacos Ultramarina  
Lotarias de Angola, Limitada

**SUB-AGENTES DE**

Vacuum Oil Company, Inc.

**CUNHA & C.<sup>a</sup>**

**COMERCIO GERAL**



**AMBRIZETE**

— e —

**SAZ AIRE**

**Salinas no Ambrizete**



**END. TELEG. CUNHAL**



# CAMPANHAS DE AFRICA

A ocupação militar do Zaire-Congo, é uma brilhante  
lição de patriotismo e do valor da nossa raça

**F**ALARMOS da ocupação deste importante e rico território, cuja superfície é maior aproximadamente 10,000 quilómetros quadrados que a de Portugal continental, é evocarmos esse grandioso passado dos descobrimentos e conquistas, que tanta glória, honra e esplendor deu a Portugal! E lembrarmos também os nomes desses arrojadados navegadores, entre os quais figura o do intrépido e valente Diogo Cão, que em 1482 descobriu o rio Zaire e estabeleceu as primeiras relações com os habitantes das margens desse rio e que anos depois, em 1485, intensifica, quando, de regresso da sua viagem até ao Cabo Negro, visita o rei do Congo, na própria capital deste, em AMBASI, hoje S. Salvador do Congo, a 103 quilómetros do rio Zaire e do porto de Noqui! E ainda recordar o nome daqueles que depois continuaram a sua acção, trazendo á nossa Soberania, a posse absoluta desse vasto território, de que em boa parte fomos esbulhados pela conferencia de Berlim, em 1895.

Registar, pois, a traços largos, factos notáveis da grandiosa obra que atesta o valor da nossa Raça e tanto honraram a nossa Pátria, são as palavras simples que aqui estamos escrevendo, como humilde e respeitosa homenagem aos que tombaram no campo da gloriosa missão que tornou ainda mais respeitado PORTUGAL!

Vem de longinqua data as nossas relações de amizade e influencia com os povos que habitam o CONGO, seladas com um tratado de vassalagem do seu rei a Portugal, realizado com a maior solenidade, poucos anos depois da visita de Diogo Cão, á capital dos dominios do referido rei, em 1485.

E assim, desde então, a nossa influencia politica se começou a exercer no sentido de assegurar os direitos da nossa Soberania nos extensos dominios que o rei do Congo nos cedera, confiando-os á nossa protecção e administração. Daí começa a vinda dos delegados de Portugal e de missionários que se fixam junto da residência do rei do Congo e principia a nossa obra de protecção, assistência e civilização, por todos os meios que o estado de atraso deste povo nos permitiam.

O comércio fixa-se por todo o litoral desde Landana, Cabinda, Banana, S. António do Zaire, Quissembo e Ambrizete, enquanto que os nossos missionários desenvolvem também a sua acção evangelizadora cristã e de respeito por Portugal, que em boa verdade tanto contribuiu sempre para a obra colonizadora dos portugueses.

Os efeitos da nossa benéfica acção entre os habitantes, que se matavam em constantes lutas entre si, acentua-se cada vez mais, ajuda que sofrendo da falta de continuidade no interregno maldito dos Filipes, que a traição de alguns portugueses permitiu que dominassem em Portugal. Mas, libertos do jugo estrangeiro, recomeçamos a nossa missão com o maior beneficio dos povos que se haviam acolhido á protecção da nossa BANDEIRA, que sem violencias tremulava já pelo Bembe, Encoge, Ambula, S. Salvador e todo o litoral do Congo. E quando na conferencia de Berlim de 1895, discutem os nossos direitos sobre o Congo e os põem injustamente em dúvida, já o nosso comércio ocupava Maquela do Zombo, Cuilo e Cuango, este na fronteira actual belga do nosso territórios e em Cacongo e outros pontos de Cabinda, na fronteira francesa!...

Era já alguma coisa de grande, comparado com o que tinham feito os nossos poderosos detractores em territórios que dominavam, cujo confronto nos deu a vitória diplomática, ainda que incompleta.

Foi depois de notarmos as cubiças que giravam em torno do território, em que ha mais de 300 anos vinhamos exercendo pacificamente a nossa autoridade, para trazermos os seus povos á nossa civilização, que então resolvemos ocupar militarmente o litoral, principiando por Landana e Cabinda, no norte, e por Ambrizete e Quissembo, no sul, em 1895 e 1898, respectivamente. Entretanto, a nossa politica indigena continuava, por meios suaves, procurando corrigir costumes bárbaros dos habitantes, impróprios da humanidade, mas que tinham arraigados e por isso não queriam deixar, principiando alguns a considerar a nossa intervenção impertinente e prejudicial aos seus velhos, mas desumanos costumes selváticos. De tal forina creceu a ideia que, em 1899,

os povos da região de S. António do Zaire e Quifuma revoltam-se e bloqueiam aquela vila, nem permitindo que a autoridade pudesse prestar socorros á missão católica que ali existia, próximo da própria residência da autoridade!

O seu ousado atrevimento obrigou-nos a dar-lhes o necessário correctivo e tomar medidas preventivas para o futuro, ocupando militarmente Quifuma, e em 1900, o Lunuango, regiões que se tinham manifestado contra nós.

Emquanto os mussorongos turbulentos e mal agradecidos do Zaire, nos procuravam hostilizar, os povos Mazombos, do importante centro comercial de Maquela, fartos de violencias e extorsões que os soldados de BULA TARI, (Congo Belga), praticavam nas suas terras e nas suas familias, solicitam em 1896, para que o nosso Governo mande para ali forças militares para os proteger e assim se estabeleça um posto numa das regiões mais populosas do interior!

E seguindo-lhe o exemplo, os povos de Cuilo e Cuango, anos depois, em 1902, pedem os postos que ali são mantidos.

Era uma vitória manifesta que mostrava bem aos estrangeiros, a simpatia e respeito que mereciam aos indigenas os seus dominadores!

Infelizmente, os mussorongos do litoral, incorrigíveis nos seus velhos hábitos de violencia e orgulhosos nas prerogativas que julgavam ofendidas, quando a nossa autoridade se começou a opor á sua prática que brigava com as nossas leis, revoltam-se novamente, mas desta vez na região de Ambrizete e obrigam o distinto official João Jardim, Governador do Congo, a infligir-lhes o merecido castigo e a ocupar a região, montando os postos Cabral Moncada e Tomboeco, em 1901. O sossego, porém, era verdadeiramente aparente em todo o litoral habitado pelos atrevidos mussorongos, desde que não lhes permitiamos mais os abusos que praticavam, de cobrar impostos e applicarem multas aos negociantes indigenas que vinham vender es seus produtos ao litoral, e cujo atrevimento chegava a pôr em prática até para os comerciantes europeus residentes na costa, porque no interior era quasi obrigatório!... Por isso, esperam apenas oportuniidade, para de novo nos hostilizarem, supondo que depois os abandonaríamos para voltarem aos bárbaros hábitos de despotismo selvagem, pilhagem e embriaguês. A ocasião não se fez esperar, visto que um dos mais distintos, valentes e sabedores Governadores de Angola, o grande capitão Paiva Couceiro, impõe que todo o indigena pague um pequeno imposto de cubata ou paliota, como tributo de Soberania, porque da nossa parte também vem recebendo beneficios e protecção, em todos os períodos e situações em que lhe tem sido precisa. Tudo esqueceram, porém, e em 1908 atacam o Quifuma, que bloqueiam, e S. António do Zaire. Paiva Couceiro organiza uma pequena coluna que entrega ao valente alferes Lima que, depois de duramente os castigar, monta nas regiões mais os postos do Quelo e Sumba. Foi nestas operações, entre S. António do Zaire e Quifuma, que o destemido Paiva Couceiro esteve quasi perdido, felizmente salvando-se corajosamente.

Estes factos, todavia, reflectiram-se desfavoravelmente para a politica de pacificação que desejavamos realizar, e assim é que em 1909, quando o major Gallardo, na Damba, povoação do interior onde desde muito o nosso comércio se havia estabelecido, visinha de Maquela do Zombo, já occupada — pretendia impor a nossa autoridade, hasteara a bandeira Nacional, não lhe foi consentido pelo solda

local, que até o maltratou! Por sua vez, es mussorongos do Ambrizete revoltaram-se. Depois de batidos em todo o interior, monta-se o posto Bessa Monteiro, no Quindege, em 1910, em homenagem ao valente official deste nome, que perdeu a vida nestas operações.

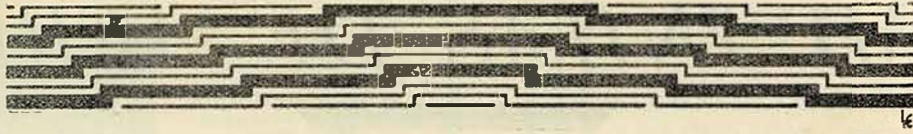
Por S. Salvador, em Quimbubuge, os muxicoangos, revoltados, vão ao residente devidamente ornados e declaram-lhe que não pagam o imposto de paliota e ameaçam-no! Era o fermento da revolução dos Mussorongos, acrecida com o acto de rebeldia da Damba, sem punição, que estava produzindo os seus efeitos neste reino sem rei, ao prestigio do qual demasiadamente vinhamos confiando a nossa politica pacifica de occupação quando, a verdade manda que se diga, se os seus subditos, algum



Tenente JULIO THOMAZ BERBERAN

Militar prestigioso e valente, antigo Capitão-Mór do Bembe, fundador e Comandante dos Postos Militares do Uije e Tando. Bateu-se valorosamente no Sul e Norte de Angola, prestando relevantes serviços a Portugal





## Campanhas de Africa

(Continuação)

dia lhe reconheceram autoridade e obedeceram, foi certamente para as fantochadas das guerras e latrocinios que entre si praticavam, antes da nossa occupação, porque para effectos da nossa Soberania não lha reconheciam. E senão, alguém que discorde, que o prove, concretizando factos e não as fantasias do seu poder, da sua corte, do seu palácio, da sua cidade de... pau a pique, coberta a colmo (capim), como são as demais sanzalas. Entretanto, os acontecimentos que se estavam passando, exigiam que immediatamente actuassemos de forma a que a nossa autoridade fôsse respeitada e obedecida; reconheceu-se, porém, que para o conseguirmos tínhamos de fazer a occupação militar de todo o território que ainda a não estivesse, foco de permanentes abusos e rebeldia, que contagiavam as populações submissas. Estamos em 1910, data memorável da implantação da República em Portugal. Assume o Governo do Congo, o distinto official de marinha, José Cardoso, homem ponderado, decidido e inteligente, que fez um brilhante lugar como Governador.

Imediatamente inicia a sua acção, castigando os povos de Quimbuge, que occupa em 1911, em seguida Quibocolo, e depois, em 5 de Outubro, a Damba, que em 1909 tinha recusado submeter-se, enxovalhando o official encarregado dessa missão. Foi o distinto official, general Faria Leal, que em 1911 lavou essa afronta, prendendo o soba e hasteando, com uma salva de 21 tiros, a nossa BANDEIRA, no mesmo local onde ela tinha sido, em 1909, desrespeitada, dando ao acto toda a solenidade!

Os mazombos, que estavam para se revoltar, e que ainda chegaram a manifestar-se, continuaram obedientes. Para prevenir, collocou-se ali uma Companhia de Infantaria de guarnição. Também pela linha de penetração do Ambrizete, se tomavam posições, tratando de reoccupar o Bembe, onde, em 1857, Batista de Andrade instalara um batalhão, cujos restos foram ali depois trucidados pelo gentio. Em seguida daqui se avançou para o sul, montando o posto da Quivoenga em 1912, não mais cessando a actividade das tropas.

Em 1913, procede-se á concentração de forças na Damba, para se ultimar a occupação do território que fallava submeter, habitado pelos SOSSO E POMBOS, ariscos, atrevidos, e onde a nossa autoridade nunca se tinha feito sentir. Para ali segue a columna e depois dos primeiro recontros perdem a vida os valentes e destemidos capitão Praça e sargento Marreiros Neto. Na Quivoenga e Bembe, os povos revoltam-se, mas são vencidos pelas nossas forças. Parecia que estávamos no fim da ofensiva que nos dava a posse completa do território, quando novo grito de revolta parte de S. Salvador do Congo, ao qual não foi estranha a acção de estrangeiros, como os factos o revelaram! Estamos em 1914, e com excepção do Enclave de Cabinda, a labareda

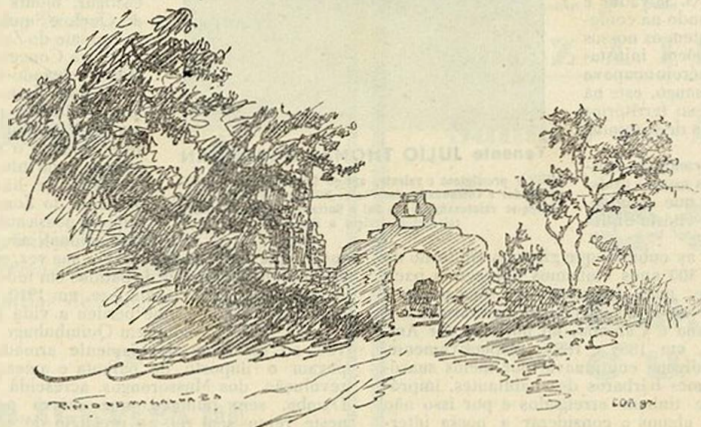
da revolta estende-se agora a todos os povos do Congo!... Eram os effectos da nossa occupação pacificamente iniciada, em que tudo davamos e nada exigiamos, eram a inveja surda dos estrangeiros envenenando subtilmente os indigenas contra a nossa dominação generosa, liberal e altruista!

Felizmente que o patriotismo dos nossos, mais uma vez realiza o milagre que nos deu a INDEPENDENCIA, e aqui, a viloria sobre os nossos traçoceiros inimigos, que numa ingrata compreensão pretendiam massacrar aqueles que tantos beneficios e protecção lhes vinham prodigalizando!... Estava como Governador do Congo, nesta data, um grande colonial, o dr. Jaime de Moraes. Decidido, habil, tão inteligente como patriota, pessoalmente se põe á frente das operações com o seu grande chefe de Estado Maior, o distinto e completo militar major Genipro. Uma série feliz de combates, em que não fallam actos de verdadeiro heroismo dalguns officiaes e sargentos que faziam parte das forças, e colectivamente, um espirito combativo inextinguível, conseguiram que em 1915, os povos sublevados estivessem submetidos e prestassem a sua completa obediencia ás nossas autoridades. Em 1916, 1917, manda acabar de occupar todos os territórios ao sul do Bembe, montando-se os postos militares de Tando e Uige, e os de leste no Sosso e Pombo, ficando assim todo o nosso Congo, completa e verdadeiramente occupado.

Em 1918, ainda novamente a acção dalguns estrangeiros e o contágio dos revoltosos do Libolo, levam os atrevidos Sossos e Pombos a sublevar-se contra as nossas tropas de occupação, mas as prontas providencias do Dr. Jaime de Moraes, então Governador Geral, e a enérgica acção dalguns officiaes e forças do seu commando, que com um elevado espirito de abnegação se bateram até á chegada de socorros, conseguiram localizar a revolta que prometia atingir proporções assustadoras. E com os últimos tiros trocados nesta revolta de 1918, fechou a obra difficil mas brilhante da occupação militar do Zaire-Congo, que tantas vidas, dedicação e valentia poz á prova, constituindo páginas dignas da nossa história. Entrou-se em seguida abertamente numa nova fase de paz e amizade, tal como inicialmente uos apresentamos quando Diogo Cam visitou o rei do Congo em 1483. Testemunham-no as estradas, as escolas, os hospitais e essa assistencia médica e combate á doenca do sono; a colaboração de taos naturais que temos educado e civilizado e hoje occupam lugares públicos de confiança, atestando todo o carinho que nos merecem aqueles que nos propuzemos integrar na nossa civilização, como filhos da mesma PATRIA. E, ao encerrar estas linhas, injusticia seria não recordar aqui esse portuguez venerando, primeiro Alto Comissário de Angola, general Norton de Matos, a quem o Congo e Angola tanto devem do seu progresso, e mais ainda deveriam, se tivesse continuado á frente dos seus destinos e houvesse podido realizar o seu grandioso plano de fomento e colonização, que seria orgulho de todos os portuguezes. Terminando preguntarei:—E depois da grandiosa obra que vimos realizando, ainda haverá quem admita a pretensão doutras Nações sobre ANGOLA?!

Não, nunca, nem por hipótese se deve admitir. Critemos todos bem alto:—VIVA PORTUGAL!

J Ú L I O T H O M A Z B E R B E R A N



Ruínas da fortalésa e presidio do Cambambe (1604)



# Companhia do Assucar de Angola

S. A. R. L.

Capital Esc. 15.000.000\$00

SÉDE EM LISBOA

## Delegações em Africa — Fazendas Agricolas

EM LUANDA  
Fazenda TENTATIVA  
no  
— ALTO DANDE —

Plantações  
de Canas, Sizal,  
Palmeiras, Algodão e  
Rami

EM BENGUELA  
FAZENDA S. FRANCISCO  
no DOMBE GRANDE  
FAZENDA S. TEREZA  
no LUACHO

Fabricas de Essucar no **Dombe e Alto Dande**

Fabricas de Oleo no **Luacho e Alto Dande**

Refinaria em **Matosinhos**

Os productos das nossas fazendas e das nossas fabricas obtiveram as mais altas recompensas nos certames em que se tem representado, tais como as Exposições internacionais de Sevilha, Anvers, Paris

Os refinados da nossa refinaria **ANGOLA** não tem rival na Metropole e obtiveram na Exposição Internacional de Paris **UM HORS CONCOURS—UM GRAND PRIX** e as suas embalagens—**UMA MEDALHA DE OURO**

Alem destes Premios obteve a Companhia do Assucar de Angola:

**GRAND PRIX** — OLEO DE PALMA, COCONOTE, FEIJÃO E MILHO



**DIPLOMA DE HONRA**—FARINHA DE MANDIOCA, FARINHA DE MILHO E TELHAS DE BARRO — — — — —

**MEDALHAS DE OURO**—ALGODÃO E CABEÇAS DE ANIMAIS EMBALSAMADAS



**MEDALHA DE PRATA**—CAL



**MEDALHAS DE COBRE**—FRUTAS, CESTOS E QUINDAS — — — — —



## Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLÓNIAS  
— — — PORTUGUÊSAS — — —

FUNDADO EM 1864  
CAPITAL EMITIDO  
Esc. 5.000.000\$00

SEDE EM LISBOA  
FUNDOS DE RES.  
ESC. 67.000.600\$00

### DEPENDÊNCIAS

PORTUGAL (CONTINENTE) — Lisboa (sub-Agência Cais do Sodré), Aveiro, Barcelos, Braga, Beja, Bragança, Chaves, Coimbra, Castelo Branco, Covilhã, Elvas, Extremoz, Évora, Figueira da Foz, Fundão, Faro, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Miranda, Ovar, Penafiel, Portalegre, Porto, Portimão, Régua, Silves, Santarém, Setúbal, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vizeu, Vila Real de Santo António, Vila Real de Traz-os-Montes. MADEIRA — Funchal. AÇORES — Angra do Heroísmo, Ponta Delgada. AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente, S. Tiago, Cabo Verde, Bissau, Bolama, Guiné, S. Tomé e Príncipe. AFRICA ORIENTAL — Angola (sub-Agência) Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane, Ibo (sub-Agência), Porto Amélia (sub-Agência). INDIA — Bombaim, Nova Goa, Mormão (sub-Agência), Margão. CHINA — Macau, Timor, Dili. BRASIL — Rio de Janeiro (Filial e sub-Agência), S. Paulo, Pará, Pernambuco, Manaus. CORRESPONDENTES E AGENTES GERAIS EM ANGOLA E CONGO BELGA: BANCO DE ANGOLA com FILIAL EM LUANDA E AGÊNCIAS em: Santo António do Zaire, Malange, Lobito, Vila Silva Porto, Bié, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Sá da Bandeira, Lubango, Leopoldville-Congo Belga, Nova Lisboa-Iluambo, Cabinda, Boma-Congo Belga, Ambriz, Vila Luso, Lucala. INGLATERRA — Anglo Portuguese Colonial And Overseas Bank Ltd, Londres-9 Bishopsgate, FRANÇA — Banque Franco Portugaise d'Outremer-Paris-8, Rue du Helder, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA — Agência em New-York-TRUST Co. of North América, 93, Liberty Street

Agentes da  
Companhia Colonial de Navegação

Sub-Agentes dos  
**Produtos SHELL**  
**Produtos GOOD-YEAR**

Depositarios dos  
Sabões da Companhia do Amboim  
**Tabacos SITAL**

# M. Carvalho & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

Importadores — Exportadores

**COMERCIO GERAL**  
**COMISSÕES**  
**CONSIGNAÇÕES**

TELEGRAMAS : «VALHO»

--- Sêde --- | --- Filiaes ---  
AMBRIZETE | Uígee Maquela

LISBOA  
RUA AUREA 66  
Telefone — 27234  
Teleg. OLIMAN

# DIOGO & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

LUANDA  
Caixa Postal, 294  
Telefone, 60  
Teleg. CARICOCO

LISBOA — ANGOLA

IMPORTAÇÃO

FILIAES EM :

EXPORTAÇÃO

LUANDA E MALANGE

### SEMPRE EM DEPOSITO:

Farinha de trigo, sacos, açúcar branco e mascavo da Província, fósforos nacionais, materiais de construção, todos os artigos próprios para permuta com o indígena etc.

Proprietarios das Fazendas Agrícolas

“**Palmares do Lucala**”

E

“**Roça Império**”

tem sempre em stock grandes quantidades de óleo de palma, coconote, café, crucira, farinha de mandioca e todos os géneros coloniais.

Deposítários Gerais dos Excelentes Tabacos da

## FÁBRICA DE TABACOS ULTRAMARINA



# Sociedade Agrícola do Cassequel

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL: £ 500.000

**SEDE EM CASSEQUEL (Catumbela) — ANGOLA**

**Administração em Lisboa**

**LARGO DO CARMO, 48-A.º Dt.º**

O Cassequel, a maior empresa açucareira da Colónia, estendendo-se numa longa faixa de 24 quilómetros entre as cidades de Lobito e Benguela, é possuidora de uma fábrica de açúcar montada com os mais aperfeiçoados maquinismos, com uma capacidade de 20.000 toneladas de açúcar, podendo

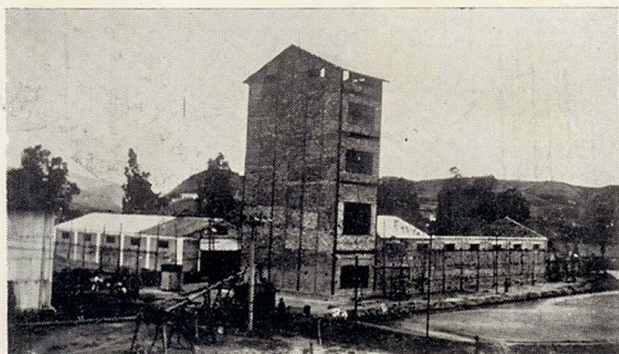
empreendimento, tendo assim em atenção os superiores interesses da Colónia e contribuindo para o seu desenvolvimento.

Para esse fim está neste momento procedendo á instalação de uma nova destilaria, sistema Barbet, com a capacidade de 7.500 litros em 24 horas, para a produção de alcool deshidratado a 99,8° Gay Lussac; essa destilaria de alcool absoluto, a maior em território português, foi inaugurada em fins de Julho corrente, transferindo para esta nova instalação a aparelhagem da sua antiga destilaria, ficando deste modo com uma instalação da capacidade total de 10.000 litros em 24 horas.

Deu também o Cassequel o inicio a uma nova industria na Colónia, com a exportação de carnes frigorificadas para a Metrópole, procurando dar larga expansão a este novo ramo, que contribuirá para o desenvolvimento da Pecuária na Colónia.

Possui também uma instalação para a produção de hipoclorito de sódio, destinado a desinfecções e verduinização das águas, pelo que não importa quaisquer produtos desinfectantes.

Tem criações de gado, palmares, fabrica de oleo de palma, hortas e pomares etc.



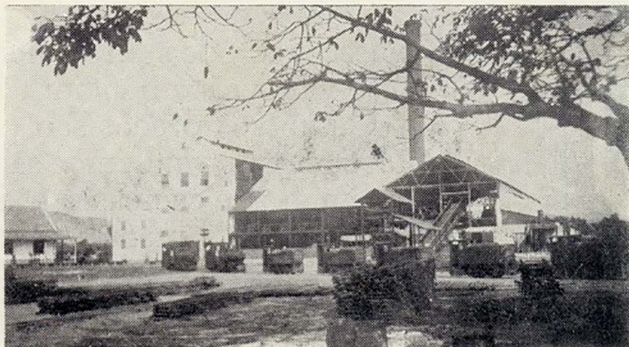
A nova fabrica de alcool absoluto

moer por cada 24 horas, 1.000 toneladas de cana e produzir em igual periodo 100 toneladas de açúcar.

Teve de promover o alargamento das suas culturas para poder fazer um abastecimento regular de cana á sua fábrica, atendendo á sua grande capacidade de moenda e assim possui hoje campos de cana com uma área de 2.600 hectares.

É ainda o Cassequel a única empresa que explora em Angola o fabrico de alcool, distilando e aproveitando os seus melaços de açúcar, para o que tinha montado uma destilaria com a capacidade de 2.500 litros por 24 horas, produzindo alcool a 95/96°, Gay Lussac.

A publicação, pelo Governô da Metrópole, dos decretos n.ºs 22.050 e 22.051, criando em Angola os novos carburantes «alcoolina» e «gasalcoool», misturas de alcool e gazolina destinadas a ser utilizadas nos motores de automóveis e outros, levou o Cassequel a um novo



A fabrica de açúcar



# MARTINS & MACEDO, L.<sup>da</sup>

Caixa Postal N.º 140  
Telefone N.º 181

End. Telegráfico:  
AUTOMOVEIS

LUANDA

## GARAGE:

Venda de acessórios para automóveis e camionetes, pneus, câmaras de ar, oleos lubrificantes e gasolina

## Agentes Gerais em Angola:

Dos Fabricantes

**ALUMINUM INDUSTRIES INC.**

Pistons, Segmentos, Cavilhões, Cavilhas para molas e mangas de eixo, Silenciosos, Válvulas, Bombas de água para Motores, etc.

## Perfection Gear Co.

Engrenagens silenciosas e metálicas para distribuição, Correntes metálicas silenciosas, Carretos e Veios para caixa de velocidades, Rodas de coroa e Pinhões para diferencial, Semi-eixos, Caixas de diferencial, Discos de embraiagem, Cintas moldadas e normais para travões, etc.

## Willard Storage Battery Co.

BATERIAS PARA

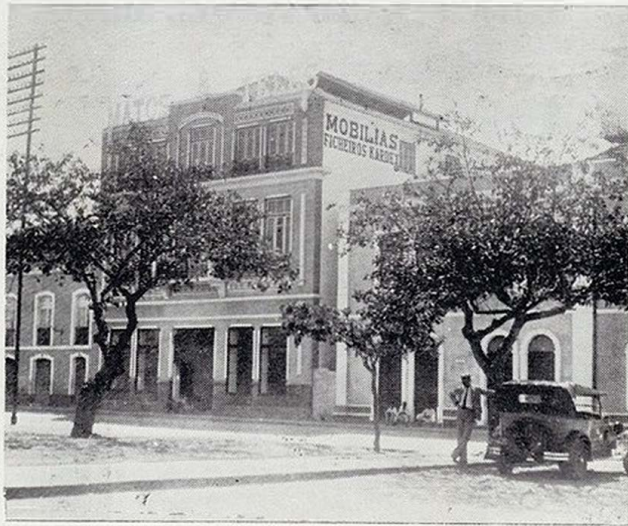
Aeroplanos, Automóveis, Omnibus e Camionetes, Motocicletes, Iluminações de emergência, Grupos electrogénios, Equipamentos Marítimos, Barcos Automóveis, Radio, Cinema sonoro, Telefones e comunicações, Taxímetros, Motores Diesel, Maquinas de escavar e todas as aplicações industriais.

## OFICINAS

De reparações mecânicas. No género, as melhores da Colónia, equipadas com Máquinas Eléctricas de absoluta precisão. Instalação para pinturas à pistola com tintas de laca.

O nosso stock de sobressalentes e artigos para automóveis é o maior e mais completo  
Os nossos preços são os mais equitativos  
Os artigos que vendemos são dos melhores entre os primeiros e os nossos trabalhos são absolutamente garantidos.





As novas instalações  
— dos —  
Estabelecimentos  
**MATOS & TELES**

são as mais amplas  
e mais modernas  
da Colónia

Secções de CAMISARIA  
de Retrozaria  
de Tecidos  
de Sapataria  
de artigos para Sport  
de artigos de Ménage

com os sortidos constantemente renovados com as mais altas novidades da Europa, recebidas regularmente em todos os vapores.

FABRICA DE MOVEIS que tem obtido as mais altas recompensas nos certamens nacionais e estrangeiros a que tem concorrido.

EXPOSIÇÃO permanente de MOBÍLIAS no salão nobre do edifício

**DEPOSITÁRIOS** das máquinas de escrever **REMINGTON**  
das máquinas de calcular **DALTON** e **FACIT**  
dos arquivadores e ficheiros **KARDEN**  
das máquinas e material **AGFA**  
dos aparelhos **T. S. F. PHILIPS**

**Peçam catálogos e preços para**

**CAIXA POSTAL N. 324 — LUANDA**



a provincia de Angola

FARMACIA CHEFE

TELEFONE 111

FARMACIA ESPERANÇA

TELEFONE 115

# DANTAS, VALADAS & C.A, L.DA

## GRANDE STOCK DE DROGAS

Especialidades farmaceuticas,  
nacionais e estrangeiras

## material cirurgico-perfumarias

DEPOSITO :

LUANDA—C. postal 145

FILIAL

MALANGE

Deposítários dos Laboratórios  
**BIAL, HORUS, SANITAS e outros.**



Distribuidores Gerais dos Saes  
de Frutos «ENO'S» para Angola

## XAROPE Lapangema

Contra a ASMA—Infalivel nas BRONQUITES CRONICAS, TOSSES E COQUELICHES

Filiais em **LOANDA E MALANGE**

Escritórios em **LISBOA**,—Largo Terreiro do Trigo 11-1.º

Endereço telegrafico **CAOUTCHOUC**



**AZEVEDO, FERREIRA & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>**

**FABRICA DE RIO TINTO**

◆  
**TELEFONE 37**  
**Séde—Rio Tinto**  
**—PORTUGAL—**

◆  
**FIACÃO. TECELAGEM. TINTU-**  
**RARIA E ACABAMENTO DE**  
**— — ALGODÕES — —**

■ ■  
**FABRICO DE COBERTORES DE**  
**ALGODÃO EM QUALIDADES**  
**DIVERSAS E ESPECIAES PARA**  
**— — INDIGENAS — —**

■ ■  
**—TECIDOS PARA COLCHÃO—**

■ ■  
**— PANOS PARA LENÇÕES —**

■ ■  
**RISCADOS E OUTROS TECI-**  
**— — DOS COLONIAIS — —**

**Empresa Fabril do Norte, Lda.**

**Séde: Senhora da Hora—PORTUGAL**

**TELEFONE 12—S. H. — — —TELEGRAMAS: «NORTE»**

Sabrica de Fiação fina — — —  
Tecelagem de artigos finos —  
Mercerisação — — —  
Acabamentos — — —  
Linhas para costura

Única fábrica portuguesa de carrinhos de linha de algodão  
das seguintes marcas:

**RELOGIO—PORTO—AFONSO**  
**HENRIQUES—ALFAIATE**

de linha de algodão em tabos, marcas  
**BOUQUET — SEDALINA —**  
**ALINHAVAR**

de linha de algodão em novelos, marca  
**PERLE—PASSAJAR**

de carretils de linha de algodão, marcas  
**VIANEZA e da popular marca**  
**COSTUREIRA**

Fabricao especializado dos seguintes artigos:  
**POPELINAS — OPALINAS —**  
**ZEFIRES—BRETANIAS finas**

As afameias bretanhas—marca Angola—são fabricadas com  
algodão das nossas colónias de África

**ALGODÃO PARA BORDAR**

Os nossos artigos competem com vantagem com os  
melhores marcas estrangeiras



**FABRICA DA AREOSA**

DE

**Azevedo, Soares & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

**Séde—Rua da Areosa—PORTO**

**TELEFONE: 945**

**Telegramas: «FARIOSA»**

Fiação, tecelagem e acabamento de tecidos de algodão e mixtos com sêda. — —

Fabricao especializado dos seguintes artigos

MERINOS — GABARDINES — KAKIS —

ZANELAS — TAFETAS — SARJAS —

SETINS DE FORROS — FLANELAS —

RISCADOS — TECIDOS COLONIAIS

— — Cores absolutamente firmes — —

Os tecidos da FABRICA DA AREOSA, cuidadosamente fabricados com matérias primas de primeira qualidade, dão aos seus consumidores a garantia de uma longa duração. — — — — —

Preferindo nas vossas compras êstes tecidos, economisareis largamente o vosso dinheiro. — — — — —



# CARVALHO & FREITAS, L.<sup>DA</sup>

CAIXA POSTAL N.º 308  
TELEFONE N.º 36 — —

L O A N D A

L I S B O A

Rua da Madalena. 97 —1.º  
Telefone N.º 26653  
Endereço Telegráfico

D O N D O

END. TELEGRAFICO:  
— CINTRA —

## Agentes:

da Vacuum Oil Company,  
Inc. — Gazolina, Petróleo,  
Óleos combustíveis e de lu-  
brificação—MOBIL OIL.

da The Manica Trading  
Company, Limited —  
COMÉRCIO GERAL

da The Royal Typewriter  
Company, Inc.—Máquinas  
de escrever.

## Sub-Agentes para Angola: —

da Marconi's Wireless  
Telegraph Company  
Limited—Estações e mate-  
rial de Telegrafia e Telefonia  
sem fios

Pertences para automoveis—Oficinas de reparações

O MELHOR E MAIS COMPLETO SORTIDO  
DE PORCELANAS E MATERIAL PARA  
INSTALAÇÕES ELECTRICAS

Tecidos de todas as qualidades e preços,  
para senhora e homem e todos os arti-  
gos de toilette, ménage, etc. etc. —

FOGÕES A PETRÓLEO «RADIUS»  
e toda a classe de candeeiros e  
— seus pertences, etc. etc. —

Máquinas de costura SINGER ◀ ODNOD o melhor e mais barato sabonete  
Execução de Encomendas á Cobrança

AGENTES DA:

SOCIEDADE GERAL  
DO COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES, LIMITADA

NAVEGAÇÃO REGULAR PARA AS COLÓNIAS PORTUGUÊSAS E TODOS  
OS PORTOS DO MUNDO, COM FRETES CORRIDOS — EXCELENTES E  
— — RÁPIDOS VAPORES PARA TRANSPORTE DE GADO — —

Rapidez — Economia — Seriedade

São vantagens auferidas pelos carregadores que  
se utilizam dos nossos navios — — — —



*Uma das mais importantes firmas comerciais da praça de Benguela*

# JOSÉ SIMÕES COELHO & C.<sup>a</sup>

A firma **José Simões Coelho & C.<sup>a</sup>** é, de facto, pelo montante do seu capital, pela sua esfera de acção, pela sua situação próspera, uma das casas comerciais mais importantes da praça de Benguela.

Orientada por comerciantes experimentados, conscienciosos, que têm sabido fugir às consequências nefastas da crise mundial, com graves repercussões em Angola, esta casa evoluiu, rapidamente, após a sua fundação, e cedo se colocou à cabeça da lista do comércio importador e exportador da zona central da colónia, servida pelos portos de Benguela e do Lobito.

Para se confirmar esta verdade, basta ver que as suas exportações, de géneros pobres e ricos, em 1933, somaram 15.776.895 quilogramas, não tendo ido além por uma grande parte dos *stocks* de Dezembro terem sido embarcados no mês de Janeiro do ano corrente, e que as importações se fixaram num *montante* proporcional, num computo apreciável, elucidativo, que significa, igualmente, tenacidade, grandêsa, grande expansão comercial.

Firmas com a organização que esta tem, com o seu grau de desenvolvimento, não ha muitas, infelizmente, em Angola: marca, por consequência, **José Simões Coelho & C.<sup>a</sup>** como exemplo dignificador, e marca, sobretudo, pelo seu valor real, palpável, dentro da combatida economia angolana.

Esta casa tem escritório em Lisboa, na Rua da Madalena N.º 125-2.º, Dto. por meio do qual compra cautelosamente, quer em Portugal, quer no estrangeiro, o grande rol de mercadorias de que precisa para o seu grande movimento, em condições das mais privilegiadas: tem uma rede de clientes escolhidos, espalhada pelo vasto *hinterland* servido pelo Caminho de Ferro de Benguela; e alia a estas duas vantagens respeitáveis, uma metolização especial nos seus negócios, que nos permite colocar os seus organizadores dentro duma esfera excepcional de homens de trabalho.

A séde, em Benguela, desta importante firma, fica situada nas **Ruas Silva Porto e José Falcão**, tendo alojamentos espaçosos e privativos.



## BRANCO & SILVA

(CASA AFRICANA)

FUNDADA EM 1909

Caixa Postal n.º 33—Rua 5 de Outubro—Praça da República—Telefone n.º 16

**BENGUELA**

Fornecedor dos principais estabelecimentos do interior

**Importação e Exportação**

Armazens por grosso e de retalho

Estabelecimento de modas e confecções e de comércio geral



**Secções especiais com novidades de**

Tecidos de seda, lã e algodão—Camisaria, retrozaria e chapelaria—Louças, vidros, bijuteria, artigos de ménage—Artigos para permuta com o gentio—Ouro, prata de lei e brilhantes—Vendedores em Angola das máquinas de costura *Singer* e relógios *Longines*



Quem quiser comprar e vender em boas condições não esqueça a marca e endereço da nossa — casa —

Todas as ofertas devem ser prestadas ao nosso sócio Joaquim Branco—Rua Aurea 66-1.º Lisboa ou para os nossos escritórios — em Benguela —





# FAZENDA AURORA

BAILUNDO

Comercio, Agricultura

Industria e Pecuaria

Grandes plantações de agave e de linho. Fabrico esmerado de cordas e de fios em todas as espessuras e tapeçaria. Brevemente, fabrico de sabão, cimento e tintas

Uma das maiores iniciativas

do planalto de Benguela :



GRAND PRIX na Exposição de Elisabethville

## ARMAZENS ADELINO

### ADELINO N. GOMES

RUAS: 5 DE OUTUBRO E ELIAS GARCIA

CAIXA POSTAL 73—End. Teleg. ONILEDA

B E N G U E L A

#### MODAS E CONFEÇÕES

BRINQUEDOS : : : : CHAPEUS  
LOUÇAS : : : : PERFUMARIAS  
PAPELARIA : : FERRAGENS

# Companhia Fabril de Salgueiros

S. A. R. L.



## TINTURARIA DE ALGODÃO

### FIAÇÃO, TECELAGEM



Fabrica e Escritorio: Rua da Constituição

TELEF. { ARMAZENS. 4015  
{ DIRECCÃO. 4505

P O R T O

Agente em Lisboa:

### ALBANO PRAZERES

RUA DO ARSENAL, 60-1.º

TELEFONE 2.6100



Panos, sarjas, lonas e patentes crús. Riscados, fustões, cotins do exercito, cotins-gabardines, sarjas pretas, zuartes, flanelas, Sarjas de S. Tomé, lenços tipo «MADRASTA» e todos os tecidos de algodão e seda artificial de exportação para Africa

Pastelaria «GELO»      Cervejaria «BIKER»  
Telef. 118                      Telef. 75

Fabrica «AURORA»      Pavilhão «NACIONAL»  
Telef. 107                      Telef. 217

Mercearia «CONFIANÇA»  
TELEF. 271

DE

## Villar, Azevedo & C.ª, Lda.

Caixa Postal, 574—End. Teleg: «GELO»

LUANDA

### Societarios da Sociedade Industrial dos Tabacos de Angola, Limitada

## SITAL

Sortido completo de artigos de pastelaria, cervejaria e mercearia Fabricação de gélo, xaropes, gazozas e refrigerantes — Torrefação e moagem de café — Bilhares

Os produtos da «FABRICA AURORA» foram premiados nas Exposições

Provincial, Agricola, Pecuária e Industrial em, 1923 e Ibero Americana—Sevilha, em 1929.

# Empresa Têxtil da Coca, Limitada

Fabrica:

## Moreira de

## Cónegos

## VIZELA

Telefone, 24

Séde, Escritório e Armazem

## 56, Rua de

## Passos Ma-

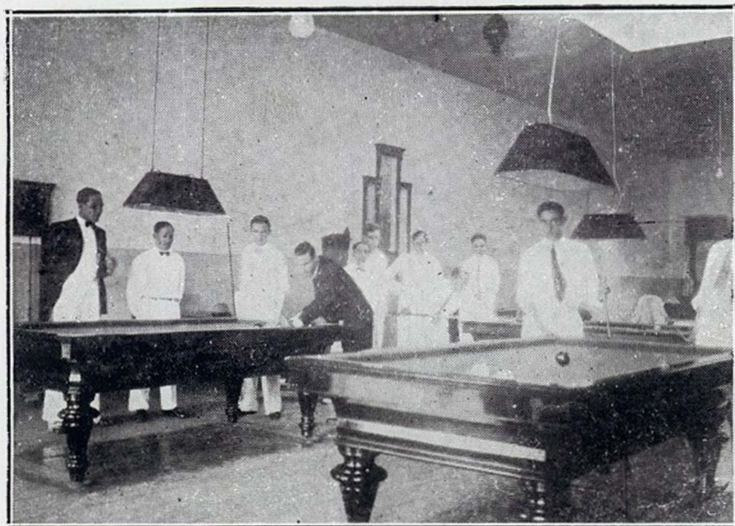
## nuel, 58

## P O R T O

Telefone, 1147

Fabrica de Fiação e Tecidos de algodão e mixtos com seda. Especialidade em riscados próprios para o Continente, Ilhas e Colonias.





# Marcenaria Modelo

**BILHARES**



**MOVEIS**

OFICINA ESPECIALISADA EM ARMAÇÕES  
— E GRADES PARA ESCRITORIOS —

Fornecedores dos melhores estabelecimentos de Luanda

Cervejaria Biker, Pastelaria Bijou,  
Antiga Barbearia Reis, Salão Cristal,  
Salão Moderno e Hotel Europa

estabelecimentos que marcam pelos seus lindos mobiliarios

**DELFIN A. GRILO & COMPANHIA**

CAIXA POSTAL 283 - LUANDA

Novos modelos nas nossas oficinas  
à RUA D. MIGUEL DE MELO, 36-38

## Woermann, Brock & C.º

AMBRIZETE — BEMBE

TELEGRAMAS: **Damara**

CODIGOS: Guedes e A B C 6th.

Agentes da VACUUM OIL COMPANY, INC., para todo o distrito Zaire-Congo  
e DEUTSCHE AFRIKA-LINIEN  
Venda de cimento «ALSEN», Pneus e camaras d'ar «CONTINENTAL», pregos,  
machetes, chapas de zinco, cumieiras, peixe sêco de Mossamedes, etc.

**Compra e venda de generos coloniais**



# Companhia Geral de Angola

COMÉRCIO - INDÚSTRIA - AGRICULTURA

ADMINISTRAÇÃO EM LISBOA - RUA INSTITUTO VERGÍLIO MACHADO, 14

## Séde no LOBITO

Casas em:  
**S. TOMÉ, LUANDA,  
PORTO AMBOIM,  
GABELA,  
CATUMBELA,  
BENGUELA, CUMA,  
NOVA LISBOA,  
VILA NOVA, VOEGA,  
VILA LUSO  
E MOSSAMEDES**

ENDEREÇO TELEGRÁFICO  
PARA TODAS AS CASAS:

**COMGERAL**

### Agentes e Representantes:

Companhia Colonial de Navegação  
Société Navale de l'Ouest  
Companhia do Caminho de Ferro do Amboim  
Instituto Pasteur de Lisboa  
Empresa das Águas de S. Marçal  
Fundição e Construção Mecânicas  
Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica  
Shell Company of West Africa, Ltd.  
The Goodyear Tire & Rubber Export Co.  
Chrysler Export Corporation  
The International Paint & Compositions Co. Ltd.  
Westinghouse Electric & Mfg. Co.  
Carrières et Ciments Bataille Ltd.

### Indústria:

FABRICA DE SABÃO E ÓLEOS, em Luanda

PREMIADA EM TODAS AS EXPOSIÇÕES A QUE CONCORREU  
A MAIOR INDÚSTRIA DE SABOARIA DAS COLÓNIAS  
INSTALAÇÕES PARA A EXTRACÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS

### Agricultura:

FAZENDA HANHA DO NORTE - Palmares. Frutas, Gado

## Lopes Ferreira & Irmãos

End. Teleg.: **COMERCIAL**

Caixa Postal N.º 281

**COMÉRCIO GERAL**

Comissões  
Consignações  
E  
Representações

AGENTES DA

**COMPANHIA DE SEGUROS - TAGUS**

SEGUROS TERRESTRES, MARÍTIMOS E DE VIDA.

REPRESENTANTES DE

**CORDEIRO, SANTOS & FERREIRA, LTD.**

LISBOA

CARNES, AZEITES E CONSERVAS

**DIAS REIS & C.ª**

MATOZINHOS

VINHOS CLARETES, VERDE E BRANCO das Marcas «O. R.»

**A. A. CALEM & FILHO, LTD.**

PORTO

VINHOS LICOROSOS, QUINADO E AGUARDENTES

ACEITAM-SE REPRESENTAÇÕES



Sempre  
Novida-  
des de ar-  
tigos para  
Senhoras  
Homens  
E  
Crianças

SEMPRE  
EM STOCK:  
Louças, Vidraria  
E  
Artigos de ménage

A casa mais bem frequentada

**CENTRO COMERCIAL**



# Companhia Fiação Portuense

Fiação, tecelagem e acabamento de artigos  
em algodão e algodão e seda  
Especialização em artigos para as colónias  
Artigos sanitários (Gazes e algodões hidrófilos)

Rua Fernão de Magalhães N.º 1

— TELEFONE 207 —

P O R T O

## Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães

S. A. R. L.

Uma das maiores e mais afamadas empresas  
textis de Portugal.

Séde: Avenida Miguel Bombarda—Guimarães

**Fábricas,** { *De Fiação,* em Campelos, com  
modernísimas instalações de  
fiação fina, 33.000 fusos.  
*De Tecelagem,* na Avenida  
Miguel Bombarda. Trabalhos  
aperfeiçoatíssimos em algodão, algodão e seda e linho.

Endereço telegráfico — CAMPELOS, Guimarães.

**Endereços** { Direcção 21  
Armazens 229  
**telefónicos** Campelos 236  
Ronfe 238

**Agências** { *No Porto*—António Emílio de  
Magalhães, Sucr.  
Galeria de Paris—61—telefone  
1064  
*Lisboa*—Abílio D. Batista  
Rua dos Douradores 53-2.º E.  
Telefone 2 7380

— Premiada —

— em diversas exposições —

# COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS DE

Sociedade Anónima de Respon-  
sabilidade Limitada

# ALCOBAÇA

FUNDADA EM 1875

Premiada com medalhas de ouro, prata e cobre em várias exposições.

Os seus produtos estão acreditados em todo o continente.

Os seus panos crús, tecidos de cor, lonas, atoalhados, patentes e sarjas brancas são jus-  
tamente apreciados pela boa qualidade e resistência. Os seus cotins, considerados  
como os melhores, têm sido preferidos pelo Exército Português.



## Exportação para Angola



### Sede no Porto

ARMAZENS: — No Porto —

Travessa da Fábrica n.º 27 a 31  
Tel. 4565 P. B. N.

Em Alcobaca: — Nas fábricas, Tel. 6

Agência em Lisboa: —

Rua dos Douradores n.º 21-1.º  
Tel. 27.615



**PORTO  
MORGADO**

**Que todo o  
mundo  
conhece**

**GRAHAM**

Fabricantes especializados  
com as seguintes Fabricas:

**BOAVISTA**

FIACÇÃO, TECELAGEM E BRAN-  
QUEAÇÃO

**BRAÇO DE PRATA**

CHITAS, CRETONES, POPELINES,  
LENÇOS, FLANELETES, ZUARTES,  
GANGAS, KAKIS, ETC.

**ABELHEIRA**

PAPEL E CARTOLINAS PARA TODAS  
AS APLICAÇÕES

*M. Carp, Limitada*

FABRICANTES



Tecidos de lã em todos os generos  
Cachenez lisos, bordados a seda  
e estampados — — —  
Fios de lã para malhas e outros artigos  
Lãs para tricot em novelos e  
meadas marca — — —

**MARLÉNE**  
novelo indesmanchavel



DEPOSITO EM LISBOA  
Rua dos Fanqueiros, 250-2.º D.

TELEFONE — 21750

SUCURSAL NO PORTO  
Rua Passos Manuel, 65

TELEFONE — 1654

FABRICA E ESCRITORIOS  
Rua Bartolomeu Dias, 120-LISBOA

TELEFONE: BELEM 200

**Emprêsa de Salinas, L. da**

**A M B R I Z E T E**



*Fabrico e venda de sal*

*O melhor da Colónia*

«» *Sempre em stock* «»





# desenvolvimento de Angola em um quarto de século

1908-1933

**receitas ordinárias**  
1933  
4.319 contos

1908  
1.593 contos

**despesas ordinárias**  
1933  
4.319 contos

1908  
3.186 contos



**documentos de receita**  
2.726 contos



**documentos de despesa**  
1.153 contos

**dívida pública**  
1908  
0 contos

1933  
21.704 contos

**encargos da dívida por juros e amortizações**  
1908  
0 contos

1933  
ocasionados 288 contos  
por memória 360 contos

**encargos por classes inactivas**  
1908  
48 contos

1933  
340 contos

**navegação nacional servindo a colónia**  
1908  
11 vapores  
44.000 t.b.

1933  
31 vapores  
152.000 t.b.

**importações**  
de portugal  
1908  
2.916 contos

1933  
2.780 contos

**exportação**  
para portugal  
1908  
3.716 contos

1933  
4.137 contos

para o estrangeiro  
1908  
42 contos

1933  
2.870 contos

**fórcis**  
1908  
15

1933  
28

**funcionários civis e militares**  
1908  
2.187

1933  
4.072

**peças do exército, pórcia e cipaios**  
1908  
1.295 europeus

1933  
101 europeus

3.250 indígenas

5.066 indígenas

**deficit**  
1908  
1.593 contos

1933  
0 contos

**assistência do estado a europeus e assimilados**  
1908  
167 contos

1933  
1.300 contos

**hospitais**  
1908  
8

1933  
20

**ambulâncias**  
1908  
14

1933  
124

**médicos**  
1908  
39

1933  
65

**assistência do estado aos indígenas**  
1908  
0 contos

1933  
243.996 contos

**hospitais**  
1908  
0

1933  
2

**sanzalas - enfermarias**  
1908  
0

1933  
120

**consultas e tratamentos**  
1908  
0

1933  
2.395.394

**maternidades**  
1908  
0

1933  
2

**escolas oficiais**  
1908  
26

1933  
106

**estações postais e telegráficas**  
1908  
50

1933  
110

**centrais telefônicas**  
1908  
3

1933  
10

**professores**  
1908  
45

1933  
220

**estações radio-telegráficas**  
1908  
0

1933  
10

**capitães**  
1908  
10

1933  
0

**juizes**  
1908  
10

1933  
0

**governos de distrito**  
1908  
5

1933  
12

**população europeia**  
portugueses  
1908  
8.500

1933  
37.300

estrangeiros  
1908  
200

1933  
1.430

**funcionários administrativos**  
1908  
39

1933  
489

**area da colónia militarmente ocupada e pacificada**  
1908  
cerca de um quarto

1933  
toda

**circunscrições e capitonias**  
1908  
47

1933  
60

**postos militares**  
1908  
0

1933  
27

**edifícios públicos**  
1908  
168

1933  
1.271 (a)

**estradas**  
1908  
6.080 km.

1933  
35.000 km.

**caminhos de ferro**  
1908  
712 km.

1933  
2.356 km.

**automoveis e camionetes**  
1908  
0

1933  
3.665

**instalações elétricas para fornecimento de luz e energia**  
1908  
2

1933  
830

**serviços de pecuária**  
1908  
1

1933  
78

**serviços de agricultura**  
1908  
4.1

1933  
4.1

**serviços de obras publicas**  
1908  
31

1933  
5.8

Os valores comparados calcularam-se nas equivalências ouro da moeda, em 1908 e 1933. Os que não tem comparação foram reduzidos a contos-ouro.

(Todos os elementos para este gráfico foram colhidos em publicações oficiais e nas repartições competentes).

(a) Não estão incluídos os edifícios das circunscrições e postos civis e os dos portos e caminhos de ferro.







# a provincia de Angola

é o único diário angolano e o jornal de maior expansão na Colónia. O seu formato é idêntico ao dos grandes diários de Lisboa e Porto

**Assiná-lo é estar ao facto da vida de Angola, em todas as manifestações da sua actividade**

**A n u n c i a r  
nêle é ter a  
certeza de  
uma profícua  
publicidade**



**Serviço telegráfico exclusivo de todo o mundo** ▽ **Secções ilustradas**  
▽ ▽ ▽ **com documentários de Portugal e do estrangeiro** ▽ ▽ ▽  
▽ ▽ **Assuntos económicos** ▽ **Estatísticas** ▽ **Informações úteis** ▽ ▽ ▽

**Redactores-correspondentes** ▽ ▽ ▽ ▽  
**em Lisboa e nos principais centros da Colónia**



## TABELA DE ASSINATURAS

	COLONIA	METRÓPOLE	ESTRANGEIRO
<b>1 ano</b>	<b>150,00</b>	<b>190\$00</b>	<b>£ 2.0.0</b>
<b>6 meses</b>	<b>80,00</b>	<b>100\$00</b>	<b>£ 1.10.0</b>
<b>3 meses</b>	<b>45,00</b>	Não ha assinaturas trimestrais	

## TARIFA DE ANUNCIOS

<b>1 pagina</b>	<b>1.800,00</b>	<b>1/2 página</b>	<b>1.000,00</b>
1/4 »	<b>600,00</b>	1/8 »	<b>300,00</b>
1/16 »	<b>150,00</b>	1/32 »	<b>75,00</b>

Descontos especiais para séries de publicações



# empresã grãfica de Angola

a mais completa  
organizaçãõ grãfica  
da Colõnia



proprietãria dos jornais

a provincia de Angola  
diãrio da manhã

**O LOBITO**  
semanãrio

ũnicas instalações em Angola de  
s foto-zinçogravura e s  
s tricromia s

Luanda Avenida Salvador Correia  
n.ºs 31 a 37 - Cx postal 312 - Telef 20  
Lobito - Grãfica do Lobito, Limitada  
Avenida Mariano Machado

Lafayette 934